

1 INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

Definidos sucintamente pelos dicionários como pessoas que estudam, conhecem, colecionam ou comercializam antiguidades, os antiquários representam um mundo mágico e fascinante a ser desvendado, constituindo farto manancial para estudo de diversas áreas do conhecimento humano.

Inter-relações entre o campo da biblioteconomia e ciência da informação e o cotidiano de trabalho desses profissionais podem ser estabelecidas a partir de várias abordagens. Entre elas, a título de exemplo, estudos de questões voltadas para aspectos concernentes à conservação preventiva de objetos e de documentos bibliográficos e não bibliográficos, que configuram acervos antigos, preciosos ou raros; seleção, organização e tratamento técnico de coleções especiais; construção de produtos de informação em formatos diversificados (impressos e eletrônicos); pesquisas sobre fluxo¹ e fontes de informação² utilizadas por eles; estudo dos procedimentos adotados por esses comerciantes e colecionadores de antiguidades para uso e busca de informação subsidiária ao seu saber fazer profissional.

Desenvolvimento de conteúdos de informação histórica, que poderiam ser construídos a partir de estudos e de pesquisas do mundo de informação, de trabalho e de conhecimento daqueles que se dedicam ao comércio ou ao prazer de colecionar objetos de arte e antiguidades, não tem se constituído em prática comum no campo da Ciência da informação. Isto fica claro a partir da análise da literatura indexada nas bases de dados que concentram a literatura internacional especializada da área, entre elas o “Library and Information Science Abstracts” (LISA) e o “Library Literature” (LL).

¹ Compreendido como modo de fluir, curso, corrente e aliado à idéia de movimento da informação quando comunicada.

² Expressão genérica que designa todos os tipos de registros de informação disponíveis. DIAS, E. W. **Ciência da Informação:** guia de fontes factuais e bibliográficas, impressas e eletrônicas. Belo Horizonte: Escola de Biblioteconomia da UFMG; Núcleo de Assessoramento à Pesquisa, 1998.

Lacuna que considera-se deva ser superada, pois assim como a informação contida em objetos de arte e antiguidades pode revelar a expressão artística atual e passada da humanidade e propiciar o conhecimento de características marcantes de épocas e de povos (SIQUEIRA, 2002), o estudo e mapeamento do fluxo e uso de informação daqueles que se dedicam ao comércio e coleção de antiguidades consistirá em construção de conhecimento relativo à organização e uso da informação por parte dessa comunidade de usuários, caracterizando o comportamento informacional desses profissionais. Resultados da pesquisa proposta, talvez inédita no contexto brasileiro e internacional, realizada com o rigor metodológico conveniente, provavelmente expandirão as fronteiras do conhecimento acerca dessa temática, pré-requisito indispensável à pesquisa científica.

As razões que motivaram escolha do tema de pesquisa a desenvolver fundamentam-se, portanto, em constatação de lacuna na literatura brasileira de ciência da informação acerca do assunto e das facetas definidas para estudo, além da curiosidade de desvendar e de entender fluxos de informação de caráter estratégico, comercial, cultural e social, tendo como objeto de pesquisa a categoria dos antiquários.

O fascínio pelo assunto a pesquisar, a paixão pelos ambientes e objetos envolvidos na área em estudo e a percepção de oportunidade de inserção de profissionais de informação em contextos culturais do gênero também interferiram nessa escolha. Alves (1985) nos mostra que “todo ato de pesquisa é um ato político” e que, quanto mais o pesquisador “acreditar no caráter apolítico do conhecimento que produz através da pesquisa, tanto mais será um peão num jogo político cujos propósitos lhe escapam.” Portanto, a escolha desse tema para estudo, a forma de conduzir o trabalho e a opção por analisar conteúdos de memórias escritas e orais vêm precedidas de interesse e envolvimento prévios com questões com as quais temos afinidades ou nos

afligem, cientes, por outro lado, da necessidade de distanciamento e imparcialidade no trato das questões em estudo.

Neste caso, ocorrem as duas condições. A primeira tem a ver com a própria “biografia social” desta pesquisadora. A segunda, também decorrente dessa “biografia social”, diz respeito à curiosidade de desvendar e explorar contextos sociais contemporâneos pouco estudados e desconhecidos, mas que constituem marcas em nossa identidade cultural e social. Parece constituir fato quase natural pesquisadores mineiros, de modo especial aqueles provenientes de cidades do interior, preocuparem-se com questões que envolvam preservação de memórias, cultos de suas tradições mais caras, amarras e lembranças dos bons tempos vividos nos aconchegos de lares alheios à americanização e a febres tresloucadas de consumos imediatistas, desprovidos de liberdade consciente de escolhas e familiaridades. Vem a propósito declamar Adélia Prado: “o que a memória amou, ficou eterno”, ao recordar os fogões à lenha, os tachos e bacias de cobre, as finas porcelanas, os talheres de prata, as mais delicadas cambraias e rendas retiradas dos baús e arcas enceradas, entre outras preciosidades raramente expostas em ocasião que não fosse “dia de visita” especial ou muito querida da família. Hoje, tanto objetos quanto sentimentos vêm-se ameaçados diante de violências e dizimações de toda ordem, especialmente no contexto do mercado de artes e antiguidades, ávido por obtenção de lucros, e visado por sua característica peculiar de setor de investimento altamente rentável no contexto nacional e internacional.

Obviamente, o convencimento de que resultados de estudos e de pesquisas inéditas sobre o assunto propiciarão desenvolvimento de produtos de informação úteis tanto para a área de ciência da informação e de outras interdisciplinares, quanto para a comunidade de antiquários, amantes das artes e da cultura, também foi determinante para a escolha da problemática a estudar.

Além disso, esta pesquisa se propõe, sob outra perspectiva, contribuir para o enriquecimento e retomada de discussões e reflexões acerca de temas que foram alvos de pesquisas nacionais e internacionais em biblioteconomia e ciência da informação em final da década de 70 e início de 80, especialmente no que diz respeito ao uso de informação por determinadas categorias profissionais. Só que a maioria desses estudos analisava fluxos de comunicação e de informação em contextos fechados, como por exemplo, dentro das organizações e/ou empresas. Nossa pretensão, entretanto, extrapola enfoques considerados tradicionais ou fechados, centrados principalmente em sistemas ou objetos que comportam ou veiculam comunicação e informação. Pretende-se, no contexto da pesquisa proposta, espelhar-se em referenciais teóricos que apresentam abordagens e metodologias contemporâneas, fundamentadas na compreensão das questões práticas e teóricas da informação e de seu impacto na sociedade pois, como ressalta Marteleto (2002a, p. 102), “[...] informação não é processo, matéria ou entidade separada das práticas e representações de sujeitos vivendo e interagindo na sociedade, e inseridos em determinados espaços e contextos culturais.” Também em nosso entendimento, comunicação, informação e conhecimento são fenômenos sociais dinâmicos e interativos “que tomam corpo nas práticas e representações sociais, tanto quanto nas relações que se estabelecem entre os sujeitos coletivos”, conforme pensamento dessa mesma autora.

Ainda, considerando o quadro referencial com o qual pretende-se dialogar no decorrer deste trabalho de pesquisa, almeja-se, como produto final, produzir conhecimento que se enquadre na tipologia “pesquisa de análise teórico empírica”, em consonância com a natureza da ciência da informação, reconhecida nos meios acadêmicos como ciência aplicada, socialmente utilitária e interdisciplinar. Sob esta perspectiva, buscar-se-á, ainda, desvelar como se organiza a rede de informação dessa

categoria profissional, inspirada em reflexões do sociólogo alemão Norbert Elias (1994) acerca das relações indivíduo-sociedade, registradas no livro **A sociedade dos indivíduos**. O que nos interessava era desvelar, em última instância, a rede de relações sociais tecida entre amostra de antiquários brasileiros, diante de situações que envolvessem trato com informação. Rede social, derivada do conceito apresentado pelo autor citado,

a rede de tecido. Nessa rede, muitos fios isolados ligam-se uns aos outros. No entanto, nem a totalidade da rede nem a forma assumida por cada um de seus fios podem ser compreendidas em termos de um único fio, ou mesmo de todos eles isoladamente considerados; a rede só é compreensível em termos da maneira como eles se ligam, de sua relação recíproca. (p. 35)

E é sob essa visão que se pretendeu agregar novo conhecimento à área de ciência da informação acerca do comportamento dos antiquários diante da informação.

2 PROBLEMAS DE PESQUISA E OBJETIVOS

O problema central da presente pesquisa teve como foco norteador estudar o comportamento informacional³ de antiquários, de modo a identificar suas fontes de informação⁴ preferenciais e sua rede de contatos sociais⁵, estabelecidas em função de busca e de troca de informações subsidiárias ao fazer profissional.

Objetivou-se, de modo amplo, caracterizar o comportamento informacional dessa categoria de profissionais, desvelar sua rede social de informação e, conseqüentemente, contribuir para o preenchimento de lacuna constatada na literatura e estudos de ciência da informação sobre redes de comunicação e de informação dessa categoria de usuários. Esperava-se, de modo especial, que os resultados desta investigação pudessem constituir fonte de informação relevante para subsidiar fases tanto de planejamento quanto de avaliação e reformulação de sistemas de informação que atendessem ou pretendessem atender à população de antiquários comerciantes ou colecionadores.

Constituíram objetivos específicos desta pesquisa:

- Estudar o fluxo de informação estabelecido por esses profissionais para identificação, seleção, aquisição e atribuição de valor/cotação de objetos de arte, antigos e raros, assim como de outros aspectos relacionados ao uso de informação para tomada de decisão;

³ “Comportamento informacional se refere ao modo como os indivíduos lidam com a informação. Inclui a busca, o uso, a alteração, a troca, o acúmulo até mesmo o ato de ignorar os informes”, conforme DAVENPORT, Thomas H. **Ecologia da informação**: porque só a tecnologia não basta para o sucesso na era da informação. São Paulo: Futura, 2000.

⁴ Entendidas, neste contexto, como o conjunto de recursos informacionais contido em suportes e formatos diversificados, incluindo variedade de fornecedores potenciais e reais de informação, entre eles, pessoas, documentos, publicações, organizações ou empresas, bases de dados, redes eletrônicas, listas de discussão, eventos etc. e que pode auxiliar pessoas em processos de busca de informação visando complementar ou formar conhecimento acerca de um problema sentido ou vivenciado.

⁵ Rede social é aquela formada pela relação dos indivíduos com outros dentro do ambiente e cultura transmitidos pela tradição. (SVEIBY, 1998).

- Identificar fontes de informação preferenciais utilizadas por profissionais antiquários visando a contribuir para planejamento ou reformulação de serviços e sistemas de informação especializados;
- Mapear e identificar a rede de informação desses profissionais;
- Expandir fronteiras do conhecimento da área de ciência da informação acerca dessa temática, contribuindo com o desenvolvimento de estudos/teorias sobre rede social de informação de antiquários.

3 SUPOSIÇÕES NORTEADORAS

As suposições que nortearam este trabalho de pesquisa serão apresentadas nesta seção.

Nesta circunstância, utilizou-se o termo “suposições” em lugar de hipóteses, escolha amparada no argumento de Kemp⁶ de que “hipótese é uma inferência baseada em dados disponíveis, mas insuficientes para permitir que a inferência seja provada”. Portanto, na fase inicial do trabalho de pesquisa não existiam dados suficientes disponíveis para construção de hipóteses propriamente ditas, considerando a escassez de literatura que enfocasse o assunto foco de pesquisa. Essas suposições, portanto, basearam-se na literatura afim à questão em estudo, bem como em observações feitas através de contatos informais estabelecidos com certos profissionais antiquários, e ainda amparada em opiniões acerca do trabalho desses profissionais, repassadas por outras pessoas em conversas cotidianas.

3.1 SUPOSIÇÕES:

- a rede de informação dos antiquários é constituída por contatos pessoais, interações com outras empresas do ramo ou afins e participação em eventos, especialmente em feiras e exposições;
- há pouca incidência de utilização e desconhecimento das fontes de informação formais especializadas e interdisciplinares à área do antiquariato existentes no mercado editorial (impressas e eletrônicas) pela categoria de antiquários;

⁶ KEMP, D. A. **The nature of knowledge: an introduction for librarians**. London: C. Bingley, 1976.

- as fontes de informação preferenciais dos antiquários encontram-se associadas à comunicação oral e são adquiridas via interações com colegas, fornecedores e clientes ou seja através da comunicação informal;
- inexistem sistemas padrão de inventariação, catalogação, tratamento e organização física das peças constantes dos acervos das lojas/empresas dos antiquários.

No próximo capítulo apresentar-se-á uma revisão da literatura que embasou a construção teórica desta tese.

4 REFERENCIAL TEÓRICO

O estudo dos tópicos, a seguir citados, subsidiou a construção teórica desta tese. A literatura selecionada para constituir o referencial teórico propriamente dito relaciona-se, obviamente, com objetivos e problemas da pesquisa. Os tópicos analisados subdividiram-se como segue: Perfil “oficial” da ocupação de antiquários: RAIS e CBO; Antiquários atuantes na região conhecida como Rio Antigo; Sobre antiquários: seu mundo de trabalho e comportamento informacional; Importância da comunicação e da informação na vida pessoal e social e das redes de informação; Canais de comunicação. Comunicação e transferência de informação. Construção de conhecimento: canais formais e informais; Sujeito e informação – teorias de usuários; Comportamento informacional e uso de informação em pequenas e médias empresas; Modelos teóricos e sua importância como instrumentos para auxiliar a compreensão da realidade e a concepção de serviços e sistemas de informação.

4.1 Perfil “oficial” da ocupação de antiquários: RAIS e CBO

A “Relação Anual de Informações Sociais”, mais conhecida pela sua sigla - RAIS, é um instrumento de coleta de dados de importância reconhecida no País. Instituída em 1975, acessível através do *website* do Ministério do Trabalho e Emprego – MTE, tem como objetivo fundamental suprir necessidades de controle da atividade trabalhista no Brasil, e ainda fornecer dados para a elaboração de estatísticas do trabalho e disponibilizar informações do mercado de trabalho às entidades governamentais.

A “Classificação Brasileira de Ocupações” – CBO, instrumento também disponibilizado à sociedade pelo MTE, foi atualizada em 2002. Reconhece, nomeia e codifica os títulos das ocupações do mercado de trabalho brasileiro, além de descrever

suas características específicas, constituindo, portanto, valioso recurso para se obterem informações acerca das diversas ocupações. A versão atual do banco de dados, disponível para consulta em *Cd-Rom* e pela Internet, contém as ocupações do mercado nacional, organizadas e descritas por “famílias”, sendo que cada família agrega um grupo de ocupações semelhantes relativo a um campo de trabalho mais amplo que aquele da ocupação.

O processo de descrição das atividades características das ocupações foi desenvolvido a partir da ação de comitês de profissionais que atuam nas famílias, sob a expectativa de que “a melhor descrição é aquela feita por quem exerce efetivamente cada ocupação.”

O banco de dados é produto do trabalho de milhares de pessoas, em vários pontos do país, incluindo envolvimento de pesquisadores da Unicamp, UFMG e Fipe/USP e profissionais do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial – SENAI, como explicado na introdução do documento eletrônico consultado em: <http://www.mtecbo.gov.br/>.

Ocupação codificada sob os números 1414-05 e 1414-10 da família ocupacional “1414 :: Gerentes de operações comerciais e de assistência técnica”, os antiquários aparecem na CBO sob dois tipos: Antiquário (comércio atacadista) e Antiquário (comércio varejista). Corresponde, segundo o código mundial de ocupações ao Código internacional CIUO 88:1314 - Gerentes de comercios mayoristas y minoristas.

Um elenco enorme de ocupações enquadra-se nessa família, sendo que algumas delas parecem bastante estranhas, quando posicionadas junto à de antiquário, considerando-se a natureza dos objetos comercializáveis, se colocados “lado a lado”. Exemplos que se enquadram nessa situação são daquelas ocupações que envolvem o

comércio de materiais específicos e do ramo alimentício, como bacalhoeiro, sorveteiro, galinheiro, doceiro, entre outras similares. Comercializar objetos valiosos, artísticos, raros e antiguidades tem características bem diversas do comércio de “secos e molhados”, é o que observa também Santos (1981) ao esclarecer que “[...] antiguidades não são secos e molhados nem eletrodomésticos. Vende hoje, repõe amanhã. E a verdade é que cada dia mostra a carência de objetos antigos valiosos.”

Com referência às condições gerais de exercício da ocupação, a CBO registra que os profissionais dessa família integrada pelos antiquários

Exercem suas funções em empresas do ramo de atividades do comércio por atacado e intermediários do comércio, comércio varejista, de vendas, manutenção, reparação e assistência técnica, de locação de produtos e serviços. Atuam na condição de empregados com carteira assinada, como autônomos, ou como empregadores. Organizam-se de forma individual e, também, em equipes de trabalho, com supervisão ocasional e, dependendo da ocupação, sem supervisão; desenvolvem suas atividades em ambientes fechados, nos períodos diurno e noturno. Podem estar sujeitos a permanecer em posições pouco confortáveis, durante longos períodos e a trabalhar sob pressão, levando-os à condição de estresse. Podem, ainda, estar expostos à ação de materiais tóxicos.

Quanto à formação e experiência necessárias ao exercício das ocupações de comerciante atacadista e comerciante varejista, a CBO ressalta:

[...] requer-se trabalhadores com escolaridade de quarta série do ensino fundamental e cursos básicos de qualificação de até duzentas horas-aula. Para gerente de loja e gerente de operações de serviços de assistência técnica, a escolaridade requerida é de ensino médio completo, acrescida de cursos de formação profissional em nível técnico. O desempenho pleno das funções ocorre, para comerciantes atacadistas e varejistas, após período de um a dois anos de experiência profissional; para gerentes de loja, após quatro ou cinco anos; para gerentes de operações de serviços de assistência técnica, após cinco anos.

A descrição sumária das atividades exercidas pelos antiquários, de acordo com a CBO assim se configura:

planejam atividades nos comércios varejista, atacadista e de assistência técnica; atendem clientes; administram e estruturam equipes de trabalho; gerenciam recursos materiais e financeiros,

contratos e projetos; promovem condições de segurança, saúde, meio ambiente e qualidade; assessoram a diretoria e setores da empresa.

Na discriminação das áreas de atividades desses profissionais, encontram-se: atender clientes; planejar atividades nos comércios varejista, atacadista e de assistência; administrar equipe de vendas, de compras, de reparos, de caixas e de apoio administrativo; estruturar equipes de trabalho; gerir recursos materiais e financeiros; gerenciar contratos e projetos (comercialização e serviços); promover condições de segurança, saúde, meio ambiente e qualidade e assessorar diretoria e setores da empresa. Para cada uma dessas áreas mencionadas, a CBO apresenta detalhamento exaustivo das atividades inerentes a cada atividade.

Conforme conteúdo expresso na CBO, as competências pessoais dos antiquários envolvem: exercer liderança; buscar atualização profissional; evidenciar equilíbrio emocional; argumentar com convicção (persuasão); exercitar a autonomia; agir com dinamismo; demonstrar motivação; expressar-se oralmente; expressar-se gestualmente; demonstrar capacidade de expressão escrita (redação); operar equipamentos de informática; manter apresentação pessoal.

Os recursos de trabalho listados como de uso dos antiquários, pela CBO, são: telefone, fax, balança, veículos, código de defesa do consumidor, calculadora, computador e periféricos, malote, móveis de escritório, instalações comerciais, material de escritório, máquina registradora, máquinas para cartões eletrônicos.

4.2 Antiquários atuantes na região conhecida como Rio Antigo

A cidade do Rio de Janeiro, reconhecida internacionalmente como palco de maravilhas e horrores, constitui inquestionavelmente ambiente instigante para pesquisas das mais diversas áreas do conhecimento. O que pode ser comprovado pela vasta

literatura registrada em suportes diversificados, destacando temas relativos à metrópole brasileira mencionada, de modo geral enaltecendo sua história através dos “cantos e recantos desta cidade que fascina e inspira nostalgia, sorrisos e arrebatamentos”.⁷

Havendo fascínio, desde meados da década de 70, por ambientes e situações mais mágicas do que trágicas vivenciadas no Rio, vislumbrou-se, entre outras oportunidades constatadas em contextos propícios ao desenvolvimento de pesquisas técnico-científicas, a possibilidade de desenvolver estudo sobre comportamento informacional de antiquários, tomando como amostra da pesquisa de campo propriamente dita, profissionais atuantes nessa cidade, após algumas visitas ao Rio Scenarium – Pavilhão da Cultura, localizado no início da Rua do Lavradio, região integrante do Rio Antigo, exaltada por numerosos historiadores, cronistas, e personalidades políticas como cidade “berço da cultura nacional” e que “vem sendo cada vez mais percebida como um dos mais belos patrimônios vivos da natureza e da cultura do Brasil e da Humanidade.”⁸

Retirado de um folder distribuído com o objetivo de divulgar a programação do mês de agosto de 2002, o texto a seguir informa, registra e apresenta visão do misto de atividades que acontecem no ambiente do Bar Antiquário “Rio Scenarium – Pavilhão da Cultura”, demonstrando explícita e implicitamente avalanche de questões, de oportunidades e desafios para estudos da área de ciência da informação e interdisciplinares nesses contextos.

RIO SCENARIUM - PAVILHÃO DA CULTURA

Funciona num antiquário especializado em locações de móveis, objetos antigos e cenográficos para produções de TV, cinema, teatro, vídeo e fotografias.

⁷ ANDRADE, Moacyr. **Lapa**: alegres trópicos. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1998. (orelha do livro).

⁸ Conforme Afonso Carlos Marques dos Santos, Presidente do Conselho Municipal de Proteção do Patrimônio Cultural do Rio de Janeiro, em texto publicado em: RIO DE JANEIRO. Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes. Departamento Geral de Patrimônio Cultural. **Rio de Janeiro**: uma cidade no tempo = **Rio de Janeiro**: a city through time = **Rio de Janeiro**: une ville au cours du temps. Rio de Janeiro: Diagraphic Projetos Gráficos e Editoriais, 1992.

Neste ambiente mágico, ricamente decorado, é priorizada e divulgada a Cultura Brasileira, através da implantação de projetos de música, dança, teatro e exposições. Inaugurado em outubro de 2001, com o Festival Ariano Suassuna, até hoje mais de 30.000 pessoas já passaram pelo Rio Scenarium, elegendo-o como um dos mais significativos Centros Culturais do Rio de Janeiro [...].

Em matéria de responsabilidade da jornalista Luisa Massarani⁹, reproduzida um pouco à frente, denota-se ainda a diversidade de atuação e tipos de parcerias estabelecidas pelo bar antiquário Rio Scenarium – Pavilhão da Cultura. Práticas talvez também assumidas por outros estabelecimentos culturais similares localizados no centro antigo do Rio, atuantes no mercado de artes e antiguidades e sediados no denominado “Corredor Cultural”, região integrante de projeto aprovado em 1984, durante a gestão do Prefeito Marcello Alencar e que visa “recuperar a imagem do centro histórico da cidade do Rio de Janeiro, aonde ainda existem espaços que revivem a cidade no tempo.” (RIO DE JANEIRO, 1992). Nestes ambientes existe espaço inquestionável para inserção de profissionais da informação, sob a ótica de suprir lacunas no campo de organização e administração de informações dispersas e de aparente interesse para grupos específicos e para a sociedade de modo geral, assim como para estudar o comportamento informacional dos profissionais envolvidos nas atividades desenvolvidas nesses locais. Desvelar a rede de informação estabelecida entre grupos sociais, especialmente investigações sobre fluxo e uso de informação, também constituem focos de interesse para estudos da área de ciência da informação.

Ciência em conversa de botequim

Surge no Rio o 'Chopp científico - A ciência com arte e colarinho'¹⁰
Luisa Massarani escreve para o 'JC e-mail':

⁹ Ligada ao Centro de Estudos do Museu da Vida/COC/Fiocruz e, como *free-lance*, ao SciDev.Net <<http://www.scidev.net>>, site das revistas britânica *Nature* e americana *Science*,

¹⁰ O 'Chopp científico' faz parte de uma série de atividades que visam levar temas da ciência ao público geral não-especializado, de forma lúdica, criativa e divertida, mas também instrutiva. Tem como meta despertar o interesse pela ciência, bem como mostrar que esta está presente em questões do cotidiano.

Nestas próximas linhas, gostaria de compartilhar com os leitores do *Jornal da Ciência* uma experiência de divulgação científica que organizamos no RJ, mais precisamente em um boteco cultural no centro do Rio. Intitulado 'Chopp científico - A ciência com arte e colarinho'

O evento teve como objetivo despertar o interesse pela ciência associando-a com questões do cotidiano.

A motivação que serviu como ponto de partida foi levar temas da ciência ao público geral não-especializado, de forma lúdica, criativa e divertida, mas também instrutiva, em um espaço fora do âmbito acadêmico.

Escolhemos um local charmoso, o Rio Scenarium - Pavilhão de Cultura, um antiquário-bar que vem se destacando nas noites cariocas por seus shows de música popular.

Por ser um bar, escolhemos como primeiro tema a ciência da cerveja, que foi abordada de maneira multidisciplinar. Foram incluídos tópicos tais como aspectos históricos da cerveja no mundo e, em especial, no Brasil; como a cerveja é feita; os diferentes tipos de cerveja; a levedura (aspectos biológicos, o Projeto Genoma etc.); a física da bolha; a química dos aromas e dos sabores.

Para dar certo tempero, foram incluídas músicas sobre a cerveja (tocadas ao vivo) e leituras de textos e poemas.

A idéia não é inédita. Temas de ciência vêm sendo levados aos bares por alguns grupos, a exemplo do SciBar e do Cafe Scientifique, ambos na Inglaterra, o Café Scientifique da França, o Science in Pub, na Austrália. Em SP, também já ocorreram algumas iniciativas similares.

O SciBar e as versões inglesa e francesa do Café Scientifique giram em torno de temas mais 'sérios' e têm um formato mais de palestra em um ambiente informal. Já Science in Pub tem essencialmente um caráter de entretenimento, com um mestre de cerimônia, entrevistas e músicas.

Aliás, foi assistindo a uma apresentação feita pelo grupo do Science in Pub, em um congresso de divulgação científica, que surgiu a idéia de fazer algo na mesma linha no Brasil.

A questão era encontrar um formato apropriado para nossa realidade e nossas preocupações, e não simplesmente importar o know-how como uma caixa-preta.

O caminho para isto foi encontrado por uma equipe multidisciplinar, que inclui cerca de 20 profissionais, entre físicos, biólogos, químicos, matemáticos, historiadores, poetas, jornalistas, atores etc.

Duas instituições foram envolvidas na empreitada, a Fiocruz (por meio do Museu da Vida/Casa de Oswaldo Cruz) e a UFRJ (por meio da Casa da Ciência e de professores dos institutos de Química, Física e Matemática e da Coppe).

Outros parceiros se uniram a nós: Brewtech (uma simpática cervejaria do Rio), Teknê (um grupo voltado para o ensino médio), Cerveja Bohemia e o próprio Rio Scenarium - Pavilhão de Cultura.

Após três meses de preparação, o evento efetivamente ocorreu dia 4 de setembro, com lotação esgotada (120 pessoas); dezenas de pessoas não conseguiram entrar.

Outras atividades similares eventualmente serão realizadas pelo mesmo grupo, possivelmente sob temas distintos. Sendo uma atividade essencialmente experimental, certamente muitos ajustes devem ser feitos nesta primeira iniciativa.

Mas uma coisa ficou clara: para a divulgação científica, precisamos lançar mão de recursos diferentes para aperfeiçoar nosso trabalho. Para ter mais informações e conhecer o grupo, navegue no site: <<http://www.fiocruz.br/emvida/chopp>> ou escreva para cestudos@coc.fiocruz.br.

É a partir deste cenário apresentado que se pretendeu configurar a tese desenvolvida. Para tanto, torna-se necessário, como primeiro passo, estudar a realidade retratada pela literatura especializada e interdisciplinar que tem a ver com problemas e objetivos da pesquisa, e que subsidiará, como já afirmamos, a construção científica desta atividade de investigação.

4.3 Sobre antiquários: seu mundo de trabalho e comportamento informacional

Conforme definição registrada pelo dicionário Aurélio¹¹, antiquário é um “estudioso, colecionador ou comerciante de antiguidades ou antigualhas”. Estas, por sua vez, são definidas como “antiguidades/antigualhas raras ou de especial valor material, artístico, etc.; qualidade de antigo: objeto valioso pela antigüidade”. Definições de dicionários atendem seus objetivos específicos, no sentido de apresentarem visão clara e objetiva dos termos a definir. Porém, o conhecimento da realidade estudada será provavelmente melhor construído, analisando-se linhas e entrelinhas da literatura especializada naquele assunto em questão, e de outras fontes onde encontram-se registradas interpretações decorrentes das mais diversas abordagens e que expressam opiniões múltiplas de autores pessoais e institucionais.

No cenário literário internacional, os antiquários têm sido alvo de estudos e de inspiração para obras de ficção e de outros gêneros, inserindo-se aí livros e guias técnicos especializados em “artes e antiguidades”, biografias, artigos de periódicos técnico-científicos, filmes e poesias que abordam a questão.

¹¹ FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, [198?], p. 106

Retratados como pessoas “pacientes, cuidadosas e assíduas”, os antiquários ingleses do Séc. XVIII foram estudados por Myers & Harris¹², oferecendo aos leitores dos ensaios por eles editados uma pequena amostra de uma história relativamente desconhecida, envolvendo antiquários, bibliófilos, bibliotecários, historiadores, bibliotecas acadêmicas, livros e manuscritos medievais (como objetos úteis ou artísticos), num círculo de ensino/aprendizagem que as bibliotecas ajudaram a construir, beneficiando a humanidade.

Françoise Choay (2001) em obra dedicada ao estudo das relações estabelecidas com o patrimônio e da evolução dessas ligações com os bens culturais representados pela arquitetura e pelas cidades, inclui os antiquários “entre uma linhagem de intelectuais, eruditos e colecionadores, amantes da arte, ilustrados, historiadores da arte e arquitetos [...] que estudavam o assunto e encontravam-se engajados em trabalhos relativos a bens patrimoniais. Afirma que entre a segunda metade do século XVI e o final do XIX, as antiguidades são objeto de um imenso esforço de conceituação e de inventário, sendo essa abordagem inicial, dos humanistas, continuada “pela pesquisa meticulosa e paciente dos eruditos, então chamados de *antiquaires* (antiquários)”. Conforme Choay, o termo, em desuso nessa acepção, deveria ser mantido, tendo em vista sua conotação precisa e concreta. Esclarece que a primeira edição do *Dictionnaire de l'Académie Française*, define o antiquário como aquele “especialista no conhecimento de objetos de arte antiga e curioso deles”. Esta mesma edição do referido dicionário registra que “antigo qualifica normalmente o que é muito remoto, em oposição a moderno”.

Entre as discussões e reflexões apresentadas nessa obra intitulada “A alegoria do patrimônio”, a autora, em diversas passagens se refere ao antiquário,

¹² MYERS, R.; HARRIS, M. eds. **Antiquaries, book collectors, and circles of learning**. New Castle: Oak Knoll Press, 1996. 165 p.

possibilitando visão panorâmica sobre seu papel e postura diante do contexto e épocas sob análise. Interessante destacar o pensamento dos antiquários do Século XV e meados do XVI, em relação à confiabilidade de livros e autores que tratavam de monumentos antigos e seus vestígios, registrados por Choay. Para os humanistas dessa época, os livros comprovavam ou ilustravam o testemunho dos autores gregos e romanos, portanto, eram confiáveis. Mas, considerando a hierarquia da confiabilidade, posicionavam-se “abaixo dos textos, que conservavam a autoridade incondicional da palavra”. Para os antiquários, entretanto, os livros, especialmente os escritos por “historiadores” gregos e latinos, não eram tão confiáveis, segundo afirmação de Choay. Para esses, o “passado se revela de modo muito mais seguro pelos seus testemunhos involuntários, por suas inscrições públicas e sobretudo pelo conjunto da produção da civilização material”. Demonstravam maior confiança nos próprios objetos que

não têm como mentir sobre sua época, como também dão informações originais sobre tudo o que os escritores da Antigüidade deixaram de nos relatar, particularmente sobre os usos e costumes. Desde que seja interpretado de modo conveniente, o testemunho das antiguidades é superior ao do discurso, tanto por sua confiabilidade quanto pela natureza de sua mensagem.

Argumentavam, mostra Choay (p. 63), que “é muito mais seguro citar uma medalha do que um autor, porque então você não se baseia em Suetônio ou Lampidus, mas no próprio imperador ou no Senado romano e no conjunto de seus membros.” Do mesmo modo, afirma a autora, citando Montfaucon¹³ argumentavam também que “está comprovado que os mármore e os bronzes nos informam bem mais sobre os funerais que os autores antigos; e que os conhecimentos que obtemos dos monumentos são bem mais seguros que aquilo que aprendemos nos livros.” Mais adiante, mostra que os antiquários

¹³ L'ANTIQUITÉ expliquée et représentée en figures, Paris, 1719-1724, XV, I. VI, “Tombeaux étrusques”, p. 1.

Eruditos e colecionadores [...] acumulavam em seus gabinetes não apenas medalhas e outros “fragmentos” do passado, como se dizia então, mas também, sob forma de “compilações” e de “portfólios”, verdadeiros dossiês, com descrições e representações figuradas das antiguidades.

Acrescenta a autora que os antiquários se correspondiam e se visitavam por toda a Europa e eventualmente trocavam objetos. Através de viagens e das explorações, ampliavam seus espaços de atuação, de conhecimentos e de cultura, e “não se deixavam mais absorver inteiramente pela pesquisa dos monumentos pertencentes às civilizações da alta Antigüidade ou da Antigüidade clássica; eles se familiarizam também com culturas até então ignoradas, negligenciadas ou desprezadas.” Discussões sobre achados e suas hipóteses, assim como troca de informações, pareciam ser procedimentos de rotina na vida dos antiquários, que demonstravam, através de suas pesquisas, sede de informação e de conhecimento. Do mesmo modo, a autora deixa a entender que praticavam a democratização de acesso aos seus registros particulares de informação, quando anota que “as pesquisas de alguns eruditos, e não dos menos importantes, permaneciam inéditas em seus arquivos, mas eram largamente utilizadas e citadas nas publicações de outros autores.” Apesar da desconfiança dos antiquários em relação às obras impressas, em oposição ao crédito que atribuíam ao visual e semântico cravado nos objetos que, para eles, significavam testemunhos da cultura material e das belas-artes, Choay (p. 65-66) registra a existência delas, de autoria dos próprios antiquários, quando diz:

as obras impressas, as mais importantes das quais logo eram traduzidas, eram divulgadas em toda a Europa, comentadas e às vezes contestadas. Assim se constitui um imenso *corpus* de objetos que engloba sucessivamente as inscrições, as moedas, os selos, ornatos que servem de moldura, todos os acessórios da vida cotidiana, pública ou privada, e os grandes edifícios religiosos, honoríficos ou utilitários.

No que diz respeito ao conteúdo das obras impressas, destaca que determinados autores

se especializavam em epigrafia ou numismática, por exemplo, mas podem também restringir ainda mais seu campo de pesquisa: ‘aquele sabia tudo o que diz respeito à guerra, mas nada sabia sobre os vestuários... outro conhecia bem a marinha, mas pouco de funerais.

Informa, ainda, baseando-se na obra “L’Antiquité expliquée et représentée en figures (1719-1724)”, de Montfaucon, acerca da publicação de um inventário de todos os gêneros de antiguidades:

“[...] metódico, com certeza o mais completo englobando do [...] monumental (templos, teatros, anfiteatros) ao minúsculo (moedas e jóias), dos equipamentos públicos (grandes estradas, aquedutos, termas, etc.) aos utensílios domésticos (de mesa, lâmpadas), das imagens dos deuses aos trajes dos homens.”

Choay (p. 66) acrescenta que os monumentos da arquitetura revelam-se particularmente ricos em informação, na medida em que constituíam o âmbito espacial das instituições. Além disso, suas inscrições e sua decoração (pintada e esculpida) referiam-se diretamente às crenças, aos usos e costumes da época, o que sugere concordância dessa autora com o pensamento dos antiquários acerca da riqueza de informação contida nos objetos e monumentos produzidos pelo homem.

Menezes (2003), em artigo que chama a atenção dos historiadores para a questão da ausência de estudos de história da imagem, com ênfase nos seus usos e funções – que tratem a “visualidade como objeto detentor, ele também, de historicidade e como plataforma estratégica de elevado interesse cognitivo”, bem como da “visualidade como uma dimensão importante da vida social e dos processos sociais”, afirma ser “lamentável descobrir que se trata, ainda, de estudos por vir” e cita algumas das poucas tentativas, registradas na literatura, sob esse enfoque. Alega que “ao se aproximar do campo visual, o historiador reteve, quase sempre, exclusivamente a imagem — transformada em fonte de informação”. Justifica que a historicidade da imagem deve ser considerada percorrendo o

Ciclo completo de sua produção, circulação e consumo, a que agora cumpre acrescentar, a ação. As imagens não têm sentido em si,

imanescentes. Elas contam apenas – já que não passam de artefatos, coisas materiais ou empíricas – com atributos físico-químicos intrínsecos. É a interação social que produz sentidos, mobilizando diferencialmente (no tempo, no espaço, nos lugares e circunstâncias sociais, nos agentes que intervêm) determinados atributos para dar existência social (sensorial) a sentidos e valores e fazê-los atuar. Daí não se poder limitar a tarefa à procura do sentido essencial de uma imagem ou de seus sentidos originais, subordinados às motivações subjetivas do autor, e assim por diante. É necessário tomar a imagem como um enunciado, que só se apreende na fala, em situação. Daí também a importância de retrair a biografia, a carreira, a trajetória das imagens.

Menezes (p. 3) observa que a história da arte foi a primeira área do conhecimento a reconhecer sistematicamente o “potencial cognitivo da imagem visual [...] que se consolida no século XVIII – e não por acaso, já que se trata de seu objeto referencial específico”.

Como já fora observado por Francis Haskell¹⁴, Menezes reafirma a importância dos antiquários dos séculos XVI e XVII, nesse sentido, “que também alimentaram o uso empírico imediato de informações extraídas de moedas, esculturas, pinturas das catacumbas romanas e outros artefatos”.

O patrimônio, *corpus* de objetos e de outros bens incomensuráveis e heterogêneos, conceituado como um “bem de herança que é transmitido, segundo as leis, dos pais e das mães aos filhos” é considerado por Choay (2001), uma palavra “nômade”, atualmente requalificada por vários adjetivos “genético, natural, histórico, etc.” Tanto esse conceito de patrimônio, caracterizado segundo a autora, por sua vinculação “às estruturas familiares, econômicas e jurídicas de uma sociedade estável, enraizada no espaço e no tempo” quanto aquele que ela designa como patrimônio histórico - “um bem destinado ao usufruto de uma comunidade que se ampliou a dimensões planetárias, constituído pela acumulação contínua de uma diversidade de objetos que se congregam por seu passado comum” - materializados em “obras e obras-

¹⁴ HASKELL, Francis. **History and its images**: art and the interpretation of the past. New Haven: Yale University Press, 1993.

primas das belas artes e das artes aplicadas, trabalhos e produtos de todos os saberes e *savoir-faire* dos seres humanos”, e que remetem a uma instituição e a uma mentalidade, encontram-se estreitamente vinculados ao cotidiano dos antiquários de ontem e do tempo presente, condição revelada pela totalidade dos trabalhos lidos e relativos à temática em foco.

Meneguello (2004)¹⁵, em artigo que aborda a questão de reinterpretação do passado histórico e da preservação de antigos centros ou de partes de cidades, destaca a necessidade de se reverem conceitos fundamentais “como a preservação do patrimônio, o novo uso conferido às áreas preservadas e, especialmente, as diferentes interpretações do passado histórico urbano”. Lembra a complexidade que envolve essas questões, caso haja o domínio do “olhar nostálgico que valorize apenas a preservação” por ela mesma. Afirma que, muitas vezes, o uso dado aos imóveis tombados pelo patrimônio histórico leva a uma

elitização de sua fruição; e por vezes é difícil negar sua incompatibilidade com o crescimento voraz da cidade. Por esse motivo, a questão da reinterpretação do passado se impõe. Somente uma conceituação complexa de um passado histórico descontínuo e reconstruído pode ultrapassar as materialidades mais imediatas e alinhar a preservação do patrimônio às questões prementes trazidas pela globalização, como o uso turístico dado a edificações e regiões da cidade e a necessidade de redefinir os centros urbanos em função das exigências do capitalismo financeiro. Finalmente, cabe questionar para quem se preservam áreas e imóveis, por que e em nome de que passado. Afinal, embora a preservação urbana tenha sido realizada em nome da manutenção de uma linha de continuidade do passado, ‘deve ser pensada como trabalho transformador e seletivo de reconstrução e destruição do passado, que é realizado no presente e nos termos do presente’.

Citando a mesma obra de Choay, no momento em análise, Meneguello também ressalta a distinção que essa autora estabelece entre monumento e monumento histórico e considera que a compreensão do patrimônio atrela-se à compreensão da

¹⁵ Cristina Meneguello, doutora em História e professora da Unicamp. **A reinterpretação do passado histórico**, artigo de sua autoria, disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq000/bases/texto007.asp>> Acesso em: 26/4/2004.

idéia de monumento histórico que “é uma interpretação da memória; não apresenta nem carrega em si uma informação neutra, mas traz uma memória viva.” Esclarece que o “fato patrimonial” possui três características, tais sejam: o destino das obras e objetos, a representação da coletividade e a interpretação do passado e atribui a essência do monumento “à relação entre o tempo vivido e a memória, onde o restante é contingente enquanto ele é um valor universal”.

Interessante acrescentar outras observações de Meneguello relativas à concepção, preservação e fruição de objetos e artefatos do passado, que ela chama de “síndrome do patrimônio”, vivida a partir dos anos 1970-80”

Vários autores já reconheceram em nosso século a transformação de todos os objetos do passado em testemunho histórico, mesmo que em seu princípio não fossem destinados à memória histórica. Isso deu origem em países da Europa à concepção de que todo artefato humano pode ser investido de uma função de rememoração, de uma vontade de escapar da ação do tempo. Na síndrome do patrimônio [...] denominada por Pierre Nora¹⁶ como ‘fúria preservacionista ou por Choay¹⁷ como ‘complexo de Noé, a preservação fez-se em nome desse ‘passadismo’. Os edifícios autênticos e seus simulacros, justificados por um vago conceito de democratização cultural, funcionam mais como uma satisfação dada ao intelecto (uma vontade de arte) do que uma experiência artística em si, ou seja, a fruição é dominada pelo afetivo e pelo crivo do nostálgico.

As observações dessa historiadora e de outros autores sobre as implicações e complexidades contidas ou inerentes ao patrimônio cultural e histórico, de modo geral, induzem a uma reflexão acerca do papel dos antiquários¹⁸ e de outros profissionais envolvidos em seu cotidiano de trabalho com a comercialização de objetos antigos e raros que agregam significados às vezes polêmicos e contraditórios. “A falta de informação e de educação formal” sobre temas relacionados à proteção patrimonial é fator que afeta e inibe um envolvimento da “gente comum” nesse campo e não pode

¹⁶ NORA, Pierre (Org). **Les lieux de mémoire**. Paris: Gallimard, 1984.

¹⁷ CHOAY, Françoise. *L’allégorie du patrimoine*. Paris: Éditions du Seuil, 1992.

¹⁸ Conforme observação de Meneguello, citando POULOT, Dominique. Les sens du patrimoine: hier et aujourd’hui. In: **Annales ESC**, Armand Colin, n. 6, nov./dec. 1993, este “contesta a datação fornecida por Choay considerando que o trabalho dos antiquários do século dezessete já anuncia a preocupação com o patrimônio”.

constituir surpresa, portanto, que “o povo não preste muita atenção à proteção cultural, sentida como se fora estrangeira, não relacionada à sua realidade”.

Evasão de patrimônio ou peças valiosas para outros estados, para o exterior ou para as mãos de particulares parece processo corriqueiro no Brasil. É o que se vê em registros das mais diversas modalidades que divulgam ou denunciam essas práticas. Destruição advinda de toda ordem de problemas, entre eles, o descaso de autoridades ou de profissionais responsáveis pelas instituições detentoras dos materiais, falta de informação e de conscientização sobre valor cultural e artístico do patrimônio coletivo, é o que dá a entender a série de depoimentos, a seguir transcritos de (SANTOS, 1981; SANTOS, [1975]; FUNARI, 2004).

[...] Era então corrente os embargos da Alfândega com remessa de objetos de arte para outros estados do país, sem ser tombados pelo Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, que regulava estes negócios em todo o Brasil. Tudo isto produto do famigerado decreto Calmon, nascido de um impulso colérico como já vimos, ao falar das mesas de jogo confiscadas ilegalmente e só devolvidas por intercessão do embaixador Macedo Soares, então ministro do Exterior e amigo de Almeida. Não se tratava de “influência política”, mas de elucidação de um engano perpetrado na Bahia pelos responsáveis da Ordem Pública [...]

[...] Somos levados a crer que alguma intriga se interpusesse entre eles. Por exemplo: a transferência indébita da coleção de pesos de papel para o Rio ou para São Paulo, e mesmo para o Exterior, despojando a Bahia de uma riqueza patrimonial particular de grande valor [...]

[...] Curas, freis, sacristãos a despojarem os templos de seus objetos de culto em prata. Tocheiros, castiçais, bulas, ostensórios, crucifixos de marfim guarnecidos de prata, gomís porta-toalhas e outros objetos que sumiam sem que alguém procurasse saber o paradeiro. Parece que a cobiça de uns e a ganância de muitos permanecem ainda hoje. (SANTOS, 1981, p. 50)

[...] Nessa época os prefeitos das cidades do Interior assanhavam-se para superar seus colegas de outras cidades vizinhas que já haviam substituído os coretos dos jardins pelos chafarizes nos largos das Matrizes. A mania dos chafarizes luminosos tomara conta dos impulsos evolucionistas, progressistas, dos chefões mandatários que, descuidando da implantação dos melhoramentos de base, orgulhavam-se da civilização que lhes dava poder para proporcionar a seus concidadãos esse tipo de obra. /consistia nisso a façanha suprema de um bom governo interiorano. Era um encanto a água jorrando com as

luzes verde, vermelha, amarela, por uma cadeia de lâmpadas comandadas por um motor que fazia todas acenderem e apagarem para deslumbramento do povo. Este, em higiene, conhecia só a cloaca nos fundos de quintais. E os coretos remanescentes foram derrubados.

Funari, referindo-se às ameaças de dizimação do patrimônio cultural brasileiro, aponta os desejos de modernização, roubos e deterioração, como os “três perigos para a manutenção dos bens culturais que, aparentemente não relacionados revelam uma causa subjacente comum: a alienação da população, o divórcio entre o povo e as autoridades, a distância que separa as preocupações corriqueiras e o *ethos* e políticas oficiais.”

A melhor imagem da sociedade brasileira não deveria ser os edifícios históricos do Rio de Janeiro, mas uma cidade moderníssima e mesmo os mais humildes sertanejos deveriam preferir seu patrimônio, em benefício de uma cidade sem passado.

Mesmo em cidades coloniais, algumas delas bem conhecidas no exterior, como Ouro Preto, declarada Patrimônio da Humanidade, a modernidade está sempre presente, por desejo de seus habitantes. É fácil entender que as pessoas estejam interessadas em ter acesso à infra-estrutura moderna mas, como notam os europeus quando visitam as cidades coloniais, se os edifícios medievais podem ser completamente reaparelhados, sem danificar os prédios, não haveria porque não fazê-lo no Brasil.

[...] Outra ameaça ao patrimônio arqueológico das cidades coloniais é o roubo, já que os ladrões são muito atuantes, havendo mais de quinhentas igrejas e museus locais.

Um problema mais prosaico é a deterioração dos monumentos devido à falta de manutenção e abrigo, mesmo no interior de edifícios.

[...] Digamos de passagem, vizinhos mais experimentados – americanos e argentinos – percebendo antes de nós o encanto de certas produções de prateiros nacionais, compraram-nas a preços elevados e as levaram fora do Brasil às suas pátrias. Referimo-nos aos objetos fabricados em Minas, na Bahia e no Rio sob influência mesológica: paliteiros com animais e frutos típicos, escoados do país em larga escala e hoje constituindo raridades extremamente valiosas.

[...] Dessa última vez que Basile voltou a Buenos Aires onde tinha parentes [...] levou mercadorias preciosas. Entre elas mesa manuelina de bolachas, tremidos e aplicações de metal amarelo; mesa Dom João V; papeleira (hoje valorizadíssima); cama de campanha de colunata e estrado de tiras de sola trançada e um oratório fabuloso, peças barrocas – exceção da mesa manuelina – do século XVIII. Tais preciosidades foram adquiridas pelo Museu Histórico de lá e por alguns colecionadores muito mais evolvidos dos que os nossos, em virtude de seu maior contrato com a civilização inglesa, a que esse mobiliário se coaduna.[...]

Funari (2004) também é outro autor que questiona acerca de conceitos de patrimônio e bens culturais. No que diz respeito a patrimônio cultural, apresenta os diversos sentidos que lhe são atribuídos no contexto de alguns países, sendo que em alguns, prevalece o sentido de propriedade, herança do passado, ao passo que em outros, o significado remete ao cuidado dos monumentos, daquilo que nos faz pensar. Afirma que em todas as expressões “há sempre uma referência à lembrança, *moneo* (em latim, “levar a pensar”, presente tanto em *patrimonium* como em *monumentum*), *Denkmal* (em alemão, *denken* significa “pensar” e aos antepassados, implícitos na ‘herança’ e que

ao lado dos termos subjetivos e afetivos, que ligam as pessoas aos seus reais ou supostos precursores, há, também, uma definição mais econômica e jurídica, “propriedade cultural”, comum nas línguas românicas (cf. em italiano, *beni culturali*), o que implica um liame menos pessoal entre o monumento e a sociedade, de tal forma que pode ser considerada uma “propriedade”. Os monumentos históricos e os restos arqueológicos são importantes portadores de mensagens e, por sua própria natureza como cultura material, são usados pelos atores sociais para produzir significado, em especial ao materializar conceitos como identidade nacional e diferença étnica.

Funari chama a atenção para a forma de encarar estes artefatos, em termos culturais, como socialmente construídos e contestados. Não como portadores de significados inerentes e ahistóricos. Portanto, devem ser mais motivos de reflexões do que de admiração. Mostra que a abordagem antropológica do patrimônio cultural auxilia a desmascarar a manipulação do passado.

“Reunindo seu *corpus* de antiguidades, ‘corpos de luz cujas partes se iluminam mutuamente’, o objetivo primeiro dos antiquários é tornar visível o passado, sobretudo o silencioso ou não expresso” e, como lembrado por Choay, as antiguidades para eles, devem ser passíveis de visualização, análises e comparações, advindo talvez daí, “o papel crescente da ilustração no trabalho dos antiquários” e a importância que atribuem às informações contidas nos objetos e imagens.

No que diz respeito à preservação tanto das memórias coletivas quanto dos objetos antigos, valiosos e raros, que de certa forma as representam, caberia uma outra reflexão relacionada ao papel dos antiquários comerciantes e colecionadores nesse contexto. Para os últimos, colecionar antiguidades pode significar uma paixão, hábito, uma forma de aguçar o conhecimento. Ambos podem ter chegado ao colecionismo por acaso ou por decisão. Os que chegaram por acaso, como mostra Ledy Mendes Gonzalez em “Colecionar é aprender com prazer”¹⁹, foram influenciados ou motivados a colecionar objetos, após terem sido agraciados com alguma coisa que muito lhes agradaram ou por terem herdado algo de valor “ e não resistem a adquirir, sempre que a ocasião se apresente, outras peças do mesmo tipo”. Os indivíduos que se envolvem com o colecionismo por decisão “são aqueles que se apaixonam por determinado tipo de objeto (ou por mais de um) e passam a procurar, com tenacidade e até com sacrifícios, outro e mais outro exemplar para seu acervo”.

Conforme essa autora, o colecionismo é um hábito sadio e que pode não ser dispendioso, dependendo obviamente dos objetos que se queira colecionar. Há aqueles que se satisfazem e se empenham ao máximo em descobrir e possuir cartões de telefones, latinhas de bala, caixas de fósforo, cartazes de cinema ou outros objetos similares, fáceis de achar e baratos.

Mindlim (1997), em “Uma vida entre livros”, confessa sua paixão irresistível por esses objetos e se diz “mais do que um colecionador [...] um leitor incansável e, o que é mais grave, um leitor indisciplinado”, o que posteriormente explica melhor, atribuindo à indisciplina o seu gostar de ler sem se prender às regras ou quaisquer outros tipos de convenções, a não ser ao imenso prazer que a leitura possa lhe

¹⁹ Publicado em “A Relíquia: Informativo dos Antiquários, Leiloeiros e Colecionadores”, de julho de 2002, p. 21.

proporcionar. Na condição de bibliófilo²⁰ expõe nessa obra, além de algumas das maravilhas de sua biblioteca, tesouro particular constituído ao longo de sua vida, momentos de sua convivência com alguns autores dos seus objetos primordiais de desejo, considerados favoritos na literatura brasileira e internacional.

Determinados colecionadores só se contentam com a descoberta e posse de peças mais sofisticadas, raras e de valor monetário, inacessíveis para muitos. Porém, como observa a autora já citada, Ledy Mendes Gonzalez, no campo do colecionismo “não é o valor [monetário, ao que parece neste caso] da peça que conta, mas a descoberta dela e a sua posse”. Assertiva que talvez caiba em casos do colecionismo por prazer, mas que não parece adequada àqueles que colecionam ou acumulam peças antigas, raras ou valiosas para posteriormente comercializarem seus objetos de desejos aparentemente circunstanciais e momentâneos, caracterizando talvez, nesses casos, um colecionismo identificado e regido por interesses monetários, já que suas coleções “servem de investimento de capital, conforme a sua originalidade, raridade e exclusividade.” (MOLINA, 2005).

Na tipologia de antiquários insere-se um intermediário entre paixão e livros antigos, raros e preciosos, o antiquário “*bookseller*”²¹, definido pela *Antiquarian Booksellers Association of America, Inc.* como um indivíduo, associação, firma, corporação ou outra organização ativamente engajada na profissão de compra e venda de livros velhos e esgotados, raros e manuscritos, e outros materiais similares, o que se encontrou registrado em Kent; Lancour (1968). No verbete desta enciclopédia sobre os antiquários livreiros, considera-se interessante destacar o código de ética, estabelecido para os membros dessa Associação, incluindo recomendações comportamentais, no sentido de que seus membros associados estabelecessem entre si relações amigáveis e

²⁰ Amante ou colecionador de livros raros e preciosos, ou de boas edições, segundo Houaiss.

²¹ Antiquário livreiro.

espírito cooperativo. Aspectos como manutenção de alto padrão profissional, encorajar o avanço do conhecimento técnico e especializado, promover publicidade em benefício da área de negócio, cooperar com organizações similares no país e exterior, também faziam parte dos itens constitutivos desse código de ética recomendado aos *booksellers* afiliados.

Myers e Harris (1996) informam sobre atividades que deixam a entender certa desconsideração por parte de alguns bibliotecários da antiguidade por preceitos éticos, registrados em ensaios que tratam dos manuscritos medievais, de autoria de Janet Blackhouse. Relatam um caso que envolve situação de competitividade no mercado de antiguidades entre bibliotecários e o Museu Britânico, quanto à aquisição do manuscrito “Luttrell Psalter”, um dos maiores manuscritos medievais.

Além das coleções particulares, “em que grande parte dos indivíduos que as realizam tem a necessidade de construir algo particular, diferenciando-se dos demais dentro da sociedade, tal como coleções de livros, figurinhas [...]”, entre outros, pois “qualquer coisa é possível de formar uma coleção, basta que aquele que deseja ser um colecionador inicie a sua trajetória por um determinado objeto [...], esclarece Molina (2005), existe o colecionismo coletivo, configurado nas coleções acumuladas e armazenadas nos museus. Instituições essas que se “dedicam a colecionar, conservar, apresentar e a educar, no sentido mais didático da palavra, mas em caso algum desempenham um papel ativo, no sentido de dar ao público a iniciativa cultural”, é o que afirma Hugués de Varine-Bohan, diretor do Conselho Internacional de Museus, criado em 1946 e associado à UNESCO, à época dessa entrevista registrada no livro “Os museus no mundo”, publicado em 1979, pela Salvat Editora do Brasil.

Embora se considere esse aspecto referente aos museus merecedor de discussões mais profundas, tendo em vista os objetivos específicos desta tese,

limitaremos-nos a aludir, mais adiante, a alguns aspectos que tenham a ver com relações entre antiquários e museus, entre elas situações que denotem utilização dessas instituições como fontes de informação ou em outras circunstâncias que envolvam quaisquer tipos de relação, negociação ou intercâmbio de informações entre essa categoria profissional analisada e os museus.

As associações de classe, assim como os conselhos que regem o exercício de profissões regulamentadas, são reconhecidas como entidades fundamentais tanto com relação às suas atribuições no que diz respeito à agregação, valorização profissional e contribuição aos processos de educação continuada de seus afiliados, que cabem à primeira, quanto em ações de fiscalização do exercício profissional, competência dos conselhos.

Ainda em Choay (p. 75-76), observa-se o registro de criação da primeira associação de antiquários, a Society of Antiquarians of London, fundada em 1585, e que tinha como objetivo “fazer progredir e ilustrar a história e as antiguidades da Inglaterra.” Informa que na França, órgão similar foi criado bem depois – a Academia Celta – em 1804, que se transformou, em 1814, na Sociedade Real dos Antiquários da França.

No Brasil, conforme informações extraídas do *site* da Associação Brasileira de Antiquários, a ABA, uma das entidades que agregam antiquários no contexto nacional, esta foi fundada em 1970. Atualmente está sediada na cidade do Rio de Janeiro e tem como finalidade o “congraçamento, o incentivo, a defesa e a proteção de todos quantos militem no comércio de antiguidades, colecionismo, objetos de arte, estudiosos e pesquisadores de arte, promovendo o desenvolvimento mediante racional planejamento”. Entre suas atribuições encontram-se as seguintes atividades:

- Representar perante as autoridades administrativas e judiciais os interesses dos Associados;
- Manter serviços de assistência jurídica aos associados;
- Manter serviços de peritagem de objetos de arte, fornecendo o competente laudo;
- Fundar e manter escolas, especialmente de ensino técnico-profissional;
- Colaborar com as autoridades públicas, para a solução dos problemas relativos à profissão de antiquários e aos interesses dos que a exercem.

Constatou-se presença de vários antiquários atuantes na região conhecida como Rio Antigo, na Associação dos Comerciantes do Centro do Rio Antigo – ACCRA, constituída por comerciantes, produtores culturais e empresários, que expressam como um de seus objetivos “dinamizar e criar melhores condições de vida no Centro da Cidade”²², incluindo aqueles que possuem seus estabelecimentos comerciais na Rua do Lavradio, integrante do Corredor Cultural dessa região e considerada um dos símbolos no processo de revitalização do Rio Antigo.

Além dessas associações mencionadas, os antiquários brasileiros participam de outras organizações de caráter associativo e, entre elas, constatou-se a presença de profissionais engajados na Associação dos Mercantes de Arte do Brasil – AMA-BR, sediada em São Paulo. Fundada em agosto de 2000, essa Associação se propõe a divulgar a seriedade da profissão de artistas e antiquários, tendo como principal objetivo

²² A ACCRA busca alternativas para dinamizar o Rio Antigo: depois das reuniões com vereadores e Secretários das Culturas e da Fazenda, Associação espera parceria com o SEBRAE. **Folha do Centro**, v. 10, n. 61, p. 11, maio de 2005. Nota: Registrou-se nesta referência o número 61 para designar o fascículo desse jornal, mas a capa do mesmo designa como 104 o número do fascículo e não 61, como registrado na folha que contém a matéria citada.

“gerar cada vez mais credibilidade para a categoria e defender seus interesses perante os órgãos governamentais”, conforme matéria assinada por Vieira (2002). Segundo depoimento da atual presidente da AMA-BR, a antiquária Ariane Juliani, prestado à Vieira, os órgãos governamentais “ainda não reconhecem o valor da cultura e da memória do nosso País, e somos taxados como industriais, porém, as peças com as quais trabalhamos são únicas e não de fábrica. Estávamos precisando de uma associação para fortalecer a classe”, afirma ela. É ainda a presidente da AMA-BR quem diz que a profissão do antiquário no Brasil é uma grande batalha e depõe para Vieira:

Ainda não alcançamos o respeito e a confiança que esta profissão merece, se compararmos com a Europa e EUA. O antiquário é o profissional que pelo seu conhecimento reconhece o que é bom e o que não é, o autêntico do falso. Se não existisse o antiquário, não existiriam museus; o antiquário é o guardião do patrimônio cultural. Sem ele, muito de nossa memória se perderia ou iria para o lixo.

Essa Associação contava, à época da publicação dessa matéria, com apenas 35 (trinta e cinco) sócios. A quantidade limitada de participação, segundo a tesoureira da AMA-BR, tem a ver com o caráter seletivo da instituição que procura agregar apenas os “membros que tenham credibilidade no mercado; aqueles que exigem o *expertise* das peças.”

Entre exígua literatura nacional encontrada sobre antiquários como assunto, destacam-se os três livros, cujas citações completas encontram-se no item “Referências” deste documento, “Memórias de um viajante antiquário”, de José Claudino da Nóbrega; “No mundo estreito dos antiquários” e “Manual de um colecionador de antiguidades”, estes dois últimos de autoria de José de Almeida Santos. Obras esgotadas e de difícil acesso, o que pode ser comprovado pelos poucos exemplares existentes em acervos de bibliotecas brasileiras ou no mercado livreiro especializado em vendas de livros raros e esgotados, apresentam-se restritas em termos quantitativos. Entretanto, apresentam enorme riqueza para pesquisadores, notadamente pela exigüidade de literatura nacional

que tenham os antiquários como assunto. O conteúdo registrado em seus vários capítulos relatam e revelam, entre outras curiosidades pitorescas, as andanças, aventuras, encontros, canais de comunicação, comportamento informacional dos antiquários e sua rede de relacionamento social, de informação e de conhecimento. Revelam, portanto, parte da história da profissão, do mundo de trabalho e do comportamento desses profissionais.

Como mostram Ferreira & Amado (1998, p. XXII), o uso de relatos, biografias, autobiografias e histórias de vida como fontes de investigação provocaram “grandes debates metodológicos no campo das ciências sociais... especialmente ao longo dos anos 60 e 70”. Na década de 80, entretanto, como destacam essas autoras, houve revalorização da

análise qualitativa, resgatando a importância das experiências individuais, promovendo um renascimento do estudo do político e dando impulso à história cultural. Nesse novo cenário, os depoimentos, os relatos pessoais e a biografia também foram revalorizados...Argumentou-se, em defesa da abordagem biográfica, que o relato pessoal pode assegurar a transmissão de uma experiência coletiva e constituir-se numa representação que espelha uma visão de mundo.

Desde que o pesquisador não se esqueça de “olhar em volta”, com olhar interpretativo e visão crítica da problemática social mais ampla, como adverte Bourdieu em seu trabalho - *L'illusion biographique* - ²³ no qual “considera indispensável reconstruir o contexto, a superfície social em que age o indivíduo, numa pluralidade de campos, a cada instante”, apontando problemas e polemizando questões acerca de biografias e histórias de vida.

Tanto memórias escritas como orais constituem registros e representações de conhecimentos construídos no decorrer da vida de seus escritores ou narradores. Pesquisadores da história e da sociedade lançam mão dessas fontes para produzir

²³ BOURDIEU, Pierre. *L'illusion biographique*. Actes de la Recherche en Sciences Sociales, v.62/63, p. 69-72, juin 1986.

conhecimentos históricos, científicos, e não apenas reproduzirem relatos ordenados dos fragmentos coletados das vivências dos outros.

A memória, no sentido básico do termo, é a presença do passado.

A memória é uma reconstrução psíquica e intelectual que acarreta de fato uma representação seletiva do passado, um passado que nunca é aquele do indivíduo somente, mas de um indivíduo inserido num contexto familiar, social, nacional. Portanto, toda memória é, por definição, ‘coletiva’, como sugeriu Maurice Halbwachs”...seu atributo mais imediato é garantir a continuidade do tempo e permitir à alteridade, ao ‘tempo que muda’, às rupturas que são o destino de toda vida humana; em suma, ela constitui...um elemento essencial da identidade, da percepção de si e dos outros.²⁴

Refletindo sobre o conceito de *habitus* de Bourdieu, como algo que nós temos, uma “biografia social” que permite exercer o mecanismo da interiorização da exterioridade e exteriorização da interioridade, pode-se deduzir que memórias escritas e orais representam a própria realidade pessoal e social de quem as escreve ou verbaliza. Passado e presente se entrecruzam, da mesma forma se entrecruzam memória individual, que é também social, fronteira entre o sujeito histórico e sua cultura. Ainda em Bourdieu apreende-se a idéia de *campo*, significando “um sistema de relações sociais que estabelece como legítimos certos objetivos, que assim se impõem ‘naturalmente’ aos agentes que dele participam. Esses agentes, por sua vez, interiorizam o próprio campo, incorporando suas regras, também de maneira ‘natural’, em suas práticas”.²⁵ (o que Bourdieu chama de *habitus*).

Os conceitos acima expostos conduzem-nos a reflexões sobre a inserção, relacionamento e “marcas” do indivíduo na sociedade que, às vezes, transformam-se em produtos e registros escritos ou orais, sob formas de memórias. Levam-nos, por outro lado, para outras vertentes de reflexões. Entre elas, a questão das opções que fazemos

²⁴ Rousso, Henry. A memória não é mais o que era. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Coord.). **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998. Cap. 7, p.93-101.

²⁵ MIGUEL, Luís Felipe. Os meios de comunicação e a prática política. **Lua Nova**, n. 55-56, p. 155-184, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci>> Acesso em 30/6/2003.

por analisar determinados problemas de pesquisa, assim como adotar determinadas metodologias de trabalho ou definir acerca das ferramentas que nos auxiliarão na condução do trabalho de pesquisa.

Portanto, acredita-se que analisando sistematicamente a rotina de vida prática e intelectual de agentes sociais que se destacaram na área de comercialização de antiguidades, que registraram formalmente suas memórias, como Nóbrega (1984) e Santos (1981) assim como através de observações atentas e também criteriosas dos conteúdos registrados em outros documentos que retratam a vida de antiquários brasileiros, complementada pela coleta de depoimentos verbais de outros atuantes no mercado de trabalho contemporâneo, pode-se reconstruir e construir conhecimento subjacente, fascinante e utilitário, relacionado ao mundo de informação desses profissionais, envolvidos com o instigante mercado de artes e antiguidades. Além disso, contribui-se para a construção e desenvolvimento de áreas temáticas até então pouco exploradas pela ciência da informação, no âmbito da literatura nacional. Informações retiradas dos registros de memórias de profissionais podem ser utilizadas para fundamentar projetos de criação ou de reformulação de serviços e sistemas de informação especializados, desde que vistas sob o ângulo de fontes que provavelmente registram, entre outras particularidades, o comportamento informacional de seus respectivos autores, expressam suas necessidades e demandas de informação, entre outras variáveis. Da análise minuciosa e criteriosa desses documentos pode-se chegar a conclusões que talvez impactariam atividades de desenvolvimento de coleções, serviços de referência ou, de forma mais ampla, o próprio planejamento de serviços e sistemas de informação especializados.

Referindo-se ao antiquário José de Almeida Santos, no prefácio de seu livro “No mundo estreito dos antiquários”, Pedro Maria Bardi, que o prefaciou, lembra que

esses profissionais contribuem para a “reconstrução da história da arte nacional” e que são “elementos participantes do fortalecimento da Memória”. Compara a categoria aos historiadores que

em vez de se formarem nas páginas que contam fatos e explicam teorias, se dedicam ao conhecimento das coisas, penetrando sua intimidade, espírito e técnica da feitura, curiosos por saber tudo quanto é possível, armando soluções de procedência, presença no tempo, e quantas outras particularidades que uma peça contém envolvendo além da história geral, a particular...manipuladores dos restos do passado, do modesto *bric-à-brac*²⁶ até os famosos, e os colecionadores, que mexem no negócio e se entrosam com seus fornecedores, com eles trabalhando no respeito e simpatia para com a história.

Essa afirmativa coincide com declaração expressa pelo próprio antiquário citado, que em trecho do mesmo livro, à página 11, diz :

nós tratamos de móveis, música, pintura, pratas, etc. E verificamos que mais amamos o objeto antigo, mais o admiramos se revivermos nele o artista que o concebeu para gozo de quem se prepare para penetrar-lhe o significado em toda sua magnitude. E o fazemos com as mãos, o coração, a cabeça e o estômago.

Outros conteúdos registrados nos livros de Nóbrega e de Santos, assim como em outros documentos que tratam de antiquários como assunto, relatam situações de envolvimento desses profissionais e de seus colegas de profissão com canais, fontes e/ou recursos de informação realmente utilizados em seu cotidiano de trabalho. Expressam também suas necessidades de informação relacionadas a processos de tomada de decisão no ambiente de trabalho, entre outras características comportamentais frente à informação. Através do mapeamento do conteúdo registrado nesses documentos, pode-se ainda chegar à construção da rede informacional desses antiquários, descobrir como se dá o processo de aprendizagem instrumental e qualificação para o exercício da profissão, fatores intervenientes na escolha da

²⁶ Bricabraque: “estabelecimento comercial de compra e venda de objetos usados (roupas, móveis, enfeites etc.), de proveniências e épocas várias”, segundo a versão eletrônica do Dicionário Houaiss.

profissão, entre outras questões essenciais no que concerne à contribuição aos processos de planejamento visando à reformulação ou construção de serviços ou de sistemas de informação especializados, voltados para essa categoria específica de usuários.

Considerando o propósito de apresentar uma visão ampla sobre possibilidades de se extraírem informações valiosas via estudo de memórias de antiquários, tomamos a liberdade de reproduzir seqüência um pouco longa de citações de alguns dos documentos já identificados e lidos, os quais comprovam ser fontes fundamentais para alcançarmos objetivos geral e específicos declarados no contexto desta pesquisa.

Extratos do livro “Memórias de um viajante antiquário”, de José Claudino da Nóbrega²⁷:

Rumo ao Sul da Bahia

Estava na Zona da Mata, em Minas, quando resolvi visitar uma região antiga do sul da Bahia. Fui primeiro a Prado, porto do cacau com bom movimento de navios. Cidade do séc. XVIII, seu maior progresso foi no séc. passado, pelo que pude observar através dos móveis encontrados e das alfaias da igreja, todas do princípio a meados de 1800.

Comprei lindos cadeirões ‘império’, sofás, marquesas, cômodas e consoles ‘Beranger’, estes últimos trazidos do Recife, certamente. Havia muita cadeira de jacarandá, de verdadeiros mestres da marcenaria. O vigário local vendeu-me alguma prataria fora de uso e uma banqueta de estanho. Comprei algumas mesas de pau-brasil, madeira hoje já escassa.

Deixei tudo guardado num depósito e segui para Alcobaça, mais ao norte. Cidade maior e mais antiga calculei ter maiores oportunidades, como de fato aconteceu. [...]

Lembro-me de ter vendido a D. Anita Marques da Costa uma bela mesa de Alcobaça.

Não havia nessa época estrada litorânea para Porto Seguro.

Dr. José Nunes arrumou um homem de confiança para levar por mar numa boa barçaça, alugada por dia, podendo a dita embarcação ficar a minha disposição alguns dias. A mercadoria comprada em Alcobaça ficou bem guardada e segui por mar. Saímos às 6 da manhã com vento favorável e às 16 horas estávamos entrando na célebre barra de Porto Seguro.

Passamos perto do Monte Pascoal notei que tem semelhança com o Pico do Jaraguá.

Disse-me o barqueiro que a barra de Porto Seguro é infestada de tubarões e ai daquele que cair n'água; não volta mais à tona!

²⁷ Disponível em: <<http://www.arelíquia.com.br>> Acesso em: 19/1/2004.

Aportamos facilmente e o homem não quis ir jantar no hotel. Disse-me que jamais abandonaria sua barça e que podia cozinhar ali mesmo, dormir e ficava esperando pela minha carga. [...].

Ajuda

Na parte baixa, não existe nenhuma igreja. Em compensação, na cidade alta há quatro grandes templos. O mais importante, sem dúvida, é o de Nossa Senhora da Pena, com inúmeras raridades. A cadeia é um prédio suntuoso e lá existe uma arca seiscentista que foi queimada de um lado. Vi na Igreja de Nossa Senhora da Pena um São Francisco de barro do Frei Agostinho. A santa custódia é do séc. XVII, a naveta é uma caravela portuguesa, também seiscentista; o mesmo acontecendo com um cálice enorme de estanho e outro de prata.

Atravessando a barra de Porto Seguro, vai-se em dez minutos de canoa para o Ajuda, onde se ergue a bela e rica Igreja de Nossa Senhora da Ajuda. Vi ali uma magistral banquetta de prata e lanternas antiqüíssimas, porém tudo tombado.

Um pouco ao sul de Porto Seguro, está Trancoso. Aí comprei de um belo cartório de Registro Civil uma mesa 'D. João V' muito boa. Na igreja local mostraram-me lindas peças, mas a irmandade reúne-se só aos domingos e eu não podia esperar. Voltei a Porto Seguro e continuei trabalhando e enchendo a barça.

Numa manhã aparece-me um homem que mora num sítio dez quilômetros ao norte, na direção de Santa Cruz de Cabralia; perguntou se eu comprava ferro velho e respondi-lhe negativamente. Mas o homem descreveu-me uma grande cruz semi-enterrada a cerca de duzentos metros da praia, dentro de uma mata, e que tinha fora uma bola toda trançada de ferros. Compreendi logo que se tratava de uma cruz com globo armilar.

Acompanhei o homem e viajamos mais de uma hora até seu sítio. Lá pegou enxadões e dois camaradas com o fim de desenterrar a cruz. Chegando ao local, certifiquei-me do que havia previsto. Tratava-se de uma grande cruz com o pé e um lado enterrados. Como o terreno era arenoso, a parte mais volumosa, o globo armilar, ficou de fora. Depois de mais de uma hora, a cruz estava fora da terra e aí é que eu vi que a mesma era oscilante.

Passou pela minha cabeça o seguinte: os navegantes portugueses deviam trazer a bordo algumas dessas cruces. Ao descobrir a terra, eles atracavam e, num alto, enterravam a cruz oscilante com as armas de Portugal. Teria sido Gonçalo Coelho, em 1503? Aqui fica uma pergunta para ser respondida pelos estudiosos.

Levei a cruz para Porto Seguro e depusitei-a na barça.

Depois fui de lancha a Santa Cruz de Cabralia, no fundo da baía. Dizem que foi aí que aportou Cabral. Cidade antiga e pobre, possui uma igreja muito rica com alaias de alto valor, mas tudo tombado. Comprei de particulares imagens valiosas: séculos XVII e XVIII.

Voltamos a Porto Seguro, carregamos mais algumas coisas e depois, Alcobaça. Um dia de descanso e fui com a mesma barça ao Prado. Carreguei um caminhão FNM e voltei: Vitória, Rio e São Paulo.

São Paulo

Chegamos a São Paulo, vendi muitas peças ao antiquário Fernando Milan, inclusive as imagens preciosas de barro. A mesa "D. João V" quem comprou foi o saudoso negociante Nicolau Koltai. Uma mesa de

Alcobaça ficou com D. Anita Marques da Costa. Um belo armário ficou com Dr. César Kieffer, enquanto que a grande cruz quinhentista foi adquirida pelo Dr. Hermínio Lunardelli que era, na época, o maior comprador.

Um ano depois, o Dr. Hermínio doou essa cruz ao Museu de Bertioga, cuja diretora é a eficiente e talentosa D. Lúcia Figueira de Melo Falkenberg. D. Zezé Botelho comprou um lote de miudezas, enquanto a Sra. Rotman, famosa antiquária do Rio, ficou com as poltronas e umas cadeiras. Outra senhora que adquiria sempre muita coisa, D. Isabel Moraes Barros, colecionadora que sabia escolher com um gosto incrível, ficou com bela arca.

Lembro-me de que em 1960 aparecia sempre em minha casa uma ótima freguesa que montara casa de antiguidades de sociedade com o Sr. João Alcântara Gomes - D. Maria Baruel.

Recém-formado em direito e também recém-casado, freqüentava muito a minha casa o Dr. Paulo Vasconcellos, que iniciou seu gosto pela arte colecionando balancinhas e pequenos pesos ingleses (um dentro do outro) e veio a tornar-se um dos grandes antiquários de São Paulo, com freguesia selecionada.

Extrato de texto de autoria de Roberto Haddad²⁸:

Ingressei na 'Universidade do Antiquário' aos 14 anos. A precocidade deveu-se a meu Pai, José Haddad, engenheiro apreciador de Arte, um colecionador médio a levar-me aos grandes leilões da época, nas mansões da burguesia.

Fiz mestrado em visitas freqüentes a um dos mais antigos antiquários do Brasil moderno. O de José Abressor, na Rua da Lapa. De 1962 e até 1967, quase que diariamente, deslocava-me para ouvir de o "Zé dos Bichos", os ensinamentos para um mercado ainda latente.

Em 1967 a 1970, junto com meu Pai e o Abressor, passei a sócio de um antiquário no Rio de Janeiro. Com a morte de meu Pai, já então tendo apenas Abressor como sócio, inauguramos um novo antiquário. E voltei a Lapa boêmia carioca, sob a luz de quem trabalha.

Em 1972, já sem a sociedade, resolvi abrir minha primeira loja no Flamengo.

Em 1973, decidi que esse era o caminho que trilharia. Viajando pelo interior do Brasil na busca de raridades e visitando museus em Nova York, Paris e Londres, observava os importantes leilões nessas capitais. Viajava minha imaginação pelos dias em que chegaria aos sonhos do que viria a ser.

Em 1978, inaugurei um novo antiquário no Rio de Janeiro, nele atuando até 1984, data da inauguração de nossa atual sede. Esta ampla e acolhedora, onde coubessem os Amigos e Clientes que conquistei e que me dão prestígio.

Em 1991, com experiência adquirida não só como antiquário, mas também como organizador de leilões, tornei-me Leiloeiro Público. De 1991 a 2001, com uma equipe altamente especializada e na sede que hoje ocupo, organizei mais de 130 leilões.

Entre os importantes acervos vendidos estão os do ex-Presidente da Academia Brasileira de Letras, Sr. Austragésio de Athayde, do ex-Ministro das Relações Exteriores, Emb. Antônio Azeredo da Silveira,

²⁸ Disponível em: <<http://www.robtohaddad.com.br/historico.htm>> Acesso em 19/1/2004.

da coleção de Djalma da Fonseca Hermes e a do ex-Presidente da República Gal. João Baptista de Oliveira Figueiredo.

Recentemente foi leiloada em minha galeria, o estudo original da cabeça do Cristo Redentor, símbolo máximo da Cidade do Rio de Janeiro, esculpida por Paul Landowski e adquirida pela Prefeitura do Rio de Janeiro.

Mas não irei parar por aí. Em setembro de 2001, inaugurei uma nova sala no Corredor Cultural da Rua do Lavradio, onde passei a realizar leilões mensais, aos sábados, para atender ao interesse cada vez maior dos Clientes, sejam vendedores ou compradores. Vejo que a estrada é longa. Mas parodiando o poeta luso Fernando Pessoa, ‘Caminhar é preciso’ [...]

Memórias de uma colecionadora de bonecas e antiquária²⁹:

[...] a guerra havia acabado, éramos agora uma família e meu pai precisava trabalhar. Sem diploma era impossível. Foi aí que ele prestou concurso promovido pelo governo que daria capacitação a todos os práticos de dentista, mesmo os judeus, desde que fossem comunistas. O título ele precisou apanhar na Universidade de Varsóvia, em 1948. Quando voltou, fui com minha mãe buscá-lo na estação do trem. Ele me trazia de presente uma caixa com seis lapiseiras coloridas tchecas compradas numa casa de comissão e uma linda boneca (hoje sei que era uma KR 717) com tranças de cabelos humanos, olhos castanhos que abriam e fechavam e quatro dentinhos. Na ocasião meu pai me disse: ‘isso é muito antigo, muito frágil, quebra!’ e minha mãe completou: ‘vou fazer um vestido de fitas rosa para ela ficar sentada no meio da minha cama, de enfeite’. Pronto! Eu fiquei com os lápis e a boneca gloriosa enfeitou a cama de casal até 1957.

Passamos a viver melhor depois que meu pai obteve seu diploma. Minha mãe comprava roupas nas ‘casas de comissão’ para mim. Essas casas vendiam grande variedade de coisas antigas, novas e usadas, numa mistura de brechó com antiquário onde tudo era consignado. Quem estava precisando de algum dinheiro podia colocar lá algum objeto e, quando este fosse vendido, se pagava uma comissão ao dono da loja. Nessas casas meus pais compraram o que eu iria vestir e brincar em toda a infância. Das casas de comissão saíram meu berço laqueado de branco, meu carrinho de bebê, o de boneca e tudo de uso da nossa casa.

Foi ali que aprendi a sentar numa poltrona e ficar quietinha (sem mexer em nada, pois tudo era caro e frágil) esperando minha mãe. Em troca ganhava brinquedos antigos, que ficavam em prateleiras atrás da dona da loja. Até hoje guardo muitos desses brinquedos preciosos, lembranças de uma infância distante. Ainda nesta época, conquistei num antiquário de Krakóvia, um velho e belo peso de papel. No interior do qual há uma casinha que em polonês se chama ‘altana’, espécie de coreto, desses de pracinha. Bem, tudo que desejei nessa infância era tirar a ‘altana’ de dentro do bloco maciço de vidro. Não consegui e aqui está hoje, bem ao meu lado, continua o meu velho companheiro.

²⁹ Disponível em: <<http://www.arelíquia.com.br>> Acesso em: 19/01/2004.

Essa situação era bem comum numa época em que as cidades européias estavam em ruínas. Foi assim que aprendi que, além das casas de comissão havia o saque como instituição. Também o que era de meus avós fora saqueado, mas não havia como reclamar nada. Ninguém nunca tentou recuperar aqueles bens que o irmão de minha mãe usava. Neste dia meu tio me ofereceu de presente um grande guarda-comida azul de madeira, um bercinho branco e um carrinho para boneca, explicando que, certamente, os antigos moradores daquela casa deviam ter ali uma menina pequena como eu. [...] Ao rever minha mãe ele chorou e pediu desculpas por não ter podido ajudá-la. Minha mãe respondeu que não havia nada a perdoar, e sim a agradecer. Então ele foi até um sótão daquela velha casa - onde trabalhava como administrador antes da destruição do castelo, cuidando dos belos cavalos - e trouxe uma linda casa de bonecas que havia feito para sua única filha brincar quando esta era pequena. Era cor de rosa e tinha três andares. Chamava-se Villa Annelisa e foi a mais bela casinha que brinquei na infância. Todos os anos viajávamos para essa propriedade e eu sempre levava minhas bonecas para brincar na casa, que não possuía nenhuma móvel. Às vezes me davam umas caixas de fósforos e com elas eu brincava de faz de conta de que eram sofás, cômodas e tudo o mais. [...] Minha mãe, que na juventude havia estudado alta costura, curso interrompido durante a guerra, ganhou de meu pai no finalzinho dos anos 40 uma máquina elétrica de costura. Era uma Singer portátil, uma lindeza comprada numa casa de comissão. A máquina ficava em cima da mesa da cozinha e era ali que minha mãe costurava para nós e também para minhas bonecas. Enquanto cozia, ela vigiava o fogão, a mim e a minha babá, seus dois sobrinhos (aqueles da Tia Rosa; eles tinham ficado conosco por não terem para onde ir) e ainda um rapaz que trabalhava como protético para meu pai em nossa casa. Tudo isso cantando músicas nos mais diversos idiomas que havia aprendido nos campos de concentração. Lembro aqui que o apartamento consistia em um cômodo com cozinha. O banheiro ficava do lado de fora, dois lances de escada abaixo. [...] Nesta época, além das bonecas, costumava brincar com cartões postais de Rita Hayword e velhas fotografias que minha mãe guardara dos companheiros de campo de concentração, amizades nascidas da dificuldade e da esperança. Era como se pressentisse que tudo acabaria bem e que ainda entregaria tais relíquias, ao longo da vida, a eventuais sobreviventes. Posso lhes dizer que durante anos fiz tais devoluções a parentes daqueles que não tiveram a mesma sorte que ela. Mesmo quando viemos para o Brasil ainda havia pessoas que, não se sabe como, a procuravam em busca de qualquer lembrança de entes queridos. [...] amigos também mandavam para meus pais cartas e cartões postais e aos três anos eu já colecionava os selos que eles me davam para brincar. Percebendo meu interesse, papai me deu um Atlas em sépia, para que eu pudesse saber, ainda aos quatro anos de idade, de que partes do mundo vinham os selos que eu estava juntando. Pela primeira vez vi uma foto do Rio de Janeiro e disse para minha mãe que ainda iria morar neste lugar. [...] Começou a operação para sairmos da Polônia. Em Junho de 1957 chegou o visto para o Brasil e em meio à tumultuada mudança, minha babá me disse que queria como lembrança a boneca tcheca que eu havia ganhado de meu pai em sua volta de Varsóvia, quando foi buscar seu diploma. Não disse nada. Não pude fazer nada, pois já perdia num só dia a babá e a boneca, sem falar no cachorro. Daí para trás tudo se perderia, como num incêndio,

com a nossa mudança de país. O perdigueiro ruivo foi para num sítio na periferia. Na partida, ao andar pela rua, sempre virava a cabeça para trás, como se fosse uma despedida. Os cães sabem... A babá ainda vive lá sua vida e se correspondeu esse tempo todo com meus pais. A boneca, o filho dela quebrou.

Em 17 de Setembro de 1957 eu ouvi meu pai me dizer no aeroporto de Bruxelas: ‘Agora você é uma pessoa Livre!’. Nesse dia me deu um dólar, e eu lhe pedi para comprar uma boneca, foi a primeira da colecionadora que sou hoje. (FANNY BERTHA).

Extrato de depoimento de um colecionador de antiguidades³⁰:

[...] Colecionador de antiguidades precisa ser obcecado. Com todos os tiques e chatices que a palavra implica. Precisa ter faro (e muito!), conhecer o métier (pelo menos o básico) e ter dinheiro na conta. Garimpar objetos que levam a marca de antigüidade — e isso está longe de significar velharia, embora o tempo seja um indicativo — é atividade muitas vezes arriscada. É fácil ser enganado e acabar levando lata pelo preço de ouro.

O parágrafo acima faz parte do discurso de todo antiquário. Entenda-se por essa palavra todos os loucos que resolvem se dedicar ao assunto. ‘É paixão’, classifica Ana Zélia Machado Leite, uma das integrantes do seletto grupo de obcecados que não pensam duas vezes em cruzar o mundo em busca de quinquilharias e mobiliário com mais de 100 anos. Sim, um século. Porque essa é a primeira regra a observar. Objetos e móveis com menos idade não são antiguidades.

Dona Zélia foi uma das primeiras a investir em móveis antigos em Brasília. Com ela está Celso Albano. Os dois estão entres os fundadores da Associação de Antiquários da capital, que reúne mais de 60 colecionadores, estudiosos e comerciantes. Todos os primeiros finais de semana de cada mês, eles se encontram para a Feira da Associação de Antiquários no shopping Casa Park. ‘As feiras são os melhores locais para a compra, é onde tem mais mercadoria e reúne comerciantes que têm lojas e autônomos’, explica Décio Andrade, presidente da Associação e especialista em antiguidades há 15 anos. Três vezes por ano, esses colecionadores e comerciantes se reúnem também para leilões. São ocasiões ideais para adquirir peças cujo valor é inquestionável. Mesmo assim, vale se informar. Livros e catálogos podem ajudar, mas é preciso ser orientado.

Zélia, Celso e Décio são unânimes em apontar a confiança como arma vital para o colecionador. E isso vale para iniciantes e veteranos. ‘O comprador tem que saber com que tipo de profissional está lidando, porque hoje se falsifica tudo. Duas dicas são as referências e a quantidade de anos no mercado’, garante Celso. Em sua coleção, só entram peças cuja origem pode ser comprovada.

Celso reconhece a autenticidade só de olhar. ‘Os cristais, por exemplo. Os antigos eram lapidados com diamante e você reconhece porque sempre têm uma imperfeição. Hoje, os desenhos são prensados e 100% perfeitos’, avisa. O mesmo para um móvel. ‘Você passa a mão e

³⁰ MACIEL, Nahima. **Garimpo do passado:** quem compra antiguidades deve ficar atento para não levar falsificações ou reproduções. Saiba como identificá-las. Disponível em:
< http://www2.correioweb.com.br/cw/2001-07-21/mat_46598.htm> Acesso em: 23/9/2003.

sente que a textura da madeira é macia’, emenda Zélia. Sinal de uso e tempo, ensina.

‘Comprar antigüidade é como confiar em médico’, compara Maria Cristina Costa, outra garimpeira do passado. Ela lembra que réplicas de antiguidades são muito comuns. Outro detalhe que pode comprometer a qualidade das peças é a restauração. ‘Não que tire o valor, porque é difícil passar 100 anos sem restaurar. O importante é que o comprador seja informado disso’, diz.

Celso explica que uma restauração só reduz o valor do objeto se o modifica. No caso de uma xícara, por exemplo. Se a asa quebrou e foi colada, tudo bem. Mas se foi refeita, aí não é mais original. Outro detalhe é o preço. É preciso que o comprador esteja disposto a desembolsar R\$ 7 mil por um armário ou R\$ 10 mil por uma caixa de chá. Como avisou Zélia, é caso de paixão mesmo.

Trecho retirado de texto de autoria de José Claudino da Nóbrega³¹:

Visitando Arraias, comprei muitas antiguidades. Havia lá os restos de uma igreja construída há duzentos anos.

Quando desabou, soterrou preciosas imagens. O Pe. Petrocílio, todos os domingos, em sua prática, apelava para que o povo recuperasse as imagens. Nada! Ninguém atendia. Depois de dois meses, o ‘padre vaqueiro’, como era chamado, trouxe de sua própria fazenda alguns peões que executaram os serviços e salvaram as imagens, embora danificadas. Certo dia, o padre enviou o sacristão à minha presença, pedindo que o procurasse com urgência. Fui atendê-lo em sua residência. Mostrou-me as imagens e contou longa história sobre a recuperação das mesmas. De fato, eram verdadeiras obras de arte.

Os extratos de textos dos documentos destacados possibilitam infinitas interpretações e apontam características das personalidades dos antiquários estudiosos, colecionadores e comerciantes integrantes destes registros. Apontam ainda fluxo, canais e fontes de informação preferenciais utilizados para subsidiar realização do seu trabalho. Explicitam, nas linhas e entrelinhas de suas memórias, mesmo que aparentemente encobertas, sua rede de relações informacionais.

Tendo-se em vista alguns trabalhos lidos acerca de perfis de profissionais atuantes no mercado nacional, deduziu-se, por analogia, que os antiquários também poderiam apresentar características de empreendedores. “Considera-se empreendedor o indivíduo que, ao criar ou montar seu próprio negócio, demonstra certas características

³¹ NÓBREGA, José Claudino da. A história das imagens soterradas. **In: -----**. Memórias de um viajante antiquário. São Paulo : Raizes, 1984. Extrato publicado em: <<http://www.areliquia.com.br/67MemViajA.htm>> Acesso em: 28/1/2004.

que o distinguem de outros que também têm o seu próprio negócio e, no entanto, não são considerados empreendedores”.³²

Desse conceito, que se pode interpretar como um pouco indefinido, subentende-se que empreendedores possuem um diferencial em relação aos demais no modo de tratar seu negócio ou sua atividade profissional. Dias, 1991, p. 19, conclui que “o conceito de empreendedor se aplica a indivíduos que com determinação e empenho se dedicam à utilização de ferramentas como a criatividade e a inovação para estabelecer um negócio ou gerir uma organização”.

Assim como esse autor, outros observam que o conceito de empreendedor envolve idéias que se relacionam com inovação, mudança, criatividade, iniciativa, empenho, determinação, desejo do gerente ou empresário de introduzir mudanças e de concretizá-las. Schauder, citado por Dias, p. 9, considera que a “atividade empreendedora não envolve apenas a mudança, mas a mudança com risco”. Outros ressaltam que mudanças decorrentes de pressões ambientais que caracterizam ausência de outras opções a não ser mudar, significando além da ausência de alternativas, falta de ousadia do gerente ou empresário, não garantem que atitudes do indivíduo ou empresário tenham sido movidas por espírito empreendedor.

Ainda Dias, no contexto já citado, afirma a existência de “duas facetas do empreendedor: a empresarial e a gerencial”. A primeira leva “o indivíduo a ter idéias para negócios, a concretizá-los e a mudar o rumo desses negócios, às vezes até de forma drástica.” A segunda sugere aplicação dessas mesmas características na condução efetiva do negócio, lançando mão dos princípios de administração.

Projetos voltados para a melhoria, dentro de uma organização e nos processos de trabalho dessa, também são considerados entre atitudes gerenciais ou empresariais empreendedoras.

³² DIAS, 1991, p. 9, citado na seção “Referências” deste trabalho.

Traços de personalidades de trabalhadores, gerentes e empresários, destacados pela demais literatura revista, revelam o elenco de qualidades que enquadrariam empreendedores: ambição, autoconfiança, criatividade, dedicação, ousadia, visão, iniciativa, comprometimento, curiosidade, liderança. (KUGLIANSKAS, 1996, FERRAZ, 2002).

Como pôde ser visto em alguns dos trechos apresentados sobre a atuação dos antiquários, algumas dessas qualidades mencionadas parecem fazer parte da personalidade de certos profissionais desse ramo.

Interessante destacar, a título de contextualização e com referência à história do exercício do antiquariato no Brasil, algumas observações feitas por Santos (1981) em livro de sua autoria, editado pelo Museu de Arte de São Paulo “Assis Chateaubriand” e prefaciado pelo seu então diretor, Pietro Maria Bardi, eminente profissional da área. Almeida, como parece que era mais conhecido o antiquário José de Almeida Santos, nesse livro a que nos referimos, intitulado “No mundo estreito dos antiquários”, traça um panorama do antiquariato no país, refletido através de seus casos, correspondências, dicas e ensinamentos. Demonstrando conhecimento empírico e teórico da área, assim como indicando fontes de informação por ele utilizadas, sua narração parece desvendar mazelas, vantagens e desvantagens da profissão de antiquário, registradas em sua memória. “A recriação do passado feita por pessoas simples, testemunhas vivas da História, é diferente da versão oficial que se lê nos livros”, a não ser que esse livro também tenha sido escrito por ela, produto que foi enriquecido, portanto, pelo relato literal e concreto de seu trabalho, onde registra o que ela extrai “da experiência – sua própria ou aquela contada por outros. E, de volta, ele a torna experiência daqueles que ouvem a sua história”. (BARBOSA, 1987)³³. Santos dá a impressão, nessa obra, de

³³ Uma psicologia do oprimido, prefácio do livro: BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: T. A. Queiroz; Ed. da Universidade de São Paulo, 1987.

revelar tanto sua memória individual quanto a coletiva, expondo “seus laços de convivência familiares, escolares e profissionais” (BOSI, 1987, p. 332).

Com relação ao comércio na cidade de São Paulo, por volta de 1918, incluindo o incipiente antiquariato e o de edições de livros, Santos observa a precariedade de ambos, condição que também ocorria em outros campos comerciais. Especificamente sobre os estabelecimentos dos antiquários, comenta:

[...] e que não dizer de antiquários esvaziados, fossem colecionadores ou comerciantes? Meia dúzia de ferro-velhos, nome dos vendedores de velharias registradas por Eça de Queirós, outra meia dúzia de pessoas curiosas comprando dos primeiros coisas sem valor – ou de valor, em idêntica condição porque não havia meio material de alguém conseguir um patrimônio intelectual de informações, devido à ausência de museus, de literatura nacional ou estrangeira e sobretudo da impossibilidade de homose. Literatura já havia, mas em inglês, francês, alemão, fora do alcance dos colecionadores embriões.

Em diversos momentos de sua narrativa, Santos destaca situações difíceis ou constrangedoras enfrentadas pelos antiquários brasileiros no início de suas atividades, a que ele atribuía questão de adaptação às circunstâncias da época, em que teriam que superar as dificuldades inerentes a “um cenário pobre e sem recursos de espécie alguma, salvo a vontade de continuar”. Muitas vezes tinham que agir movidos pela simples intuição, devido à ausência de literatura e de embasamento prévios na área de artes e antiguidades. “No Brasil de então, sobre a matéria, nada existia. Ainda hoje pouco há sobre a especialidade”, afirma Santos (p. 11). Observa que, em Portugal, as crianças já aprendem Arte em livros, ainda no curso primário das escolas públicas, enquanto aqui não só os antiquários como outros profissionais “mal tangenciam as coisas de arte, não aprofundando seus conhecimentos a não ser de modo empírico.”

Entre outros fatores que limitavam ou desfavoreciam o trabalho, ressalta a falta de segurança no trato da mercadoria e no trato com os clientes da época, desconfiados e desprovidos de *experts* para esclarecimento de dúvidas, pois “...havia carência de pessoas credenciadas para os diferentes misteres das atividades artísticas ou

profissionais, bem como para as atividades em geral.” Inexistência de uma tradição que englobasse colecionadores e mercadores de integridade, da mesma forma, parecia caracterizar essa época. Ainda outra variável interveniente no trabalho dos antiquários, registrada por Santos, tem a ver com o próprio conceito sobre o antiquário, a que ele atribuía ser resquício de uma mentalidade preconceituosa, que o associava a seus precursores comerciantes e negociantes de “ferro-velho”, o adelo, sempre vistos como intrujões e perigosos. No decorrer do texto, Santos relata alguns episódios que parecem justificar a desconfiança em relação às atividades de alguns comerciantes do ramo, incluindo descrições de falsificações de objetos e outras intrujices e “percalços que denigrem a profissão de antiquário e revelam a mente de alguns compradores” e vendedores de “bugigangas”. Atribui muitas dessas falhas ao desconhecimento da clientela principiante nesse mercado, que não possuía discernimento, acumulava objetos destituídos de valor e de qualquer significado, e “por não recorrerem a um profissional honesto, e pela precariedade do próprio conhecimento”. O desejo predominante desses clientes, de sempre obterem pechinchas nas negociações, também é fator que parecia influenciar as transações relatadas por Santos, ocorridas tanto em São Paulo como no Rio de Janeiro e em outras cidades brasileiras.

Contatou-se uma interferência pessoal desse antiquário, nesse particular, relacionado ao colecionismo, em trecho no qual discorre sobre algumas coleções particulares de antiguidades que ele conhecia, revelando características - qualidades e imperfeições – desses colecionadores. Em um desses relatos, às páginas 107 e 108, observa:

[...] comprava, indiferentemente, toda louça que lhe agradava à vista. Tudo belo, mas a coleção se transformaria em conjunto eclético, coisa informal, sem um critério definido [...] sua coleção é imensa, mas desordenada. A senhora está acumulando uma fortuna em objetos ecléticos. Não há programática de seleção em suas compras. Por que não harmonizar algumas linhas de estilos e épocas e prosseguir dentro desse critério? – Como? – perguntou-nos. E nós: - A senhora tem

excesso de “azul borrão” e “azul pombinho”, louça inglesa sem qualidades, salvo a que admitimos como caráter de época, sem requinte. [...] – Bastam algumas peças para representar o período em sua coleção. A senhora, com o seu bom gosto, deveria integrar-se com a porcelana Companhia das Índias.

Observa-se claramente nesse episódio um processo de transferência de informação e de conhecimentos entre o antiquário e seu cliente, o que nos leva a crer que realmente isso aconteça freqüentemente também em outras circunstâncias de negociações ou de troca de informações sobre assuntos de interesse comum, baseando-se nesse e em outros registros relativos ao assunto.

Santos, à pagina 18 desse mesmo livro **No mundo estreito dos antiquários** revela que, talvez por intuição, tenha deixado de realizar negócios com indivíduos ligados à igreja, viúvas ou pessoas indecisas. O que parece não ter acontecido com Nóbrega, pois no seu livro **Memórias de um viajante antiquário** descreve detalhadamente suas transações efetuadas com representantes religiosos, incluindo padres e seus herdeiros, além de outros membros das igrejas das várias cidades visitadas por ele à cata de antiguidades e outras preciosidades:

[...] Uma vez fui visitar o convento de Santo Amaro e fiquei muito amigo dos padres. Um deles marcou o domingo seguinte para que o procurasse em Enseada de Brito. No dia marcado, lá estava eu, firme. Após a Santa Missa, o padre começou a tirar uma prataria enorme de dentro dos gavetões e vendeu-me tudo! O mesmo religioso pediu que eu fosse a Garopaba no primeiro domingo do mês seguinte. Trabalhei muito em Palhoça e no dia marcado fui ao encontro do bom padre e comprei os maravilhosos móveis da velha igreja do século XVIII: um arcaz rico e um par de credencias “D. José”. Um dia fui à Vila Nova, comprei, de família herdeira de um padre, dois tocheiros do século XVIII e um aparelho de chá, de prata do Porto 1830. [...] Vejamos agora as igrejas de Florianópolis: a Matriz possui valiosa relíquia, a imagem de Nossa Senhora do Desterro, ou “Fuga para o Egito”. A de São Francisco possui quadros importantes e móveis de época. A Lagoa ostenta o lampadário doado por D. Pedro II e bem assim o lindo ostensório com dedicatória. Peças de 1845. A mais rica e original era a de Santo Antônio, na Ilha. Era toda dourada em folha de ouro do século XVIII. Restaurada, desfigurou-se. A igreja de São José passou por várias reformas, mas conserva imagens belíssimas, inclusive um São Lucas, trazido pelas tropas josefenses, como troféu de guerra, do Paraguai. A igreja de Armação da Piedade conta com relíquias do século XVIII. Outra igreja digna de nota é a de Laguna, onde se

encontra Nossa Senhora da Conceição, obra de Victor Meirelles. As alfaias, os entalhes e os lustres são preciosos.

Revelando-se profissional comerciante, conhecedor das artes sacras, em seu relato de viagens ao Mato Grosso, à Bahia, Pernambuco e Paraíba, ressalta:

[...] No dia seguinte fui apresentar [...] meu novo sócio, ao Vigário-Geral. Ele conversou bastante e disse que, depois do almoço aparecêsemos. Ia calcular sobre o que poderia dispor. Almoçamos numa churrascaria e, na hora marcada, lá estávamos frente ao Padre Osvaldo. Já havia escolhido as peças transacionáveis: as lanternas “D. João V”, o par de castiçais datado de 1830, uma banquetta “D. João V” completa, inclusive as sacras, e um pequeno lampadário “Império” (este último para ser copiado e devolvido). [...] Trabalhei empenhadamente e, em oito dias, peguei umavião militar, levando um viático, muitos ex-votos e uma Sant’Ana um tanto danificada pelo cupim, mas raríssima. Pertencera à capela de um antigo distrito do mesmo nome, onde no século XVIII se extraiu muito ouro. O viático, pequeno, é de uma beleza sem par. Obra de fino labor, servia para o sacerdote levá-lo sob a umbela, no sacramento da extrema-unção. [...] Chegando a São Paulo, tive uma grande surpresa. [...] após a minha saída de Cuiabá, comprara também o maior lampadário da Matriz e já o transacionara, juntamente com as belas lanternas “D. João V”, com o saudoso colecionador e proprietário da Editora Nacional, [...] Cedemos a Sant’Ana ao antiquário polonês [...] e o viático ao Eng. [...] Os castiçais do Museu de Arte Sacra foram adquiridos pelo médico [...]

[...] Começamos a trabalhar primeiro com os padres do Rosário, que nos venderam um belo arcaz³⁴ de três metros de comprimento, todo policromado, com motivos de caça. Negociamos depois com particulares num lugar distante cinco léguas, chamado Santa Rita. Um padre do Rosário, que nos acompanhava, incentivou o pessoal da terra a vender toda a prataria, alegando que a igreja precisava de reforma. Além do mais, se a prataria lá ficasse seria roubada com certeza. Pagamos oitocentos mil cruzeiros pelos objetos, inclusive uma madona extremamente bela e rara, que o meu amigo [...] pejejou para comprar [...] e eu não podia vender devido à cláusula contratual.

[...] Voltei novamente à Bahia, subi para Pernambuco e Paraíba, revi parentes e fui à velha cidade de Mamanguape, comprando duas lanternas de procissão simplesmente fantásticas. Não eram de cabo comprido. Eram levadas nas mãos durante a procissão e, após esta, ficavam sobre o altar, uma de cada lado.[...] Já havia comprado em Porto Calvo, a cidade de Calabar, um arcaz de sacristia que, chegando em São Paulo, foi vendido incontinenti ao antiquário [...], que, por sua vez, o repassou ao [...] que até hoje o conserva como verdadeira relíquia.

³⁴ Volumosa arca com gavetões; móvel característico de sacristias onde é usado para guardar os parâmetros e alfaias das igrejas, conforme Houaiss.

O antiquário José de Almeida Santos (1975), em várias seções de sua obra **Manual do colecionador de antiguidades**, expõe situações de seu envolvimento com museus nacionais e internacionais, que se acreditam acontecidas ao longo de sua prática profissional.

Algumas passagens deixam claro o uso que fez dessas instituições como fontes de informação, às vezes, criticando-as no que diz respeito ao seu funcionamento, organização ou cumprimento de sua missão, como pode ser constatado nos trechos citados:

[...] A peça da figura 204 é uma papeleira do século XVIII (de 1770), magnífica expressão do mobiliário universal. Mas constrange-nos vê-la displicentemente atirada num vão de passagem entre salas do Museu Histórico do Rio de Janeiro. No armário vêem-se diversos álbuns, e ao seu redor, algumas gravuras e bandeiras. Mais ao fundo, há uma vitrina com estampas, com visível objetivo de mostruário – tudo em confusão. É fácil compreender que o partido ornamental e evocativo de tal peça, colocada em ambiente uniforme, composto de outros móveis e objetos do mesmo período, adquirirá relevo e despertará a curiosidade nos visitantes do museu. Relegar semelhante móvel a recanto esconso, pespegar-lhe uma etiqueta morta, não é contribuir para esclarecimento de coisa alguma. O lugar para um amontoado de bugigangas é no depósito, e nunca um museu, pois a este incumbe existir expoentes representativos de cada forma de arte. Não basta simples visão dos exemplares credenciados do que se fez para o conforto, o embelezamento e a dignificação da vida humana, quando se tenha em mira a educação do gosto. É imperioso àqueles investidos no encargo de difundir conhecimentos de arte, que o saibam fazer, e que, tomando dessas peças e as expondo, o façam, a seu turno, com arte. De resto, sendo os museus instituições de pedagogia, o desenvolvimento do ensino deverá se achar ali na razão direta do nível da expressão, pois, matéria complementar do ensino superior, deve decerto reger-se por mestres de visão artística. A fim de acobertar-nos de sátiras impiedosas de um *Lowenstein*, que compara as salas dos nossos museus aos tenebrosos antros alquímicos do século XVII, forçoso é pouparmo-los do aspecto de arcas de velharias, de entulho heterogêneo. O gosto não prescinde, para educar-se, de salões espaçosos, cheios de luz e cor, ar abundante e asseio impecável, sobretudo, de ambiente apropriado e harmonioso. [...]

Quanto às suas considerações acerca dos museus como fontes de informação, contesta as inscrições gravadas em etiquetas apostas aos objetos em exposição, as quais considera de conteúdo vago ou pouco esclarecedor, quando diz:

[...] Até agora as etiquetas dos museus contêm inscrições vagas. Ao transpor seus ombrais (*sic*) todos devem estar munidos de bagagem incompatível como os recursos para juntá-la – esfacelados côvados de conhecimento colhidos aqui e ali, ao acaso. Se observarmos um móvel, verificaremos a inscrição: “Pertenceu a Fulano de Tal, 1750-1830”. Qual será o significado dessa data? O período do estilo do móvel? Não. Apenas a data do nascimento e morte de seu antigo dono. Ora, tomando-se para exemplo tal etiqueta, para compreender a razão do móvel naquele mostruário, seria mister conhecer o “Fulano” ou saber de antemão o estilo e a época da peça, pois como verdade morta, amortalha o interesse que pudesse suscitar. E esse é o processo inexpressivo e estéril de apresentar objetos de história e arte nos museus crioulos.

Outra falha, registrada por esse antiquário, em relação ao referido Museu Histórico do Rio de Janeiro, como fonte de informação, diz respeito a enganos cometidos em classificação de objeto em exposição, o que se constatou através dessa sua observação, à página 274 da mesma obra:

[...] o presente exemplar é um banco “Mineiro-Goiano, refletindo em sua expressão singela o ambiente rude da colônia, onde as dificuldades de mão-de-obra e de instrumentos profissionais deviam ser quase insuperáveis. Este banco, com o assento forrado de damasco, está classificado pelo Museu Histórico do Rio de Janeiro como Sofá. Embora seja contra o feitio do presente trabalho vasculhar sutilezas para criticar, não podemos concordar com a classificação contida na etiqueta desse banco. A denominação de sofá, para este móvel é incorreta. Quando se fala em sofá, têm-se logo, a idéia de um móvel amplo e confortável, pois a própria etimologia nos dá a sua origem oriental.

Em outro trecho, discorrendo sobre museus de São Paulo e do Rio de Janeiro, Santos atribui muitas das falhas por ele assinaladas no contexto dessas instituições ao provável despreparo de seus dirigentes, funcionários ou de outras pessoas designadas para tratar de assuntos museográficos. Referindo-se a incidentes ocorridos no processo de estabelecimento do Museu de Móveis de São Paulo, e no cotidiano do Museu Histórico Nacional, na Guanabara, é o que deixa transparecer nesse sentido, ao afirmar:

[...] A comissão para isso designada foi composta de nomes respeitáveis. Mas se tais delegados examinassem os próprios conhecimentos sobre o assunto talvez se estarrecessem por não compreenderem por que foram indicados para o mister. Após muito tempo nada de concreto foi realizado, salvo uma inauguração

precipitada, onde os móveis expostos eram de empréstimo. Com semelhantes disparates, os de atribuir funções específicas a leigos, jamais se organizará um museu digno desse nome, museu vivo e atuante. [...] O Museu Histórico Nacional, na Guanabara, era um modelo de displicência, por ignorância, do tratamento de assuntos museológicos [...] O diretor e fundador do Museu, já falecido, era dedicado e seus erros numerosos devem debitar-se à falta de base melhor, de orientação orgânica programada. Era, como hoje, tudo improvisado. As fontes de informação escassas. [...] o assunto é amplo e excede os limites de uma nota de Manual, breve mas pertinente por seus vínculos com o trabalho em curso.

Nota-se, em outro livro de autoria de Santos, **No mundo estreito dos antiquários**, que Pietro Maria Bardi, diretor do Museu de Arte de São Paulo “Assis Chateaubriand” (MASP) à época da edição dessa obra que prefaciou, mantinha estreito relacionamento com aquele antiquário. Pietro Maria Bardi, no prefácio desse livro, evidencia a função dos museus como centros de difusão cultural. Justificando a edição da obra do antiquário José de Almeida Santos pelo MASP, cita-o como “o decano dos antiquários brasileiros” e o compara a “Jacopo Strada que Ticiano retratou como antiquário cesareo do imperador Rodolfo II de Absburgo.” Ressalta que essa iniciativa de homenagear personalidades das artes e de outras áreas através da edição de livros coube a Assis Chateaubriand, fundador do Museu em 1948.

Quanto ao antiquário, e autor do livro destacado, à página 60 dessa obra assim alude ao ex diretor do MASP:

Ao professor Pietro Maria Bardi, o Brasil, e São Paulo em particular, têm uma dívida muito grande de gratidão. É um ítalo-brasileiro, por adoção, que honra sua terra natal e o país que o acolheu. Ele criou um grande museu em normas técnicas modernas, incluindo o prédio projetado por sua mulher, arquiteta que orgulharia qualquer capital: Londres, Roma, Paris. E soube selecionar auxiliares que amam o que fazem, p. ex.: o doutor João Marino.

Transações entre antiquários e museus aparecem em outros depoimentos escritos, inclusive no livro de Nóbrega (1984), como pode ser visto nos dois exemplos, a seguir transcritos. O primeiro deles envolve compra de peças de um museu particular

e o outro mostra a transação feita com representantes de igreja católica, que negociavam peças de um museu de arte sacra.

[...] Havia, no princípio do século, em Cuiabá, um museu particular com o nome de D. José, em homenagem ao primeiro bispo de Mato Grosso. O proprietário desse museu fora um desembargador do Tribunal de Justiça do Estado, que, ao falecer, deixara todo o acervo para um filho, que também atingiu o alto posto do pai no Tribunal. Mas achou aquilo um capital parado. O prédio, próprio, ficava lotado com aquelas antiguidades, sem poder ser alugado [...] Aposentando-se o desembargador, que se mudou para o Rio de Janeiro, ficaram ali guardadas peças de pouco valor, mas mesmo assim obtive armas, gravuras de índios de Rugendas e alguns manguitos escolhidos. Paguei e levei tudo para o depósito.

[...] Após alguns anos, voltei novamente a Cuiabá. Meu bom amigo Padre Wasiki já havia falecido. O novo vigário-geral era agora o padre Oswaldo Ventoruzo. Homem de quarenta e tantos anos, bem apessoado e acima de tudo muito comerciante, manifestou desejo de vender objetos, inclusive peças do Museu Sacro deixado por seu antecessor, uma vez que ninguém visitava a exposição. D. Aquino, disse-me ele, fora contrário à fundação, como fora também contrário ao tombamento de obras de arte pelo governo federal. Mandou que eu voltasse no dia seguinte: precisava refletir. [...] No dia seguinte, fui à presença do Padre Oswaldo Ventoruzo. Na sala do Museu de Arte Sacra, à direita da nave, erguia-se a grande imagem de São Jorge montado em seu cavalo, com a lança na mão, bem como outras peças. Mas o Padre Oswaldo não queria dispor senão de pequenas peças que não desfalcassem o museu. Pela manhã, disse-me ele, mandara avaliar a campainha em seu ourives de confiança: oito mil cruzeiros novos. – “Foi uma avaliação correta, pois a peso de prata ela vale três mil”, disse-lhe eu. – “Bem, se o senhor quiser dar os oito mil”, pode levá-la. Meu coração deu alguns pulos e confesso que tive de apoiar-me no São Jorge para não cair, enquanto o padre ia à porta que dava para a nave ver se não havia alguém que me visse sair com a peça. Lá estavam umas solteironas rezadeiras e o bom padre arrumou um modo prático da peça sair sem ser vista. Pegou um jornal, amassou-o entre as mãos e encheu a parte de baixo da campainha com aquele chumaço, a fim de o badalo ficar imóvel... Em seguida, levantou a batina e meteu a mão no bolso segurando o cabo da campainha. Assim, atravessamos a nave e entramos na sacristia. Aí, paguei o prometido, exigindo um recibo pela compra. Só que os outros padres davam o recibo: “Vendi, ao Sr. Fulano de Tal...” e o nosso amigo Padre Oswaldo, não gostava da palavra “vendi”, ficava mal. Dava-me os recibos sempre assim: “Cedi definitivamente, ao Sr. Fulano de Tal...” Saí dali trêmulo e até ofegante! Tinha em minhas mãos, talvez a maior raridade que um antiquário sul-americano almejasse obter. Os dizeres da peça dançavam no meu cérebro: “Colônia do Sacramento, 1788”. Portanto, na esplêndida época das Missões [...]

Nos livros dos antiquários escritores Santos (1975; 1981) e Nóbrega (1984) existem várias outras passagens que revelam a rede de relacionamento desses

antiquários com instituições, seus fornecedores, clientes eventuais e colecionadores, amigos e colegas de profissão, da mesma forma, com profissionais de outros ramos. As obras citadas desses autores registram fatos esclarecedores acerca de seu comportamento informacional e de suas fontes preferenciais de informação. Interessante destacar que também arquivos institucionais e particulares são citados entre fontes de informação desses antiquários escritores, o que pode ser observado nos depoimentos a seguir:

[...] A maior parte das peças antigas de prata integra hoje o patrimônio das igrejas, donde procedem as melhores existentes em coleções de particulares. Vejam-se lâmpadas, castiçais, turíbulos, galhetas, navetas, âmbulas, banquetas e relicários, além de outras que figuram nessas coleções e far-se-á idéia da extensão da riqueza desviada, legítima ou ilegalmente das mãos dos seus depositários. As irmandades e ordens religiosas dispensavam grande carinho às alfaias litúrgicas, e a documentação contida em seus arquivos nos daria amplo esclarecimento sobre encomendas e conseqüente produção, se não sobejassem tais objetos ainda no poder dessas entidades, objetos umas vezes trancados ciosamente em armários, arcas ou cofres, outras expostas à cobiça irrefreável dos colecionadores inescrupulosos e dos negociantes de ainda pior jaez.

[...] pelos assentamentos da Corporação dos Fabricantes de Cristal do Século XVIII, em Altare, depreende-se que a propagação da arte de soprar vidro na Boêmia, na França e na Inglaterra se deveu ao retorno de assalariados que, indo trabalhar sob contrato, aprenderam a técnica e, com isso, acarretaram a decadência de Murano.

Pietro Maria Bardi, já mencionado como prefaciador de Santos (1981), entende o processo de criação de conhecimento do antiquário ou o seu processo de construção do saber como conseqüência de uma experiência vivida com a sua intuição, que acredita própria dos veteranos do antiquariato,

figuras que nós, da profissão, temos em conta como historiadores que, em vez de se formarem nas páginas que contam fatos e explicam teorias, se dedicam ao conhecimento das coisas, penetrando sua intimidade, espírito e técnica da feitura, curiosos por saber tudo quanto é possível, armando soluções de procedência, presença no tempo e quantas outras peculiaridades que uma peça contém envolvendo além da história geral, a particular. Os manipuladores dos restos do passado são os antiquários, do modesto *bric-à-brac* até os famosos, e os colecionadores, que mexem no negócio e se entrosam

com seus fornecedores, com eles trabalhando no respeito e simpatia para com a história.

A literatura nacional sobre o assunto é bastante escassa, repetimos, especialmente em termos da produção editorial circulada e divulgada formalmente e de caráter científico.

Essa reafirmação embasa-se em pesquisas realizadas também em outras grandes bases de dados que concentram a produção literária brasileira, incluindo material bibliográfico diversificado, como livros, artigos científicos, dissertações e teses, trabalhos publicados em anais de eventos técnico-científicos e similares. Entre fontes consultadas, objetivando checar a literatura já publicada, destacam-se: **Catálogo Coletivo da Rede Bibliodata**³⁵, catálogos *online* que representam acervos específicos de bibliotecas universitárias de médio e grande porte considerando o padrão nacional³⁶, catálogos *online* de teses e dissertações produzidas por autores brasileiros no Brasil ou no exterior³⁷. Além dessas fontes, utilizou-se ainda como recurso para recuperação de informações acerca da cobertura do assunto, de ferramentas de busca na Internet (Google, Todobr e outros), restringindo pesquisa pela língua portuguesa ou por abrangência territorial.

4.4 Importância da comunicação e da informação na vida pessoal e social e das redes de informação

Acredita-se ser de senso comum que a comunicação constitui uma necessidade básica do ser humano, do homem social. Não é “um fenômeno isolado,

³⁵ Armazenava aproximadamente um milhão e oitocentos mil registros, originários de quase uma centena de bibliotecas universitárias, de institutos de pesquisa, Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro), bibliotecas públicas todas integrantes da Rede Bibliodata, coordenada, à época da pesquisa, pela Fundação Getúlio Vargas, sediada na cidade do Rio de Janeiro.

³⁶ UFMG, UNICAMP, UFRJ, UFPR, UFRGS, USP, entre outras.

³⁷ Teses Brasileiras (IBICT/CAPES).

nem contemporâneo. Ela é uma necessidade básica do ser humano, do homem social.”, como lembrado por Mueller (1990, p. 8).

Considerando a comunicação como essência sociável do homem, a história mostra, desde as formas de organização social primitivas, a necessidade de encurtar distâncias entre pessoas e lugares, de estabelecer relações sociais e de criar instrumentos tecnológicos, objetivando viabilizar a troca de informações, fundamentais à própria sobrevivência da espécie humana. Segundo Xifra-Heras (1975), “O homem, sozinho, encontra-se mais indefeso e mais carente de auxílio do que qualquer outro ser criado.” Ressalta este mesmo autor as limitações do ser humano, que tenta superá-las de diversas formas, entre elas, através da busca de comunicação com seus semelhantes, e afirma que “... é a falta de suficiência que determina, no homem, uma abertura para com os outros.”

Após a superação do tradicional modelo de comunicação, em que um emissor transmite, através de um meio, informações a um receptor – emissor, canal, receptor e no interior, uma mensagem - a comunicação é percebida, hoje, como processo, em que emissores e receptores são sujeitos do mesmo processo. A comunicação depende tanto do emissor como do canal de transmissão e do receptor que a interpreta segundo suas próprias capacidades (SFEZ, 1996, p. 6).

A interação social não se constitui na simples transmissão de informações, nem faz destas o seu sinônimo. Entretanto, a informação é elemento essencial do processo encarada, então, como a materialização da comunicação. (SILVEIRA; BRETAS, 1987).³⁸

Presente em todos os ambientes e contextos sociais, a comunicação tem exercido papel fundamental na transformação da sociedade, estando, conforme Mueller

³⁸ SILVEIRA, Júlia Gonçalves da; BRETAS, Maria Beatriz Almeida S. **Controle bibliográfico no Brasil**. Belo Horizonte [s.n.] 1987. (Trabalho acadêmico. Texto de seminário realizado para a disciplina “Princípios e Prática de Bibliografia, do Curso de Pós-Graduação em Biblioteconomia/Administração de Bibliotecas).

(1990, p. 8) “estritamente integrada aos processos culturais: através da comunicação os homens compartilham o conhecimento, a informação, a experiência e assim podem compreender, persuadir, converter, controlar, eliminar ou se irmanar [...]”

A importância atribuída aos processos de registro, armazenagem e difusão de informações pode ser constatada na literatura, na qual muitos autores referem-se ao caos anterior à criação da escrita, época em que, idéias, dados e informações fluíam de forma bastante desorganizada.

Sodré (1996) ressalta a dificuldade de se definir o que seja comunicação, principalmente pela variedade de sentidos com que a palavra é usada. Entretanto, apresenta sua definição: “Diz-se comunicação quando se quer fazer referência à ação de pôr em comum tudo aquilo que, social, política ou existencialmente, não deve permanecer isolado. Isso significa que o afastamento originário criado pela diferença entre os indivíduos, pela alteridade, atenua-se graças a um laço formado por recursos simbólicos de atração, mediação ou vinculação.” (p.11).

A ação comunicativa, segundo este mesmo autor, dá-se pela linguagem; é ela que promove a dinâmica entre os homens. A língua natural é um dos dispositivos possíveis da linguagem, manifestação social e formal. Os atos de produção de linguagem, ou a fala, implicam sempre um discurso, que por sua vez é estratégia do sujeito social para se fazer compreender, a partir de recortes e organizações da linguagem.

A comunicação é responsável, segundo a visão de Muniz Sodré, pelas relações éticas, econômicas, estéticas e cosmológicas (relação entre os vivos e os mortos nas sociedades tradicionais). Ela torna-se objeto de reflexão no final do século XX, mas aparece em épocas distintas, como na Antiguidade, com os gregos, através da retórica, que é a técnica política do discurso que tinha como objetivo convencer, persuadir os cidadãos, praticada pelos sofistas; e da dialética, que seria a “boa retórica”, uma vez que

não tinha objetivo de persuadir ninguém, mas de “formar almas pelo discurso, para integrar o cidadão na polis”, praticada pelos filósofos, esclarece esse autor.

O pensamento platônico permanece na tematização moderna da comunicação pela crítica filosófica, que entende o fenômeno comunicacional não apenas como função ou necessidade.

Citando ainda, Muniz Sodré, a comunicação e suas descrições fenomenológicas aparecem nas obras de grandes pensadores, como Husserl, Karl Jaspers, Max Scheler, Heidegger e Habermas. Enquanto para os três primeiros a comunicação é estudada em seu caráter intersubjetivo, para Heidegger ela é definida pela linguagem. Já Habermas associa a comunicação à ética, preocupando-se com a transformação das formas tradicionais de sociabilidade, imposta pela organização da economia e do Estado. Segundo ele, o “enfraquecimento das relações comunicativas entre sujeitos concretos recalca a ética em favor de uma lógica dos sistemas, cujos eixos organizadores são a tecnociência e o mercado.” (SODRÉ, 1996, p.20).

A discussão sobre a comunicação, hoje em dia, é pautada pela transformação das sociedades industriais e o papel dos meios de comunicação de massa (mídia), que acabam por produzir novas formas discursivas.

Algumas formas discursivas da indústria cultural têm a ver com a teoria clássica da representação, de Descartes, que traz um modelo comunicacional como um processo constituído por dois sujeitos separados, que num instante decidem se relacionar através de uma mensagem veiculada por um canal. (modelo linearmente construído, mecânico). Esse modo de ver o ato comunicacional separa sujeito/mundo, emissor/massa, garantindo a integridade do sujeito clássico.

Há, porém, outra teoria que se opõe ao modelo mecanicista da representação. Esta admite o processo comunicacional como interpretação do sujeito

com o meio técnico e natural. Dessa forma, o sujeito torna-se ativo durante o processo, podendo criar e jogar com as significações.

A partir do momento em que a linguagem foi realçada como um mecanismo simbólico, o campo comunicacional foi adquirindo importância nas ciências sociais contemporâneas. Um exemplo desse pensamento está nas teorias de Jean Baudrillard, que enxerga a comunicação como “lugar interativo de estruturas diversas”, ressalta ainda Sodré.

A cultura passa a ganhar um destaque inédito na Modernidade, no que diz respeito ao seu vínculo com o mercado e também por proporcionar uma mudança na percepção da realidade. A tecnologia e a mídia trazem em si uma função epistemológica implícita, em que a comunicação realiza um trabalho cultural, a “tecnocultura”, que é desvinculada da produção da verdade e que desestabiliza os paradigmas estáveis. A comunicação surge como novo *locus* do destino da cultura, reinventando-a.

O Sujeito na comunicação, segundo Muniz Sodré

O laço social que é estabelecido entre os indivíduos cidadãos instaura uma comunicação entre eles. O conceito contemporâneo de comunicação vincula-se a um desejo de redefinição das relações do homem com a técnica e com o trabalho. Desse modo, a comunicação converte-se em fonte de utopias.

Para as novas teorias que surgem nesse sentido, muda também um novo tipo de homem, que caminha para uma consciência mais interiorizada e mais ajustada ao meio – o que não coincide de maneira alguma com a realidade neoliberal do mercado de consumo. A economia de mercado é que impõe um código cultural que assimila todas as atividades humanas e que tem como suporte os meios de comunicação em massa, enfraquecendo a individualidade do sujeito sob a aparência de autonomia dada pelo

poder de escolha do consumo. Nessa realidade, é necessário que o sujeito comunique-se com os circuitos comunicacionais, pois do contrário ele estaria fadado ao caos e à marginalidade – esta é a nova ordem suscitada pela informação.

As novas visões e teorias sobre a comunicação possibilitam o questionamento da dicotomia sujeito/objeto, que é dada pelo código informacional. O termo “massa” recebe uma nova designação, ligada ao fluxo informacional, é a “metáfora hermenêutica para um processo caracterizado pela exacerbação lógica do código informacional.” (p.52). As práticas clássicas do sujeito passam a ser “reguladas pelo código da sociedade neoliberal do consumo”.

Os meios de comunicação em massa asseguram o controle social ditado pelas novas lógicas contemporâneas. A mídia passa a assumir o papel de “mantedora das aparências da consciência moral”, papel que antes era desempenhado pelas escolas, religião e instituições jurídicas.

As manifestações da comunicação são diversas e os canais de transmissão também o são. O curso do processo histórico mostra as várias alternativas para satisfazer às necessidades de comunicação. Como produto material, sob auxílio dos avanços tecnológicos, surge, cada vez mais, enorme volume de informações que, por sua vez, se apóiam em diferentes tipos de suportes, meios propulsores de se conseguir maior rapidez e eficiência na armazenagem, tratamento e difusão da informação. Em consequência disso, surgem também novos suportes de informação e novos canais de transmissão dessas.

Tecnologias emergentes causam impactos em todas as áreas do conhecimento, de modo especial nos modos de comunicação e de uso da informação, que têm se constituído em interesse crescente de estudos tanto para a área de ciência da

informação quanto para outras interdisciplinares que objetivam desenvolver sistemas de informação que possam atender seus usuários de forma eficiente e eficaz.

4.4.1 Canais de comunicação. Comunicação e transferência de informação. Construção de conhecimento: canais formais e informais

A literatura concernente à informação científica, técnica e utilitária aponta dois tipos de canais de comunicação por onde fluem as informações subsidiárias ao fazer profissional, os quais exercem forte influência no processo do conhecimento humano: a comunicação formal e a informal. A comunicação informal, conforme explica Müeller (2000) usa os canais informais e “inclui normalmente comunicações de caráter mais pessoal [...] e outras com características semelhantes” enquanto que a formal veicula as informações através de canais formais de ampla divulgação, dentre esses as publicações em formatos de livros, periódicos e artigos de periódicos.

Estudos apontam que 80% das informações relevantes usadas pelos cientistas e técnicos são obtidas através de canais informais³⁹, talvez daí decorra a importância e interesse crescente pelos estudos que abordam as temáticas relativas aos canais informais de comunicação, particularmente por parte de estudiosos de áreas envolvidas em processos de transferência da informação, inclusive da ciência da informação.

Os canais informais de comunicação técnica no que diz respeito à inovação, haviam contribuído, segundo indicavam estudos mostrados por Araújo (1979), com 75% a 90% das idéias básicas das inovações analisadas. Também, através dos canais informais, a disseminação da informação contida em projetos efetivava-se muito antes de sua própria iniciação. Isso acontecia através das redes de comunicação informal às

³⁹ CESARINO, M. Augusta da Nóbrega. A informação científica e técnica e a comunicação informal. Belo Horizonte, 1978. (texto

quais o pesquisador estivesse integrado. Na área científica, essa rede é conhecida como “colégio invisível”, enquanto nos meios tecnológicos a terminologia empregada é rede de “*gatekeepers*” (ARAÚJO, 1979; METOYERDURAN, 1993).

Os fluxos de informação nas sociedades em geral e nas organizações “orientam-se naturalmente no sentido de maior atendimento às necessidades de informação dos seus usuários, atravessando aquelas estruturas e iluminando as questões que dizem respeito às relações entre a organização formal e suas dinâmicas informais de comunicação” (MACEDO, 1999, p. 94). E, como afirma essa autora, redes humanas são centrais para disseminar informações nas organizações, sendo o contato interpessoal o meio mais ágil e eficiente de se buscar e acessar informações.

As formas de comunicação são, portanto, conhecidas como canais formais ou de literatura (geralmente distintas por agregar as fontes escritas) e canais informais ou impessoais (geralmente orais). Como mostram vários autores, entre eles (CESARINO, 1978 e MÜELLER, 2000) nem sempre essa relação formal escrita e informal oral prevalece. O que caracteriza melhor o canal informal é que ele não permite avaliações, não é preservado, é elitista, interativo, mais seletivo e mais rápido do que o canal formal. Este, se distingue por seu caráter de canal de comunicação que permite ampla difusão (audiência pública), armazenagem e recuperação das informações, pouco *feedback* para o gerador da informação, manutenção de informações antigas.

Os canais de comunicação formal e informal possuem vantagens e desvantagens e sua eficiência depende de alguns fatores, entre eles, o conteúdo intelectual da comunicação, a estrutura social dos participantes do processo de comunicação e a ideologia dos grupos envolvidos na comunicação.

A comunicação informal geralmente acontece na forma de comunicação interpessoal e apresenta certas vantagens, como: grande rapidez de difusão; disseminação seletiva da informação, tendo em vista que gerador e receptor possuem, no ato da comunicação, identidade de interesses; avaliação e síntese da informação recebida: o gerador fornece a informação e não apenas indica documentos relevantes; suprime do seu discurso dados que considera supérfluos; há condições de se obter informações geralmente omitidas em canais formais publicados (detalhamento de aspectos práticos e técnicos envolvidos no assunto em questão); permite *feedback* direto na troca de informações, o que agiliza a pesquisa ou acesso à informação, tornando-a mais eficiente.

Os canais formais apresentam algumas dificuldades em processos de comunicação científica e técnica porque são geralmente baseados na literatura primária, que se caracteriza por ser fragmentada, dispersa e geralmente redigida omitindo erros e dificuldades envolvidos no processo da pesquisa. A redação técnico-científica geralmente contém excessos de jargão técnico, o que dificulta a compreensão de pessoas de outras áreas. Além disso, a lentidão da comunicação é outro fator que prejudica os canais formais, devido ao processo demorado entre as fases de elaboração do projeto, da execução da pesquisa e da divulgação de seu resultado.

Entre fatores que interferem na escolha por um determinado tipo de canal ou fonte de informação, resultados de vários estudos apontam como determinantes o tempo e facilidade de acesso e uso.

Outros autores destacam certas especificidades da comunicação informal praticada nos meios industriais e comerciais, onde técnicos, projetistas de desenvolvimento industrial e negociantes são obrigados a manter segredos industriais ou reter informações consideradas fundamentais para manutenção de vantagens

competitivas, considerando circunstâncias que envolvem concorrências nas indústrias e nos negócios. O contrário acontece nos meios científicos onde, freqüentemente, o cientista ou pesquisador é movido pela compulsão de informar com toda a naturalidade. Nesses ambientes científicos também os intercâmbios constituem prática comum. Um intercâmbio pode ser feito de pessoa para pessoa, por visita, por convites para proferir uma palestra num laboratório, por viagens ao exterior, ou participação em congressos, reuniões científicas e eventos similares.

Grupos informais⁴⁰ e suas redes de comunicação também têm constituído temas de interesse de estudos teóricos de várias áreas do conhecimento, entre elas, administração, comunicação, psicologia social e industrial, biblioteconomia, ciência da informação e sociologia, como mostra Fortes (1996).

Esses grupos não existem apenas internos à organização, mas podem ser formados por elementos de várias procedências organizacionais e surgirem mediante a necessidade inerente ao ser humano de se relacionar com outras pessoas e “a partir da combinação de fatores formais, como a localização física das pessoas, natureza do trabalho e horários [...]” assim, as relações são as mais variadas possíveis, pois incluem a amizade, a inimizade, a simpatia e antipatia, o conflito, (FORTES, 1996, p. 100).

Da mesma forma, atribui-se, hoje, muita importância ao trabalho informal em rede, como mostram Macedo (1999) e Marteleto (2001), que constitui realidade de organização humana tanto em nossa vida cotidiana quanto na diversidade estrutural das organizações modernas. Através das redes veiculam-se informações de todo tipo, incluindo aquelas que são cruciais ao exercício profissional e talvez à própria sustentabilidade das organizações. Conforme observado por Macedo (p. 95)

⁴⁰ Conjunto de indivíduos que constituem a organização informal, dada a sua relativa independência em relação à estrutura formal da organização, ao não aparecerem no organograma ou em outro qualquer documento formal. Suas relações não são prescritas pela organização formal.

Independentemente de sua dinâmica [...] redes humanas são centrais para a disseminação de informações nas organizações. Estudos sobre decisões gerenciais indicam que a maioria de suas informações vem do contato humano direto [...] mostrando que este ainda é o meio mais rápido e eficiente de se procurar e acessar informações – superando os problemas comuns de *overload* e agregando-lhes valor, mediante o compartilhamento dos conteúdos e contextos dos conhecimentos necessários à decisão.

A sociometria, vocábulo definido em 1933 por J. L. Moreno, psicossociólogo norte-americano, constitui-se como um método para se estudarem relações interpessoais de afinidades entre os integrantes de uma coletividade, permitindo, entre outras possibilidades de análise, a elaboração de um diagnóstico das possibilidades positivas e negativas para o trabalho em grupo.

Um elemento essencial do método sociométrico é a técnica do sociograma, que consiste em representar graficamente as relações interpessoais em um grupo de indivíduos, mediante um conjunto de pontos (os indivíduos) conectados por uma ou várias linhas (as relações interindividuais).

Esta representação dos dados sociométricos, como toda representação, gera um conjunto de perguntas e, em última instância, uma questão problemática própria. A partir dos sociogramas desenvolve-se uma nova aproximação ao estudo das estruturas sociais, em que as linhas representam as relações sociais de qualquer tipo e os pontos (nós), entidades sociais.

Com o sociograma, pretende-se representar graficamente as relações de afinidades de pequenos grupos de indivíduos, com o objetivo de detectar os subgrupos (cliques) e os líderes sociométricos (estrelas). Consiste, portanto, em resumo, em detectar um conjunto de indivíduos e, a partir da seleção de cada um deles, uma estrutura relacional que permite distinguir subgrupos e indivíduos significativos⁴¹.

⁴¹ Disponível em: <<http://www.dynamocom.com.id19.html>> Acesso em: 2/2/2005.

No cotidiano de vida profissional dos antiquários tanto daqueles analisados através dos estudos teóricos quanto da pesquisa de campo realizada, percebeu-se significativa incidência de relações interpessoais entre aqueles que exercem a mesma profissão, seus clientes, fornecedores, amigos e colegas de profissão, o que comprova a existência de uma rede informal, em que circulam e movimentam interesses comuns, inclusive intenso tráfego de informações e provavelmente de conhecimento, que aparentemente auxiliam e talvez garantam a manutenção das atividades do antiquariato.

Há grandes possibilidades de detectar o comportamento informacional dos antiquários, incluindo identificar as suas fontes preferenciais de informação, através da análise dessas relações interpessoais estabelecidas no cotidiano de trabalho, complementada com estudos de campo, envolvendo profissionais hoje atuantes.

4.5 Sujeito e informação – teorias de usuários

Conceituar informação é tarefa bastante complexa, conforme opiniões registradas na literatura pertinente ao assunto e discussões infundáveis sobre o tema, que se fazem presentes nos eventos da área de ciência da informação e de campos interdisciplinares a esta. A dificuldade, ou talvez a impossibilidade de precisar o seu conceito, tem suscitado questionamentos acerca do próprio objeto da área de ciência da informação, de seus princípios e métodos científicos norteadores. Por outro lado, parece de senso comum e universal a consciência da importância e imprescindibilidade da informação no contexto social contemporâneo, independentemente de seus múltiplos sentidos ou significados.

Freqüentemente, como observa TARPANI (1992 : 23), o termo informação está “associado a redução de incertezas e à tomada de decisões, o que reforça seu valor e aplicação à diferentes necessidades”.

Como se sabe, a palavra vem do latim *informare* = dar forma, por em forma ou aparência, criar, mas, também, representar, apresentar, criar, uma idéia ou noção, algo que é colocado em forma, em ordem. “Informação não é, na verdade, um conceito único, singular, mas, sim, uma série de conceitos conectados por relações complexas” (ARAÚJO; FREIRE, 1999: 66-67). Sofreu, ao longo da história, como mostra Cardoso, 1996 (p. 71) “tantas modificações em sua acepção, que na atualidade seu sentido está carregado de ambigüidade: confundido freqüentemente com comunicação, outras tantas com dado, em menor intensidade com instrução, mais recentemente com conhecimento.” Ainda segundo Cardoso, o destaque maior ao termo foi dado no Séc. XX, a partir da apropriação da informação “como fator de produção, no cenário de uma economia estruturada com base em estoques de conhecimento, produzidos e disseminados velozmente graças às tecnologias comunicacionais modernas.”

Nas conceituações expressas na literatura percebem-se abordagens que consideram o fenômeno “informação” fator de transformação social e de interação entre pessoas, outras consideram-no elemento quantificável, aparentemente neutro e estático. Concordamos com aqueles que afirmam que não se pode conceber ou pensar a informação fora de um contexto social. A informação constitui fenômeno relacional entre partes envolvidas em processo comunicacional, estando seu sentido, portanto, profundamente sujeito aos valores, capacidade de assimilação, conhecimento, sabedoria, enfim, aos condicionamentos e condicionantes sócio-culturais que envolvem inegavelmente tanto o emissor quanto o receptor.

Segundo Marteleto (1987, p. 169), a questão informacional na sociedade atual pode ser melhor compreendida através de conceitos registrados na literatura de ciência da informação e das ciências sociais. Apresenta três abordagens, extraídas de

textos selecionados para fins de revisão, as quais sintetizamos por considerá-las abrangentes e esclarecedoras:

- Abordagens inspiradas em teoria comportamentalista e funcionalista. Analisam a informação enquanto elemento regulador dos sistemas. Decorrem de “análises da informação num plano técnico de comunicação, e seus referentes são a eficácia, a regulação, a homeostase”;
- Abordagens críticas ou dialéticas. Consideram a informação elemento provocador de mudanças, de alteração de estruturas;
- Abordagens que contextualizam a informação como fenômeno pós-moderno, associando-a às

transformações que vêm ocorrendo nas últimas décadas nos países capitalistas avançados, e que encontram suas raízes no momento da união entre a ciência e a técnica, e por sua vez entre a ciência e o poder político e econômico... causam impactos em todo setor da atividade humana – científico, filosófico, cultural...

A importância dos estudos de usuários e de uso da informação, incluindo abordagens sobre o comportamento informacional destes, compreendida como a maneira que os indivíduos lidam com a informação, incluindo “a busca, o uso, a alteração, a troca, o acúmulo, até mesmo o ato de ignorar os informes” (DAVENPORT, 2000) vê-se mencionada na literatura nacional e internacional.

O valor atribuído a esses estudos e justificativas de continuidade de pesquisas nesse campo acham-se mediados geralmente pela defesa dos seguintes argumentos: possibilitam conhecer o porquê, como, para quais fins os indivíduos usam a informação e quais os fatores que afetam tal uso; possibilitam conhecimento do fluxo de informação técnico-científica, de sua demanda, da satisfação do usuário, dos resultados ou efeitos da informação sobre o conhecimento, do uso, aperfeiçoamento,

relações e distribuição de recursos de sistemas de informação, entre outros pontos direta ou indiretamente relacionados à informação; ajudam na previsão de demanda ou da mudança de demanda de seus produtos ou serviços, expressando necessidades e auxiliando em justificativas para obtenção de fomentos /recursos materiais e financeiros; demonstram preocupação e auxiliam em processos de busca de soluções de problemas que afetam indivíduos usuários da informação (englobam estudos, análises, caracterizações e busca de compreensão destes).

Do mesmo modo, especialmente a literatura internacional apresenta alto índice de registros enfocando a temática “usuários e informação”. As abordagens e enfoques prevaletentes têm a ver com variáveis ligadas ao comportamento informacional, tais como, processos de busca e uso de informação, fluxo de comunicação e de informação, demandas e necessidades, resultados das expectativas dos usuários em relação aos recursos e sistemas de informação, entre outros.

Estudos contendo críticas sobre trabalhos que tratam do assunto destacam falhas, principalmente no que concerne aos aspectos conceituais, metodológicos e técnicos. Os conteúdos expressos nessas críticas devem ser considerados, na medida em que servem para despertar outros pesquisadores, influenciando ou minimizando resultados negativos ou repetição de falhas percebidas. Enfoques tradicionais são muito questionados porque têm como referentes o sistema. Na maioria das vezes privilegiam, em suas considerações sobre a problemática da informação, os objetos, serviços e produtos, enfim, o próprio sistema e a sua manutenção, negligenciado o sujeito (categoria filosófica, em oposição ao objeto) envolvido nos processos comunicacionais e informacionais. Visualizam fenômenos informacionais sob o ponto de vista mecanicista, portanto, vulneráveis às limitações inerentes ao tratamento automático imposto aos estudos em questão.

As considerações expressas no parágrafo anterior remetem, por analogia, a uma reflexão e questionamento de Boaventura de Sousa Santos (2004, p. 16) acerca da contribuição ou não da ciência para “diminuir o fosso crescente de nossa sociedade entre o que se é e o que se aparenta ser, o saber dizer e o saber fazer, entre a teoria e a prática.” A que ou a quem os estudos da área de biblioteconomia e ciência da informação estariam valorizando mais, sob o ponto de vista da abordagem ou forma de tratá-los na teoria e na prática? Ao próprio sistema ou ao sujeito – indivíduo, pessoa humana, criador dos sistemas e serviços de informação ou de outros artefatos e ferramentas utilitárias que deveriam suprir suas necessidades ou limitações e, como consequência, viabilizar soluções de problemas que, por motivos diversos, afligem pessoas humanas? São perguntas simples, aparentemente óbvias e que, muitas vezes, nos deixam atônitos pela constatação de que ainda não havíamos refletido o bastante sobre isto. Mas, como lembra Boaventura Santos, deveríamos retornar às perguntas simples e óbvias de Rousseau, buscando respostas às perguntas elementares, entendidas como aquelas que atingem “o magma mais profundo da nossa perplexidade individual e coletiva com a transparência técnica de uma fisga. Foram assim as perguntas de Rousseau; terão de ser assim as nossas respostas”, ao contrário, de nossas perguntas, pela complexidade das “condições sociológicas e psicológicas do nosso perguntar”, acrescenta Boaventura Santos (p. 18).

Que são e a quem servem bibliotecas, serviços ou sistemas de informação? Respostas distintas podem surgir, se dadas pelo próprio profissional da informação que neles atuam ou pelos usuários que deles necessitam. A quem têm realmente favorecido?

Essas reflexões provavelmente cabem em quaisquer áreas ou aos específicos papéis dos profissionais, atores sociais que nelas atuam. A quem os jornais e outros meios de comunicação estariam servindo ou para que existem? Para esclarecer,

manipular leitores, saciar e sustentar a máquina da indústria cultural? Os engenheiros, arquitetos, os médicos, os bibliotecários, os antiquários, entre outros profissionais, a que, a quem ou de que maneira têm exercido suas funções sociais? Talvez, se espelhassem suas ações ou valorizassem realmente os sujeitos mais do que objetos ou sistemas, cada um em seu mister, não presenciáramos tantos fracassos e inoperância, refletidos nas pessoas e nos sistemas contemporâneos, ditos produtos científicos. “Teremos forçosamente de ser mais rousseauianos no perguntar do que no responder”, caso queiramos cumprir, de forma mais humanizadora, os nossos distintos papéis no intrincado contexto social, globalizado e movido pela “tirania do dinheiro e da informação”. (SANTOS, 2004; SANTOS, 2001).

Especialmente a literatura internacional, apresenta alto índice de registros enfocando a temática “usuários e informação”. As abordagens e enfoques prevalentes, do mesmo modo, tem a ver com variáveis ligadas a comportamento informacional, tais como, processos de busca e uso de informação, fluxo de comunicação e de informação, demandas e necessidades, resultados das expectativas dos usuários em relação aos recursos e sistemas de informação, entre outros.

Estudos contendo críticas sobre trabalhos que tratam do assunto destacam falhas, principalmente no que concerne aos aspectos conceituais, metodológicos e técnicos. Os conteúdos expressos nessas críticas devem ser considerados, na medida em que servem

As abordagens registradas nos estudos de usuários foram classificadas, em síntese, segundo a literatura mais recente, como abordagens tradicionais e abordagens alternativas (inovadoras). As primeiras deixam claro a preocupação predominante centrada nos serviços, sistemas e/ou produtos, tais sejam: estudos/pesquisas voltadas para uso dos serviços de informação prestados; estudos centrados na biblioteca,

configurando-se em investigações de como as bibliotecas e os centros de informação são utilizados.

As abordagens centradas no sujeito atualmente parecem predominar na literatura de ciência da informação, notadamente nos estudos que enfocam a busca de solução dos problemas que afetam o usuário e seu comportamento em relação à informação. Este, considerado sujeito (categoria filosófica, básica, por oposição ao objeto), indivíduo (categoria social, tem direitos e deveres, cidadão), ator (categoria antropológica, representa um papel social) e agente (categoria sociológica, aquele que exerce uma ação na sociedade). Exemplo disso pode ser abstraído no elenco de estudos/pesquisas que enfocam e são orientadas para grupos específicos de usuários; estudos centrados no usuário, como um grupo particular de usuários obtém informação necessária para conduzir o seu trabalho.

Destaca-se, do mesmo modo, na literatura atual da área, a metodologia centrada na abordagem “sense-making”⁴², que consiste na verificação de algumas questões básicas como:

- 1) quem são os atuais usuários dos sistemas de informações;
- 2) como, onde, por que e para que estão utilizando esses sistemas;
- 3) quais as características e necessidades dos usuários;
- 4) como planejar sistemas de informações atuantes que sejam mediadores reais na satisfação das necessidades de informação dos usuários. A análise interpretativa dos resultados obtidos propiciará subsídios para identificar as necessidades informacionais dos usuários e projetar novos serviços visando a integração sempre crescente entre sistemas de informações/usuários para o compartilhamento da informação e conhecimento em rede.

O modelo “sense-making” (construção de sentido), proposto por Dervin; Nilan (1986), fundamenta-se na convicção de que necessidades de informação se fazem presentes no momento em que o sentido, a percepção interior, se esgota ou desaparece para o indivíduo, barrando sua ação e, de certo modo, forçando-o a reiniciar o

⁴² CARVALHO, Telma de; BOCCATO, Vera Regina Casari; RAMOS, Lúcia Maria Sebastiana V. Costa. Estudo do usuário da sub-rede nacional de informação na área de ciências da saúde oral, sob o enfoque do "Sense-Making. In: <<http://www.bireme.br/cris4w/post106.htm>> Acesso em: 31/7/2003.

movimento de busca de informação visando a solução do problema que desencadeou o processo, retroalimentando-o.

4.6 Comportamento informacional e uso de informação em pequenas e médias empresas

Considerando a exígua literatura nacional que aborda a questão específica de uso de informação pela categoria profissional de antiquários, tomar-se-á, como referencial teórico embasador e complementar, alguns trabalhos identificados que tratam sobre o assunto uso de informação em micros, pequenas e médias empresas. Esta decisão fundamentou-se na constatação de que, no Brasil, o exercício profissional dos antiquários se desenvolve, na maioria dos casos, em microempresas. Categorias de empresas comerciais que, conforme um dos critérios de classificação do Sebrae, atuando na indústria empregam até 19 (dezenove) pessoas e, no comércio e serviços, as que empregam até 9 (nove) trabalhadores⁴³.

Peter Burke, em seu livro “Uma história social do conhecimento”, publicado em 2003, p. 141, mostra que comércio e informação, na Idade Média, já andavam em estreita relação, ao afirmar que

[...] as rotas do comércio eram rotas de papel e os fluxos de comércio dependiam de fluxos de informação. O comércio, assim como a indústria, dependia do que alguma vez foi chamado de “busca da informação que nos falta e proteção da informação que temos. Feiras internacionais em Besançon, Piacenza, Frankfurt e outras cidades eram centros de troca tanto de informações quanto de mercadorias.

Ferrari; Martinelli & Joyal (2002), abordando a questão de uso da informação e capacidade de inovação das Pequenas e Médias Empresas (PMEs) brasileiras constataram, entre empresas pesquisadas, que as fontes de informação às quais estas atribuíram maior importância foram: clientes, fornecedores, consultores e

⁴³ <<http://www.sebrae.com.br/br/aprendasebrae/estudosepesquisas.asp>> Acesso em: 26/11/2004

feiras comerciais. Outras fontes mencionadas foram: a mídia, os prestadores de serviços, as associações setoriais, os órgãos socioeconômicos e centros de pesquisa, redes de empresas, órgãos governamentais e contatos informais.

Tratando particularmente da problemática de necessidade e acesso à informação pela classe de profissionais brasileiros, Barbosa (1997) salienta a importância da informação como insumo imprescindível ao processo decisório nas organizações. Evidencia que no Brasil existem poucos trabalhos que enfocam questões relativas às expectativas e comportamento informacional de nossos profissionais. Apresenta visão panorâmica acerca do assunto, incluindo análise do comportamento informacional desses profissionais, intensidade de uso de diversas fontes de informação interna e externa à organização, grau de satisfação em relação às fontes utilizadas, meios usados para obter informações, entre outras variáveis estudadas. Barbosa (p. 9) destaca estudo realizado no ambiente brasileiro, publicado em 1996 por Freitas, no qual este autor mostra comportamentos de gerentes e técnicos relativos ao processo de acesso à informação:

[...] os gerentes não apenas buscam informação com maior intensidade, mas também utilizam fontes informais com maior frequência. Já os técnicos demonstram ter relação estreita com fontes formais e tradicionais, tais como livros e periódicos. Em termos de seu conteúdo, informações sobre aspectos estratégicos da empresa são mais utilizadas por gerentes.

Quanto às semelhanças entre os dois grupos, verificou-se que ambos utilizam em alta escala suas próprias fontes de informação, e, em sua maioria, não utilizam bases de dados externas.

Com referência ao uso e avaliação de fontes de informação, Barbosa (1997) destaca as quatro categorias de fontes criadas por Choo (1994): externas: pessoais e impessoais, internas: pessoais e impessoais, como segue: Fontes de Informação Organizacional Pessoais Externas: clientes, concorrentes, contatos

comerciais/profissionais, funcionários de órgãos governamentais; Fontes de Informação Organizacional Pessoais Internas: superiores hierárquicos, membros da diretoria, gerente subordinados, equipe de funcionários; Fontes de Informação Organizacional Impessoais Externas: jornais, periódicos, publicações governamentais, rádio, televisão, associações comerciais e industriais, conferências, viagens; Fontes de Informação Organizacional Impessoais Internas: memorandos e circulares internos, relatórios e estudos internos, biblioteca da organização, serviços de informação eletrônica.

Os resultados da análise feita por Barbosa envolvendo cento e doze profissionais da cidade de Belo Horizonte indicam que as informações dos ambientes externos, mais usadas pelos profissionais participantes do *survey*, são geralmente obtidas via veículos de comunicação de massa e referentes à política econômica governamental, economia nacional e mercado financeiro. Quanto às informações internas de uso mais intenso destacaram-se as normas e regulamentos internos e sobre planejamento estratégico. As informações internas são veiculadas principalmente através de documentos escritos. As reuniões programadas e contatos informais também mereceram destaque entre formas internas de transmissão de informação.

Neves e Carvalho (2000) estudaram necessidades e usos de informação em empresas incubadas de biotecnologia de Minas Gerais, a partir da opinião de empreendedores e gerentes dessas empresas. Ao sondar sobre fontes de informação utilizadas pelos empreendedores entrevistados, detectaram, entre fontes correspondentes ou pessoais (“...aquelas provenientes de contatos estabelecidos entre os empreendedores e as pessoas com as quais eles interagem das mais diversas formas”), contatos feitos com gerentes da própria incubadora; pesquisadores das universidades; contatos comerciais; colegas empreendedores; concorrentes (nacionais e internacionais); clientes;

consultores; vendedores; fornecedores brasileiros e estrangeiros; pai de um dos sócios; contadores.

Entre fontes institucionais utilizadas (“...aquelas que divulgam informações organizadas por instituições, tais como: federações de indústrias e sindicatos patronais, associações comerciais; o governo, as concorrências públicas; universidades; centros de pesquisa, dentre outras”), constataram a presença de vários órgãos de fomento à pesquisa e de apoio ao trabalho na indústria, agências de financiamento, cartórios, associações, universidades, bibliotecas e centros de documentação. Das fontes documentais citadas (“fontes impressas e eletrônicas”), destacaram a internet; bases de dados; catálogo telefônico; embalagem de produtos; anais de congressos; *folders* de concorrentes; periódicos; manuais de produtos; livros e revistas; Diário Oficial da União; catálogos industriais e catálogos de fornecedores.

Kremer (1982, p. 66), em pesquisa pioneira sobre o assunto “fontes informais” no Brasil, busca identificar e avaliar fontes de informação usadas por engenheiros, atuantes numa companhia de projetos, e adverte:

[...] é sempre perigoso inferir que características comuns a um certo grupo de usuários sejam iguais às de um outro grupo. Cada organização ou grupo de usuários tem suas características próprias, que devem ser estudadas separadamente, se quisermos obter dados confiáveis a seu respeito. Somente, então será possível entender e procurar soluções para melhorar o fluxo de informação dentro desses grupos.

Daí a importância e necessidade de realização de estudos da realidade das diversas categorias de profissionais, sob a perspectiva de usuários potenciais de informação que possuem particularidades em termos de demandas, necessidades, busca e de uso da informação.

Na atualidade dá-se importância especial aos processos de comunicação e transmissão de informações através das relações interpessoais informais, é o que se constata a partir da vasta literatura nacional e internacional acerca das redes sociais, sua

estrutura e funcionamento. Grosser (1991) chama a atenção para o papel que as redes humanas exercem no processamento da informação em ambientes organizacionais complexos e instáveis. Resultados de estudos constataam que esses meios de comunicação informais e complementares contribuem para a sobrevivência das organizações, assim como para os processos de geração de conhecimentos, portanto, devem ser estudados pelos profissionais da informação e de outras áreas envolvidas com questões de provimento de recursos de informação (MACEDO, 1999).

4.7 Modelos teóricos e sua importância como instrumentos para auxiliar a compreensão da realidade e a concepção de serviços e sistemas de informação

Pode ser considerado modelo “coisa ou pessoa que serve de imagem, forma ou padrão a ser imitado, ou como fonte de inspiração”, conforme um dos sentidos apresentados para o termo por Houaiss em seu dicionário eletrônico Neste caso particular, espera-se que o fruto desta tese sirva como fonte de inspiração tanto para outras pesquisas que possam ampliar a compreensão dos assuntos afins àqueles aqui abordados quanto para nortear trabalhos teóricos e empíricos de profissionais da área de ciência da informação. De forma especial, aos que estejam envolvidos em atividades inerentes ao desenvolvimento ou reformulação de serviços ou sistemas de informação especializados e que pretendam fundamentar seus projetos ou programas numa abordagem de estudo centrada no usuário, em seu modo de usar e de recorrer à informação em seu ambiente de trabalho passado ou presente. Sayão (2001) reconhece que os modelos teóricos em ciência da informação são importantes e necessários porque auxiliam a compreensão e representação da realidade, de modo especial em áreas que se interessam pelos fenômenos relacionados à informação, entre elas a informática e a

ciência da informação, pois esses contribuem “extremamente para a concepção de sistemas de informação que preenchem as necessidades de seus usuários.”

Modelo, compreendido ainda de conformidade com Kaplan (1975, p. 272-273), que entre as conceituações ou justificativas apresentadas para se empregar o vocábulo “modelo”, o define como “metáfora científica” que condensa numa frase uma similaridade significativa. Nessa metáfora científica

[...] o cientista (*ou pesquisador, colocação nossa*) aponta semelhanças que nos haviam escapado e as sistematiza [...] e, o autor acrescenta, [...] o conteúdo da teoria não consiste, porém, no simples afirmar de uma semelhança, mas na base que oferece para que se considere significativa essa semelhança [...] O importante é considerar em cada caso se existe algo a aprender com base na analogia, se decidirmos traçá-la.

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: ETAPAS PERCORRIDAS, MÉTODOS E INSTRUMENTOS SUBSIDIÁRIOS ADOTADOS

Em todas as etapas da construção desta pesquisa procurou-se adotar “o raciocínio analógico”, esclarecido por Bourdieu (1998) como aquele que “permite mergulharmos completamente na particularidade do caso estudado sem que nela nos afoguemos [...]”, em outras palavras, buscou-se dar atenção às recomendações e pormenores da metodologia científica, considerando-a como ferramenta essencial à construção de um trabalho científico imparcial e de qualidade.

A estratégia metodológica concebida e adotada para viabilizar a realização desta pesquisa, considerando os objetivos a alcançar, constou das etapas e procedimentos a seguir descritos:

- a) levantamento e seleção de literatura condizente com o assunto e tópicos definidos para estudo;
- b) elaboração de leituras e revisões de literatura sobre temas afins ao problema, pressupostos e objetivos da pesquisa e análises de textos constando memórias de antiquários, biografias ou outros documentos escritos por terceiros sobre estes;
- c) na fase inicial desta pesquisa, dois estudos exploratórios foram realizados, em conformidade com um projeto de “Atividade Programada” desenvolvido, que foi submetido ao e aprovado pelo Colegiado do Curso de Pós-Graduação da Escola de Ciência da Informação da UFMG, instituição onde se realizou o curso. Um dos estudos aconteceu em Belo Horizonte e outro na cidade do Rio de Janeiro, ambos enfocando a problemática dos antiquários, de seu mundo de trabalho e comportamento informacional, objetivando complementar

e ampliar conhecimentos, especialmente em decorrência da escassa literatura publicada e identificada, que abordasse questões voltadas ao estudo de antiquários brasileiros, seu comportamento informacional e uso de informação. Esses estudos, especialmente os resultados da primeira entrevista realizada, serviram, inclusive, de pré-teste, visando à adequação dos roteiros e instrumentos de coleta de dados à pesquisa de campo propriamente dita, que foi posteriormente realizada junto à amostra de antiquários da Rua do Lavradio, definida para análise constitutiva da última etapa de pesquisa de campo. Dentre os objetivos definidos no contexto dessa atividade programada destacaram-se: descobrir e analisar literatura especializada e interdisciplinar ao campo de trabalho e ao uso de informação por parte da categoria profissional de antiquários; desenvolver estudo exploratório para fundamentar comparações entre discursos registrados na literatura com a realidade atual desses profissionais, observada e confrontada via contatos pessoais que seriam estabelecidos entre pesquisador e pesquisados; desenvolver material subsidiário aos estudos propostos para esta tese de doutorado, notadamente em áreas que possibilitassem caracterizar o trabalho exercido pelos antiquários, assim como o mapeamento do fluxo e das fontes de informação por eles utilizadas para identificação, seleção, organização, atribuição de valores/cotação e aquisição de objetos de arte, antigos e raros; identificar perfil gerencial de antiquários, a partir da observação do modo como conduzem seu negócio e de outros aspectos comportamentais e de características de personalidade, presentes em sua prática de trabalho; redigir e publicar relatório técnico,

em formato de artigo científico ou de trabalho a ser apresentado em evento da área de biblioteconomia/ciência da informação ou interdisciplinares, contendo resultados desta atividade programada. As fontes de pesquisa para obtenção das informações necessárias a esta etapa de trabalho foram constituídas por literatura especializada na área, memórias e biografias de antiquários (pesquisa especial de documentos contidos no acervo da Biblioteca Nacional e Arquivo Nacional, ambas instituições sediadas no Rio de Janeiro); resultados dos depoimentos colhidos via entrevistas que foram realizadas com uma antiquária gerente de loja de antiguidades, sediada em Belo Horizonte, cujo estabelecimento foi indicado por uma historiadora, colecionadora de objetos antigos, e com outros cinco atuantes na Rua do Lavradio, localizada no Centro Antigo da cidade do Rio de Janeiro; observações feitas durante várias visitas realizadas em ambientes que comportam lojas de antiquários, incluindo o Rio Scenarium – Pavilhão da Cultura e outros estabelecimentos de antiquários da mencionada região; coleta de dados e de outras informações, obtidas na Classificação Brasileira de Ocupações – CBO, do Ministério do Trabalho e Emprego, no que diz respeito à categoria profissional de antiquários. A fase preliminar desta etapa de trabalho constou ainda da construção dos roteiros integrantes dos Apêndices desta tese, e da posterior realização de entrevistas com os gerentes das lojas de antiguidades, cujos estabelecimentos foram definidos para realização dos estudos exploratórios antes propostos. As questões constantes do roteiro contemplaram, como pode ser neles observado, a problemática em estudo, com ênfase especial aos aspectos

relacionados à caracterização da empresa, do trabalho/atividades exercidas pelos antiquários, de sua rede de relacionamentos profissionais e do seu comportamento informacional. Tinham como foco norteador as suposições declaradas no item 3.1 desta tese. As entrevistas integrantes desses estudos exploratórios foram realizadas em Belo Horizonte e na cidade do Rio de Janeiro em meados de 2004. Entrevistaram-se seis antiquários, sendo um de Belo Horizonte e cinco do Rio de Janeiro. Todos os cinco possuem estabelecimentos comerciais na Rua do Lavradio e dois deles participaram também da última etapa da pesquisa, respondendo ao conjunto de questões propostas pelo segundo roteiro da entrevista, além daquelas condizentes ao questionário sociométrico, também incluído nos apêndices deste documento;

- d) realização de visitas a outras feiras, exposições e lojas de antiguidades e observação do contexto desses ambientes em Belo Horizonte e na própria cidade do Rio de Janeiro, o que aconteceu entre 2003 e 2005. Em Natal, Rio Grande do Norte, visitou-se, em outubro de 2004, uma feira de antiguidades do Rio Grande do Norte e de Pernambuco, realizada em parceria entre esses dois estados;
- e) realização de visitas a sebos e livrarias, a maioria desses localizados no Centro Antigo do Rio, objetivando identificar e localizar materiais bibliográficos ou em outros formatos ou suportes que porventura não estivessem registrados nas bases de dados e/ou catálogos consultados e relativos aos temas abordados nesta pesquisa. Uma busca intensiva sobre antiquários, como assunto, foi feita nesses ambientes e no acervo da Biblioteca Nacional - RJ, ocasião em que foi confirmada, mais uma

vez, a escassez de literatura específica e que tratasse de atuação dos antiquários no Brasil. Existe muito material sobre artes e antiguidades, de modo amplo, mas especificamente sobre antiquários quase nada foi encontrado, além do material que já havíamos descoberto através das pesquisas realizadas em bases de dados nacionais ou internacionais. Interessante notar, nesse sentido, que quase a totalidade de antiquários ou livreiros antigos não tinha conhecimento dos poucos títulos que haviam sido localizados nos quais concentrou-se o presente estudo. A maioria dos antiquários manifestou interesse em conhecê-los. Apenas um afirmou saber da existência de um desses livros, o **Memórias de um viajante antiquário**, mas destacou que nunca o tivera em mãos. Da mesma forma, muitos deles deixaram claro o interesse em ter acesso aos resultados desta pesquisa;

- f) para a terceira etapa, ou última fase da pesquisa de campo, definiu-se entrevistar, a título de amostra mais ampla da categoria, antiquários atuantes na Rua do Lavradio que, por ocasião da pesquisa de campo, realizada em maio de 2005, sediava cerca de quinze estabelecimentos comerciais, considerados como lojas de antiquários. Desses quinze estabelecimentos, conseguiu-se entrevistar, nesta fase derradeira dos estudos de campo, os proprietários ou sócios proprietários de oito deles. Agregaram-se ao elenco dessas oito entrevistas, o resultado das informações que haviam sido coletadas durante o estudo exploratório, realizado nessa mesma Rua, ou seja, as cinco entrevistas do primeiro estudo exploratório, realizado no mês de setembro de 2004. Portanto, no contexto da Rua do Lavradio, a soma de treze entrevistas foram

consideradas para análise. Pretendia-se entrevistar dez antiquários nessa fase final. Porém, não houve condições de fazê-lo, em consequência da não disponibilidade de dois antiquários. Um deles alegou motivo de força maior devido ao falecimento de pessoa da família, e o outro desfez o compromisso de atendimento à entrevistadora por três vezes consecutivas, alegando contratempos de última hora. Este, acredita-se que o que mais interferiu em não querer participar, deveu-se a própria personalidade desse antiquário, que parecia fechado e não muito disposto a revelar fatos de sua atuação profissional. Justifica-se tal observação baseando-se nas respostas conseguidas posteriormente através do questionário sociométrico. Esse antiquário foi considerado por vários dos entrevistados como colega não muito afeito a contatos interpessoais. Outros resultados obtidos e que foram também explorados e incorporados nesta pesquisa dizem respeito àquele estudo exploratório realizado na primeira fase da pesquisa, com uma antiquária de Belo Horizonte, cujos resultados foram publicados na revista “Perspectivas em Ciência da Informação”, v. 10, n. 2, jul./dez. de 2005, no artigo intitulado “Antiquários: um olhar sobre seu trabalho e comportamento informacional” (SILVEIRA, 2005);

- g) construção de roteiros e aplicação de entrevistas e do questionário sociométrico aos antiquários/gerentes de lojas de antiguidades localizadas na Rua do Lavradio, constituindo a terceira e última fase da pesquisa de campo. A escolha por pesquisar antiquários comerciantes que atuam nessa Rua, a título de amostra da categoria de antiquários, deveu-se a uma série de fatores que a tornam particular no contexto da

polêmica e decantada cidade do Rio de Janeiro, “percebida como um dos mais belos patrimônios vivos da natureza e da cultura do Brasil e da Humanidade.”⁴⁴ Integrante do Corredor Cultural do Rio Antigo e considerada como símbolo do processo de revitalização dessa área “[...] essa rua tem história”⁴⁵. Como consta nessa matéria citada, essa rua foi “aberta em 1771, por ordem do Marquês de Lavradio, e foi uma das mais tradicionais do Império, época em que viveu seu tempo de glória”. Atualmente, “pretende ser o mais novo pólo cultural do centro da cidade”, local onde concentra casario de valor histórico reconhecido e que abriga cerca de dezesseis estabelecimentos comerciais de antiquários, além de uma Feira de Antiguidades que acontece todos os primeiros sábados de cada mês, evento que atrai “milhares de pessoas a cada edição.”⁴⁶;

- h) a opção por essa amostra, constituída pela comunidade de antiquários atuantes na Rua do Lavradio deveu-se, portanto, entre outros fatores já declarados, especialmente à constatação da existência de concentração de estabelecimentos que atuam na área do antiquariato comercializando objetos antigos, raros e valiosos e pela diversidade de características dos estabelecimentos ali sediados. Estes se configuram desde alguns mais parecidos com “topa-tudo”, cujos proprietários ou gerentes aparentam extrema simplicidade, até aqueles de propriedade de antiquários comerciantes que poderiam ser considerados donos de empresas aparentemente bem sucedidas e que oferecem elenco de serviços

⁴⁴ Afirmação de Afonso Carlos Marques dos Santos, presidente do Conselho Municipal de Proteção do Patrimônio Cultural do Rio de Janeiro, registrada no livro “Rio de Janeiro, uma cidade no tempo”, publicado em 1992.

⁴⁵ CÉSAR Maia promete reinaugar Rua do Lavradio antes do Carnaval. **A Relíquia**, p. 11, jan. de 2002

⁴⁶ CÉSAR, p. 11.

diversificados e sofisticados, como é o caso do Rio Scenarium – Pavilhão de Cultura, que funciona como bar antiquário durante o período noturno. Além disso, por esses antiquários atuarem em uma região histórica da cidade do Rio de Janeiro, berço da cultura nacional, realizando suas atividades, muitas vezes, de forma aparentemente compartilhada, talvez fruto de parcerias coletivas, a exemplo do evento “Feira de Antiguidades da Rua do Lavradio”, que acontece todo primeiro sábado de cada mês e agrega aparentemente a totalidade dos antiquários da Rua.

- i) as questões formuladas que visavam identificar as fontes preferenciais de informação usadas pelo grupo de antiquários entrevistados, foram embasadas na literatura das áreas de ciência da informação e de artes e antiguidades. De modo especial, em documentos que tratassem de fontes de informação, comportamento informacional de outros profissionais, entre assuntos de interesse direto com problemas a investigar. Algumas questões foram embasadas em princípios da abordagem *sense-making*⁴⁷, o que possibilitaria identificar, através de certas questões propostas, como os antiquários se comportam diante de uma situação problemática no exercício de tarefas inerentes às suas funções profissionais, às quais supostamente envolvessem necessidade de informação “contextualizada na situação real onde ela emergiu” e na qual o uso ou não da informação fosse revelado pelo próprio indivíduo. Esse procedimento facilitaria, no momento da entrevista, a identificação das fontes de informação

⁴⁷ Para elaboração das questões componentes dessa última entrevista observaram-se estudos feitos com outras categorias de profissionais, em seus contextos ou locais de trabalho, especialmente o de Bonnie Cheuk Wai-Yi, Bonnie (2002). Disponível em: <<http://communication.sbs.ohio-state.edu/sense-making/inst/instcheuk02workplace.html>> Acesso em: 17/11/2004.

demandadas pelos profissionais antiquários mediante situações que envolvessem perda de sentido (lacuna) e conseqüente demanda ou não de informação para solucionar o problema. Como pode ser observado no roteiro da entrevista aplicada a eles, constante dos Apêndices deste relatório, procurou-se combinar princípios da abordagem *sense-making* com a técnica do incidente crítico⁴⁸ (vide Roteiro 2, p.232). Em todas as fases de estudo de uso de fontes de informação pelos antiquários, testaram-se aquelas categorizadas por Choo (1994) e adaptadas por Barbosa (1997). O uso ou não dessas fontes foi observado também em toda a literatura selecionada e lida, abordando vida pessoal e profissional dos antiquários escritores;

- j) considerando as três fases da pesquisa de campo, realizaram-se um total de quatorze entrevistas. Desse total foram entrevistados doze antiquários, porque dois deles participaram tanto da fase de estudo exploratório quanto da última pesquisa de campo, realizadas na Rua do Lavradio. As entrevistas foram gravadas e transcritas pela própria pesquisadora deste trabalho, à exceção da primeira entrevista constante na última etapa da pesquisa, devido a problemas técnicos ocorridos com o equipamento disponível, nesse primeiro dia de trabalho. Os dados e informações relativos a essa entrevista foram anotados, lidos e

⁴⁸ Técnica formalizada em 1947 por Flanagan (American Institute for Research), divulgada em 1954, através de um artigo que descrevia seu desenvolvimento, princípios fundamentais e status naquele tempo. “Os dados coletados são de incidentes ‘do mundo real’ (isto é, não saíram de um laboratório, não são controlados), que foram observados e registrados por observadores treinados ou por instrumentos registradores. Os incidentes observados devem obedecer a uma série de critérios predefinidos para assegurar um grau de validade e confiança. Além disso, um incidente deve ser uma amostra adequada de comportamento para permitir inferências ou predições, ou ambas, que devem ser feitas a respeito do indivíduo ou indivíduos envolvidos. [...] O mais importante nessa técnica é conseguir relatos da vida real dos informantes, descritos com detalhes.” Cf. KREMER, J. M. A técnica do incidente crítico. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, Belo Horizonte, v. 9, n. 2, p.165-76, set. 1980.

confirmados pela entrevistadora logo após o término da seção de trabalho;

- k) análise, interpretação e apresentação dos dados e informações contidas na literatura dos antiquários escritores e nas entrevistas realizadas com os antiquários de Belo Horizonte e do Rio de Janeiro; geração de gráficos, quadro, diagramas, tabela, sociograma e matriz de centralidade representativos da rede social de informação dos antiquários da Rua do Lavradio, utilizando o software UCINET, aplicativo para análise de redes sociais, os quais representam o modelo de análise e de categorização das fontes de informação dos antiquários, assim como a rede dos antiquários construção, registro e apresentação de novo conhecimento acerca do assunto pesquisado, a partir dos processos de apresentação e discussão dos resultados obtidos via literatura identificada e estudada e das entrevistas realizadas no decorrer da pesquisa, configurado no produto material deste documento.

6 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A apresentação e discussão dos resultados, descritos nesta seção, englobam a totalidade dos estudos feitos, refletindo, portanto, o que foi alcançado durante as pesquisas teóricas e de campo propriamente ditas.

6.1 Caracterização das empresas e dos antiquários entrevistados e escritores

Ao se considerarem as respostas fornecidas pelos entrevistados, proprietários ou sócios proprietários ou, em um dos casos, pela gerente das lojas de antiguidades, os quais atuam no ramo do antiquariato há em média quinze anos e oito meses, pode-se afirmar que as empresas se enquadram dentre os pequenos estabelecimentos comerciais. Essa última afirmação embasou-se em um dos critérios de classificação do Sebrae, em que uma microempresa na indústria é aquela que emprega até dezenove pessoas e, no comércio e serviços, a que emprega até nove trabalhadores⁴⁹.

Hoje nós temos um gerente [...] e dois funcionários [...] que trabalham na área de vendas e uma outra, que eu esqueci de falar, que é uma das mais produtivas, inclusive, que é a locação. Fazemos locação de móveis e objetos para montar cenários de televisão, teatro, cinema, para produtora de comerciais. E, também temos a oficina que hoje está com dois funcionários, um na área de estofamento, recuperação de estofamento e o outro na área de restauração do mobiliário antigo, que é o [...] que está há muitos anos com a gente, mas essa oficina vai ser ampliada brevemente.

Hoje, um, dois... são seis. Seis pessoas [...] Só tem um filho e o resto são amigos. Meu filho começou agora e já tá “dez”.

No momento, eu e mais quatro. Eu e mais quatro.

Nós temos duas... três pessoas fixas. O resto trabalha temporário, *freelance*. Mas, fixo, três pessoas. Dois são da mesma família, os três formam uma amizade...

[...] a proprietária [...] Tem eu, a [...] que é filha dela [...] eu fico aqui em cima com ela. Tem um boy, um motorista e sempre tem uma

⁴⁹ <<http://www.sebrae.com.br/br/aprendasebrae/estudosepesquisas.asp>> Acesso em: 26/11/2004.

secretária que agora não tem, que ela está de licença. Mas, tem uma secretária que mexe com a parte contábil, de banco, assim...

Seus quadros de pessoal, na maioria dos casos, são compostos pelo proprietário da loja e por seus poucos auxiliares, que são geralmente familiares ou amigos. Constatou-se que alguns dos antiquários proprietários lançam mão de serviços terceirizados. Isso se dá devido à necessidade de suprirem deficiências relacionadas ao despreparo para execução de certas tarefas ou pela falta de tempo para executá-las. Suprir deficiência quantitativa de seu quadro efetivo de pessoal também merece ser destacado como fator que leva a terceirizar serviços.

Observou-se que entre os estabelecimentos antiquários um possui certas distinções entre os demais em termos de número de suas lojas, de seu quadro de funcionários e pela diversidade de atuação. Das duas lojas de antiguidades que integram esse grupo comercial, uma atua no comércio de antiguidades propriamente dito e outra funciona como bar antiquário. Este último, envolvido com o antiquariato, gastronomia e lazer, possui características mais condizentes com o antiquário colecionador do que com o antiquário comerciante. Possuía, à época da pesquisa, aproximadamente oitenta empregados, o que pode ser confirmado pelas informações prestadas por dois de seus quatro sócios, que atualmente priorizam-no em relação ao outro estabelecimento dedicado ao antiquariato comercial propriamente dito. Quando se perguntou sobre número de pessoas que trabalhavam no bar antiquário, responderam:

[...] Cerca de setenta e cinco, contratados. Temos mais um exército flutuante de extras, que são os garçons de finais de semana e para eventos especiais. Hoje, temos o evento do PT, contratamos faxineiras, pessoas que vão vir para organizar o salão... Então, setenta e cinco contratados. Pode variar três a quatro pessoas pra mais ou pra menos. Mais as dez ou vinte pessoas, temporárias.

[...] Hoje, nós já temos na empresa aproximadamente oitenta funcionários registrados. Aproximadamente, tá?

Alocação de seus objetos e do seu espaço para as mais diversas finalidades, entre elas, realização de cenários de épocas para filmes, peças teatrais, novelas, e outros eventos de caráter sócio-cultural, constituem atividades cotidianas nesses dois estabelecimentos citados. Visto sob o ponto de vista do colecionismo, seu acervo é composto por uma diversidade de objetos curiosos, raros, valiosos ou antigos. Seus proprietários têm várias coleções⁵⁰ e acervos, e declaram como pretensão do grupo expandi-los continuamente. Consideram-nos preciosos e de valor inestimável, como afirmam seus sócios, explicando que as aquisições são feitas diretamente com antigos proprietários ou através dos herdeiros destes.

As peças aqui do [...] não são peças muito altas, mas no conjunto, elas têm um valor muito grande. Valor cultural, histórico, né? Eu acho, que o que vale aqui é destacar o conjunto. Porque a gente tem [...] no acervo, objetos pequenos de uso, de decoração, desde cem anos [...] uma variedade infinita de materiais, ferramentas, objetos de escravos, pode verificar...tem. Então, é o conjunto, não dá pra dizer assim...Tem algumas peças que são mais valiosas, mas meu destaque é o conjunto de peças, acho que é acervo, destacando acervo, né? Acervo importante também que conta a história do Rio de Janeiro, história do carnaval, da música brasileira, de MPB, nós temos o Albino Pinheiro, não sei se o [...] falou. E, o da Nadir de Melo Couto, a cantora de ópera, cantora lírica, acho que vão ser destacadas aqui no Rio Scenarium. No momento certo, isso vai ser exposto e, com certeza, vai dar uma boa mídia.

Olha, tem uma, por exemplo, que é a que eu considero a peça mais significativa, não é a peça, é um acervo, e esse não tem como estimar valor [...] É o acervo do Albino Pinheiro. Albino era um carioquíssimo e colecionador de tudo o que se relacionava com a música brasileira. Um produtor também de shows, o criador dos Seis e Meia, o criador da Banda de Ipanema, né? De festas, como a dos Autos da Lapa, da Festa da Penha. Então, um grande dinamizador cultural do Rio, produtor cultural da maior competência. Um carioca também da maior envergadura, um bebedor de chopp sem igual. E o acervo dele também, certamente, um acervo muito particular. Tem milhares de fotografias, coleções ligadas à história do Rio, recortes de jornal ligados à história da música, da banda de Ipanema, coleções do Pasquim, coleções da Revista do Rádio. Então, é um acervo sem preço

⁵⁰ Conforme a terminologia arquivística há distinção entre coleções e acervos. Coleção designa um “conjunto de documentos, sem relação orgânica, aleatoriamente acumulados”, ao passo que acervo designa “o conjunto dos documentos de um arquivo”, segundo Paes (1997). Ressalta-se que aqui também o acervo é entendido como o conjunto formado por documentos, constituídos pelos registros “de uma informação independentemente da natureza do suporte que a contém” e consideradas coleções aquelas peças ou objetos que foram sendo acumulados aleatoriamente pelos colecionadores proprietários dos estabelecimentos antiquários, sem quaisquer ligações orgânicas.

para a cultura carioca e brasileira mesmo, principalmente ligada à música. Adquirimos da família dele, da filha e de uma das esposas dele... ele era carioca até nisso [...] Um outro acervo também muito importante, é o acervo da Nadir de Melo Couto, que é uma cantora lírica dos anos quarenta, cinquenta e que, também, tem um acervo muito rico, ligado à história da ópera no Brasil, desse período. E, certamente é um acervo que nem no Teatro Municipal tem igual, com fotografias, com recortes de jornal, com historiografia, bibliografia, roupas de personagens de cinco óperas que ela encenou no Municipal. [...] a Nadir de Melo Couto foi uma pessoa que teve um programa na Rádio Nacional, de grande sucesso, “Momentos Líricos”, então, uma grande divulgadora da música lírica no cenário nacional. Então, o acervo também muito querido.

De modo geral, as atividades dos demais estabelecimentos antiquários se limitam ao comércio (compra, venda, incluindo consignações e pequenos reparos)⁵¹. Locação de antiguidades e de outros objetos também são realizadas por alguns outros. Os estabelecimentos da Rua do Lavradio, onde atuam os antiquários entrevistados, existem e atuam no local a uma média de oito anos. Três afirmaram já ter funcionado em outras lojas dessa mesma rua. O estabelecimento de Belo Horizonte tinha aproximadamente vinte e oito anos de existência por ocasião da entrevista, realizada em 2004.

Segundo informações fornecidas pelos antiquários entrevistados, incluindo os do antiquário bar, os públicos-alvo das empresas são constituídos por “pessoas da classe A”; o “novo riche”; “[...] um público que eu poderia classificar classe A, B e formador de opinião”; “[...] O cliente jovem nós queremos atrair, nós temos um número de clientes jovens bastante significativo, mas uma parcela do cliente jovem, esse a gente não quer atingir [...] um cliente problemático [...] a gente não quer atingir”. Ainda com

⁵¹ Muitos dos entrevistados afirmaram executar restauro de peças, especialmente em móveis. Porém, em muitos dos estabelecimentos, observou-se que os procedimentos realmente adotados, nesse sentido, têm mais a ver com medidas preventivas ou curativas. O que fazem, na maioria dos casos relatados, sob a forma de intervenções diretas sobre os materiais, são trabalhos destinados a reparar os danos causados sobre esses objetos, a fim de eliminarem processos de deterioração ou substituição de peças, sem necessariamente observarem a questão de se manterem as características e propriedades daquele objeto sob intervenção. O que nos parece, portanto, é que atuam mais em pequenos reparos do que em atividades de restauros propriamente ditos, que envolveriam trabalhos que visam restabelecer partes destruídas ou desgastadas, de modo criterioso e cuidadoso, sem alterações de quaisquer espécies, mantendo todas as características da obra ou objeto original.

relação a esse assunto, outro antiquário confessou que o cliente final não constitui seu público alvo. Assim se expressa, deixando claro sua preferência por decoradores, arquitetos e artistas de prestígio:

“[...]Meu cliente não seria o cliente final [...] geralmente, meu cliente não é o cliente final. É sempre um grande decorador, um arquiteto importante, um artista que, além do trabalho dele, ainda vai ganhar em cima de minha mercadoria. Então, eu não vendo assim para o cliente final, raramente eu vendo para o cliente final. Também, eu não gosto muito não porque eles reclamam muito.

Um dos entrevistados, gerente de uma loja de antiguidades em Belo Horizonte, manifestou dificuldades em “falar qual que seria”, e destacou queda de público comprador. Mencionou como fatores inibidores de manutenção ou ampliação de público consumidor de antiguidades, a falta de cultura no país e a influência dos decoradores, que podem ditar a moda, e que hoje indicam ambientes, peças de mobiliário e decorativas *clean*. Público externo, integrado por clientes do Rio e de São Paulo, foram indicados como compradores importantes e para os quais se vende mais: “[...] o público que eu vendo mais...eu vendo fora, no Rio, São Paulo...aí eu tiro essa diferença, porque lá ainda tem o comprador...”

Pelos depoimentos de três outros antiquários, a título de exemplo, percebe-se a possibilidade de diversificação da clientela, que provavelmente constitui público-alvo também de outros antiquários comerciantes:

[...] A gente tem todos os tipos de clientes, professor de história, temos pessoas que já foram antiquários, colecionadores [...] nós temos muitos clientes que são decoradores.

Olha, particularmente hoje, a gente não pode ter uma discriminação. A gente tem que procurar, pelo fato de estar fornecendo cultura, acho que a cultura, ela tem que ser fornecida desde o público mais baixo, que precisa de se preencher pra que ele tenha um conhecimento maior, até o público mais alto também. [...] mas, comercialmente, o ideal é que a gente consiga atingir a classe A, né? (risos...) Mas a A e B é a média do nosso público hoje.

O público alvo [...] é um público que eu poderia classificar classe A, B e formador de opinião. Aqui no [...] você pode observar que não tem faixa etária. Faixa etária seria dos dezoito anos, que seria a idade

mínima para entrar numa casa noturna, e a gente vai até, agora, conseguir através de um alvará, o juiz [...] já teve aqui e falou que pode mandar pra ele que ele permite que menores entrem na casa, né? Porque é uma casa de bom conceito. A faixa etária, exatamente, vai a oitenta, noventa, cem anos, exatamente [...] e todo mundo aqui dançando, se divertindo, então, público? É um público maduro. Não tem confusão na casa aqui. Você vê, não tem briga [...] O público, então é tranquilo.

Com relação à qualificação para o trabalho, certificou-se que poucos dos entrevistados possuem qualificação acadêmica formal. O processo de aquisição de conhecimentos acontece, na maioria dos casos, da mesma forma como foi percebido via análise das memórias escritas analisadas. Há transmissão de conhecimentos de modo informal entre os membros da família, entre proprietários, gerentes e demais trabalhadores na loja no próprio contexto do trabalho. Entre outros, amigos e colegas de profissão, ocorre alto índice de troca de informações, que pode levar à criação de conhecimento especializado na área de artes e antiguidades. Livros, assim como outras publicações, principalmente em formato impresso e em papel, constituem também recursos que dizem utilizar para fins de formação de competências no trabalho. Participação em feiras, leilões, exposições, viagens, entre outros eventos, também foram destacados como formas de obter conhecimentos para o exercício da profissão.

[...] eu me preparei no dia-a-dia. Porque eu vim parar, me dedicar ao trabalho nesse ramo de antiguidade quase que ao acaso. Primeiro porque eu gostava dessas coisas, visitar museus, exposições, feiras e influenciado por um amigo, que já trabalhava nessas coisas, no caso a feira do troca, que fica aqui na Praça XV e que acontece todo sábado. E ali foi o berço de muitos antiquários que hoje estão em atividade aí pelas lojas e até pelas próprias feiras, que tem espalhadas aí pelo Rio de Janeiro. Então, o dia-a-dia. No início eu comecei a me fixar nos azulejos. Eu tenho uma paixão especial pelos azulejos. Até coleciono alguns, aqueles que me causam mais admiração. Procurei estudar um pouco da história dos azulejos. Cheguei ao ponto da existência deles de... 7.000 anos antes de Cristo. Eu encontrei vestígios na história da presença do azulejo. A partir daí eu fui obrigado a conviver com outras coisas. Então eu fui aprendendo. Coisas que achava interessante eu as comprava e depois descobria que para o mercado eu joguei meu dinheiro fora porque aquilo não representava coisa alguma. Mas eu tirei proveito disso porque errando eu aprendi a identificar as coisas melhores, que tem a ver com a história realmente, que são significativas na decoração, na arquitetura e isso passou a influenciar o meu trabalho. E durante muito tempo eu investi no garimpo. Eu

andava por aí, eu não tinha loja, eu não era estabelecido em lugar algum. Andava por aí investigando os ferro velho (sic), os brechós do subúrbio do Rio. E até mesmo os lugares onde se jogava lixo fora. E ali eu resgatei muita coisa, que deu inclusive respaldo à minha subsistência.

[...] Eu estudei até o terceiro ano primário.

[...] quando eu comecei a trabalhar com ela, eu não mexia com isso, não entendia nada disso, nunca pensei em mexer com isso. Trabalhava num ramo totalmente diferente. Ela ficou viúva e me chamou pra trabalhar com ela. Aí eu comecei e eu fui aprendendo na prática, ela me ensinando, eu viajando com ela, fazendo compras e vendendo. Então é assim, procurando as coisas, né? Porque antigüidade é muito de garimpo, mesmo, né?

Ela sempre gostou de antigüidade, ela começou a mexer com antigüidade [...] e falou com o marido dela: “eu vou montar um Antiquário”. Resolveu montar e montou. Montou um aqui, montou um em Ribeirão em sociedade com a irmã dela. Depois desfez a sociedade com a irmã dela e ficou só com esse aqui e ela ficou com o de lá. Então é assim, mais por percepção mesmo e por gostar.

Considerando que poucos antiquários possuem qualificação formal, os resultados indicam existência de troca de informações e intercâmbio de conhecimento “tácito”, o que ocorre entre os integrantes dos estabelecimentos antiquários, a maioria deles agregando grupos de familiares e círculos de amigos e colegas de profissão.

Alguns tipos de parcerias estabelecidas entre as lojas dos antiquários ou bar antiquário e outras empresas do ramo foram constatados. Destacam-se, nesse caso, incidência maior de empréstimos de peças para exposições na cidade, empréstimo de espaços para realização de eventos e aceitação de vendas de objetos de propriedade de terceiros por consignação. Entre outras formas de cooperação estabelecida com outros antiquários ou com outras pessoas e organizações, alguns dos entrevistados destacaram:

[...] Isto nós estamos falando dos negócios de um modo geral. Mas, em foco, a parceria maior que acontece é o aluguel de peças, de objetos. E essas parcerias elas são eventuais e quase na totalidade informais.

A gente tem assim...vamos analisar...A gente tem, por exemplo, um material de construção. Aí tem uma empresa, que é lá no subúrbio, que fornece um preço mais acessível. Mas, a gente tem o frete, o transporte, tem todo esse custo além, pra chegar até aqui e você ter a hora que você precisar. Então, a gente tem aqui na rua uma pessoa que

já conhecemos há vários tempos. Eu considero isso como uma parceria. A gente compra direto nele e ele nos fornece o material a qualquer hora da noite, qualquer hora do dia. Então, eu considero isso uma parceria. E assim, claro, com uma certa restrição de ser parceiro, mas na hora comercial, vamos ser comercial e profissional. Então, essa é uma que eu acho assim que é viável, e que eles aceitaram também. Achei viável isso. E, basicamente são essas casas que nos fornecem, os nossos fornecedores, que a gente tem que buscar ter. Porque não adianta você estar procurando muito de fornecedor, todo dia [...] porque no momento que você precisar daquele fornecedor você já é um cliente estabelecido. Então, você tem a possibilidade maior de negociação. Ele não vai querer perder você. Então, acho que esse é o pilar da parceria.

[...] A gente trabalha com peças consignadas também [...] além de comprar e vender [...] também com os outros antiquários é uma parceria constante [...] Por exemplo, se um cliente vai ali e pergunta pra um antiquário “você tem isso?” “...não, mas pode deixar que eu vou tentar arrumar pra você. Me telefona.” “[...] você tem isso assim, assim, assim? Você tem um par de (*inaudível*) que estamos precisando?” “Tenho [...] “Então ta. Estou indo aí buscar, vou mostrar pra um cliente, pode?” “Pode.” Aí ele leva, mostra. Depois, se não vender ele devolve... isso é uma parceria. Então a mesma coisa sou eu. Se eu preciso de alguma coisa, um cliente me liga de São Paulo, do Rio, [...] ligo pra um fornecedor ou um antiquário. Então é assim, a gente trabalha muito dessa forma.

[...] Nós já tínhamos essa experiência com outra ONG, que já foi parceira nossa. Exatamente uma parceria. Agora, nós temos a ONG. Agora, a gente já criou essa ONG na estrutura nossa, né? O [...] é o presidente, então, aí nós vamos passar o recurso pra nós administrarmos mesmo. Antes, a gente cedia o espaço e os meninos eram treinados aqui dentro. A gente tinha a parceria nesse sentido. [...] A gente cede o espaço. Hoje mesmo tem esse evento aqui do Bittar, né? Foi candidato a prefeito e nós não estamos cobrando o espaço, aluguel nem nada. E, inclusive depois do evento, aí, tem um desconto pras pessoas que permanecerem no [...] É uma forma de as pessoas que estão aqui permanecerem por aqui mesmo, divertirem, né? Captar mais clientes, é. Outro tipo de parceria que a gente tem aqui é com as empresas que costumam fazer fotografias pra por em revistas, jornais, televisão, fazer alguma matéria. Dificilmente passa uma semana que não tenha uma televisão filmando aqui ou fazendo algum de tipo de entrevista com outras pessoas de fora mesmo, usando o cenário. Nós não cobramos nada, dificilmente nós cobramos. Só mesmo, assim, pra Playboy. Mas raramente a gente cobra, a maioria das vezes é comodato, a maioria.

A gente cede o espaço. Hoje mesmo tem esse evento aqui, do Bittar, né? Foi candidato a prefeito e nós não estamos cobrando o espaço, aluguel nem nada. inclusive, depois do evento aí, tem um desconto para as pessoas que permanecerem no [...] É uma forma de as pessoas que estão aqui permanecerem por aqui mesmo, divertirem, né? [...] Captar mais clientes... Outro tipo de parceria que a gente tem aqui é com as empresas que costumam fazer fotografias pra por em revistas, jornais, televisão, fazer alguma matéria. Dificilmente passa uma

semana que não tenha uma televisão filmando aqui ou fazendo algum tipo de entrevista com outras pessoas de fora mesmo, usando o cenário. Nós não cobramos nada, dificilmente nós cobramos. Só mesmo assim pra Playboy. Mas, raramente a gente cobra, a maioria das vezes é comodato, a maioria.

Parcerias firmadas com a Prefeitura do Rio que parecem visar ao atendimento de interesses coletivos também foram destacadas por um dos antiquários entrevistados.

Olha, eu não sei. Eu vejo de uma forma mais abrangente. O [...] ele faz parte de um contexto maior, que é o contexto da revitalização do Centro. Você quer que por exemplo, o [...] ele é fruto de um processo de revitalização do centro do Rio, que começou há vinte e cinco anos atrás, com a criação do corredor cultural, pela prefeitura do Rio de Janeiro, onde o Augusto Ivan e o Felício Pinheiro, que é o arquiteto urbanista, foi o mentor, vamos dizer assim, desse projeto junto com um grupo de técnicos da maior competência. Então, o corredor cultural estabeleceu normas, critérios, ofereceu vantagens pra aqueles que recuperassem as suas fachadas. Com os critérios e as normas estabelecidas pelo corredor cultural, isto fez com que a cidade, o centro da cidade, ganhasse um impulso maior com a recuperação de suas fachadas, com a recuperação de seus logradouros. E a Rua do Lavradio entrou nesse bojo do contexto do Corredor Cultural cerca de oito anos atrás, através de um trabalho dos comerciantes do centro do Rio Antigo, então, dessa região nossa. Nós nos reunimos em torno da ACCRA e essa região ganhou um impulso muito grande. Então, um grande parceiro nosso foi a prefeitura, através do Corredor Cultural. Obviamente que a subprefeitura do Centro ela foi fundamental porque sei lá...tinha a pessoa certa que era o subprefeito, o Augusto Ivan, no tempo, no momento certo, com as pessoas certas. Então, tudo levou para que esse momento nosso acontecesse. Aqui também, nós, os comerciantes com a vontade também em um momento propício. Então, eu acho que essa conjugação de fatores é que permitiu que esse projeto da Rua do Lavradio se iniciasse há oito anos atrás. E com a criação da Feira Rio Antigo, depois veio a obra da Lavradio e depois os bares, que hoje são sucesso aí e o [...] é um deles. Então, acho que o grande parceiro é a prefeitura, e a sua obra maior é a obra de recuperação e restauração e urbanização da Rua do Lavradio. Você não pode ver o [...] como um caso isolado.

Alguns entrevistados disseram não firmar parcerias com ninguém. Um antiquário prestou o seguinte depoimento revelando o que pensa acerca de parcerias e das possibilidades ou não de efetivá-las:

Parcerias? Nenhuma. A gente funciona é como uma empresa doméstica mesmo. Aqui a gente faz do varrer chão, a limpar o móvel, atender cliente. Nós temos parceria, em termos de execução do trabalho. Parcerias com órgãos externos nenhum porque nenhum quer dar. Você precisa ter “pistolão” pra isso, mesmo. Tem que ser

apadrinhado pra conseguir algum apoio. Muito pelo contrário, as pessoas vêm nos pedir o nosso apoio. O único apoio que eu dou é para estudante e quando faz a monografia final. Então, a gente reserva dois ou três estudantes, empresta os móveis, objetos que tiver, ajuda os meninos. Agora, nenhuma parceria com cinema, teatro, desfiles de moda. Eles pedem, mas a gente não dá porque é uma questão política. Eles ganham muito e botam o nosso nome lá no final, que ninguém lê, em crédito, e que constitui pra gente um prejuízo, verdadeiramente. Daria sim, patrocínio, daria apoio, se a Vera Fisher falasse o meu nome e o nome da minha loja. Isso eu não vou conseguir, já que é uma empresa familiar.

No conjunto de conteúdos analisados, tanto dos livros ou dos outros tipos de documentos impressos em papel ou contidos em suportes eletrônicos quanto nos depoimentos coletados através das entrevistas, como pode ser observado nas transcrições a seguir, percebeu-se que existe grande influência da família, especialmente dos pais, no tocante à escolha da profissão de antiquário. Novos depoimentos apontaram que o processo de aquisição de conhecimentos especializados, se concretiza basicamente via interações interpessoais e, de modo especial, no próprio contexto familiar e do trabalho:

[...] ingressei na “Universidade do Antiquário” aos 14 anos. A precocidade deveu-se a meu pai, um colecionador médio a levar-me aos grandes leilões da época, nas mansões da burguesia. Fiz mestrado em visitas frequentes a um dos mais antigos antiquários do Brasil moderno. *O de José Abressor, na Rua da Lapa. De 1962 e até 1967, quase que diariamente*, deslocava-me para ouvir de o "Zé dos Bichos", os ensinamentos para um mercado ainda latente.

[...] meu pai precisava trabalhar...quando voltou, fui com minha mãe buscá-lo na estação do trem [...] ele me trazia de presente uma caixa com seis lapiseiras coloridas tchecas compradas numa casa de comissão e uma linda boneca(hoje sei que era uma KR 717) com tranças de cabelos humanos, olhos castanhos que abriam e fechavam e quatro dentinhos. Na ocasião meu pai me disse: isso é muito antigo, muito frágil, quebra [...] foi ali que aprendi a sentar numa poltrona e ficar quietinha (sem mexer em nada, pois tudo era caro e frágil) esperando minha mãe. Em troca, ganhava brinquedos antigos [...] conquistei num antiquário de Krakóvia, um velho e belo peso de papel. Além das bonecas, costumava brincar com cartões postais de Rita Rayword e velhas fotografias que minha mãe guardara [...] amigos também mandavam para meus pais cartas e cartões postais e aos três anos eu já colecionava os selos que eles me davam para brincar. Percebendo meu interesse papai me deu um Atlas em sépia, para que eu pudesse saber, ainda aos quatro anos de idade, de que partes do mundo vinham os selos que eu estava juntando.

Meu avô era relojoeiro. Só consertava relógios de pêndulo, ele era um penduleiro, diferente de antiguidades, né? Então, eu comecei a ver meu avô mexer com aquelas coisas, então, eu comecei também a mexer com relógios. Comecei também a me dedicar muito a relógios antigos. Depois meu pai também veio a consertar relógios, gramofones, instrumentos de corda. E aí você vai vendo aquilo, vai se dedicando aquilo, e vai comercializando aquilo, vendo que tem valor aquele tipo de trabalho. E, hoje, eu não conserto mais nada, mas continuo comprando e vendendo.

Meu pai era italiano. Como se diz, italiano tem duas opções: ou é vigarista ou é artista. Meu pai foi um artista. Meu pai era um modelador de calçados femininos. Teve uma fábrica, que hoje a gente poderia chamar micro empresa de fundo de quintal, e tinha trinta e dois empregados. Então, meu pai desenhava os sapatos, fazia o molde, cortava e costurava, o que era o que se chamava na época, pesponto [...] Então, aprendi a profissão com meu pai, desenhei muito sapato [...] meu pai foi um dos primeiros a costurar bota feminina, para mulher, usando tecido e couro. Foi para a Sloper. E, a partir daí, meu pai gostava muito de teatro, artes. Ele era semi analfabeto, mas sabia tudo. Eu aprendi tudo com meu pai. Não aprendi na escola, com ninguém. Depois, eu me soltei.

Olha, eu comecei aqui não só aqui no [...], mas no [...] um outro antiquário que o [...] e o [...] têm ainda até hoje, como auxiliar de serviços gerais [...] e aí a gente foi trabalhando junto, procurando desempenhar um bom trabalho. Eles foram umas pessoas maravilhosas para mim. Aprendi muita coisa aqui, eu era novo. Então, minha adolescência e a minha juventude foi toda trabalhando com eles, adquirindo conhecimentos. E, já vindo de uma área que meu pai também tem estabelecimento de antiguidades, uma loja, então já tá no sangue praticamente, né? Aí foi onde eu me identifiquei também, por eles também terem um nível maior de conhecimento, se tornou um atrativo para trabalhar com eles em relação a isso e a amizade surgindo, assim as oportunidades que eles me deram, a confiança que eles depositaram em minha pessoa. Então, tudo isso foi ajudando para que fosse fortalecendo cada vez mais a união e a amizade que eu tenho por eles até hoje. Aí depois veio a [...], e aí também a gente continuou desenvolvendo trabalho que eu tenho saudades até hoje, que a gente fazia da época do rádio nas feiras. Todo sábado a gente fazia um cenário pequeno, identificando cada cantor da época dos rádios. Então, a gente trabalhava junto com ela, montava, a gente decorava e daí apareceu o [...] Aí o [...] veio com a proposta de abrir o [...] pra locação. A gente começou, isso aqui tava tudo revirado e aí a gente continuou trabalhando juntos e até hoje a gente tá junto ainda. Mas, eu comecei com os serviços gerais e aí passei a supervisor de equipes, a gente tomava conta de uma oficina.

Bom, no antiquário a gente começou... [Silêncio] Isso é interessante de falar também, como é que nós surgimos como antiquários, sem ter nenhuma experiência, sem ter nenhuma formação de antiquário porque não tem uma faculdade que a gente saiba que exista, que forme

antiquários. Como eu fiz administração e arquitetura⁵², tinha noções de história da arte, história da arquitetura. Então, já tinha uma certa intimidade com o universo da arte, mas não tinha uma formação para o mercado. Administração já me deu a mercadologia, por exemplo, já me deu noções de mercado, de marketing. Já me deu experiências administrativas também. Então, juntando esse aprendizado da universidade, obviamente, eu tive uma base mínima para entrar no mercado de antiguidades. Foi na época do Plano Collor que eu entrei para o mercado, junto com o [...]. Nós, adquirimos um box no [...], junto com o [...]. Nós éramos três. O [...] depois saiu, e nós fomos desenvolvendo, aprendendo no próprio mercado de antiguidades, com as pessoas à nossa volta. Então, o [...] era uma casa, aquele antiquário que é nosso hoje, no número 28, era um... vamos chamar de uma incubadora de antiquários. Então, o [...] e o [...], você vai falar com eles, eles criaram o [...] Dividiram em vinte box e alugaram, venderam esses boxes por dois mil dólares, e o aluguel mensal de cem dólares por mês. Nós ocupamos um deles, dos vinte boxes, do lado, tinha a [...], que era especializada em pratas, que eu descobri que tinha um livrinho que você via a marcação da prata, que era marcação sobre a data e procedência ou valor, não sei o que. Do outro lado, tinha o [...] que viajava para o mundo inteiro, visitando as feiras de antiguidades do mundo inteiro, e ele vinha trazendo as novidades pra gente, contando histórias, passando experiências do mundo dos antiquários. Então, aprendendo com cada um. O outro, especializado em vidros, o outro em porcelana, o outro em móveis. E, cada um tinha um catálogo. Então, nós descobrimos convivendo com esses dezenove antiquários à nossa volta, que não eram antiquários na realidade, eram pequenos antiquários, eram feirantes, eram sacoleiros, que ali deixavam suas peças para no final de semana, embrulhavam e iam para as feiras de sábado e domingo, que aconteciam na cidade. Então, a primeira troca de informações de mercado foi essa com o vizinho do lado, com o colega do lado e que a gente aprendeu as noções básicas do antiquariato, as técnicas de venda, que a gente via o colega ali do lado comercializar. A gente também já tinha uma certa noção até por família. Meu pai era comerciante. Então ali, vendo o meu pai atrás do balcão, também já aprendia certas normas, certas técnicas de venda, a ética na venda. Então, isso é fundamental também para o mercado de artes e antiguidades, você respeitar o cliente, você respeitar. Então, isso tudo foi muito importante na minha formação e ajudou também nesse processo. Eu acho que em termos de antiguidades seria isso. E de freqüentar leilões também. Não é uma fonte de informação formal, não é um livro. Mas, freqüentando leilões você aprende muito também. As peças são descritas, ao serem expostas, valor também das peças. Ali você aprende a ter a noção de valor de mercado das peças, de acordo com a lei da oferta e da procura e também freqüentando as feiras de antiguidades. Você freqüentando a feira você pergunta. O cara, pra te vender, ele tem que te dar informações sobre aquela peça. Você ouve também a pergunta que o outro faz. Então, eu acho, que o ouvido também, num mercado de antiguidades principalmente, que é um mercado muito fechado, o ouvido é a principal ferramenta. E, você está vendo a dificuldade que está tendo para encontrar livros nessa

⁵² Em outro trecho de seu depoimento, o entrevistado observou: “eu fiz arquitetura e administração e fugi da escola antes de me formar nos dois cursos, fugi dos dois”.

área, então é muito importante, a não ser catálogos. Eu acho que o ouvido foi, na realidade, a grande ferramenta nossa [risos].

Há de se atentar, no que diz respeito à forma aparentemente predominante de aquisição de conhecimentos profissionais por parte dos antiquários, limitando-se ao contexto familiar e do trabalho e ao plano da comunicação informal, que isso pode estar prejudicando a expansão de seu campo de conhecimento especializado, talvez sujeitando-os, como mostra Bourdieu (1998), “às categorias de percepção ou aos modos de pensamento [...] dos antepassados – que, a maior parte das vezes, os receberam de uma outra tradição doutra. Isso favorece uma espécie de *conservadorismo estrutural*, que leva a reproduzir a doxa doutra”, ao que acrescentaríamos, e talvez à perpetuação de falsas interpretações ou falsos entendimentos.

Por outro lado, no contexto da teoria e história do problema do conhecimento, é reconhecida a possibilidade de existência de fontes e de formas de conhecimento diversas, como discutem vivamente Hessen (2003) e Burke (2003) em suas respectivas obras “Teoria do conhecimento” e “Uma história social do conhecimento: de Gutenberg a Diderot”. Assim, parece apropriado estar atento, admitir a existência e estudar as distintas maneiras de aquisição e de apropriação do conhecimento e os usos que para ele encontraram os seus potenciais consumidores, inclusive os antiquários.

A rede de informação dos antiquários parece realmente constituída pelos contatos interpessoais e informais estabelecidos com seus pares, amigos, fornecedores e clientes, no seu dia-a-dia de trabalho. Interações estabelecidas durante feiras, leilões e exposições também aparecem com alta frequência nos relatos lidos e em vários trechos das entrevistas.

[...] A coleção do saudoso Octales Marcondes não foi totalmente vendida; por informações do amigo Joaquim Vieira Marques, advogado da família, sei que existem ainda peças de alta raridade.

[...] meus concorrentes sempre são importantes. Porque meus vizinhos, os concorrentes, eu tenho um bom diálogo com todos, nas lojas circunvizinhas e a gente sempre troca informações ora de estilos, ora de madeiras. Nas nossas conversas, no final das tardes e quando há os encontros casuais, a gente também troca idéias: o que um vendeu, o que o outro comprou, onde você vendeu, onde é que tem uma peça. Então, com os concorrentes e vizinhos de profissão realmente há um diálogo bem aberto e uma sintonia muito boa. [...] Porque são conhecimentos que você adquire e também obviamente transmite. Há uma troca de informações. [...] eu gosto muito de conversar, por exemplo, com os clientes. A gente tem todos os tipos de clientes, professor de história, temos pessoas que já foram antiquários, colecionadores, [...] nós temos muitos clientes que são decoradores, então quando eles vêm à loja e a gente toma um cafezinho, sempre se debate e sempre se adquire obviamente conhecimentos por aqueles que mais sabem do que eu, né? E aqueles que menos sabem sempre a gente passa um pouco do que já aprendeu, claro! O tempo é que é a melhor faculdade.

Internamente, eu digo que a comunicação com os nossos funcionários é muito informal. Muito informal.

Eu comecei a frequentar ferro velho, comprar bronze, peças de bronze...coisas de telefone velho, rádios, isso e aquilo. Comecei a trabalhar assim. E comecei a fazer feira na Praça XV, no Albamar...e de lá pra cá eu vim...vim evoluindo, evoluindo no ramo [...] a gente aprende é escutando. [...] eles estão sempre pedindo luz, me perguntando alguma coisa. Eu estou sempre passando pra eles. E são mais antigos que eu, são mais inteligentes que eu [...] são mais maduros, mais velhos que eu e vêm a mim pedir informação.

Entre traços característicos de personalidade predominantes entre antiquários analisados, alguns poderiam enquadrá-los como empreendedores. Comparando suas atitudes e procedimentos no cotidiano de trabalho com registros da literatura que trata de empreendedorismo, percebe-se isso claramente.

Dedicação, paixão, ousadia, iniciativa, ambição, curiosidade e busca de conhecimento sobre o campo de trabalho são qualidades que transparecem tanto nos textos das memórias quanto dos depoimentos analisados que falam sobre os antiquários. Também nos contextos das entrevistas realizadas fica clara a existência de atitudes empreendedoras por parte dos proprietários ou gerentes das lojas de antiguidades investigadas.

[...] colecionador de antiguidades precisa ser obcecado [...] precisa ter faro (e muito!), conhecer o *métier* (pelo menos o básico) [...] garimpar

objetos que levam a marca de antigüidade é atividade muitas vezes arriscada, é paixão.

[...] então ela falou para o marido dela: eu vou montar um Antiquário [...] e resolveu montar e montou. Montou um aqui, montou um em Ribeirão em sociedade com a irmã dela, depois desfez a sociedade e ficou só com esse aqui e ela, a irmã, ficou com o de lá.

[...] Não havia nessa época estrada litorânea para Porto Seguro [...] arrumou um homem de confiança para levar por mar numa boa barçaça [...] e seguiu por mar. A barra de Porto Seguro é infestada de tubarões e ai daquele que cair n'água, não volta mais à tona [...] o transporte era só por mar e em pequenas embarcações.

[...] nesses cursos a gente tinha não só noções básicas como também abria pra gente várias outras fontes de pesquisa, como livros que a gente nem sabia que existiam antes disso. Então, também na Biblioteca Nacional, se precisasse de fazer uma pesquisa sobre determinado assunto quando tinha alguma dúvida ou queria conhecer mais sobre determinado assunto, eu procurava a Biblioteca Nacional, internet eu nem sabia que existia [...] há pouco tempo que eu descobri a internet. Então, na Biblioteca Nacional eu pesquisava livros de acordo com os temas e comprava livros também em feiras, como a feira do Bexiga, em São Paulo, que eu freqüentava. A feira do MASP, o próprio museu do MASP, em São Paulo, tem bons livros da área de antigüidades, catálogos com noções de preços também. Não só preços como também descrição de peças. E nesses catálogos, não só pra mim, mas em relação a um grande número de antigüidades, esses catálogos como o Lily, o da Christie's são catálogos de peças leiloadas em leilões nos Estados Unidos ou na Europa. Então, com a descrição das peças leiloadas, pela semelhança com a sua peça você vai começando a entender um pouco mais: "Olha, aquele móvel parece muito com o meu." Então você vai identificando a peça por semelhança com as do catálogo. Então, com isso, a grande maioria dos antiquários também aprende com esses catálogos, ele é muito comum no mercado, principalmente pra quem está começando a trabalhar com antigüidade e, obviamente, depois você vai segmentando, encontra num livro de Art Dèco, um livro contando a história do Dèco. Depois você vai segmentando, você vai encontrando peças. Na verdade, a informação vem sempre depois, você encontra determinada peça, por exemplo você foi na casa do cliente você viu um Gallé, por exemplo, você tem a necessidade de sair dali, entrar numa livraria e comprar um livro sobre o Gallé, mas até então a gente não tem esse tipo de informação.

[...] Viajando pelo interior do Brasil na busca de raridades e visitando museus em Nova York, Paris e Londres, observava os importantes leilões nessas capitais. Viajava minha imaginação pelos dias em que chegaria aos sonhos do que viria a ser [...] tornei-me Leiloeiro Público. [...] inaugurei uma nova sala no Corredor Cultural da Rua do Lavradio, onde passei a realizar leilões mensais, aos sábados, para atender ao interesse cada vez maior dos Clientes, sejam vendedores ou compradores. [...] com uma equipe altamente especializada e na sede que hoje ocupo, organizei mais de 130 leilões.

Dona [...] foi uma das primeiras a investir em móveis antigos em Brasília. Com ela está [...] Os dois estão entre os fundadores da Associação de Antiquários da capital, que reúne mais de 60 colecionadores, estudiosos e comerciantes.

[...] Coisas que achava interessante eu as comprava e depois descobria que para o mercado eu joguei meu dinheiro fora porque aquilo não representava coisa alguma. Mas, eu tirei proveito disso, porque errando eu aprendi a identificar as coisas melhores, que tem a ver com a história realmente, que são significativas na decoração, na arquitetura e isso passou a influenciar o meu trabalho. E, durante muito tempo eu investi no garimpo. Eu andava por aí, eu não tinha loja, eu não era estabelecido em lugar algum. Andava por aí investigando os ferro velho (sic), os brechós do subúrbio do Rio. E até mesmo os lugares onde se jogava lixo fora. E ali eu resgatei muita coisa, que deu inclusive respaldo à minha subsistência. [...]

Interessante notar, no contexto dos depoimentos destacados pelos antiquários escritores e em outras fontes escritas, a alta incidência de negociações feitas com personalidades proeminentes das sociedades visitadas à cata de aquisição de peças antigas, valiosas e raridades. Os padres e outros elementos da comunidade religiosa são freqüentemente citados como pessoas fundamentais nos processos de comercialização desses objetos, de modo especial de arte sacra e utensílios religiosos. Personalidades públicas também demonstram exercer papel fundamental na rede de relações sociais e comerciais dos antiquários analisados:

[...] o vigário local vendeu-me alguma prataria fora de uso e uma banquetta de estanho.

[...] o Moisés, também do mesmo ramo, realizava algum negócio. Ele não. O Moisés levava vantagem pois comandava a malta de ajudantes que percorriam o interior e lhe traziam boas peças que os senhores curas lhes vendiam.

[...] instalei-me no hotel e, já no dia seguinte, procurei o padre, que era um homem de cor e muito amável. Apresentou-me ao tesoureiro-geral das igrejas e comprei coisas raríssimas: imagens de barro do Séc. XVII do antigo convento em ruínas, bancos fora de série, cômodas e armários. [...] cidade antiga e pobre, possui uma igreja muito rica com alfaias de alto valor, mas tudo tombado. Comprei de particulares imagens valiosas: séculos XVII e XVIII.

[...] conheci um homem muito bom e muito acolhedor [...] prefeito da cidade várias vezes [...] me apresentou ao cura e fiz belas aquisições [...] negocieei bastante com o digno prefeito, comprando-lhe uma bela mesa “Manuelina” e diversos pratos da “Companhia das Índias.

Transacionando com o padre e o prefeito, todas as portas estão abertas em qualquer cidade brasileira. Comecei a ser chamado pelos coronéis e as moedas de “pau-nas-costas” foram aparecendo. Mesas- cavalete em quantidade, salvas e bacias de prata também encontrei.

[...] entre os importantes acervos vendidos estão os do ex-Presidente da Academia Brasileira de Letras..., do ex-Ministro das Relações Exteriores,..e do ex-Presidente da República.

[...] vendi muitas peças ao antiquário [...] inclusive as imagens preciosas de barro. A mesa “D. João V” quem comprou foi o saudoso negociante [...]. [...] comprou um lote de miudezas, enquanto a [...] famosa antiquária do Rio, ficou com as poltronas e umas cadeiras. [...] freqüentava muito minha casa o [...] que iniciou seu gosto pela arte colecionando balancinhas e pequenos pesos ingleses (um dentro do outro) e veio a tornar-se um dos grandes antiquários de São Paulo, com freguesia selecionada.

Interessante observar que um dos antiquários escritores afirmou ter deixado de negociar com representantes da igreja católica após desapontamento comercial sofrido, e que culminou na devolução de peças que ele havia adquirido legalmente, confiando na suposta honestidade do fornecedor.

Dentre as formas de eventos dos quais os antiquários têm participado, destacaram-se as feiras, leilões e exposições, sendo mais citados os acontecidos nas cidades de Goiânia, Brasília, Uberlândia, São Paulo e Rio de Janeiro. Alguns citaram ainda a participação deles ou de seus colegas de profissão em eventos e viagens realizadas ao exterior. Certamente esses eventos e viagens também podem ser considerados recursos úteis para aquisição e transmissão de informações e conhecimentos, além de sua finalidade talvez mais crucial, para os antiquários comerciantes, que é negociar.

[...] as feiras são os melhores locais para compra, é onde tem mais mercadoria e reúne comerciantes que têm lojas e autônomos [...] colecionadores e comerciantes se reúnem também para leilões [...] São ocasiões ideais para adquirir peças cujo valor é inquestionável. Mesmo assim, vale se informar. Livros e catálogos podem ajudar, mas é preciso ser orientado.

[...] Viajando pelo interior do Brasil na busca de raridades e visitando museus em Nova York, Paris e Londres, observava os importantes leilões nessas capitais. Viajava minha imaginação pelos dias em que chegaria aos sonhos do que viria a ser...tornei-me Leiloeiro

Público...inaugurei uma nova sala no Corredor Cultural da Rua do Lavradio, onde passei a realizar leilões mensais, aos sábados, para atender ao interesse cada vez maior dos Clientes, sejam vendedores ou compradores...com uma equipe altamente especializada e na sede que hoje ocupo, organizei mais de 130 leilões.

Eu viajo. Eu viajo muito. Minha maior fonte de renda era a Europa. Eu comprava na Europa e trazia pra vender no Brasil. Levava alguma coisa pra vender lá também. Agora, já não é mais. Mas, eu compro no interior do Brasil todo. Se alguém me disser que lá tem alguma coisa, eu vou lá ver [...] Inglaterra, Paris, Londres, Amsterdã, quase a Europa toda. Só comprando, comprando e trazendo. Era tipo de um mercado que compensava comprar e vender no Brasil, compensava comprar lá e trazer pra cá. Comprava-se muito mais barato lá e vendia muito mais caro [...] Portugal, pra eles, só vendendo, só vendendo. [...] Portugal só compra no Brasil... porque eles também compram certas mercadorias...o jacarandá...eles adoram jacarandá. Então, vai nosso jacarandá todo pra lá. O jacarandá lá é pau santo, né? Lá, o jacarandá é pau santo. Vai tudo pra lá. Teve época, que o brasileiro ia lá e comprava tudo também. Então, o nosso capital, o nosso dinheiro dava pra comprar lá e trazer pra cá. E, chegou a um determinado ponto, Júlia, segundo um comentário de um comerciante que veio de lá, que eles vendiam até tralhas...coisas que brasileiro chegava lá e comprava. Comprava mal antiguidades, o que eles faziam lá e que parecia antiguidades, brasileiro comprava e trazia pra cá. Então, tanto é que esses objetos, os portugueses vêm aqui e não compram. Compram um monte das coisas boas que vieram pra cá, mas as coisas que foram fabricadas lá e, que não prestavam estão aí, espalhadas no mercado.

[...] eu saio pra garimpar. Aí eu chego numa loja, ou num brechó, dificilmente eu compro de particular. Eu saio, eu entro no meu carro, então, eu vou à Barra da Tijuca...Saio de Madureira para ir à Barra da Tijuca, então, eu paro em quatro ou cinco brechós. Lá eu dou uma garimpada. Na volta, eu venho pelo outro lado. Tipo eu venho para a cidade, de lá eu subo o Alto e já passo em três brechós de Jacarepaguá. Nessa caminhada, de ir a Barra, e da Barra vir para a cidade eu corro o risco de não comprar nada ou comprar uma mesa até “palito” muito boa, ou uma coisa muito boa ou uma coisa, pelo menos, barata demais, que vai me render mil por cento de lucro. Apesar, que hoje, eu não tô comprando mais nada à toa assim não, coisa que eu vejo assim...Tô comprando aquilo que vende, só aquilo que vende...porque o que eu pego assim que não vende com o cliente, é só peça consignada.

[...] a gente vai, freqüenta feiras, freqüenta leilões. Leilões, hoje, a gente tem ido menos, mas, no início, a gente foi muito em leilões. [...] a primeira vez que eu fui a um leilão eu cheguei comprando uma peça, que eu acho, não valia cinco reais e eu acho que paguei cinquenta. Mais ou menos isso. Foi porque eu me empolguei, entendeu? Ganhei uma experiência ótima. Naquele leilão, eram três bonequinhos de gesso, daqueles que você acha que está comprando uma belíssima peça e não valia nada...era gesso...(risos...) depois é que fui ver. Eu cheguei no momento que estavam leiloando, então já viu, né? Não conhecia o acervo antes, não examinei. Então, quando você for comprar alguma coisa num leilão, você vai ter que conhecer o acervo

antes, examinar a peça que você tem interesse e colocar o patamar assim...olha, eu posso chegar a tantos reais. E aí depois você vai participar do leilão. Aí, chegando no final, você sai fora e vai embora. Não participa mais. E, eu, nessa primeira vez que a gente foi, eu queria disputar e queria adquirir, a qualquer custo essa peça. E aí, pagava horrores...(risos...). Então, leilão é uma boa fonte, leilão é a melhor fonte que há. A feira também é muito boa.

[...] Do outro lado, tinha o [...] que viajava para o mundo inteiro, visitando as feiras de antiguidades do mundo inteiro, e ele vinha trazendo as novidades pra gente, contando histórias, passando experiências do mundo dos antiquários. Então, aprendendo com cada um. [...] Eu acho que em termos de antiguidades seria isso, e de freqüentar leilões também. Não é uma fonte de informação formal, não é um livro, mas freqüentando leilões você aprende muito também. As peças são descritas ao serem expostas, valor também das peças. Ali você aprende a ter a noção de valor de mercado das peças, de acordo com a lei da oferta e da procura, e também freqüentando as feiras de antiguidades. Você freqüentando a feira você pergunta. O cara pra te vender ele tem que te dar informações sobre aquela peça. Você ouve também a pergunta que o outro faz. Então, eu acho, que o ouvido também, num mercado de antiguidades, principalmente, que é um mercado muito fechado, o ouvido é a principal ferramenta. E você está vendo a dificuldade que está tendo para encontrar livros nessa área, então é muito importante, a não ser catálogos. Eu acho que o ouvido foi, na realidade, a grande ferramenta nossa...(risos).

Mereceu menção especial dentre as feiras freqüentadas a “Hebraica”, realizada anualmente em São Paulo e considerada, por alguns dos antiquários entrevistados, a maior feira de antiguidades realizada no Brasil. A importância atribuída à participação e comparecimento nesses eventos, baseando nos depoimentos de outros profissionais, parece que tem mais a ver com as questões relacionadas às oportunidades de se fazer negócios. Na cidade do Rio de Janeiro foram destacadas as feiras da Praça XV (ou “Do Troca”), no Albarim e a da Rua do Lavradio.

Interessante destacar, ainda no que concerne à caracterização dos antiquários entrevistados, algumas das considerações feitas acerca da missão que os mesmos consideram exercer no contexto social. Quase todos os depoimentos remetem ao papel do antiquário como agente conservador da história, do patrimônio e da cultura de modo geral, como pode ser visto em alguns desses depoimentos a seguir:

Eu acho bacana pra caramba. É uma forma de conservar, a gente conserva de um monte de formas, mas conserva por causa da história, da cultura, um bocado de coisas da população que a gente vai guardando, vai estudando porque que serviu aquilo, pra que serve, porque que é bonito, porque não é. E daí a gente vai selecionando e botando preço em cima do grau de dificuldade que a gente tem de arrumar aquela determinada peça. Aí, o valores vão daí, né? Eu acho que quem compra conhece mais do que a gente e vai juntando como colecionador. Então, parte da nossa história está na mão desses colecionadores, porque eles estudaram, se empenharam naquilo. É um pessoal que gosta de coisas do Império, da República, coisas de determinadas famílias importantes ou não. E esses objetos vão juntando nas mãos de um e outro e estão preservados aí. A hora que você quiser saber sobre a história do Rio de Janeiro, tem. Tem quem tem muito sobre a história do Rio de Janeiro, sobre a história de Niterói, sobre a história do Brasil, em geral, sobre o Império, tem gente que tem, né? [...] Em poucas palavras...eu não sei não... É preservar a história, às vezes, né? Muita história que a gente compra [...] porque muita coisa que faz parte da história e, de repente, foi parar no lixo. Isso, de repente, volta para a mão de um colecionador ou até para um museu, né? É isso aí.

Acho que uma das missões nossas, primeiro é ter que trabalhar dentro de uma rigidez ética da correção muito grande, porque o mercado não é um mercado fácil de você trabalhar. Você tem que ter isso em mente. E, eu acho que uma das missões nossas é de você tentar descobrir com o seu olhar, com as suas informações, sejam elas formais ou não, identificar peças que tenham algum significado histórico, alguma importância histórica, seja ela um quadro famoso de um grande artista que está numa feira e que ninguém sabe o que é... seja um móvel que tenha um desenho, um traçado bonito, que pode ser de [...] ou não. Sejam peças de marcenarias antigas ou não, que estão fadadas ao desaparecimento. Então, o que você identificar, sejam objetos grandes, valiosos ou não, mas que tenham uma importância histórica pra você resgatar e trazer isso pra sua casa, devolver isso ao mercado, encaminhar isso para o museu. Então, eu acho que essa é uma das funções, das missões mais importantes de um antiquário. É com seu olhar, com sua vivência, com a sua perspicácia, com sua cultura, você identificar esses elementos que são fruto da nossa cultura e valorizar e trazer e, muitas vezes, recuperá-los, restaurá-los e trazê-los de volta para a exposição, para o local onde deveriam estar.

Interessante destacar, ainda, que alguns antiquários percebem ou vinculam o exercício da profissão às suas vidas passadas ou a ligações espirituais muito fortes. Um afirmou que sua missão é uma “continuação do passado” devido ao fato de possuir sensibilidade muito aguçada nesse ramo das antiguidades. Um outro assim se expressou:

“[...] estamos há tantos anos no ramo de antiguidades e cada dia você descobre alguma coisa. [...] cada dia é uma surpresa, buscar os nossos

antepassados. É como se tivesse uma comunicação de alguém do passado, hoje, com você. Isso é bonito, as pessoas ficam encantadas, então, a gente usa essa missão, que é trazer a cultura, não só nossa, como de outros países também, mais o divertimento, que é o importante.

Quanto aos meios de comunicação utilizados no contexto interno do trabalho, constatou-se uso predominante de interfones, telefones e conversas interpessoais.

Novas tecnologias de comunicação e informação, destacando-se os computadores ligados à internet, foram recentemente implantadas: “[...] nós estamos usando isso agora, embora muita gente já esteja usando há mais tempo”, declarou um dos entrevistados.

6.2 Fontes de informação dos antiquários entrevistados e escritores

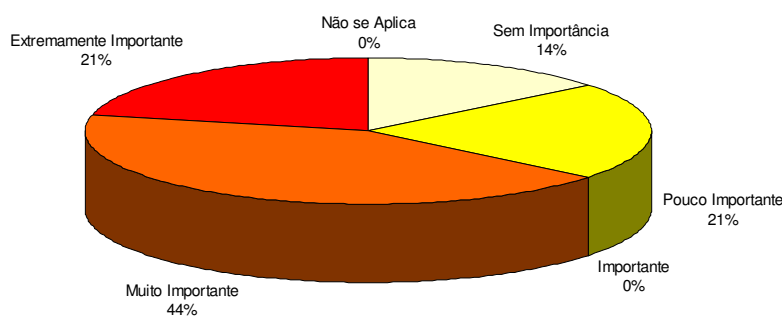
Ao se considerar o elenco de informações obtidas nos livros de memórias e no manual de autoria dos antiquários escritores, assim como nos depoimentos coletados através das entrevistas feitas com os profissionais antiquários negociantes, os resultados alcançados através desta pesquisa sobre suas fontes de informação serão apresentados obedecendo a uma ordem pré-determinada.

Tomou-se como ponto de partida para o estudo das fontes de informação dos antiquários, a categorização de fontes de informação apresentadas por Choo (1994) e adaptadas por Barbosa (1997), o que já foi informado na seção referente aos procedimentos metodológicos adotados. Tendo isso em mente optou-se por apresentar em primeiro lugar os resultados obtidos através das entrevistas, que testaram a aplicabilidade dessa categorização a essa camada de usuários potenciais de informação.

A seguir, portanto, serão apresentados e discutidos os resultados das análises das fontes de informação citadas pelos antiquários entrevistados, que serão

ilustrados através de uma seqüência de gráficos. Esclarecemos que os dados quantitativos percentuais dos gráficos foram arredondados pelo próprio software Excel, que foi o aplicativo utilizado para elaborá-los.

GRÁFICO 1 - GRAU DE IMPORTÂNCIA ATRIBUÍDO AOS CLIENTES COMO FONTES DE INFORMAÇÃO PELOS ANTIQUÁRIOS - 2004-2005



Com relação aos clientes como fontes de informação para os antiquários entrevistados, atuantes no comércio de antiguidades e no bar antiquário, o GRAF. - 1 revela que 65% deles consideram-nos de “muito importante” a “extremamente importante”.

Percebeu-se que algumas justificativas apresentadas pelos antiquários, no que diz respeito a considerá-los fontes importantes, relacionam-se a divulgação que os clientes fazem de suas lojas e de suas pessoas enquanto profissionais do ramo. Outras argumentações destacadas têm a ver com a contribuição que certos clientes, na maioria das vezes, especialistas em determinadas áreas do conhecimento, entre eles historiadores, artistas, colecionadores ou competentes colegas de profissão, decoradores entre outros, podem oferecer em assuntos relativos ao conhecimento ou ampliação deste acerca das peças comercializadas ou expostas em seus respectivos estabelecimentos.

Muita importância também é dada aos clientes que lhes fornecem informações valiosas no sentido de incentivar reflexões ou reformas de procedimentos e ações, na maioria da vezes, benéficas às empresas que têm o cliente como um dos seus principais focos.

O cliente é fundamental porque, o cliente, ele detém uma informação sobre aquela peça que você está comprando, principalmente. Eu vou na (sic) casa, como essa visita que eu fiz, “essa peça mamãe comprou na viagem a Paris.” “Esse aqui foi Juscelino Kubitschek que deu pra ela”. Então, isso já é um detalhe que você já vai naquela peça identificar. Aí, você vai perceber que aquele pezinho realmente é dos anos 50, que remete a Brasília, então são dicas que o cliente vai te dando e que são muito importantes para o seu conhecimento e pra você formar a sua opinião sobre a peça.

[...] Um cliente, como eu já tinha dito, a gente aprende a cada dia com uma situação diferente. Então, nós tínhamos uma situação aqui no bar e como agir é que eu tinha problema. A gente entregava um carimbo pras pessoas que diziam: ah, eu quero pagar a despesa dos meus amigos, e tal. Mas, de que forma a gente ia resolver? Enfim, chegou um dia um cliente e disse: por que vocês não fazem assim? A gente, um dia, teve um problema sério. Um caixa se confundiu de que as boletas que estavam carimbadas não eram pra ser cobradas tudo. E, aí esse cliente disse: não, você cobrou dos meus amigos e tal... Aí, diante dessa situação, ele deu uma opinião: você deve agir assim, assim e assim. Aí, realmente, se não fosse a luz que ele desse pra gente agir dessa maneira, de uma maneira mais fácil e menos complicada, a gente teria outros problemas adiante. Então, esse foi uma fonte de informação. E, que a gente usa assim, todo dia. Você aprende...é uma reclamação, uma crítica que o cliente faz, a gente tem que usá-la sempre como construtiva. Então, se ele fala assim: olha, o cardápio tá assim...a gente conversa, vê com a[...], vê com o[...], vê com o[...]. Olha, estão falando assim desse produto. Então, a gente usa o cliente como base, como um formador de opinião mesmo, para que a gente possa trabalhar em cima do que ele quer. Então, é uma fonte que a gente usa todo dia.

Algumas observações interessantes acerca dessa questão foram feitas por aqueles que lhes atribuem pouca ou nenhuma importância enquanto fontes, como pode ser visto em alguns dos depoimentos inseridos, a título de exemplo. Nesse caso, tudo indica que a negociação implícita na fala do entrevistado envolve um cliente possível concorrente deste:

Não, porque eu evito esse tipo de assunto com relação ao comércio. Dá a impressão que você não sabe de nada, entende? E o cliente também acaba não sabendo. Então, dizem que não te informam. Eles

alegam que não informam pra não te ensinar nada. Se você quer qualquer informação sobre mercadoria que você tem eles falam que não. Não fazem avaliação, não são eles. Mandam procurar um leiloeiro. Eles não são unidos não. Essa que é a verdade. Não. Um cliente, por exemplo, que eu vou entregar uma determinada peça na casa dele. Eu sei que é um grande cliente, eu sei do que ele gosta. Então, ou eu já comprei um negócio pra ele, já vendi pra ele [...] veio de São Paulo, é um paulista que vem comprar no Rio de Janeiro. Escolheu e tanto ele compra como também negocia lá fora. Eles compram aqui e vendem lá fora.

Um outro antiquário depoente fez questão de destacar que seus clientes são importantes devido às oportunidades de se criar ou estreitar com eles laços de amizade. Quanto ao aspecto do cliente como fonte de informação deixou bem claro que, no campo de trabalho, nunca aconteceram situações que o levassem a considerá-los como tal.

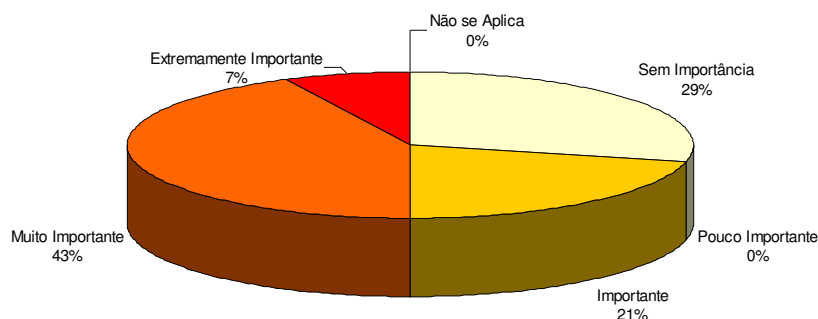
A opinião de outro revela que atribui pouca importância aos clientes como fontes porque esses raramente lhes dão informações

Porque quem compra móveis antigos com raras exceções conhece. Cinquenta por cento de quem adquire um móvel é normalmente pela primeira vez. Outros cinquenta por cento são pessoas que na adolescência conviveram com móveis antigos, visto que os pais e os avós já tinham móveis antigos. Então, raramente a gente recorre aos clientes, eles compram e esperam receber os móveis como a gente os prometeu e como eles estão aparentemente expostos na loja.

Conveniente observar ainda o que foi destacado por certo antiquário, que também auxilia no entendimento dessa questão, associando-a ao antiquariato comercial que envolve profundo jogo de interesse financeiro entre as partes

Muito pouco importante. Quero dizer o seguinte: o que o cliente traz de informação é quase zero. Eu não aprendo quase nada com o cliente. Eu diria que 5% dos clientes me trazem informação. Porque também você tem que levar em conta que aqui é um jogo mafioso. Quem sabe o valor não diz porque o objetivo de um antiquário é pagar um baixo custo e vender a um alto custo. Esse jogo é considerado honesto na profissão. Se eu entrar numa casa, a pessoa não conhece um Picasso, eu compro por cinco reais. Não é desonestidade. Na profissão não é considerado uma desonestidade. Então, é isso, é um comércio.

GRÁFICO 2 - GRAU DE IMPORTÂNCIA ATRIBUÍDO AOS CONCORRENTES COMO FONTES DE INFORMAÇÃO PELOS ANTIQUÁRIOS - 2004-2005



Verificou-se que os concorrentes são fontes de informação expressivas na visão dos antiquários entrevistados. 71% das respostas dadas confirmam isso, assim distribuídas: “importante” (21%), “muito importante” (43%) e “extremamente importante” (7%). Constatou-se também através das demais respostas que 29% consideraram seus concorrentes como fontes “sem importância”.

Percebeu-se durante o processo das entrevistas que alguns antiquários manifestavam opiniões um pouco confusas ou divergentes acerca dessa questão. Por exemplo, afirmavam que não possuíam concorrentes devido a sua competência, para eles, superior aos dos demais colegas de profissão. Daí eles não se sentem sob ameaças de outros profissionais. Outros antiquários observaram que não tinham concorrentes porque vêem os demais como parceiros ou amigos. Percebeu-se ainda que para certos antiquários seus concorrentes representam ou propiciam oportunidades de crescimento ou melhoria nos negócios, potencial que exploram através das observações quanto ao que os outros andam fazendo e por meio dos contatos pessoais que com eles estabelecem.

Os depoimentos a seguir ilustram e comprovam o que foi afirmado quanto às percepções anteriormente declaradas:

Eu acho que você tem que tá antenado para o que está acontecendo nas outras casas, né? Eles são importantes sim. Vou te dar um exemplo sim...é muito na observação também. Um exemplo: eu tô na terça-feira aqui hoje, eu era pra estar com quinhentas pessoas na casa, eu estou com cento e cinquenta. O que aconteceu? Eu pego o carro, e dou uma rodada e passo diante de todas as casas. Eu sei se as outras casas estão com um público baixo também ou não...pelo volume de carros na porta, aquelas que eu posso ver, a maioria da rua cê tem a visão...Então, essa observação, ela também te dá uma (inaudível). Aí você descobre, no dia seguinte, que teve um show na praia, da Skol Beats ou que seja um jogo do Flamengo nesse dia, então, o porquê a clientela da casa, naquele dia, foi mais baixa. Então, essa observação com o vizinho e também a troca de informações, a nível de (sic) decisão com os donos ou proprietários de algumas casas, elas são feitas de forma bem franca e bem...isso ajuda também.

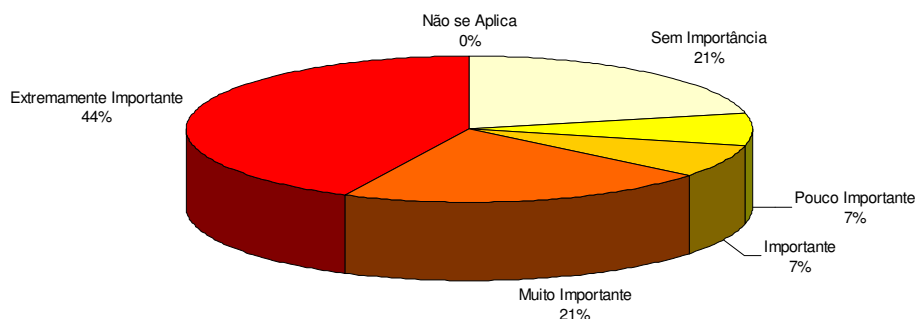
Não muito porque...não muito não, os do [...] não muito porque tem um sistema bem diferenciado. Eu acho assim, que a gente não tem concorrente. A gente tá antenado, né? Tá antenado [...] Ah! Sim! Sim...sim...Através da associação, sim, sim, com certeza. O [...] eu, particularmente não, mas o [...] sempre tá antenado, faz reuniões aqui, a gente troca figurinhas sobre relacionamentos, perde programação musical, perde funcionários que trabalharam aqui e vão pra outra casa. E, é um relacionamento muito franco tanto o nosso quanto o deles. Têm pessoas aqui que são bastante unidas. Por isso eu digo não tem concorrentes, mas são parceiros no caso, eu diria.

Também é extremamente importante. Eu acho que a concorrência no mercado nosso, ela é muito importante em qualquer mercado, e no antiquariato, principalmente [...].

Meus concorrentes a maioria é muito egoísta. Pensa muito em si. Em querer se dar bem [...] Eu não. Eu acho que a gente tem que dividir. Eu acho que todo mundo tem que dividir. Pra mim nada, pois eu não dependo deles... Eu até dependo para dar uma luz pra eles. Eles estão sempre pedindo luz. Me perguntando alguma coisa. Eu tô sempre passando pra eles. E são mais antigos que eu, são mais inteligentes que eu, o nível deles...são mais maduros, mais velhos que eu e vêm a mim pedir informação. Por isso, desde o início é o que eu falei. Isso é coisa do passado que eu trago, não é coisa recente que eu aprendi, já vem do passado...

Nenhuma. Eu me sinto [...] eu acho que fui eu aqui [...] eu trouxe cultura para a Rua. Somente nos Anos Cinquenta e Sessenta, que era uma década desprestigiada. Mas, quando viram que eu vendia, muita gente começou a vender e se dar bem. Hoje já temos por aqui duas ou três específicas nisso. Modo geral não há troca de informação. Um faz jogo duro com o outro e é bonito, é interessante e tal. Mas, cada um sabe é só uma concorrência. É concorrência mesmo.

GRÁFICO 3 - GRAU DE IMPORTÂNCIA ATRIBUÍDO AOS CONTATOS COMERCIAIS / PROFISSIONAIS COMO FONTES DE INFORMAÇÃO PELOS ANTIQUÁRIOS - 2004-2005



Quanto aos contatos comerciais e profissionais como fontes constatou-se a seguinte situação: a maioria (72%) afirmou que eles constituem fontes importantes, muito ou extremamente importantes. O índice de 28% de respostas revela pouca ou nenhuma importância atribuída a essas fontes de informação pelos antiquários.

Com referência ao que foi indicado como contatos comerciais e profissionais enquanto fontes de informação, percebeu-se nos registros gravados durante as entrevistas que muitos antiquários aludiam-se estritamente aos seus clientes e fornecedores. Outros consideraram seus amigos e colegas de profissão, como sinônimo de seus contatos comerciais e profissionais. Isso pode confundir um pouco a compreensão no que diz respeito a essa questão, caso a interpretação se atenha apenas aos dados quantitativos aqui apresentados.

Muitos deixaram claro que a importância desses contatos como fontes de informação deve-se ao fato de valorizarem os encontros interpessoais porque “há uma troca muito grande de informação [...] onde há troca maior de informações”, inclusive nas reuniões eventuais que promovem, destacou um dos antiquários.

Alguns depoimentos transcritos a seguir esclarecem melhor quanto a isso

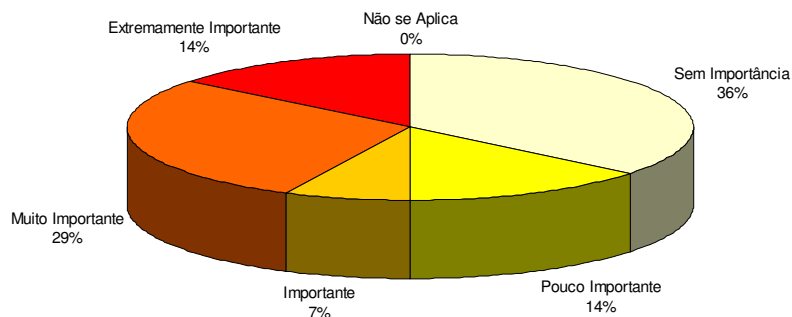
Eu, como disse, é uma empresa doméstica. Eu não estou na internet. A gente vive basicamente do público passante e do boca a boca. Como eu falei, a loja é muito antiga, já teve dois outros donos. E essa loja é uma loja que marca a rua pelo tamanho. Então, quando se fala na Rua do Lavradio, se fala, como referência essa loja porque ela é a maior loja. Atualmente, os bares que funcionam dentro dos antiquários, e nós não queremos isso, não sou da noite, estão virando referência. Mas, a grande referência durante muitos anos, e ainda é, é essa loja, pelo tamanho. Em frente à Maçonaria, enfim, quando vem uma cliente, ela, de modo geral, ela vem de táxi e pára aqui. Daqui ela se distribui. Aqui é a referência.

Agora... a gente recorre não só a concorrentes, mas pessoas que são especializadas em determinadas áreas porque como o mercado nosso é muito amplo, trabalho com quadro, com lustre, com móveis. Então uma pessoa que tem uma galeria de arte não é um concorrente do antiquário a princípio. Mas ao mesmo tempo é uma pessoa que pode nos auxiliar, e muito, como fonte de informações. Por exemplo, quando tem algum quadro, como esse por exemplo que é da Vieira da Silva, que é um quadro raro de uma pintora portuguesa que morou no Rio. Para eu ter uma noção da importância desse quadro ou se esse quadro é um quadro bom ou não, se ele é verdadeiro ou falso. Uma noção de preço de mercado, eu recorro a alguém da bolsa de arte, ou alguns antiquários que trabalham mais com esse tipo de quadro, você tem os quadros clássicos, você tem os modernos, você tem os contemporâneos. Então o mercado é muito diversificado, as pessoas, a gente procura sim as pessoas mais especializadas em cada segmento. Certamente a gente faz essa pesquisa constantemente.

Olha, eu tenho contato mais de compra, que eu acho mais importante, que é a compra, né? As pessoas que estão no interior, eles juntam as coisas pra mim. Me ligam e dizem assim: tem tantas peças assim...e eu vou no local e compro. Esse contato do interior, pra mim, é o mais importante, é o mais importante.

Não. Não. Eu sou sozinho. Eu procuro não depender, não procuro pedir informação porque esse ramo é um ramo de cobra e de águia, em relação ao colega profissional. Então eu procuro não depender deles, eu procuro até dar atenção a eles. Se me perguntar alguma coisa eu falo, avaliações... Me chamam na loja deles para ver uma peça que eles compraram e querem a minha avaliação, isso e aquilo. Então, os colegas... eu sou sozinho.

GRÁFICO 4 - GRAU DE IMPORTÂNCIA ATRIBUÍDO AOS FUNCIONÁRIOS DE ÓRGÃOS GOVERNAMENTAIS COMO FONTES DE INFORMAÇÃO PELOS ANTIQUÁRIOS - 2004-2005



Nota-se no GRÁF. - 4 que os funcionários de órgãos governamentais representam fontes de informação “extremamente importante” em apenas 14% das considerações feitas pelos antiquários entrevistados. 36% indicaram-nos como fontes entre “importante” ou “muito importante.” Ao se comparar esses dados com aqueles que demonstram atribuição de menor grau de importância a essas fontes, percebe-se que houve empate com relação às opiniões dos antiquários em relação a isso. Somando-se as respostas que denotam “sem importância” e “pouca importância”, verifica-se que a outra metade os considera dessa forma.

Importante destacar que alguns dos antiquários entrevistados, nesta e em outras questões, atribuíram bastante valor a essas pessoas como fontes, especialmente por constituírem, segundo alguns que se manifestaram mais quanto ao assunto, elos de contatos particularmente interessantes e proveitosos, inclusive para o alcance de interesses coletivos, considerando o grupo de antiquários comerciantes que atua na mesma região. Outro manifestou sua opinião em relação às organizações não

governamentais e não emitiu propriamente suas impressões relativas aos funcionários que desempenham funções em órgãos governamentais, como pode ser visto através do penúltimo depoimento:

Nesse aspecto de pessoas de órgãos do governo, órgãos governamentais, os mais próximos são de museus ou arquitetos ou diretores de museus, como o [...], posso citar, que tem antiquário aqui na rua. É arquiteto. Trabalhou anos como arquiteto do Museu Nacional de Belas Artes e hoje é responsável por uma área de conservação dos museus Castro Maia. Então o [...] é uma pessoa que eu recorro muito, principalmente quando se trata de restauração de obras de arte, de quadros, de papéis. É uma pessoa que me orienta, me indica pessoas que trabalham dentro dos museus que façam serviços externos. A [...], que é diretora do Museu Histórico Nacional, é uma pessoa que também tem nos socorrido, nos auxiliado em alguns momentos também. Obviamente que outras pessoas de outros órgãos governamentais que a gente está sempre em contato direto tem nos auxiliado em outras ações que vêm ajudar ou viabilizar o comércio de antiguidades na rua, como o processo da Rua do Lavradio, de reforma da rua dos antiquários, da Secretaria de Cultura, Sub-Prefeitura do Centro. Então há uma troca de informações muito grande nesse sentido. O projeto Monumenta, por exemplo.[...], que é a pessoa que coordena o projeto Monumenta [...] Eu participei desde a primeira reunião desse projeto que visa a recuperação da Praça Tiradentes. Então a [...] é a pessoa a quem eu recorro sempre, mais como ações que envolvem o mercado de antiguidades de uma maneira geral, mas não específica na compra ou venda da peça, mas de ações que venham beneficiar o conjunto, o contexto, a associação.

É através da Associação (ACCRA). Através da Associação e principalmente os órgãos municipais, que a gente tem uma relação mais afinada. A estadual também. Estadual tem a polícia, que também está envolvida nas reuniões da Associação. O comandante é uma pessoa super atuante. E municipal... sempre a gente tem também contatos com o pessoal do município. Participam aqui diretamente através de apoio cultural, da feira. E, nós, particularmente, aqui do [...], quando a gente precisa, as pessoas que a gente conhece nos ajudam, ajudam, dão o caminho pra gente, muitas vezes, né? Dão o caminho. A gente não usa muito, mas é uma rede, exato, constitui uma rede. Tem o subprefeito, de uma determinada época, era muito amigo nosso, muito amigo não, mas amigo...foi amigo...o subprefeito... o [...], que deu início ao processo de revitalização do centro antigo do Rio, através do prefeito César Maia, aí o Conde concluiu o projeto. As obras começaram no governo César Maia e o Conde concluiu dois anos depois. Durou três anos as obras da Rua do Lavradio, três anos...um impacto pra todo mundo, uma loucura.

Sem importância. Não tenho nenhuma parceria com a Secretaria de Cultura ou outro. Na realidade, a única vez que apareceu alguém ligado a uma secretaria de cultura, no caso foi a TV Educativa, eles têm muito pouca verba, isso foi o ano passado, que eles queria fazer um especial de Natal homenageando o Charles Chaplin, o Carlitos.

Era a turma dos Saltimbancos. Então, eles chegaram aqui na porta de minha loja e pegaram emprestado uma bengala, o chapéu, o banco. Não, o banco era deles. E me pediram um sapato emprestado de um transeunte que estava ali para caracterizar o banco de Charles Chaplin porque eles são de um quadro chamado Saltimbancos. Eles gravaram homenageando o Charles Chaplin porque ele é falecido num dia de Natal. Fora isso, nenhum órgão oficial de cultura jamais me procurou para propor negócio algum...

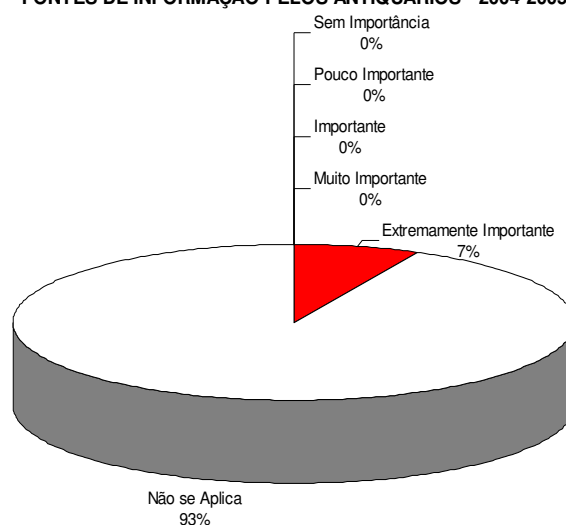
[...] Como eu te falei, esse menino que eu peguei de uma ONG e que eu estou ajudando... Não me serve de fonte nenhuma. Nem de informação de arte, nem de mão-de-obra porque a mão-de-obra é bem ruim. Você é que tem que fazer a mão-de-obra deles. As ONGs não estão cumprindo verdadeiramente com o seu papel. De quando em quando tem alguma ONG que faz esse tipo de ajuda. Mas o curso é precário. Eles chegam aqui batendo na madeira. Então, os cursos não preparam. Não é aguçada a sensibilidade neles, a estética. Então, quando eles chegam aqui nós é que temos de lapidá-los. Então, é isso sim, as ONGs não estão cumprindo verdadeiramente com o seu papel.

Poucos. Como fontes, não. Porém, às vezes, há alguns professores de artes, de história, que nos visitam e clientes também de classe alta e média que nos visitam, que às vezes servem, funcionam como uma fonte de conhecimentos em termos de mobiliários, de arquitetura, de museologia, história da arte, etc., isso sim.

Um outro antiquário assim se expressou sobre esse assunto:

Não. Sabe, por que não? Porque eu tenho catálogos. Eu quando entrei para esse ramo, eu comprava sempre um catálogo, porque nesse ramo você paga pra aprender. Você quando entra você compra isso aqui por dez reais. Aí tu pega isso aqui e vende por cinqüenta reais. Aí o que acontece, você mal sabe que aquilo que você vendeu por cinqüenta reais vale dois mil reais. Então você paga para aprender, então você tem que aprender pra não perder de novo.

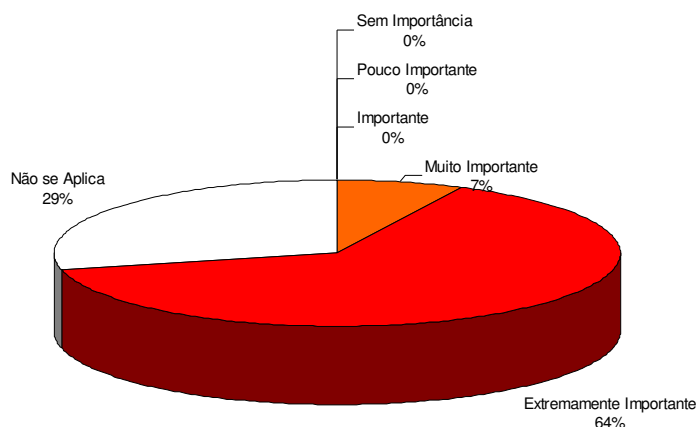
GRÁFICO 5 - GRAU DE IMPORTÂNCIA ATRIBUÍDO AOS SUPERIORES HIERÁRQUICOS COMO FONTES DE INFORMAÇÃO PELOS ANTIQUÁRIOS - 2004-2005



O GRÁF. - 5 reflete a realidade das empresas em termos de seu porte e do cargo dos antiquários respondentes. Quase todos são proprietários ou sócios proprietários, portanto, enquadraram-se nessa condição de “não se aplica” 93% deles.

Interessante observar que os poucos entrevistados que possuem superiores hierárquicos, ou atuam sob condições de sócios não majoritários ou em estabelecimentos comerciais ainda em fase de formalização de sua estrutura organizacional, afirmaram que seus superiores hierárquicos (informais) são fontes de informação “extremamente importante”, representado em termos percentuais pelos 7%.

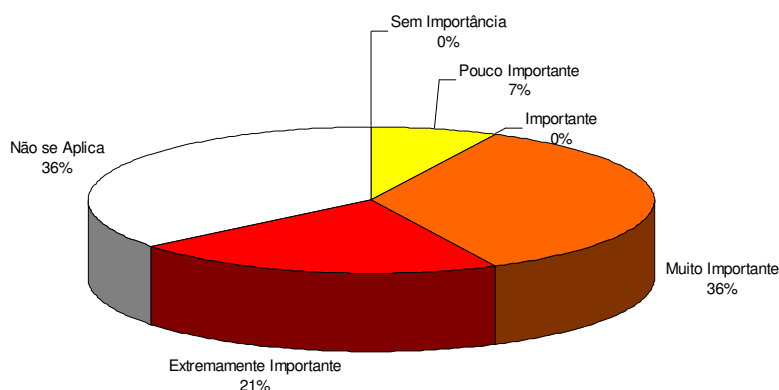
GRÁFICO 6 - GRAU DE IMPORTÂNCIA ATRIBUÍDO AOS MEMBROS DA DIRETORIA COMO FONTES DE INFORMAÇÃO PELOS ANTIQUÁRIOS - 2004-2005



Quanto às considerações dos antiquários em relação aos membros da diretoria como fontes, comprova-se que 64% das respostas situam-nos em “extremamente importante” e 7% indicam-nos, provavelmente seus pares, como fontes de informação “muito importante”. Interessante destacar quanto às empresas comerciais dos antiquários que quase a totalidade não possui estrutura organizacional formalizada. Ao se referirem aos membros da diretoria citavam, na realidade, seus próprios sócios ou outros membros da família, os quais trabalham e decidem juntos.

O índice percentual de 29% enquadrado em “não se aplica” reflete novamente a organização informal dessas empresas, constituídas na maioria dos casos por seus proprietários e pequeno grupo de familiares e auxiliares.

GRÁFICO 7 - GRAU DE IMPORTÂNCIA ATRIBUÍDO AOS GERENTES SUBORDINADOS COMO FONTES DE INFORMAÇÃO PELOS ANTIQUÁRIOS - 2004-2005



Neste GRÁF. - 7 mais da metade das respostas indica que os proprietários ou seus sócios, quando vem ao caso, consideram seus gerentes subordinados como fontes de informação “muito ou extremamente importantes.”

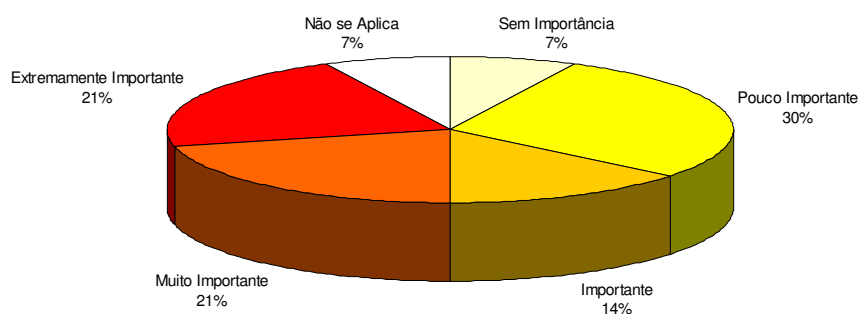
Também...também...porque principalmente, como a gente não tá lidando diretamente com os funcionários de todos os setores, né? Então, as gerências, as chefias, elas são fontes de informações preciosas pra gente, né? Sob qualquer aspecto, né? Funcionam como interface. É, exatamente.

Aqui todo mundo faz a mesma coisa. Só que ele (*refere-se ao filho, nossa observação*) administra mais do que eu. O [...] administra o dinheiro e também conhece bastante o trabalho. Ele administra essa loja aí, a entrega, a arrumação [...]

Observou-se quanto a essa questão que o índice de 36% alcançado em “não de aplica” associa-se novamente ao pequeno porte e estrutura organizacional informal dos estabelecimentos comerciais dos antiquários entrevistados, onde na maioria dos estabelecimentos não existem gerentes ou chefias intermediárias.

Não. Não. Só esse meu sobrinho ai é que fica nessa loja. Eu fico lá na outra. Eu deixei ele aqui porque eu sou mais apegado na outra. Então eu fico mais na outra. [...] Considero ele como filho. Troca de informação pra mim não. Pra ele acredito que sim, porque comigo ele só tem a ganhar, não tem o que perder não. [...] Não. Esse é meu sobrinho, eu confio nele, ele fica ai, ele pode abrir, pode vender [...]

GRÁFICO 8 - GRAU DE IMPORTÂNCIA ATRIBUÍDO À EQUIPE DE FUNCIONÁRIOS COMO FONTES DE INFORMAÇÃO PELOS ANTIQUÁRIOS - 2004-2005



No que diz respeito aos índices atribuídos à equipe de funcionários enquanto fontes de informação, nota-se, no GRÁF. - 8 que 66% das respostas atribuem-lhe grau de “importante” a “extremamente importante”. 37% das respostas indicam que possuem “pouca” ou “nenhuma importância”.

Algumas observações a esse respeito serão transcritas a seguir, considerando que essa fonte também pertence à categoria de fontes pessoais, às quais os antiquários têm atribuído importância especial, mesmo em seus contextos de trabalho reduzidos em termos do pequeno número de funcionários. Exceção feita apenas para os estabelecimentos antiquários pertencentes a um grupo de sócios, que constitui um diferencial entre os demais porque possuem duas ou três empresas ligadas ao antiquariato. Um deles, como já foi esclarecido anteriormente funciona como bar antiquário, e os outros dois comercializam objetos antigos, curiosos ou raros, ou atuam no campo de pequenos reparos e restauro de mobiliário e de outras peças.

Os depoimentos a seguir apresentados expõem algumas das considerações feitas pelos antiquários por ocasião das entrevistas com eles realizadas acerca de suas equipes de funcionários.

Bom, a gente tem uma equipe muito confiável. No início a gente teve muito problema, até que a gente conseguiu montar uma equipe muito boa e que a gente confia bastante. É uma coisa muito difícil de a gente montar aqui no Rio de Janeiro. Diferente de montar lá no interior do Rio Grande do Sul ou, com certeza, lá em Minas Gerais, que é muito diferente. Aqui, no Rio, montar uma equipe com o número de funcionários que a gente tem... Então é indicação de um e de outro pra gente conseguir. A gente confia muito nos funcionários e eles passam informação pra gente sempre que tem de tomar uma decisão, reclamam quando tiver o que reclamar... abrem os olhos da gente. Dão um retorno, dão um *feedback*, né? Quando um cliente reclama... tudo isso chega pra gente.

É. A equipe de funcionários seria: nós teríamos o lustrador, o ajudante do lustrador e o restaurador. O nosso restaurador também é o nosso lustrador. Normalmente o lustrador tem que conhecer um pouquinho de restauração, ser o meu oficial da restauração. Quando há um serviço mais complexo, mais delicado, aí a gente recorre realmente a um restaurador profissional mesmo. Cinquenta por cento dos móveis são restaurados dentro da loja mesmo. [...] Importantes, claro! Uma equipe de trabalho. Quer dizer, com os anos o próprio funcionário vai adquirindo conhecimentos, vai melhorando a sua capacidade de trabalho, como se diz, até se chegar ao máximo da perfeição.

Acho que o diálogo é muito importante. Você ouvir, você saber o que está acontecendo com a pessoa, então, essa é uma fonte que eu uso. Claro que, se você tem cem funcionários, e todo dia você vai conversar com um, você não vai ter outra rotina, você não vai ter um trabalho, outras coisas pra fazer. Mas, os mais críticos assim, você deve procurar bem e conversar. Mostrar pra eles que você está ali como parceiro. Deixar bem claro, que você está ali pra ouvir, agregar valores e não porque, de fato, você tem que pagar o salário dele e aquilo ali, que você tem que fazer o seu trabalho. Não, eu acho que conversando e acho que isso eu aprendi mesmo com o [...] e com o [...]. Então, é uma coisa que eu posso dizer pra você, aprendi com eles, porque eles são dessa maneira. Então, você vai absorvendo diante de um clima de amizade, de confiança, né? Exatamente, então, assim como eu ganhei, conquistei, assim, eles me deram essa oportunidade de amizade e de confiança, a gente tem que passar pra diante também e, é claro, sempre tem uns e outros que você não consegue ter. Mas, aí já é da pessoa mesmo. Então, você faz o máximo que você puder, vai dialogando, conversando, acho que essa é a filosofia. Acho que do [...] inteiro. Não sei se todos que fizeram aí, a entrevista, repetiram isso aí, mas eu acredito que é, a minha é.

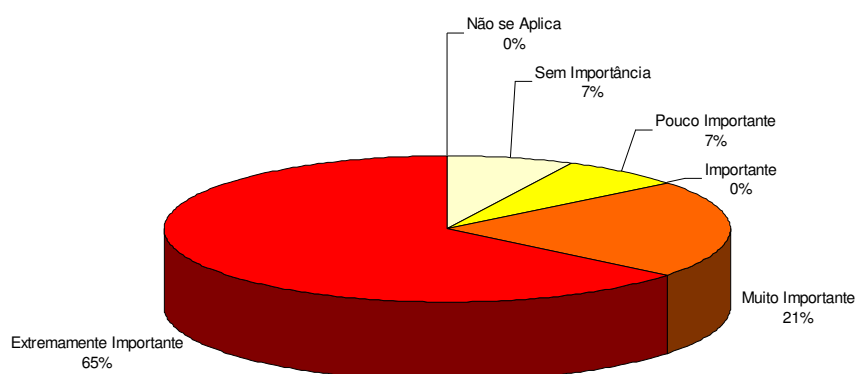
Não em especial porque qualquer um é importante para passar informação. Só que funcionário a gente tem só um e ele presta serviço periodicamente. E ele vem e efetua tarefas que não tem... a única

importância é que ele seja cuidadoso com as coisas que ele está mexendo [...]

Um outro antiquário entrevistado assim se manifestou sobre o assunto:

Não. Aqui a gente manda fazer coisas. Manda ir ali entregar uma mercadoria... aqui é só isso. [...] Eu tenho a minha personalidade muito forte. O que eu fizer tá feito. Procuo não me arrepender. Coisa que é muito difícil...

GRÁFICO 9 - GRAU DE IMPORTÂNCIA ATRIBUÍDO AOS AMIGOS OU COLEGAS DE PROFISSÃO COMO FONTES DE INFORMAÇÃO PELOS ANTIQUÁRIOS - 2004-2005

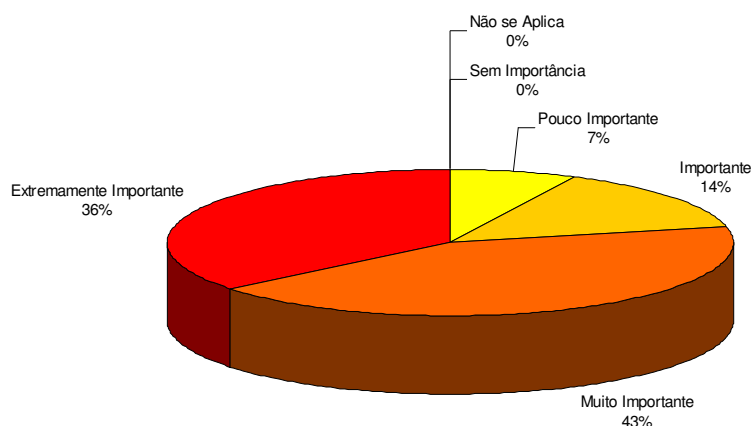


Os dados referentes às considerações dos antiquários quanto aos seus amigos ou colegas de profissão indicam alto percentual de consideração em relação a eles como fontes de informação.

Constata-se que um percentual de 86% das respostas enquadraram essas fontes em “muito importante” (21%) e “extremamente importante” (65%). O que nos leva a afirmar que os amigos e colegas de profissão são fontes de informação de alta relevância para os antiquários. Apenas 14% das outras indicações revelam que alguns desses profissionais não as consideram da mesma relevância, já que os dados do GRÁF. – 9 nos permitem afirmar isso, revelando que alguns dos antiquários preferem trabalhar de forma mais independente ou não são afeitos a convívios sociais.

Tendo em vista os expressivos índices percentuais alcançados por essas e outras fontes de informação, categorizadas como fontes pessoais, pode-se afirmar que essa modalidade constitui uma das fontes preferenciais de informação dos antiquários entrevistados..

GRÁFICO 10 - GRAU DE IMPORTÂNCIA ATRIBUÍDO AOS LIVROS COMO FONTES DE INFORMAÇÃO PELOS ANTIQUÁRIOS - 2004-2005



Neste GRÁF. - 10, percebe-se que os livros são considerados fontes de informação importante, muito ou extremamente importante em 93% das indicações obtidas no total das quatorze entrevistadas realizadas. Apenas 7% consideraram os livros como fontes pouco importantes. Nota-se ainda no GRÁF. – 10 que todos eles emitiram opiniões sobre livros e nenhum deles deixou de atribuir certo valor a esse tipo de fonte.

A maioria realmente atribui importância aos livros de modo geral, e o pedir que mencionassem alguns títulos particularmente interessantes ou de maior relevo para eles, os catálogos receberam alto índice de citações, de modo especial, aqueles publicados por empresas que se dedicam a leilões de objetos de arte e antiguidades. Outros livros que tratassem do assunto artes e antiguidades também foram

mencionados. No que diz respeito a assuntos mais específicos, “mobiliário” sobressaiu dentre os interesses manifestados. Isso pode ser explicado pelo tipo de material comercializado por todos os estabelecimentos da Rua do Lavradio, onde estão situados os estabelecimentos dos antiquários pesquisados.

Vários antiquários deixaram claro que usavam mais livros como fontes de informação durante as fases iniciais de exercício do antiquariato, e que atualmente já possuem conhecimento suficiente para dispensar uso freqüente ou contínuo desse tipo de fonte. Muitos ressaltaram que recorrem aos livros que tratam de artes e antiguidades no dia-a-dia de trabalho apenas quando surgem dúvidas que os obrigam a fazê-lo visando a busca de solução de problemas pouco comuns.

Importante destacar quanto a essa questão algumas das observações feitas pelos antiquários entrevistados, às vezes constantes de outras questões abordadas durante o processo de entrevista, mas que dizem respeito a tipologia de livros que parecem constituir preferência desses profissionais:

[...] Eu tenho catálogos.

[...] eu gosto de ler, inclusive fui a uma palestra e comprei um livro de um autor é... David, o nome dele. Ele era um mendigo, virou um camelô e hoje ele é um dos maiores empresários no Rio de Janeiro, na área de marketing. Então, eu acho que tem alguma coisa a ver comigo, essa história dele também. Então, eu procurei ler. Então, em determinadas situações que você passa é bom você estar assim, ciente, pesquisar um pouquinho de cada coisa, pra que você tenha, assim, como base. Por mais que você tenha, use caminhos diferentes, são situações diferentes. Mas, você no livro, nas orientações, nas outras experiências, você acaba pegando um pouquinho de cada, fazendo uma forma que vai te ajudar nas decisões, também eu gosto de buscar nesse sentido, na leitura de alguns livros interessantes que tem.

Livros? Atualmente? Já comprei muito livro na minha vida e já vendi todos. Atualmente o que eu preservo e procuro comprar, quando eu vejo que o livro me interessa, o livro é útil, são ligados à arte. Especificamente ao *design*, ao mobiliário, aos objetos, e brasileiros, como eu falei. Não me interessa muito o estrangeiro. Eu acho que eu já tenho uma cultura, viajo, posso aprimorar. Mas, me interessa, o brasileiro. Mas, é pena, que nós estamos começando agora nesse tipo de livro, de publicação. A Cosaq Naif tem feito bastante, mas eu acho ainda fraco. Mas, um cara publicou a tese integral. Então, a tese dele é

de noventa (1990). Tese ou dissertação de mestrado, eu não sei. E ele publicou com toda a metodologia que ele usou na pesquisa, o livro é chato de ler. É da Unilabor. [...] Se você chegar à livraria e disser que quer o livro da Unilabor... é uma fábrica de móveis. Na realidade, é a primeira cooperativa brasileira e a primeira experiência de *design*, no Brasil, verdadeiramente, a Unilabor. Mas, o livro, o cara publicou a tese ou dissertação integral. Então, ela é chata porque ela é muito repetitiva, entendeu? Então é um livro, é a metodologia científica. Enquanto tese, é perfeita. Agora, como livro, pra gente ler, é um pouco chata porque é uma metodologia de pesquisa. Isso não interessa pra quem está lendo, não é? É isso.

Ao ser novamente solicitado a declarar o grau de importância que atribua ao livro como fonte de informação, continuou:

Ah... sim...Hoje, eu seleciono o livro. Eu acho que o Brasil, na área de arte, melhorou muito, está crescendo muito na confecção, na elaboração de livros e tá “pegando” muito arquitetura, *design*, mobiliário, mas ainda tá engatinhando, mas tá engatilhado. E, não só no Brasil, mas fora do Brasil, os livros de arte, pra nós, nós queremos ampliar o nosso conhecimento. Conhecer mais peças, mais objetos, E no fundo não, no fundo eles concentram a mesma matéria prima. Então, você abre um livro do Tenreiro, por exemplo, a cadeira tripé tem em todo livro do Tenreiro. Então, tudo bem, teria que estar. Mas eu já não tenho mais necessidade de pegar um livro pra ver só uma página, só um assunto que me interessa. Então peço um xerox daquela página, entendeu? Então, acho que o livro precisaria...alguém precisaria ver a originalidade daquela publicação, entendeu? Não, eu acho que isso não tem acontecido com muita frequência, mas houve um grande avanço. A Cosaq Naif é uma que está se especializando nesse tipo de livro. Comprei um livro só da Cosaq Naif [...] É um livro sobre arquitetura porque minha sobrinha está fazendo arquitetura, então está difícilimo conversar com ela. Enfim, coleção de obra de arte é coisa assim, conheço alguma coisa, gostaria de passado. [...] Então, o título de cor eu não me lembro não. O que eu me lembro de cor, é o penúltimo que eu comprei. É esse da Unilabor, acho que é da Universidade de São Paulo e Senac/Universidade de São Paulo, se não me falha a memória, é Unilabor. Unilabor é uma fábrica “de esquerda”. É só sobre a fábrica... Geraldo de Barros, Volpi, a Lina Bo Bardi faziam parte, em dar opinião em nome da fábrica. É a primeira experiência de cooperativa ligada à religião católica, quando a religião católica era altamente da esquerda. *Considerando tudo que você contextualizou, como você consideraria então, o livro, como fonte de informação?* Os de arquitetura, é pelo meu conhecimento mesmo. Adoro arquitetura, acho um prédio uma escultura. Livros para o meu deleite é o máximo, é o máximo de importância, é um dos meus prazeres, máximo de importância. E o da Unilabor contribuiu porque eu conheci um pouco da história, aprendi sobre algumas peças que eu não sabia que eram da Unilabor, nem conhecia. Enfim, para minha profissão, me deu o trançado das cadeiras, que eram um telhado de Paris que o Geraldo Barros fotografou. Enfim, teve umas informações legais.

Outros antiquários assim se manifestaram sobre livros como fontes de informação:

[...] Depois, a partir daí descobri que tinham livros, catálogos e fomos em busca desses livros em bibliotecas, nos próprios sebos de antiguidades descobrimos que sempre tem pessoas que vendem livros de arte, livros de leilões da Lily, peças leiloadas da Sotheby's e da Christie's, no que a gente passou a conhecer mais o mercado de arte, através desses catálogos e também de livros que a gente comprou.

Lógico que é muito importante. Um livro é muito importante... [Silêncio] Eu não sou muito chegado à leitura não, mas é muito importante, eu acho. *Mas você não recorre a esse tipo de instrumento para lhe ajudar?* Não. *Catálogos?* Não. Eu já recorri, mas para aprender. Então ficou registrado aqui [apontou para a cabeça... "memória"]. *Você acha que já esgotou?* Não. Eu até recorro, sabe em que sentido? Pra ter a minha certeza. É isso que eu quero saber. Tá vendo isso aqui? Faça de conta que isso aqui é Joaquim Tenreiro. Pra mim é. Mas eu vou em catálogo e realmente é. A prova tá aqui. Mas é o que eu estava falando desde o início, vou pela minha intuição. Cê olha assim uma peça ali, minha vida toda é por intuições.

Livros? Livros e o computador são importantes pra caramba [...] extremamente importante.

Catálogo? É bom...é bom também. É bom folhear aquilo. *Qual o que você gosta mais?* É o Miller...tem o Miller. Tem o da Lily também. Tem uns dois ou três. Tudo que tem dessas coisas eu passo uma olhada. Eu tenho memória fotográfica, olho rapidinho, e de repente você tem um objeto que nem imagina que seja e tá ali e dá pra você ver o que é e, por curiosidade, né?

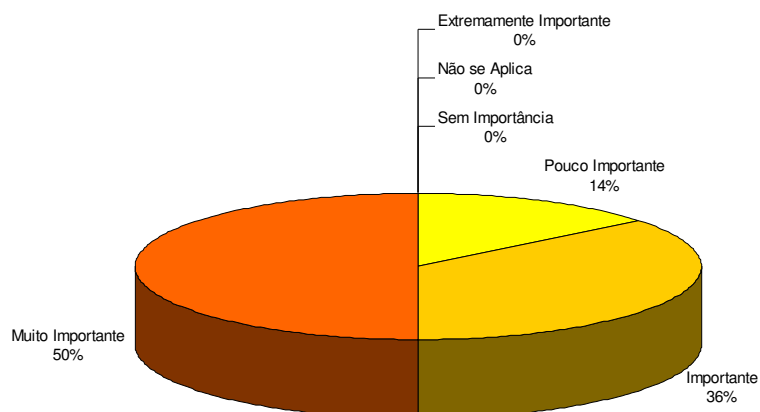
[...] eu me guio muito pelos catálogos didáticos, me informo sobre os artistas, os artistas plásticos, os escultores, sejam eles pintores. Esses catálogos informam. Informam a importância do artista, as cotações que ele tem no mercado. Aí são paralelos de fontes diferentes. A Bolsa de Arte, leilões como de Soraya Calls, leilões do Leone, né? Esses pra mim são fontes..São fontes boas porque têm catálogos didáticos, sempre atualizados e alguns deles são leilões que só ocorrem uma vez por ano. E, esses catálogos, mesmo não frequentando o leilão, eu vou lá e compro os catálogos. Pra mim servem como fonte de consulta e referência [...] muito importante.

[...] Uso livros. *Você poderia citar algum que já tenha usado?* *Muebles...* móveis espanhóis. Agora, acho que são três livros, mas tem tempos que eu não pego. O dia-a-dia já me ensinou também. Eu vou abrir um livro hoje, eu já sei tudo que tem no livro. Eu vejo as peças, eu já conheço as peças, conheço a madeira, conheço o estilo, eu conheço tudo. Então, hoje, pra mim, o livro...foi só no começo mesmo que eu precisei levantar alguma coisa ou, às vezes, quando eu pego uma peça diferente. Aí eu vou abrir o livro pra ver se aquela peça já é catalogada. Mas, o dia-a-dia já me ensina.

[...] Muito importantes. Deveria ser extremamente importantes, mas é muito importante porque a minha consulta, ela é bem menor, não sou muito estudioso do mercado de antiguidades, não sou uma pessoa que está consultando os livros diariamente. Eu considero importante, mas tem colegas meus que eu tenho certeza, como o [...] por exemplo, que um livro pra ele é de extrema importância, porque ele é um pesquisador mesmo. Ele vai nos encontros, ele vai nos museus, ele vai nas bibliotecas, ele tem um outro nível de profundidade de pesquisa, a quem eu recorro de vez em quando, quando eu preciso de informação sobre determinado móvel, estilo de móvel, de época.

Se eu encontro livros que falem sobre antigüidades ou de mobiliários eu estou comprando. Tenho bastante livros comprados não só no Brasil como também fora e eles são as minhas fontes de consulta, né?

GRÁFICO 11 - GRAU DE IMPORTÂNCIA ATRIBUÍDO AOS JORNAIS / PERIÓDICOS COMO FONTES DE INFORMAÇÃO PELOS ANTIQUÁRIOS - 2004-2005



No GRÁF. - 11 verifica-se também índice muito alto de importância atribuída aos jornais e periódicos, totalizando 86% ao somar “importante” e “muito importante”. Nenhuma citação indicou jornais ou periódicos como fonte extremamente importante. Do mesmo modo, ninguém afirmou que são fontes dispensáveis ou sem importância. O índice de 14% indica o percentual de respostas que consideraram essas fontes pouco importantes.

Cabe ressaltar, quanto ao resultado aqui demonstrado, algumas observações feitas pelos antiquários entrevistados, as quais auxiliam na compreensão de que tipo de jornais e periódicos constituem fontes de informação relevantes para os antiquários envolvidos nesta pesquisa.

Quanto aos jornais, muitos justificaram atribuir muita importância a eles como fontes de informação devido às possibilidades de usá-los como meios de divulgação de seus estabelecimentos comerciais. Poucos ressaltaram que consideram os jornais importantes devido ao conteúdo porventura neles publicados sobre assuntos de seus interesses imediatos. Um deles mencionou partes dessas publicações ou matérias que são lidas por ele como, por exemplo, as que tratam de “antiguidades, restauros de peças e de móveis”.

Normalmente eu uso revistas de decoração. Eu uso tudo o que sai em jornais sobre antiguidades, restauros de peças e de imóveis, quer do governo quer sobre imóveis privados, são fontes.

Olha, todos eles têm uma importância muito grande, cada um no seu nível de importância maior. Obviamente que os jornais diários, principalmente, como a gente tá num processo no centro do Rio, em revitalização, a gente tá vivendo dentro de um...o nosso trabalho é um trabalho que desenvolve no atual, no que tá acontecendo hoje. Então, as notícias frescas num jornal e na revista, elas têm uma importância muito grande pra gente, né? O que há de novo na música, por exemplo, então, isso é importante para eu ter uma programação também que cada vez mais atenda [...] os jornais e as revistas e os catálogos, obviamente, catálogos de antigos. Agora, os sebos para a gente são fontes de pesquisa muito grande.

Um antiquário observou que os jornais publicados atualmente não lhe agradam em consequência da falta de preparo dos jornalistas:

Atualmente eu só leio jornal aos domingos. Não compro mais jornal durante a semana e nenhuma revista. Eu sou um frequentador assíduo de cinema. Eu me considero um cinéfilo. Então, toda minha cultura atualmente ela passa mais a partir do meu contato com o cinema. O cinema pra mim, hoje, é a grande arte. E jornal, só aos domingos eu procuro ler os cadernos de decoração. Às vezes eu comprava as revistas de decoração, as revistas de arte. Hoje, cada vez menos, menos...menos...menos. [...] jornais como fonte... pouco importante, porque os jornalistas estão muito bobos e os jornais estão bobos. A

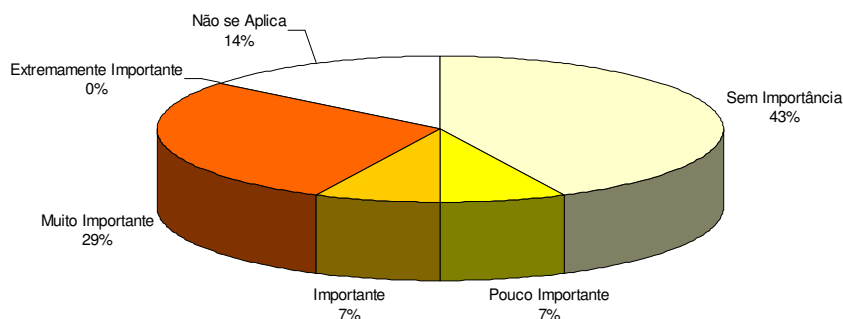
fonte não é boa. Você lê e vê que a fonte não é boa. Você tem na Folha de São Paulo, o Caderno Mais. É um caderno respeitável. Você pode não gostar, mas tem que ler. Eu procuro ler a Folha de São Paulo nem tanto o jornal, mas o Caderno Mais. Eu tenho cinquenta e nove anos. A gente tem a tradição de ler o Caderno Mais. Eu ainda procuro ler o Caderno Mais. Acho que ele ainda tem seu lugar dentro da cultura dos meios de veiculação dos conhecimentos. Do governo, não considero jornal nenhum interessante. Mas, como eu falei, só aos domingos eu estou lendo.

No que diz respeito às revistas, constatou-se que a maioria utiliza e atribui muita importância às especializadas em decoração. Para muitos essas publicações são fundamentais porque os auxiliam em processos de atribuição de valor aos objetos que lhes pertencem ou para verificar tendências da moda no que concerne a objetos de adorno ou mobiliário, entre outras informações que podem ser obtidas através dessas publicações.

Cabe ainda ressaltar que os periódicos ou revistas de caráter técnico científico raramente foram indicadas como fontes de informação utilizadas pelos antiquários. Alguns, inclusive, deixaram claro desconhecer a existência desse tipo de publicação, ou seja, de revistas especializadas em artes e antiguidades. Dois deles citaram o informativo “A Relíquia”, dedicado à comunidade de antiquários e colecionadores, como fonte de informação utilizada.

Periódicos e revistas técnico-científicas? Não. Nenhuma. Não tô nessa. Enjoei. Não tô mais na fase de ler. Só quando esse meu amigo que é semiólogo avisa... Tem um artigo bom nessa revista que saiu do meio universitário. Como ele atualmente trabalha no Instituto de Arte, lá tem uma revista. Olha o artigo de fulano que é interessante, aí, eu leio. Mas, eu nem compro. É aquela coisa que cai na sua mão e você tira um alto proveito, entendeu? É isso.

GRÁFICO 12 - GRAU DE IMPORTÂNCIA ATRIBUÍDO AS PUBLICAÇÕES GOVERNAMENTAIS COMO FONTES DE INFORMAÇÃO PELOS ANTIQUÁRIOS - 2004-2005



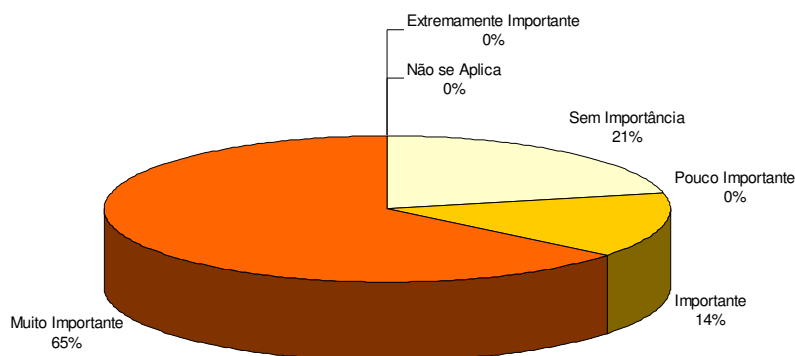
Em relação às opiniões dos antiquários sobre publicações governamentais observa-se no GRÁF. - 12 que houve maior consenso, representado pelo índice de 43%, entre aqueles que não atribuem importância a essas fontes. Quando adicionado ao índice que representa as considerações dos antiquários que indicaram-nas como “pouco importante” (7%), percebe-se que a metade deles tem opinião negativa acerca dessas publicações. Na categoria “não se aplica” foram inseridas as ausências tanto de respostas quanto de emissão de comentários sobre as publicações governamentais, cujo índice atingiu o percentual de 14%. Quanto ao grau de importância que essas fontes representam para os antiquários, verifica-se que 29% deles atribuíram-lhe “muito importante” e 7% consideraram-nas como “importante”.

Entre destaques feitos pelos antiquários no que diz respeito a elas, muitos afirmaram desconhecê-las, “caso existam”, ressaltaram alguns. As dúvidas apresentadas refletiam, a nosso ver, a falta de atenção ou de discernimento em relação a certos detalhes como autorias, procedências ou responsabilidades editoriais dos livros e de outras publicações do gênero.

Um dos antiquários afirmou que não eram importantes, mas, em outra questão citou um livro de responsabilidade editorial de uma dessas instituições, o que respalda a observação feita em relação ao desconhecimento ou falta de atenção no que concerne a procedências das publicações, de modo mais amplo.

Alguns depoentes indicaram também durante a abordagem dessa questão como fontes de informação relevantes os contatos estabelecidos e amizades firmadas com pessoas que trabalham em órgãos governamentais a exemplo de museus, secretarias de governos estadual e municipal, universidades federais e estaduais, dentre outros.

GRÁFICO 13 - GRAU DE IMPORTÂNCIA ATRIBUÍDO AO RÁDIO / TELEVISÃO COMO FONTES DE INFORMAÇÃO PELOS ANTIQUÁRIOS - 2004-2005



No que concerne aos graus de importância do rádio e da televisão como fontes de informação para os antiquários participantes desta pesquisa, os resultados estão apresentados nesse GRÁF.-13.

A maioria das respostas (79%) demonstra que os antiquários atribuem grau de “importante” a “muito importante” a essas fontes. 21% declararam que esses meios de comunicação como fontes de informação não têm importância para eles.

Percebeu-se, durante o processo das entrevistas, e que pode ser constatado em alguns depoimentos transcritos, que para a maioria, a importância desses veículos advém das possibilidades de parcerias ou de tê-los como clientes, para os quais os antiquários alugam peças ou seus espaços para fins de filmagens, encenações, fotografias, montagens de cenários especiais e similares. Outro valor atribuído a esses meios de comunicação vincula-se ao papel que o rádio e a televisão exercem, ou podem exercer, no sentido de divulgar tanto os estabelecimentos comerciais quanto seus respectivos proprietários.

27% não atribuíram nenhuma importância a esses meios de comunicação enquanto fontes de informação propriamente ditas. Considerando as ressalvas ou explicações feitas pelos entrevistados, percebeu-se ainda que foram poucas as menções no que diz respeito a essas fontes exercerem influência expressiva no processo de conhecimento dos antiquários entrevistados.

Olha só, a televisão é muito importante. Extremamente importante. É porque eles dão dinheiro pra gente, eles sempre alugam coisas da gente, eles estão sempre comprando, eles estão sempre fazendo um programa. A Globo, uma novela, um teatro, qualquer coisa. Estão sempre usando nossa mercadoria. [...] Não. Não porque eu até não vejo muita televisão. Tem muito tempo que eu não assisto novela, não vejo repórter... nada, nada.
[...] Agora, a mídia me dá informação? Eu tô fora disso, não duvido que esses canais fechados apresentem um programa, mas eu não assisto.

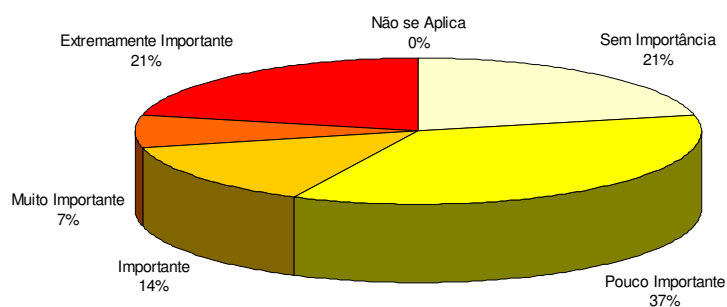
Olha, televisão tem um grau de importância porque a mídia tem muita informação e, às vezes, a gente se depara com informações do nosso ramo. E nós, por já termos lidado com aquilo que está sendo mostrado, vemos que, às vezes, são coisas enganosas, né? Uma fantasia de quem está mostrando, querendo aparecer como uma figura “top de linha” e tal, e a coisa não é essa. A coisa não é essa. Mas, é sempre legal... a gente sempre vê matérias tanto daqui do nosso país como matérias da Europa, da América. A gente tem que se situar [...] Rádio, muito pouco. O rádio, a gente quando tem o rádio aqui ligado o

tempo todo, são programas musicais e, às vezes, vêm informações de cultura, informando sobre exposições, mas nada muito importante...

Muito grande também. Acho que a televisão, principalmente. Hoje você tem canais que têm... tem inclusive um canal que tem o leilão pela internet. Isso é maravilhoso. É um leilão, são antiquários famosos da Europa e eles vão mostrando cada peça leiloada. A pessoa vai, leva sua peça e ele avalia, mas ele conta toda a história daquela peça, a parte de informações que as pessoas passam pra eles também e junto com o conhecimento dele eles vão te dando uma verdadeira aula. Você tem National Geographic Discovery também, que passa sempre algum assunto relacionado. Eu vejo muito.

Televisão eu já aluguei muitas peças. Já teve aqui... filmagens em minha loja. A Globo fez uma novela e filmou muito na minha loja. Isso foi bom pra mim. Rádio e televisão? Rádio não. Televisão, só para alugar peças. [...] Tinha um programa de domingo sobre antiguidades na praça. Vários domingos eu assisti. Mas, são peças lindas, só que valores são completamente diferentes aqui do Brasil. No Brasil, uma peça daquela ali, custava muito mal cinquenta mil. Lá é cem mil libras. É bonito pra você ver porque os caras mostram lá, móveis, segredos, isso e aquilo. Mas para cotação, isso não. Por isso é que tenho contato é com a Sotheby's. Mando a foto, mando o e-mail. Quando interessa tem que ser acima de dez mil libras. Eles só pegam mercadoria acima de dez mil libras. Você paga quinze por cento quando a peça é vendida em leilão, aí vale a pena.

GRÁFICO 14 - GRAU DE IMPORTÂNCIA ATRIBUÍDO ÀS ASSOCIAÇÕES COMERCIAIS E INDUSTRIAIS COMO FONTES DE INFORMAÇÃO PELOS ANTIQUÁRIOS - 2004-2005



Verifica-se no GRÁF. – 14 que menos da metade (42%) indica associações comerciais e industriais como fontes de informação importantes. Interessante observar

que para 21% essas entidades são extremamente importantes e muito importantes para 7%. Esses dados sugerem que há um grupo de antiquários que as valorizam bastante, o que pode constatado no índice percentual de 28%, assim como em alguns dos depoimentos a seguir reproduzidos, os quais comprovam integração e participação ativa de alguns antiquários em associações comerciais, especialmente na Associação dos Comerciantes do Centro do Rio Antigo (ACCRA) :

A ACCRA é uma associação criada por nós, quer dizer, eu já fui conselheiro, que é a associação do comércio do Rio Antigo. Uma associação dos comerciantes do Rio Antigo que foi criada justamente para se fazer a feira mensal que tem aqui na Rua do Lavradio. A associação, dentro da nossa área é essa, a ACCRA. [...] Aqui no Rio, essa dos antiquários é mais lá para a zona sul, em Copacabana, na Av. Atlântida, por ali. Ela é mais direcionada a quadros, pintura. Mas, nós aqui do centro estamos mais voltados aqui para a ACCRA. Essa aí, a Brasileira, é mais da parte de antiquários mesmo. Atualmente eu não faço parte dela não.

Você tem os cargos, por exemplo, os presidentes das associações. Vou dar um exemplo da nossa, a ACCRA. A primeira presidente nossa, da minha gestão pra cá, né? Porque a associação foi fundada há quinze anos atrás e teve um presidente, morreu e ficou desativada. Quando nós a assumimos, há oito anos atrás, revitalizando a associação, a primeira presidente nossa eleita foi a Sônia, mulher. Depois da Sônia foi a Lu, depois da Lu fui eu, agora voltou à Conceição, que é mulher também. Então, cê vê que a presença feminina é muito forte, né? Também na Associação Brasileira de Antiquários, teve uma senhora, me fugiu o nome dela agora, que era presidente, que eu me lembre, a primeira, irmã da Aparecida. Depois dela foi a Sônia, que é essa mesma que foi presidente aqui também.

[...] A Associação viveu muito tempo aqui dentro, no [...]. Ela tinha seu escritório aqui dentro, seu funcionário aqui dentro, e então não deixava de fazer uma propaganda pra gente. Não que a gente usasse eles, eles é que usavam a gente.

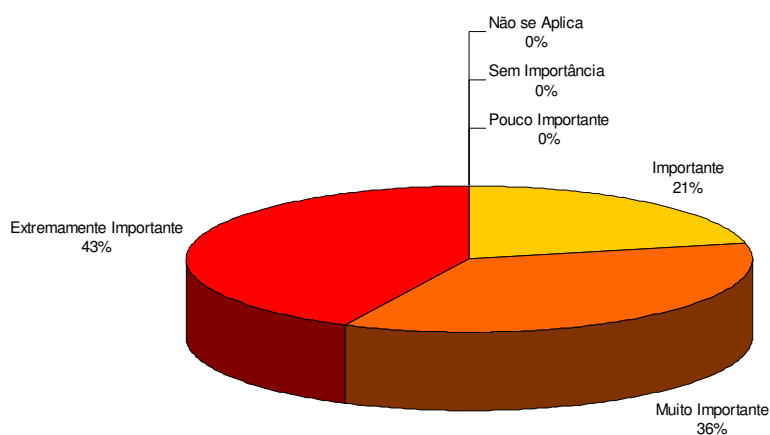
Outros antiquários manifestaram insatisfações relacionadas às formas de atuação das associações comerciais que agregam a categoria ou outras que lhes poderiam ter sido úteis:

Associações comerciais e industriais? Não. Também não. Tem a associação dos antiquários da Rua do Lavradio que é política pura. Cultura à parte. O que interessa é dinheiro e política. Quem vai dominar o que. É isso.

Não porque é difícil. Bem que eu precisava. Já precisei, já procurei. Mas quando eu precisei só me informei, mas não cheguei nem a ir lá porque achei muito difícil. [...] Era para uns impressos aí que tem. Sebrae... essas coisas...mas não me foi útil em nada não.

Eu faço parte. Eu já fiz parte da ACCRA, que é aquela associação dos antiquários do Rio de Janeiro (sic). Eu quase não ia porque tinha assunto que não interessava. Tinha assunto que começaram a misturar antiquários com bares. Eu vi que tava saindo da área. Como hoje eu sou fiscal do conselho, mas quase que eu não vou em reunião porque quase não se fala em antiguidades. Hoje está mais para gastronomia do que para antiquários. Então, eu desisti também um pouco. Não. No início sim. Era tudo focado para o antiquário. Quer dizer, de uns tempos pra cá não dá. Tem outros valores, aí eu tô saindo um pouco dessa área. Hoje fala muito pouco dos antiquários. Até hoje usa o cabeçalho do jornalzinho “Rio Antigo, antiquários, móveis e objetos de arte”, só isso. Não traz mais nada. Aí colocaram mais nada pra gente. Aí os antiquários em si foram abandonando. Seria uma boa se essa Associação pegasse com firmeza a feira. Porque essa feira ficou conhecida. Ficou conhecida na Europa, ficou conhecida nos Estados Unidos, é conhecida. Mas, hoje, tá mais pra área de gastronomia. Lógico que são antiquários, bar antiquários, mas, hoje estão mais pra bar do que pra antiquários. Então, essa informação que vem deles adiantou pouco, adiantou pouco.

GRÁFICO 15 - GRAU DE IMPORTÂNCIA ATRIBUÍDO ÀS CONFERÊNCIAS / VIAGENS COMO FONTES DE INFORMAÇÃO PELOS ANTIQUÁRIOS - 2004-2005



No que diz respeito a conferências e viagens como fontes de informação cabe destacar, em primeiro lugar, que pouquíssimos antiquários entrevistados ressaltaram as conferências entre suas fontes. Portanto, as indicações expressas no

GRÁF. - 15 revelam quase que exclusivamente resultados alcançados pelas viagens, cujos índices atingiram 100%, somando-se os 21% “importante”, 36% “muito importante” e 43% “extremamente importante”.

Considerando os resultados deste item, pode-se inferir que “conferência” como fonte de informação poderia ter sido avaliada de forma mais adequada, caso integrasse um grupo à parte formado por outros eventos do mesmo tipo, dentre eles, seminários e cursos.

Baseando em informações prestadas durante as entrevistas, assim como em outras que foram obtidas através das memórias escritas, leva-nos a afirmar que as modalidades de eventos que propiciam maiores oportunidades de informação e de conhecimento, para os antiquários, são as feiras, as exposições e os leilões.

Quanto às viagens, constatou-se que elas representam fontes de informação, fontes de garimpagem e de captação de objetos para comercialização, as quais mereceram destaque pela totalidade do grupo de antiquários. Tanto os escritores quanto os que foram entrevistados registraram, em vários momentos, passagens que revelam que as viagens são mais importantes para “garimpar” e captar objetos do que propriamente para fins de ampliação dos conhecimentos profissionais. Outros deixaram claro que essas viagens e os contatos interpessoais estabelecidos nessas ocasiões em muito enriquecem as suas bagagens culturais.

Sintetizando a percepção acerca das viagens e conferências, pode-se afirmar que a maioria dos antiquários entrevistados fez questão de destacar a importância das viagens com o propósito prevaiente de captação de objetos. Poucos foram aqueles que afirmaram assistir a conferências visando ao aprimoramento de seus conhecimentos nos planos profissional e cultural. Portanto, as viagens para fins de ampliação de

conhecimento acontecem bem menos do que aquelas para fins de garimpagem e captação de objetos.

Transcrevem-se a seguir alguns dos depoimentos que comprovam essas observações:

Conferências, viagens, quer dizer, eventos, né? Não, não. Nunca fui a um evento, não. [...] Por enquanto ainda é pouco tempo que sobra. O [...] vai a muitas conferências, participa. Ele tá sempre presente. Eles convidam sempre o [...]. Eu já tive numa feira de agências de viagens, que eles convidaram o [...], mas para fazer o ambiente, o ambiente do stand de uma agência.

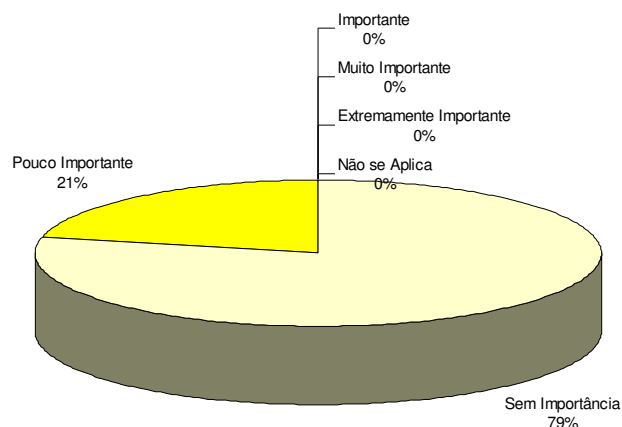
Eu acho que eu já tenho uma cultura, viajo, posso aprimorar.

Eu saio, rodo muito com carro, vou a brechós, tento achar uma peça aqui que me renda um dinheiro, barato. Pelo conhecimento que a gente acaba pegando, com esse tempo de estrada, então a gente...é isso aí...eu corro atrás, vou aqui vou ali. Compro mercadoria de pessoas que entendem também. Só que cada um tem uma visão. Você tem uma visão que aquilo vale mil, outro tem uma visão que vale mil e quinhentos. Então, esse mercado é assim...

Eu faço viagem que eu saio daqui às seis horas da manhã, rodo o sul de Minas, entro no estado de São Paulo e volto para o estado do Rio. Tudo num dia só. Viajo. Eu vou pra Tiradentes, eu vou pra São Paulo, vou pra São João Del Rei, eu vou pra Governador Valadares, vou pra Leopoldina, vou pra Campos, vou pra minha cidade mesmo, que é Caratinga. Compro coisas e trago pra cá, então, eu viajo muito. Paraná, Curitiba. Em Ponta Grossa comprei uma sala que pertenceu ao Ademar de Barros, que era da família dele. E, em São Paulo, então, já viajamos muito. Cantagalo, Cordeiro, Macuco, Santa Maria Madalena, São Sebastião do Alto, é...Cordeiro, Duas Barras...

[...] Viajo de segunda a sexta, mas no sábado estou aqui. Às vezes eu saio daqui e ainda vou na de São Paulo também, no domingo. Onde eu vou? É no Bexiga. A Feira do Bexiga é boa. Dá pra captar bastante coisa lá.

GRÁFICO 16 - GRAU DE IMPORTÂNCIA ATRIBUÍDO AOS MEMORANDOS / CIRCULARES INTERNOS COMO FONTES DE INFORMAÇÃO PELOS ANTIQUÁRIOS - 2004-2005



Quanto aos graus de importância que os antiquários atribuíram aos memorandos e circulares internos, cujos resultados podem ser vistos no GRÁF. - 16, percebe-se que os índices refletem a realidade das empresas dos antiquários entrevistados, mais precisamente das características inerentes às organizações que ainda funcionam nos moldes da informalidade. Nos depoimentos prestados pelos proprietários ou sócios proprietários e pelo gerente da loja de antiguidades, 21% consideram-nos pouco importantes, grau máximo que essas modalidades de fontes conseguiram alcançar. Como pode ser observado no GRÁF. - 16 a graduação “sem importância” atingiu 79% das considerações dos entrevistados.

Ao se considerar os depoimentos dos antiquários sobre esse assunto, esse resultado não constitui surpresa, pois quase todos destacaram, em várias questões componentes da entrevista, que funcionavam em bases informais e que as informações internas circulavam através dos contatos interpessoais, na base do “boca a boca”. Assim se expressaram ao justificar a inexistência desses recursos de informação em suas empresas “familiares”. Curioso destacar uma informação prestada por um dos depoentes

mostrando que o rádio é uma ferramenta de comunicação usada entre a sua equipe de funcionários, a qual se encontra dispersa entre os estabelecimentos de propriedade do grupo.

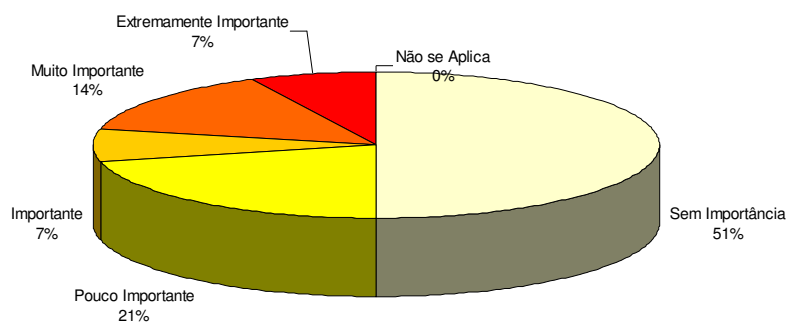
Destacam-se a seguir alguns dos depoimentos prestados que tratam dessa questão:

[...] Não fica nada por escrito. É sempre informal.
Só rádio. Só rádio. Tem rádio aqui, tem rádio no [...] tem no [...] Cada escritório tem o seu rádio. Se a gente quiser dar um recadinho na hora ou localizar alguém.

Não, não, não.

Não. Só na cabeça, eu tenho tudo registrado aqui. Eu sei tudo o que eu tenho aqui dentro. Não. É só na cabeça também. Quer ver? É serio... Eu tenho outra loja, eu vou lá todo dia às sete horas da noite pra ver o que é que tem e o que é que não tem [...] pra ver o que é que sumiu e o que não sumiu. Eu registro. Eu registro tudo. Eu olho e digo: tá faltando uma peça aqui. Ai eu pergunto...eu vejo que está faltando essa peça, móveis, sofá, cadeira, pecinha miúda. Tudo isso eu vejo e registro se tá faltando...

GRÁFICO 17 - GRAU DE IMPORTÂNCIA ATRIBUÍDO AOS RELATÓRIOS E ESTUDOS INTERNOS COMO FONTES DE INFORMAÇÃO PELOS ANTIQUÁRIOS - 2004-2005



Constata-se que situação semelhante ao relatado anteriormente acontece com os resultados que podem ser observados neste GRÁF. - 17. A análise do índice de 72%, que mostra a pouca ou total desconsideração da maioria para com esses tipos de

documentos, leva a crer que seja também em consequência da estrutura informal dessas empresas de propriedade dos entrevistados. Nota-se neste gráfico que apenas 7% atribuem extrema importância aos relatórios e estudos internos como fontes de informação. Consideram-nos entre importante e muito importante 21%.

Alguns depoimentos prestados por aqueles que valorizam esses documentos como fontes de informação em seu exercício profissional serão destacados, pois podem esclarecer acerca das circunstâncias em que são usados e quais os benefícios de seu uso, sob a ótica dos antiquários. O primeiro deles revela a aplicabilidade dessas fontes em um bar antiquário:

Só relatórios mesmo. O único relatório diário que faz aqui é o relatório de vendas, de clientes, de *couvert*, disso e daquilo, de gorjetas. Do que tem que pagar faz relatório, consultar e verificar até tomar decisão. [...] Vamos ter que tomar uma decisão. Tem que modificar esse prato ou vou tirar esse prato e colocar outro. Eu tenho assim um cardápio, sempre tem uma sugestão, quando essa sugestão pegou, eu passo essa sugestão para o cardápio definitivo e tiro uma outra que tá vendendo menos. Aí você tem um prato de sobremesa na sugestão, exatamente, é como um teste, pra ver se vai ser aprovado pelo cliente pra depois ele entrar no cardápio. Aí quando entra no cardápio eu tiro um outro que está vendendo menos, substituindo-o. Então, esse relatório vai me dar todo o movimento, né? Se tiver cortesia, muita cortesia, qual a vantagem dessa cortesia? Tem um tipo de cortesia que posso dar tantos ingressos por dia, às vezes ultrapassam, aí eu tenho que pagar. Quem estiver em minha casa, eu vou ter que pagar esse ingresso na hora de acertar com o músico porque eu tenho um número x. Tem um limite. Se ultrapassar tem que bancar. Então, eu tenho essas ferramentas, que são relatórios de movimento da casa. Aí, então, eu vejo o quanto está saindo, o quanto está se comprando também e faço uma avaliação dos custos também.

Não. Não, nada disso. Não, não registro nada, nada. É tudo informal. É sim.

Não, não tenho. Aqui nós só somos três. Nada, nada. É tudo oral. Quem trabalha aqui, ela já trabalha aqui há uns quinze, vinte anos. Ela foi vendedora de antiquários, de lojas, de móveis antigos e antiquários. Quer dizer, tudo vai passando. De vendedor, ela virou dona, qual é o problema, nenhum, né? Quer dizer ela traz uma cultura.

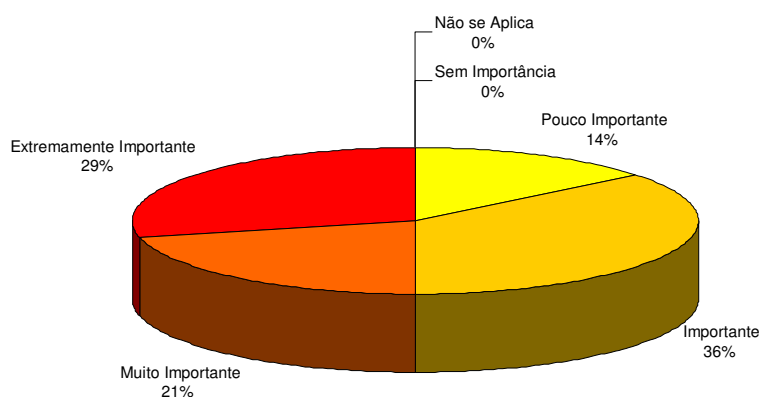
Não, não. É só boca a boca. É o melhor. Porque o boca a boca a pessoa sabe que sai da sua boca. Então, você sente firmeza. Você escreve ali. Mas o boca a boca funciona mais, funciona mais. Pra mim sempre funcionou mais.

Não. Eu tomo ciência em relação às associações. Mas não em meu estabelecimento, isso não. Quando há uma reunião, sou eu e o meu sócio que tomamos decisões de coisas a realizar. Não. Não fica nada por escrito. É sempre informal.

Infelizmente não. Não chegamos nesse nível de organização. O que a gente faz é assim, todo material que chega em nossas mãos a gente reencaminha...Infelizmente não.

Verificou-se também neste estudo o grau de importância que os antiquários atribuem às bibliotecas de sua organização, que é outra modalidade de fonte de informação integrante do modelo de Choo, adaptado por Barbosa (1997), tomados como referência para avaliar as fontes de informação preferenciais da categoria. Os resultados relativos a essa fonte encontram-se registrados no GRÁF. – 18.

GRÁFICO 18 - GRAU DE IMPORTÂNCIA ATRIBUÍDO À BIBLIOTECA DA ORGANIZAÇÃO COMO FONTE DE INFORMAÇÃO PELOS ANTIQUÁRIOS - 2004-2005



Constatou-se inexistência de bibliotecas em funcionamento nos estabelecimentos comerciais dos antiquários entrevistados. Alguns afirmaram que chegaram a implantá-las, colocando-as, inclusive à disposição de sua equipe de funcionários. Outros afirmaram a existência de pequenas coleções no próprio recinto

das lojas. Visitando na oportunidade um dos espaços mencionados, observou-se que ali armazenavam livros e outros materiais similares (como revistas e jornais), os quais podiam ser livremente consultados pela equipe de funcionários que trabalhassem na empresa proprietária desse acervo. Segundo declaração de um dos proprietários, essa biblioteca foi desativada devido à necessidade de alocar outros objetos no espaço que anteriormente lhe era destinado.

A maioria dos entrevistados afirmou possuir biblioteca particular. Outros destacaram que não as possuem, mas que utilizam bibliotecas de seus amigos ou de órgãos públicos, o que confirmou a observação feita em relação à inexistência de bibliotecas propriamente ditas nos estabelecimentos comerciais dos antiquários.

Considerando o exposto esclarecemos que os índices apresentados no GRÁF. - 18 revelam o grau de importância que os antiquários entrevistados atribuem às bibliotecas de modo geral, e mais especificamente às bibliotecas ou conjunto de livros e de outros materiais bibliográficos que possuem ou utilizam eventualmente.

Analisando os dados apresentados no GRAF. – 18 constata-se que 86% dos entrevistados reconhecem a importância de bibliotecas como fontes de informação e pequena parcela (14%) atribui a elas pouca importância.

Os depoimentos aqui transcritos revelam algumas das considerações que foram feitas pelos entrevistados acerca de suas bibliotecas particulares ou das outras que afirmaram utilizar.

Minha biblioteca são meus livros que eu tenho sobre móveis antigos, que quando eu compro móveis e que tenho dúvidas sobre estilo, geralmente tem uma mistura de estilos em determinado móvel. Então essas consultas são feitas em livros que eu tenho.

[...] o primeiro passo foi esse, a troca com os colegas. Depois, a partir daí descobri que tinham livros, catálogos e fomos em busca desses livros em bibliotecas, nos próprios sebos de antiguidades descobrimos que sempre tem pessoas que vendem livros de arte, livros de leilões da Lily, peças leiloadas da Sotheby's e da Christie's, no que a gente

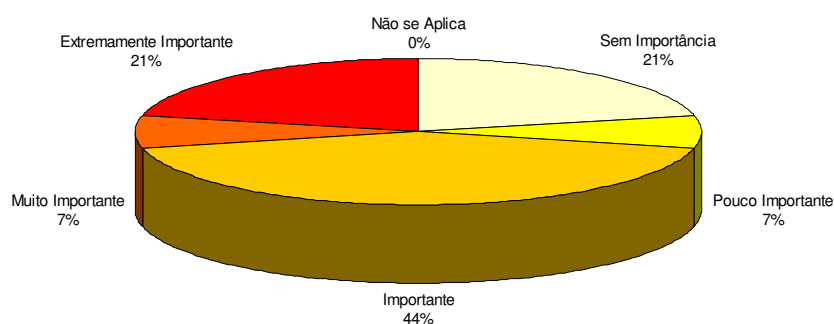
passou a conhecer mais o mercado de arte, através desses catálogos e também de livros que a gente comprou.

É importante. Mas eu não sou muito chegado a leitura não. É o que eu te falei, pode ser que eu esteja velho. Eu sou um cara que eu fui mais do trabalho. Já catei latas em ferro velho, já fiz carreto inteiro, já vendi laranja, é o que eu tô te falando [...].

Não, no momento não. Tinha, tinha sim. Mas, mudou-se de sala, de tudo e eu não sei onde está a coleção. Tá guardada, mas nós não colocamos ainda o espaço para que ela seja exposta, entende? Para ter alguma coisa mais falando sobre a empresa, não. A área que o funcionário ou uma pessoa queira para fazer uma pesquisa, entendeu? De alguma coisa que precisasse de um detalhamento histórico, a gente tem [...]

Não. Nós temos a nossa biblioteca. Temos sim, a nossa biblioteca. E os livros são sempre livros para consulta sobre o nosso trabalho, para estabelecer valores, para descobrir quem é quem, para descobrir de que época é, para descobrir até mesmo quem compra tal coisa. Só isso.

GRÁFICO 19 - GRAU DE IMPORTÂNCIA ATRIBUÍDO AOS SERVIÇOS DE INFORMAÇÃO ELETRÔNICA COMO FONTES DE INFORMAÇÃO PELOS ANTIQUÁRIOS - 2004-2005



O GRÁF. - 19 apresenta as considerações dos antiquários entrevistados sobre serviços de informação eletrônica enquanto fontes de informação.

Pelos índices mostrados certifica-se que 72% atribuem valor a esses serviços na seguinte proporção: 44% consideram-nos “importante”; 7% “muito importante” e 21% “extremamente importante”. Quanto àqueles antiquários que dão pouca importância a esses serviços, constata-se neste gráfico o percentual de 21%.

Tendo em mente o conjunto de informações obtidas acerca dessa modalidade de fonte de informação, observou-se que assim como na situação observada com as bibliotecas, quase a totalidade dos antiquários atribui muito valor aos serviços de informação eletrônicos.

Entre vantagens apontadas para essa modalidade de fonte destacaram as possibilidades de integrarem seus respectivos estabelecimentos comerciais às redes eletrônicas, especialmente à Internet. Muitos afirmaram que estão ou estarão preparando suas empresas, de modo a estruturá-las de forma mais conveniente e de acordo com os avanços tecnológicos da atualidade.

No que diz respeito às expectativas manifestadas ou justificativas apresentadas para implantação de redes em seus estabelecimentos, ressaltaram o desejo ou necessidade de agilizar contatos com clientes e fornecedores, acessar sites especializados em artes e antiguidades e outros temas de interesse, obter informações rápidas sobre peças e objetos, especialmente em processos de avaliação de peças que causam dúvidas, considerando apenas o conhecimento prático que possuem.

[...] Textos da Internet que hoje eu não citei nada, já é hoje pra mim uma fonte de informação que eu já busco. Então eu pego um texto, imprimo. Eu passo para o [...] por exemplo, que é o gerente do antiquário e ele repassa para os outros. Hoje a gente utiliza sempre [...]

Serviço de informação eletrônica, Extremamente importante, extremamente importante. Internet não sei usar não, mas tenho. [...] Pesquisar a respeito de determinada peça, certificar se o, como é que fala? *Feeling*... funcionou. Você sabe que a peça é boa, mas que não é comercial aqui no Brasil. A peça, por exemplo, é de origem indiana ou chinesa, ou de outro país, sei lá... Aí, você vai na internet e procura

saber sobre aquela peça...já que aquilo você sabe que é bom, é antigo...é uma peça autêntica, mas que, aqui no Brasil, não vale nada. Então, você através do computador ali, toma as informações necessárias e pode até vender pelo próprio aparelho ali. É, pela rede você vende também. [...] A gente informa mais é no Google, é isso aí...é isso aí...aí você vê ali o que fala sobre a pessoa, o artista, qualquer coisa...[...] E-mail não...não. Eu tenho, mas nunca usei não [...] quando pedem fotografia de uma determinada peça a gente manda sim... [...] Muito...extremamente importante...pior que é mesmo...

A certificação de autenticidade de peças ou objetos antigos é uma questão considerada polêmica, o que pode ser observado tanto pelo que se vê registrado na literatura quanto pelo que foi declarado nos depoimentos prestados pelos antiquários participantes desta pesquisa.

Alguns autores atribuem à invasão de falsificações e de trapanças no mercado de antiguidades e de objetos de arte, de modo geral, à ignorância e ingenuidade por parte das pessoas em relação ao assunto, especialmente daqueles leigos que adquirem esse tipo de material e não possuem condições de avaliá-lo nem tampouco contratam especialistas para fazê-lo. Entre outros fatores que transparecem na literatura, problemas relativos à ausência de uma legislação, fiscalização ou punição adequada também se fazem presentes no que concerne às falsificações, que parece ter se convertido em uma verdadeira indústria onde o engenho e a astúcia se dão as mãos para enganar inexperientes, desentendidos, simplórios e até mesmo pessoas que se julgam entendidas.

Em seu livro “La falsificación de antiguedades y objetos de arte: alteraciones – fraudes y adulteraciones descubiertas, cuja primeira edição foi publicada em 1947, Pablo Eudel discorre profundamente sobre o assunto e coloca entre objetivos de sua obra despertar, conscientizar e prevenir os incautos para que aprendam a evitar erros e possam aperfeiçoar condutas de caráter preventivo. De forma interessante e agradável, relata e ilustra inúmeras situações envolvendo falsificações às quais prejudicaram ou estão sujeitos os mais inexperientes e descuidados, mas que provavelmente tenham afetado velhos entendidos em seus começos de trato com esses

materiais. Conceitua falsificação como imitação de um objeto original com a finalidade de obtenção de lucro ilícito, a qual considera uma verdadeira expropriação, já que se aplica às obras intelectuais, aos desenhos industriais, às marcas do comércio ou à fabricação de objetos de arte. A seu ver, há distinção entre falsificação e imitação, que considera um procedimento leal e legítimo, desde que tenha sido declarado e acordado. Nessa obra mencionada, oferece dicas preventivas às falsificações e uma visão ampla sobre técnicas da época, usadas por falsários de vários tipos de materiais, incluindo, terracotas, cerâmicas, porcelanas chinesas, japonesas e de outras procedências, assinaturas, estampas, desenhos e quadros, medalhas, vidros, armas e escudos.

As fontes de informação usadas pelos antiquários entrevistados para verificar autenticidade e procedência de peças ou objetos adquiridos também foram objetos de análise.

Constatou-se que para esses fins utilizam vários instrumentos e estratégias que, segundo alguns, diminuem os riscos de problemas relacionados à compra de objetos falsificados ou roubados.

Quanto aos resultados alcançados acerca das fontes de informação que os antiquários integrantes da pesquisa, lançam mão para prevenir ou evitar aquisições ou vendas de objetos falsificados, os depoimentos, a seguir transcritos, revelam o comportamento desses profissionais diante do tema. Notam-se os recursos informacionais que os têm auxiliado nessas questões. Percebe-se pelo elenco de respostas dadas que o assunto é realmente polêmico, intrigante e merecedor de mais atenção por parte de todos os envolvidos em compras e vendas de antiguidades, raridades ou quaisquer obras ditas de valor especial. No contexto dos antiquários entrevistados, constatou-se que, entre fontes usadas destacaram-se livros, catálogos, especialistas em avaliação de obras de arte ou antigas. Colegas de profissão também

foram mencionados como fontes de informação, além da própria experiência e conhecimento. Interessante destacar em um desses depoimentos, o relato de uma experiência desastrosa entre um dos antiquários e um leiloeiro, envolvendo a questão de autenticidade ou não de peças de propriedade desse antiquário.

Mereceram maior destaque, conforme incidência de citações dos antiquários, as consultas que fazem a especialistas em determinados segmentos do mercado, por exemplo, aos profissionais entendidos em quadros, em tapetes ou em arte sacra. Outras indicações apontadas foram consultas à Bolsa de Arte; consultas às pessoas vinculadas a Museus e a outros órgãos governamentais; consultas a leiloeiros e a um representante brasileiro da casa de leilões “Sotheby’s”; consultas a sócios antiquários ou a outros colegas e amigos; consulta a catálogos e a outros livros de autoria de antiquários ou de outros autores que tratam do assunto; consultas a pessoas experientes no ramo e consulta aos próprios objetos, onde buscam por marcas, assinaturas, etiquetas ou quaisquer distintivos apostos ou cravados nos materiais passíveis de compra. Um número bem menor de antiquários afirmou não recorrer a ninguém e a nenhuma fonte de informação externa. Usam do próprio conhecimento e experiência nos momentos das transações de compra.

No que concerne à verificação de procedências dos objetos existentes em seus estabelecimentos comerciais, observou-se que a maioria dos antiquários se cerca realmente de cuidados especiais durante os processos de aquisição de materiais. Quase todos afirmaram que só compram mercadorias diretamente dos proprietários e em suas respectivas residências. Muitos salientaram que exigem documentação no ato da compra e que evitam comprar “na porta”. Um antiquário observou que o risco de adquirir objetos roubados é muito maior quando se compra em feiras de antiguidades, já que os materiais ali expostos e vendidos procedem de vários fornecedores.

Algumas das considerações apresentadas pelos antiquários serão transcritas a seguir, a título de ilustração e de comprovação do que foi afirmado acerca desse assunto.

Eu já recorri. Tem uma galeria aqui no Rio de Janeiro que tem um leiloeiro... eu já recorri não é pra ver autenticidade não, é pra ver que ele não conhece nada. Eu tenho, eu já tive peças autênticas e fui lá levar pra ele botar num leilão dele. Ele veio me dizer que a peça não era autêntica. Já fui vender pra ele e ele disse que a peça não era autêntica... e depois eu vendo... e sai no livro do camarada. O camarada vai e bota a minha peça, que não era autêntica, no livro dele, como se fosse. E eu paguei como uma peça autêntica, eu tenho certeza disso. A peça ela foi feita em 1950, se não for de 1950... 1960. As peças eram umas cadeiras e uma mesa. A mesa tinha um selo do fabricante em baixo. As cadeiras já estavam estofadas, no segundo estofamento, pela textura do material você via que tinha mais de quinze anos, mais de vinte anos que tinha sido reformado. Eu rasguei os encostos, os assentos dessas cadeiras e todas tinham selo do fabricante. No encosto e nos assentos. Ele não tinha necessidade, na época, de ninguém falsificar aquilo porque, na época, aquilo não valia nada. Então, tudo comprovava que era uma peça autêntica. Essa peça, só foi parar no livro porque o camarada falou pra mim que o negócio era falso. Então, eu não recorro a eles porque eu também não confio na honestidade deles. Já levei quadros, pinturas autênticas, pela família que veio, pelo valor que eu comprei, pela falta de informação da família eu comprei barato. E, já estava na família há muitos anos e naquele período aquele quadro não valia nada e o camarada olha assim...e diz que é falso. Então, eu não preciso recorrer a eles, eu pego e entendo. A única coisa que eu tenho dúvida é sobre o artista. Se é um artista de nome ou não. Se tem valor ou não. Agora, recorrer a eles, não.

Geralmente a gente compra do próprio dono, vai na casa da pessoa...aí elas próprias contam, isso aí foi [...] já pertenceu a meu avô. Eu lembro quando meu avô comprou. Você está comprando e as pessoas estão contando histórias, às vezes, até chorando porque estão vendendo porque precisam. E, eu não gosto de comprar isso não. Quando a pessoa chora muito, eu prefiro não comprar [...] fica difícil de vender depois. Quando as pessoas vendem as peças chorando ficam encalhadas... fica amarrado aí.

É uma decisão minha. Não tem outro não.

O “expert” no assunto, que é geralmente um profissional conhecido no mercado, que é especializado em determinado segmento. Por exemplo, se o quadro é um quadro do Volpi, por exemplo, eu vou procurar alguém. Do Portinari, por exemplo, o filho do Portinari, João Cândido, hoje que tem a fundação Portinari que avalia se aquele quadro é ou não um quadro do Portinari. Mas se esse pintor não tem uma fundação ou alguém, a gente tem outros canais. Um deles é a Bolsa de Arte, que avalia qualquer obra de arte. Você leva ela, qualquer quadro, a Bolsa de Artes avalia, dá a autenticidade ou não.

Um outro canal que é muito utilizado por antiquários também, que é um pouco arriscado, até bastante arriscado, porque ele está envolvendo, você está ligando a autenticidade ao mercado. São os leiloeiros. Então você recorre muito ao leiloeiro pra fazer uma avaliação do seu quadro. Às vezes se a pessoa é uma pessoa mais sem informações ou mais ingênua e o leiloeiro não é um leiloeiro honesto, ela corre o risco de perder uma grande obra e daqui a uns dias o leiloeiro tem uma boa peça na capa de seu catálogo. Então o leiloeiro, ele é uma fonte a que as pessoas recorrem principalmente quem tem peças pra vender, dentro de casa. Recorrem primeiro ao leiloeiro porque não sabem que existe a Bolsa de Arte. Também já recorri muito a museus, a pessoas ligadas a órgãos governamentais, pessoas que trabalham em museus também me auxiliaram muito. Também já recorri ao IPHAN, à diretoria do IPHAN, em Minas Gerais, em relação à arte sacra, pra não correr risco de comprar arte sacra roubada.

O [...] é uma pessoa que eu consultaria em relação à autenticidade da peça, mas não seria o antiquário a quem eu pediria certificados. Logo, eu não tenho nenhuma pessoa especializada, a quem eu poderia pedir uma consultoria nessa área. Eu acho assim, nós aqui, me incluo também, nós não temos um estudioso, especialista em determinado assunto. A gente sabe um pouco de tudo. O [...] certamente sabe muito. O [...] também sabe muito do mercado. É uma pessoa muito invejada. Mas, o [...] também. Mas, um especialista para dar um “expertise” eu acho meio arriscado.

Geralmente, quem faz esse tipo de avaliação é o [...] e o [...] porque eles já têm bastante tempo na área. Logo no princípio, eles recorriam a leituras, a livros que mostravam como identificar autenticidade de determinadas peças e o valor também de compra e de venda dessas peças. Eles assim tomaram bastante conhecimento, e hoje em dia eles dois, e o [...] também é que fazem esse tipo de avaliação e compra desses materiais.

A gente quando compra alguma obra assim, a gente compra dentro do universo nosso. Então, aí com procedência, sabendo de quem a gente está comprando, se é diretamente dessa pessoa que está vendendo. Bom, nós já compramos coisas falsificadas sim, ao longo da vida aí, que a gente pensou que fosse autêntico e depois verificamos que era peça falsificada. [...] A gente para certificar se ela é realmente verdadeira ou falsa, né? Você pode verificar até num catálogo, mas pode ser falsificada. As falsificações, hoje, são perfeitas. São tão perfeitas, que é difícil você identificar um produto verdadeiro ou falso. Mas, basicamente, quem conhece, quem vive no meio, conhece. Mas, no início, a gente “entra em fria”, com certeza.

Isso não é fácil, né? Porque existe muita cópia, então eu acho que a principal coisa é a prática. A tia [...] tem uma prática nisso. Ela pega essa peça, ela olha assim e fala: “esse pé foi colocado e esse é original”. Então é uma coisa que é muito do *feeling* da pessoa. Mas tem livros que a gente pode olhar, livros que são setORIZADOS. Tem as assinaturas, principalmente quando a peça é assinada a gente verifica essas assinaturas. Até tem um livro grosso aí que chama [...] que você verifica a assinatura de quadros. Pela assinatura você vê a época

daquele pintor, que tipo de pintura que é, pelo menos já te dá um enfoque da coisa, pelo menos se a pintura está dentro do que ele pintou. E outra coisa é o contraste de prata. Tem um livro de contrastes de prata por país, a prata inglesa, a prata francesa, a prata portuguesa. Aquele contraste é a marquinha da prata. Então pela marquinha você acha a época, quem fez a prata.

Os livros, a gente consultar os livros e a experiência da gente mesmo. Uma vez por outra também não impede da gente pegar o telefone e ligar e falar : “Oh, me apareceu aqui uma imagem, eu estou numa duvidazinha, vamos olhar juntos”. Então tem muito essa parceria de olhar junto, descobrir uma coisa ou outra. também existe isso muito.

É evitar comprar na porta, primeira coisa. Então você comprar dentro da casa das pessoas é uma garantia relativa de que você está comprando uma peça que tenha boa procedência. Então é evitar comprar na porta. E mesmo assim, você que me ligou, me convidou pra ir até sua casa, pode ser um ladrão. Eu posso estar correndo este risco. E toda peça que a gente compra a gente tem nota fiscal de entrada, em que o cliente assina, com o número da identidade ou CPF. Então essa é uma garantia. Eu falei todas, mas na realidade nem todas. Você compra na Feira do Troca, por exemplo, lá não tem nota de nada, a feira da Praça XV, Feira de Antigüidade. Você comprar em feiras de antigüidades você pode correr o risco de comprar um objeto roubado. Eu vou te dar um exemplo: eu comprei uma coleção, comprei não, consignei uma coleção grande, de uma pessoa que nos procurou, o [...], ele é filho do [...], aquele cineasta dos anos 70, e o pai era colecionador de arte e a mãe. E após morrer, o [...] nos convidou pra ir lá, pra ver a casa dele e tudo ficou consignado conosco. Então, santos do século XVIII, oratórios de jacarandá, acervo da maior raridade possível, que pertence ao [...] e que a gente consignou. Então a fonte é fidedigna, o [...] é pessoa conhecida no mercado, ele é produtor, o pai é conhecido, a mãe também. Mas, agora, aquelas peças podem ter sido compradas em uma feira, pode ter sido comprada de um padre que roubou de sua própria igreja, não se sabe. Então é um risco que você corre. Ter peças boas, principalmente do século XVIII, arte sacra, dentro da sua casa, que você tenha uma procedência fidedigna, fiel, mas você corre riscos. Agora a boa fé, você tem que estar sempre calçado com documentação, com nota fiscal de entrada. Eu comprei na sua casa, [...] um móvel, uma cama. Ao chegar com o móvel na minha casa, eu faço a nota fiscal de entrada, com seu nome, endereço e sua assinatura embaixo vendendo.

[...] eu não garanto século de nada. Quem garante é quem vende. Eu, como vendo, não garanto século nenhum [...] pergunte a quem me vendeu. Então, avaliação é complicada. No Brasil é extremamente complicada.

Não. Procedência é para ver se aquela peça é roubada ou não? Não, nem avaliação nem procedência. O esquema é aquele, a gente pede documento e tal e eu avalio, mas eu não garanto nada. Quando a peça tem um selo, eu vejo que é original, pelo tempo, pelo tipo de colagem, pelo preço. Eu tenho o período do cruzeiro (moeda), de ano a ano, então, dá para identificar. Eu sei identificar, mas eu não garanto nada não.

Só de quadros. Alguma coisa de quadro. [...] Eu olhei através de um antiquário, no ateliê de um antiquário, um amigo, que é um conhecedor.

Na Lavradio? Na Lavradio, ao [...]. Sobre autenticidade é o que mais conhece. Aqui na Lavradio, pra consultoria o conhecimento é pouco. Não é muita coisa não. Tem o [...] que é dos antigos ainda.

Origem? Origem...até ao próprio vendedor mesmo. Eu sou difícil de comprar, por exemplo, aqui no Rio. Compró muito é no interior. Então, no interior tem toda aquela história da família. Eu sou daquela família tal...se tem barão, se não tem barão. Mas que tem família importante no local. Então, eu pego essas informações com as pessoas mesmo. Estão me vendendo as peças e eu acabo colhendo as informações com eles mesmos. É difícil você, vamos dizer assim, vou chamar um expert pra me dizer a origem da peça. É. Não funciona.

Olha, eu me utilizei de catálogos, do meu conhecimento da lida com aquilo...de você pegar e saber que aquilo é uma coisa verdadeira. E quando houve dúvidas, eu procurei quem eu achei que soubesse e eu acabei achando alguém que me informasse.

Ninguém expede certificados. Eu também não expediria certificados de peça alguma porque a gente, às vezes, sempre pega a peça ou objeto, examina e vê sinais que as épocas demonstram. Mas, tal é a gama de falsários que existe nesse ramo, de pessoas fazendo cópias com tanta perfeição que você as pega e as vê autênticas, né? Então, você pode cometer um engano. Então eu também quando me confundo, eu ouço aquelas pessoas que eu acho experientes naquele assunto.

[...] A gente tem que acreditar na idoneidade de quem vende, com aqueles requisitos mínimos, e mesmo assim já aconteceu. Essa loja aqui, eu estou até com a sociedade, nós estamos com a porta aberta pra rua há um pouco mais de um mês e meio. E já aconteceu de uma pessoa parar e se emocionar e dizer: “essa peça é minha”. Quem vendeu para você foi uma pessoa assim...assim...assim...assado...que roubou ela de mim. E, eu não me furtei de devolver imediatamente porque eu até percebi que havia muita sinceridade e emoção na pessoa que reclamava o direito de posse daquela peça. Ela queria me ressarcir, coisa que eu não permiti.

Aqui não. Isso só o proprietário das peças pode comprovar a procedência. Eu não consulto ninguém.

Foi só a do Aleijadinho, só à Sotheby's. Praia de Botafogo, número 130. Dona [...]. Eu mandei as fotos, eu mandei e-mail e veio a resposta. Só isso. Quadro também eu já mandei pra ela...só ela só.

Autenticidade? Aos livros editados por antiquários ou pessoas que escreveram sobre mobiliário e estilos. Sempre tem alguns livros que foram editados quer no Brasil quer fora do Brasil, principalmente em Portugal e França. Tenho uns dez a quinze volumes a que eu recorro

quando há justamente essa necessidade, às vezes por uma dúvida sobre estilos, sobre madeira, mistura de estilos no mesmo móvel. É, justamente a esses livros que eu tenho.

[...] São pessoas, que a meu ver, tem essa visão de época dos mobiliários. São os mais antigos, aqui na Lavradio, são os mais antigos. Talvez o segundo mais antigo.

Procedência, normalmente é boa. Porque para adquirirmos as peças, nós temos anúncios nas páginas amarelas, em revistas, no jornal “O Globo”, “Jornal do Brasil”, Telelistas. E a gente compra esse material nas casas das pessoas, dos particulares, na própria residência. Então, a gente sabe a fonte, como vai buscá-lo em casa, a gente sabe a procedência. Então, não compro peças à porta da loja para evitar justamente “dor de cabeça”. São todas compradas dentro das residências de familiares, particulares.

Já comprei em casas...e através da idade das pessoas que você compra. Se o móvel era da mãe e quem me vendeu já tem mais de cinquenta anos, o móvel tem que ter pelo menos cinquenta anos. Agora, se era da avó, daí pra cima.

Não. Eu mesmo, pela madeira, pela palha, pela malhetaria (sic) que tem nas gavetas. Então esses detalhes é que dão ou não uma certeza próxima de quanto a peça tem de fabricada, e o estilo da peça e a procedência da boa marcenaria, através da madeira, do entalhe, da leveza também, né?

Olha, isso aí a gente aprendeu bem lá atrás mesmo, isso antes de entrar no ramo, né? A ter cuidados. A ter o cuidado na compra, a ter a ética na compra, a ética na venda. Então, isso foi o primeiro critério. A gente primeiro...a partir do momento que a gente montou a primeira lojinha no [...] que era um boxezinho, obviamente, nós pegamos quase que peças emprestadas com algumas pessoas, com um amigo uma cadeira velha, a outra a gente achou no lixo, outra que estava toda suja de bosta de galinha, lá em Santa Tereza, que a gente limpou, envernizou e pôs ali. Então começamos bem dessa forma. Agora, as pessoas que iam até o [...] conheciam nossa loja, e que a gente conversava. É um processo de conquista do cliente, de confiança e dali é que começa a surgir os negócios. É de onde que você tem, adquire a confiança do cliente, seja na venda que você faça, seja numa conversa que você tenha com ele e que ele passa a conhecer você e te convida pra ir à casa dele comprar uma peça. Olha...estou com uma peça pra vender, e ele lembra de você. Ou...tem uma amiga minha que tá vendendo os móveis do pai...morreu o pai de uma amiga minha que tá vendendo os móveis...se tem interesse em comprar...Então, a gente passou a visitar as casas dos clientes, que nos procuraram, com o objetivo de efetuar essas compras e, obviamente, foram os primeiros grandes negócios que a gente fez. E, todos os negócios foram feitos dessa forma, né? Nós nunca colocamos anúncios no jornal, muitos antiquários colocam anúncios. Pode ver nos jornais, tem quadros... A gente nunca colocou anúncio até para você não correr o risco de comprar “gato por lebre”, de você comprar peças roubadas, peças falsificadas. É um mercado, como todos os mercados, o de antiguidades a gente o vê ainda como um dos mercados mais perigosos e mais visados para as malandragens. Agora, se eu vou à

casa da Júlia comprar uma peça, lá eu estou vendo você, sua família, vendo seu marido, vendo seu filho. Então, você tem uma garantia muito maior de que aquelas peças são de herança de família. Não são peças que estão no mercado irregular. Então, esse foi o caminho que a gente sempre utilizou. E, obviamente, à medida que a loja foi crescendo, que o nosso trabalho foi desenvolvendo, cada vez mais sempre fomos procurados por pessoas querendo vender. Então, na realidade, a oferta de peças pra nós ela é muito maior do que as de compra, infelizmente, porque os apartamentos hoje estão cada vez menores. Então, quando as pessoas se mudam já querem se livrar de um monte de peças, ou de tralhas, vamos chamar assim, e que não cabem em seus apartamentos. Então, a gente sempre tem uma oferta muito maior do que a procura.

Finalmente observaram-se ainda, através desta pesquisa, as fontes de informação usadas pelos antiquários para selecionar, atribuir valor monetário, para garantir a conservação e organizar as peças ou objetos antigos existentes em seus estabelecimentos.

As informações coletadas indicam, no que diz respeito às fontes para seleção, que a maioria utiliza o *feeling*; o próprio conhecimento adquirido na prática e nos anos de experiência. Os conhecimentos de amigos ou de especialistas também constituem fontes usadas nesse sentido, o que pode ser observado nos depoimentos que se seguem:

A primeira coisa é no olhar. É o "*feeling*". Você bate o olho e você vê. Você pode não saber que aquela peça é de quem é, mas você sabe que aquela peça tem diferencial. Eu posso nunca ter visto um quadro do [...] por exemplo, mas se eu chego na casa e vejo um quadro que é do [...] certamente ele vai me chamar a atenção, mesmo que eu nunca tenha visto outro. Tem coisas que você não explica, é o olhar, o antiquário tem a questão do olhar, você vê quando a peça é boa, tem qualidade. Uma escultura, por exemplo, você vê muitas vezes a escultura de longe te chama a atenção, mas quando você chega perto, você vai ver o detalhe. É uma unhazinha, se tem os lábios, o olho. Então o detalhe é muito importante e, às vezes, você não tem nem noção de porque que é o detalhe que faz a diferença. Se tem a marcazinha da unha é porque aquela peça foi cinzelada, é toda etapa do trabalho de confecção, pro fazimento de uma escultura que são etapas e a última é o cinzelamento. É você furar o olhinho, é você fazer a unhazinha. Então isso tudo é o diferencial que seu olho te denuncia. Você tem que ter sensibilidade nesse olhar. Agora se você tem dúvidas, é preciso recorrer a alguém, eu volto à questão anterior, se é uma dúvida e se eu tenho que tomar uma decisão e eu tenho dúvidas em relação àquela obra de arte. Se vou na sua casa comprar um quadro, por exemplo, eu tenho dúvidas, aí eu vou recorrer a um

especialista da área e vou levá-lo à sua casa ou levar a obra pra que ele avalie na casa dele.

[...] Você acha que isso vale a pena ou isso é vendável? Então, recorro a ela, porque ela tem um gosto assim mais formal. [...] às vezes eu compro peça que eu não gosto. Não excludo ela me dá uma força: - compra sim que isso vende, você acha feio, mas vende. Já é uma ajuda. Isso ajuda.

Não estudei não [...] é só no trabalho. Desde novo eu já tinha gosto pra isso. Você vê que eu ia num depósito imenso da Rede Ferroviária é... tralhas [...] da Rede Ferroviária. Coisa que não valia mais nada, que estavam no almoxarifado, mas coisas que não se usavam mais. Eu ia lá e escolhia uma pecinha que hoje ainda tem valor, e cada vez valoriza mais. Meu pai ia e fazia um memorando para a Rede e comprava, era barato. E sem estudar, sem nada. Eu gostava, eu gosto das coisas antigas.

Eu, eu mesmo. A compra, eu sei o que eu estou comprando, o estilo...

Não. Faço tudo sozinho. Tento negociar, consignado ou comprar.

Na hora da compra é assim, a gente vai e, às vezes, tem que comprar um apartamento fechado por causa de duas peças. Às vezes trazemos “alhos e bugalhos”. Depois é que a gente faz uma reciclagem daquilo que vale a pena ser vendido. E, aquilo que não vai ser atendido, a gente, às vezes, vende a preço de custo ou doa para instituição de caridade ou desmancha para fazer restauro. Então a gente a desmonta e deixa a madeira nobre para se fazer um restauro naquele móvel que realmente merece. Fazer um restauro em móvel antigo com uma madeira, às vezes, nova, virgem, realmente deixa a desejar. Tem que ser o restauro feito com a madeira, pelo menos, da mesma época, seca e curtida para evitar problemas de broca assim, e perdas, etc.

Não. Eu mesmo, pela madeira, pela palha, pela malhetaria (sic) que tem nas gavetas. Então esses detalhes é que dão ou não uma certeza próxima de quanto a peça tem de fabricada, e o estilo da peça e a procedência da boa marcenaria, através da madeira, do entalhe, da leveza também, né?

Há certo consenso entre os profissionais envolvidos com o mercado de antiguidades de que a atividade de atribuição de preços não é tarefa das mais simples. Denota-se nos depoimentos prestados pelos antiquários entrevistados que eles também assim a consideram, mas basicamente os fatores determinantes das cotações dos objetos obedecem às regras de um mercado oscilante e relativo, como pode ser observado nos contextos desses depoimentos:

No mercado. A gente sabe quanto tá na feira, quanto tá na zona sul, quanto tá na loja ali, quanto tá aqui. Mas, os preços flutuam. Cada um

cobra o seu. Eu normalmente cobro em função do preço que eu paguei. Eu determino o que é bom pra mim como lucro. Não tô nesse mercado de poder... [Silêncio] Realmente, eu não tô. Eu sou um professor, ainda dou a minha aula, já tenho duas aposentadorias. Minha vida é outra. Isso aqui foi um prazer que, a partir de um determinado momento, eu realizei esse sonho porque eu tinha uma casa de quatrocentos metros quadrados em Santa Tereza e era cheia de coisas. Um dia eu quis me desfazer de tudo. Acabar com essa história. Apareceu uma oportunidade de vir pra cá e eu trouxe tudo da minha casa, vendi tudo e me tornei assim um comerciante formal porque antes eu era informal. Eu tinha uma casa e me diziam assim: - me vende? Vendo. Vai ter uma feirinha ali... ah, eu vou! Eu curtia, mas o dinheiro não era importante pra mim. Hoje, claro, o dinheiro é importante por causa da restrição, mas eu tenho a minha estabilidade, eu tenho um lastro. Então, eu determino o que é bom pra mim. Se eu compro uma peça por dez e acho que ela por trinta me satisfaz, acabou. Agora, eu sou muito ético também. Não sou de cobrar caro não.

Pois é, essa é uma das coisas mais difíceis que eu falei, mas é a noção de mercado que você tem. Você sabe até quanto que uma determinada peça alcança. Como? Estando do lado de cá do balcão. Então eu tenho uma loja aberta, eu tenho essa mesa aqui, olha: mesa de 1 metro e 60, de jacarandá, um pé central, nós estamos sentados nela agora. Essa mesa está à venda na loja por 650 reais. Aí a pessoa pergunta: “e o menor preço, qual é?” “10% à vista”. Você coloca no cartãozinho e a pessoa vai embora, fica de te telefonar e não telefona. Isso repete duas, três, quatro, cinco, seis vezes. E se ninguém compra essa mesa e ninguém telefona, você sabe que aquela mesa você tem que abaixar o preço. Isso vai te dando uma noção de preço de mercado, ou seja, mesa de 1 metro e 60, de jacarandá, pé central, por 650 é difícil de vender. Mas ao mesmo tempo, se você tem, onde é o diferencial do nosso mercado, se você tem peças que você vê que são extremamente boas ou bonitas, em termos de qualidade, beleza, que faz a diferença. Vou contar rapidinho o caso de uma cama. Temos uma cama que está com a gente até hoje, já foi vendida e já voltou. Uma cama em jacarandá, toda entalhada em guirlanda de flores, peça raríssima, cama Luís XV, coisa muito bonita, perdão, não é Luís XV, é *art nouveau*, e que está lá no [...] pra vender por 1800 reais. Ficou um mês, dois meses, seis meses e a gente montou a cama. Colocamos uma colcha bonita, valorizada, dois *abajours* do lado, acesos. Pintamos a parede, mas a cama não saía. E quando acontece isso a gente faz reuniões, de vez em quando, a gente dá uma geral na loja e abaixa o preço daquilo que está “encalhado”. Aí o [...] que é meu sócio, disse: “essa cama está aqui há seis meses ocupando lugar”. E cama ocupa muito lugar, porque é larga e o espaço é precioso pra gente. “Vamos abaixar: 1000 reais” “de jeito nenhum”, aí eu falei. Aí o [...] : “Então tá, você bota o preço que você quiser”. Falei: “Tá bom: 15 mil. 15 mil reais, bota a etiqueta, [...] 15 mil reais. Você tá louco. Jacarandá... não faz mais uma cama dessas hoje, não se talha mais rosas em jacarandá como está aí, a peça é linda...” aí ficou. Uma briga entre eu (sic) e ele e eu botei 15 mil reais. Passou uma semana, entrou um cliente na loja, que você conhece muito bem, mas não vou dizer o nome, conhecido, pessoa pública, rica. Aí ele estava se casando novamente com uma outra mulher, uma loura lindíssima. Queria uma cama maravilhosa,

ele entrou: “[...], quanto que é essa cama?”. Eu falei: “Quinze mil reais para o senhor”. “Tem algum desconto à vista?”. Eu falei: “Olha, olha, eu lhe dou um [inaudível]. O [inaudível] é por conta do [...]. Ele fez o cheque, eu peguei o telefone: “[...] Mas eu falei com você que eu estou com a cama até hoje. Ele comprou, levou a cama pra casa e depois ele separou dessa mulher. Aí a outra já não queria a cama que lembrasse a antiga. Então ele trouxe a cama pra mim e levou no lugar da cama uma carruagemzinha pequenininha que eu tinha. Então foi ótimo. Trocou, foi muito bom pra gente, a segunda também foi muito boa. Então o mercado é muito relativo, é de originalidade. É uma cama que você não vai encontrar nunca, em lugar nenhum, tão bonita e com a qualidade de jacarandá também.

Eu mesmo. Eu é que dou preços pra compra e venda. Eu não costumo acompanhar porque antiquário é aquele negócio... Tem antiquário aí que parece coisa de maluco. No Brasil, é tudo muito novo pra ter antiquário. O Brasil é muito novo pra ter antiquário. Então, tem antiquário que sonha muito. Jogam peças aí de cem mil dólares, duzentos mil. Não, o Brasil não tá pra isso. Então, o que acontece? As peças quando eu pego, e são peças antigas, eu vejo: paguei razoável? Então, eu vou vender razoável. Então, eu, às vezes, eu pego uma peça extraordinária aí sim. Aí eu vou para o mercado fazer pesquisa, mas o contrário, não. Peças que eu encontro aí direto eu não faço isso, não. [...] Com outros antiquários, que eu tenho consideração com eles, que são pessoas que estão sempre viajando, e tá vendo lá fora. Mas só quando estou com uma peça muito excepcional na mão, aí eu recorro a essas pessoas. Eu recorro e peço um parecer da peça, mas o resto é comigo mesmo.

Olha, conforme a peça eu buscaria o [...] Bom, na Lavradio, eu acho meio difícil, talvez, só o [...]. Mas, eu acho que ele sabe menos do que eu...só o [...]. Eu e o [...].

Nós temos a nossa biblioteca. Temos sim, a nossa biblioteca. E os livros são sempre livros para consulta sobre o nosso trabalho, para estabelecer valores, para descobrir quem é, para descobrir de que época é, para descobrir até mesmo quem compra tal coisa...Só isso.

Aí ou eu sei da faixa exata ou eu consulto algum amigo que sabe. E a referência minha são sempre os leilões, visitas a outras lojas. Visitas a feiras e o questionamento de preços.

Eu é que faço preços.

Avaliação cabe a cada qual. Há peça que dá 30% e há peça que dá 100%. É uma coisa pela outra. Então, avaliação, a gente com o decorrer do tempo, já sabe o que o móvel custa ou pode valer. Então, a gente pode comprar a mesma peça por cem, e pagar numa mesma peça igual, quinhentos. É a oferta e procura. A gente pode comprar barato, e, às vezes, pode comprar caro na casa do cliente. Às vezes, uma mesma peça se paga 100% ou 200% a mais, de uma compra para outra. Então, existe uma balança aí. Uma hora se compra bem barato e se vende pelo preço justo e, outra se compra bem caro e se vende mal. Peça bem comprada é peça bem vendida. Peça mal comprada é peça

mal vendida. Quando se paga muito na rua e o restauro é grande obviamente o lucro, às vezes, é insignificante.

É, é tudo “no olho”.

Eu, por exemplo, já aconteceu um caso comigo, interessante. Um dia apareceu aqui uma pessoa comprando um console de parede dourado, Luís XV, e eu pedi à pessoa quinhentos reais. Já, quem estava comprando disse: - está muito caro! Você deve ter pago uma ninharia. E eu respondi pra ele: - Não paguei nada. Peguei no lixo. Peguei o console numa cumbuca da COURB. Uma vez que estava quebrada, a pessoa “botou fora”. Eu peguei o console, trouxe para dentro da loja, botei um mármore e vendi por quinhentos reais. Então é aquela história: o quanto custou compete a quem comprou. Por quanto se vende, compete a quem vende. Quem compra, compra se quiser ou não. Ora, ela não vai botar o preço na minha mercadoria. É isso.

Fica difícil, porque é pessoal isto. Tem uma peça que alguém possa achar que ela valha mil reais, e na minha ótica, eu posso achar que ela vale dois mil ou mil e quinhentos ou oitocentos. A questão, assim, de colocar preço nas peças vai muito do quanto você comprou a peça e do que você se propõe a ganhar. Então você pode ter de repente cinquenta por cento de lucro e se satisfazer. Já outra, que tem uma despesa maior, achar que aquela peça tem que lhe dar pelo menos cem ou duzentos ou trezentos por cento de lucro. É relativo, muito pessoal isso.

E, daí a gente vai selecionando e botando preço em cima do grau de dificuldade que a gente tem de arrumar aquela determinada peça. Aí, o valores vão daí, né?

Olha isso aqui. Isso aqui parece coisa do Mestre Vitalino, mas não. Isso é de um chileno que viveu aqui no Brasil também na década de setenta e que fazia essas esculturas, era um cara importantíssimo e, ele veio a falecer e agora essas coisas estão tendo um valor legal também. Eu tinha visto hoje lá na feira. Eu vendo caro, não vendo barato não, mas agora, hoje à tarde, a gente já está colecionando coisas desse artista.

É o consumo, né? O que tem procura o valor sobe. O que procura o valor sobe e vai ficando escasso, aí vai subindo mais ainda. É, deixa eu botar um exemplo aqui...esses móveis da década de sessenta, setenta. Há tempos atrás, ninguém queria isso, então, não valiam nada. Hoje todo mundo quer, então, já tá ficando escasso e os valores vão subindo. Imagine uma mesa, desse camarada, uma mesa com seis cadeiras, há uns quatro ou cinco anos atrás vendia por menos de mil dólares. Hoje, ela vale trinta mil ou mais.

Em síntese, constatou-se que as fontes de informação usadas pelos antiquários para auxiliá-los na atribuição de preços constituem-se de: pesquisas no mercado; consultas a outros colegas; observações feitas em leilões, em feiras; consultas

a livros. Tomam também como base para atribuir preço de venda, o valor que pagaram pelo objeto ou o grau de dificuldade de se adquirir as peças. Outros antiquários revelaram que usam apenas à própria experiência para cotar as peças que compram ou vendem. O comportamento do comprador também se revelou como fator interveniente nos preços das peças e objetos passíveis de venda.

Entre temas abordados constantemente na literatura biblioteconômica e afins, “preservação de acervos” tem alcançado destaque progressivo tanto em âmbito internacional quanto nacional. Evidenciam-se inúmeras iniciativas registradas pela produção técnico-científica da área e interdisciplinares ressaltando, neste caso, publicações dos campos de biblioteconomia, arquivologia, museologia, arqueologia, antropologia e história que denotam preocupações de órgãos, de instituições e empresas, de comissões, de pessoas e da sociedade de modo amplo, com a preservação do conhecimento e do patrimônio mundial. Contidos em suportes diversificados, inclusive nos artefatos considerados obras de arte e antiguidades, e armazenados em ambientes, às vezes inadequados ao acondicionamento ideal, os materiais bibliográficos e não bibliográficos registram, em última análise, a produção técnico-científica e cultural da humanidade. Daí a importância da conscientização, do domínio de áreas do conhecimento pertinentes ao tema preservação e conservação de registros bibliográficos e não bibliográficos, culminando em esforço coletivo para evitar processos de deterioração e de destruição destes.

A conservação preventiva, aspecto integrante da área mais abrangente “preservação de acervos”, restringe-se às ações e procedimentos adotados visando a evitar deterioração dos materiais ou a deter danos existentes, responsabilidade que deve ser compartilhada pela sociedade de modo geral, especialmente de autoridades, de órgãos cuja competência envolva a preservação de patrimônios culturais, e de

profissionais atuantes em áreas afins às atividades de manutenção e conservação de acervos e de coleções, incluindo bibliotecários, museólogos, antiquários, arquivistas, entre outros. Proprietários ou colecionadores de materiais especiais, raros ou valiosos, portanto, devem adotar medidas preventivas que garantam a existência ou permanência de suas coleções e acervos. (KENNEDY, 1987).

As ações inerentes à preservação de acervos envolvem adoção de medidas preventivas e curativas. As medidas preventivas visam a evitar a destruição ou a retardar a degradação física das coleções ou acervos. Elas se apresentam sob os seguintes aspectos: medidas de controle das condições ambientais, incluindo controle da temperatura e da umidade, de luminosidade, das condições de armazenagem e de eliminação de poluentes, limpeza rigorosa de todas as peças ou objetos constitutivos dos acervos, de mobiliários e demais utensílios que acondicionam ou armazenam objetos, especialmente os valiosos, como os de arte e antigos. As medidas curativas caracterizam-se em intervenções diretas sobre os materiais, e são destinadas a reparar os danos causados nas coleções e acervos, a fim de eliminar processos de deterioração. (SILVEIRA ; LOPES, 2002)

Reconhecida como função administrativa, a preservação de coleções e de acervos, muitas vezes, é relegada a segundo plano por autoridades, e até mesmo por profissionais técnicos responsáveis por coleções e acervos e pelos proprietários destas.

Para garantir a conservação ou reparação das peças ou objetos antigos existentes em seus estabelecimentos antiquários, os entrevistados afirmaram adotar alguns procedimentos ou explicitaram recursos e fontes que os auxiliam nesse particular, entre elas: limpeza rotineira dos espaços físicos e dos materiais; encaminhamento do material contendo problemas para a oficina existente no próprio estabelecimento; encaminhamento de material a consertar para oficinas de terceiros;

execução de tratamento prévio ou de reparo nos materiais para evitar danos maiores posteriores; elaboração e execução de projetos visando à manutenção e conservação dos prédios e dos materiais neles armazenados. Poucos antiquários deixaram claro que não executam nenhum procedimento relativo à conservação preventiva de suas lojas ou peças.

A seguir transcrevem-se alguns depoimentos prestados pelos antiquários entrevistados acerca dessa questão:

Não... não...é só a limpeza mesmo. É só o espanador, às vezes, uma flanelazinha, mas não passa óleo, não passa nada não. Quando está quebrado a gente remenda, mas remendou, fica aí até a venda. [...] tem o Jorge, e é aqui mesmo, é ele mesmo que faz. [...] Ele era chefia no INPS, se aposentou e veio ajudar a gente aqui. Antes de trabalhar no INPS ele trabalhou numa marcenaria, então tem uma noção mais ou menos. Mexe em metal, mexe em tudo, qualquer coisa. Ele faz um restauro, olha aquela peça faltando pedaço, uma peça dessa estava partida assim...faltando um pedaço. Ele montou e tá perfeito.

Tem a oficina. São duas coisas que deterioram muito, que é o móvel, se tiver cupim você tem que ter um cuidado muito grande pra que o cupim não passe de uma peça pra outra. Então a criação da oficina... nós, aqui na Lavradio, a primeira grande oficina de mobiliário que existiu foi a nossa. Sistematizada com professores e alunos, com mestres. Então foi uma boa oficina que agora vai ser reestruturada. E cuidado com... Como os nossos antiquários aqui na região são em casarões antigos, geralmente com muita umidade que vem de cima, dos telhados, que não são da própria loja, são pessoas que moram e não conservam muito bem, então as paredes são úmidas. Os quadros, principalmente, correm o risco de mofar, de soltar pintura. Os móveis também juntam umidade, o compensado empena. Então esse cuidado de estar sempre observando o local, o ambiente [...] conservação e a parte da oficina que ele administra. Obras da casa é ele que administra.

Não há como você está vendo. Normalmente a peça chega num estado e fica no estado. O cliente compra. Como eu falei anteriormente, a gente trata o restauro visual final ou ele executa. Não há tratamento. Se há o restaurar é depois de vender. Aqui não tem o serviço, você tem mão de obra terceirizada porque apareceu, você tem dinheiro, porque isso também é importante, você pode investir, você pegou isso? É importante. Então, você pode investir. Como eu vou trocar o tampo de uma mesa que me custa cento e vinte reais se eu não tenho capital? Se eu tiver o capital e a mão de obra, que é terceirizada, claro que eu mando fazer. Quando eu vender é mais vinte por cento, ou dez por cento. Agora, vendeu? Não. Você já pegou um sinal, imediatamente você faz a coisa.

Eu não consultaria ninguém na Rua. Não, eles não te dariam o endereço onde fica a cromagem...Não, não adianta que eles não dão. Não posso ser falso.

Eu tenho um tratamento que eu sempre uso aqui. Uma é que eu dou um banho no móvel todo. O móvel chega, eu tiro toda a tinta deles, na madeira, lavo tudo e depois eu uso muito formol com querosene para o bicho não atingir. Mas, é difícil atingir essas peças. É difícil porque só se você colocar as peças em lugar úmido, com certeza, vai dar bicho. Mas, em lugar seco, não. São madeiras de lei, então não dá bicho.

Olha, isso é mais área de restaurador. Eu ficaria com meus irmãos mesmo. O [...] e o [...], os mais adequados.

É... Isso aí, para garantir, a gente busca local estratégico pra determinadas peças. E quando a pessoa que promove a limpeza das peças periodicamente, essa pessoa que executa essa limpeza, ela é muito bem orientada e a gente tá sempre cobrando o cuidado o tempo todo. E olha que essa pessoa eu a chamo de mão de quiabo, porque ela de vez em quando deixa escorregar alguma coisa no chão.

No caso de mobiliário, madeira que se submete a cupins, brocas ou coisas que o utensílio traz, a gente faz verificação periódica em que estado tá a madeira e tal estado de conservação, e aquilo que for necessário para fazer pela manutenção, nós faremos, mas sem consulta a ninguém.

Ai depende. Se for uma coisinha à toa, eu faço. Se for uma coisa no móvel que tem que mexer eu chamo o cara e ele mexe.

As peças quando elas chegam na loja elas são obviamente revisionadas e se tiver alguma peça danificada é refeito, logo trocada, e normalmente, como são peças de madeira maciça raramente dá cupins. A gente passa um produto contra cupins para protegê-las e não temos tido problemas não.

É. Tudo que eu compro primeiro passa pela oficina. É feito o serviço de restauro e a peça fica sempre pronta na exposição para que ela possa ser vendida e para ver se realmente o acabamento final que é um momento que gira em torno de dez ou vinte por cento da peça.

É dentro do meu espaço. Tenho meus funcionários mesmo. O meu ajudante, meu lustrador. Nós aqui somos uma equipe, no meu próprio espaço. A gente é vendedor, é lustrador, é comprador, é entregador, é tudo.

Aqui, a gente não conserva nada. Isso tem que perguntar é ao [...] né? Nós já gastamos tanto com um projeto aí, que era pra conservar as peças, pra não quebrar nada.

Olha, uma das preocupações nossas maiores é com a segurança, né? Principalmente de incêndios. Então, há uma preocupação muito grande. [...] enfrentamos um projeto, grande projeto de prevenção de incêndio ligado à cisterna, com uma bomba muito possante, todo ele coordenado pelo Corpo de Bombeiros. Um projeto caro, mas eficiente

e esperamos nunca chegar a provar se ele é eficiente ou não, esperamos nunca experimentar... [risos] vários extintores de incêndio. Então, essa é a primeira preocupação nossa em relação ao acervo. [...] O ambiente nosso são casarões do Séc. XIX, que são casarões antigos. Então, só que eles são privilegiados com arquitetura singular. Você vê que nesse imóvel do [...] você tem duas clarabóias que vão... [Silêncio] Uma vai do fundo até em cima e já permite uma ventilação e uma iluminação naturais. O outro prédio do [...] que é o cabaré, ele tem oito clarabóias, todas com ventilação e iluminação. Então, isso já contribui para que o imóvel seja um imóvel arejado ventilado, saudável, né? A limpeza, ela é constante, feita nos três andares com constância. Há um acúmulo natural de poeira da noite, dos bares, dos sapatos sujos de poeira, né? Então, há preocupação com a limpeza. A ventilação [...] com ventiladores porque são prédios antigos, que você não pode nem deve colocar ar condicionado, instalar ar condicionado, né? A arquitetura nem permite isso. Nós cobrimos todos os telhados com mantas asfálticas e elas contribuem muito para a eliminação de poeira, de fuligem que caem das telhas, neutraliza um pouco do calor e também da chuva, o que é o mais importante. Então, hoje, nosso telhado tá totalmente protegido da água. Então, pode chover o que for e não cai nem uma gota de chuva aqui dentro e você não vai mais ter apodrecimento do madeirame devido à água. E a limpeza também, porque a telha tem uma fuligem que é impressionante. Diariamente essas mesas estão cobertas de fuligem que caem das telhas, telhas velhas, principalmente. É... agora, a cozinha...então a gente preocupa. Hoje, todos os projetos novos, são feitos dentro de normas rígidas, né? Coordenados por arquiteta, com as normas exigidas pela saúde pública, vigilância sanitária. Então, a cozinha nossa foi construída dentro das normas, a câmara fria, frigorífico também, então, tudo que é feito, hoje, construído hoje, são projetos pensados, que ofereçam segurança, higiene, né?

Nós temos uma oficina na parte do mobiliário. Nós temos uns meninos lá, que já estão há bastante tempo na casa, mesmo antes da gente abrir essa loja aqui, viu? Estão há bastante tempo. São meninos habilidosos na limpeza e reestruturação do próprio móvel, então, eles têm um bom conhecimento com relação ao móvel antigo. Agora, com relação às peças ou objetos, nós não temos, vamos dizer assim, uma mão-de-obra especializada. Então, está sendo feita uma limpeza praticamente doméstica. E, quando é necessária alguma limpeza especializada a gente recorre a um profissional.

De conservação? Tá meio bagunçado, hoje, a gente não tem assim...um catálogo, não temos catalogado esse acervo. Conservação, a gente, tenta restaurar quando a gente compra um móvel. Tenta restaurar imediatamente, mas muitas vezes, a gente não consegue. Aqui, nós passamos um período comprando muito. E aí nós abarrotamos os depósitos todos. Agora, a gente tá num processo de recuperação e vendas. Isso tem aproximadamente um ano que a gente tem comprado muito pouco. Nós estamos mais é retirando os móveis que estão precisando recuperar e levando pra oficina, recuperando e vendendo.

O móvel, principalmente o móvel mineiro, que é um móvel rústico, que às vezes ele pega um móvel e põe várias madeiras nele quando foi

feito, você tem que ter um certo cuidado, sempre estar olhando se não está caindo um pozinho pra você tratar a madeira. Agora, a beleza dela, e tudo, é a cera. Hidratar bem a pintura principalmente com cera. Deixar sempre enceradinho pra hidratar, pra não descascar. Isso aí é uma coisa não muito difícil de fazer. A prata é limpar. Eu não limpo com muita assiduidade porque a prata gasta. Você limpou a prata e ela gastou um pouco da prata. Então, a tia [...] até fala que a empregada da casa dela vai acabar com as pratas dela, de tanto que ela limpa. Na hora que você passa, aquele preto que sai da prata é a prata, então vai saindo, vai saindo, uma hora...a prata é limpar mesmo, que aí ela fica linda, maravilhosa. Mas o oxigênio vem e oxida ela de novo. Então, às vezes, pode ter coisa suja, aquele púcaro que eu lavei mesmo está. Eu de vez em quando mesmo limpo. Quando é banho de prata... porque o problema é que se sair você tem que dar outro banho, tem que dar um banho novo porque aí chega no metal e é diferente. Agora, quando é prata de lei mesmo, vai desgastando até furar, porque é tudo prata. Prata de lei é prata, não tem metal por baixo.

Objetivando ainda comprovar ou refutar uma das suposições declaradas neste trabalho perguntou-se aos antiquários acerca das fontes de informação que consultavam, bem como sobre os procedimentos e sistemas que observavam para fins de inventariar catalogar, tratar e organizar fisicamente as peças constantes dos acervos de suas lojas/empresas.

Constatou-se, em quase a totalidade dos estabelecimentos, que o *layout*, a disposição e organização física dos materiais das lojas de antiguidades não obedecem a nenhum planejamento no sentido de facilitar a localização dos objetos por parte de pessoas integrantes ou não do quadro de pessoal. Esse trabalho é executado livremente pelos proprietários ou gerentes que “montam e desmontam” as lojas periodicamente, segundo própria sensibilidade e eventos ou ainda em conformidade com peças que queiram destacar, atendendo apelo comercial. Esses aspectos poderão ser observados a partir dos diversos relatos dos entrevistados:

É difícil de seguir uma linha... a gente vai batendo o olho... antiguidade não é uma coisa que vende toda hora. Às vezes chega, eu ponho aqui, vende na hora. Às vezes fica ali na parede vários tempos, aí a pessoa chega e a gente já conhece o comprador, a gente sabe o que interessa. Por exemplo, eu tenho uma cliente de São Paulo que só compra aquilo ali, bandeja de prata. Aí já leva tudo. O dia que eu vou pra São Paulo eu passo a mão nelas, não volta uma. Então eu já sei quem compra o quê. [...] Outro dia mesmo nós fizemos isso aqui,

porque a gente mexe com Natal também, a gente vende Natal. Então, em outubro desmonta-se a loja inteira e monta tudo de Natal. Dia 6 de janeiro, nós desmontamos o Natal todo que não vendeu, embalamos, aí volta com as antiguidades todas de novo. Por exemplo, aquela mesa está cheia de porta-retratos, mas é mais pra juntar as coisas, mas aí você tira um melhor, leva lá pra fora, põe decorando. Monta mesmo decorando dentro do possível.

Nossos métodos? É zero. É tudo amontoado, do jeito que você está vendo aqui. Apesar de que, daqui uns tempos pra frente aí, vai mudar. O [...] quer botar a loja arrumadinha, as coisas assim... [Silêncio] separadas. Parece que vai, mas em poucos anos assim, não se muda, não. Naquele negócio, da época boa, do dinheiro... Se fosse na época boa do dinheiro eu tinha uma lojinha pequenininha alí, que tinha mais dois andares do que aqui. A lojinha não era arrumada, mas em cima ainda era pior. E, o que dava dinheiro eram as coisas de cima. É que as pessoas iam lá, catando. Até que eu botava as coisas aqui em baixo era pra vender. Em cima, ficava como se fosse sobra daquilo, do que você tinha comprado. Você nunca compra uma peça na casa das pessoas, você compra um monte, então, aquela sobra vai entulhando em cima. Em poucos dias eu vendia mais ali daquelas tralhas do que das coisas boas que estavam em baixo. Também quando eu vendia uma coisa boa, que estava em baixo, isso era bom pra caramba, mas eu vendia mais das tralhas do que das coisas boas. [...] Não, não tem, não tem...isso não existe não. É do jeito que tá aí...compra e bota naquele cantinho ali...bota naquele cantinho lá... Não tem nada de arrumar, de arrumação não...Mas, tem...olha ai, tá tudo arrumadinho... Mas é do jeito que vai chegando...o lugar que sobrou...olha, aquele lugar tava vago hoje de manhã... aí já botaram aquela bicicleta ali. Eu não sei nem de onde ela veio...Mas, é assim...o [...] fica tentando arrumar, mas não consegue não. Toda hora...[...] tinha duas cadeiras ali ontem a noite. Hoje, de manhã, quando eu cheguei já não tinha mais. Aqueles patos, pago pra ver... Agora já está aquele crucifixo...Então, vai é assim, não tem arrumação não. [...] Ah...sei. Dá pra saber sim. Tem coisa que, às vezes, a gente perde. Coisas pequenas, mas acha, acaba achando. Não dá para perder não. [...] É aquilo que te falei. Vai comprando, vai colocando... Agora só o que não tá fazendo é furar parede mais...eu vou ter que começar a furar parede...vou ter que organizar...Você vê, eu tenho um rádio aqui...tenho um rádio lá...tenho peça de metal aqui, tem máquina fotográfica ali... máquina fotográfica aqui. Você vê, tipo de móvel...moderno...tem ficar num espaço só dele, mas tá tudo misturado. Não tem uma organização. Você vê que não tem. [...] *Por exemplo, eu chego aqui, e você não tem idéia da quantidade de peças? Não. E para localização física delas? Também, não. Se eu chego e peço alguma coisa, como você faz para achar? Sai procurando...sai procurando...eu lembro, eu tento lembrar... Fica tudo na cabeça? É. é... alguém lembra, mas aí, às vezes, não acha não. Mas, 99% (noventa e nove por cento) das vezes, a gente acha. Então, quanto à organização física das peças e das lojas, isso é aleatório, não é? Isso aqui nosso é uma bagunça total. As outras lojas, não. Você olha, tá tudo organizadinho, legal...*

Essa é uma questão intuitiva, de bom gosto nosso mesmo. A gente mesmo que organizava, a gente mesmo que dava vazão ao lado de organização nossa, ao lado de decoração. Não tinha, assim, nenhum

critério. A princípio a gente fazia aquele convencional, a gente se inspirava nos cartazes de leilão. O aparador, um castiçal de um lado, outro do outro, a floreira no meio, sempre essa posição clássica, né? Então a gente se inspirava muito nesses cartazes de leilões... Não sei, isso é coisa inconsciente... [Silêncio] Eu estou lembrando disso agora nem sei porque, mas se eu estou lembrando deve ter alguma importância. Mas é mais de acordo com as peças que a gente tinha. Você tinha uma cama, você tinha um criado, colocava o criado do lado da cama, você tinha um abajur, você punha o abajur em cima do criado. Um quadro, você colocava o quadro em cima da cama. Então como os espaços eram muito pequenos, eles é que definiam a própria organização. Eu posso te mostrar depois algumas fotos de quando a gente abriu o nosso bloco, que era muito pequenininho, lá no [...]. era três metros por dois. Então era um espaço que a gente murchava a barriga pra entrar dentro dele, mas tudo muito arrumadinho, organizadinho. Você tinha que juntar tudo em um espaço muito pequenininho. Então o segredo é você mostrar tudo pra quem está passando no corredor. Tem que estar tudo pregado na parede e voltado pra fora. Então a gente não recorria a nada formal. Era o bom gosto de cada um que trabalhava lá... Agora tem gente que não faz isso. Tem antiquário, por exemplo, que joga a peça debaixo da mesa. Esconde a peça pra valorizar, sabia? Aí ela fica ali, enchendo de poeira, chega um cliente lá e vê essa peça lá, tem o prazer de ir lá, tirar a poeira [...] pega uns anjos barrocos, peças bonitas, joga lá debaixo, a poeira vai e fica lá. Aí o cliente entra lá, vê aquela peça linda, que vale quinhentos reais no valor de mercado, no chão. “Ah é! A menina jogou aí!”, “Quanto vale isso aí?”, “Ah, uns oitocentos reais. Tá bom!” A peça não tem esse valor, mas ela acha que foi ela que descobriu, então tem o prazer de descobrir. Como tem [...] lá em Teófilo Otoni que eles jogam esmeraldas e diamantes e te dão uma enxada pra você cavacar... é verdade...

Existe a catalogação dessas peças? Nada, nada, nada... Não me cobra isso não, pelo amor de Deus... [risos] *Não estou cobrando...* Sabe por quê? Se a gente for parar para catalogar isso...a gente vai ter que parar um ano...fechar a casa um ano...eu falei: a gente faz primeiro e planeja depois. Não dá tempo, não dá. A gente corre o risco dessas peças se perderem... porque você catalogava..., a única coisa que você vai ter, certamente, uma organização muito maior, principalmente o trabalho de colocação...*e questão de controle, não é?* e a questão de controle... Então, sabe como eu faço o controle hoje? Tá vendo aquela vitrine, aquela prateleira ali? Eu venho cá e fotografo ela (sic). Eu tenho ela fotografada. Daqui a dois, três meses eu venho aqui, pego a foto, olho aqui e comparo os objetos. O que acontece? Eles geralmente mudam de lugar ou as pessoas mexem. Mas, nunca que faltam. Se está faltando uma ou duas peças, eu olho e vejo. Olha, essa aqui tá alugada, essa tá alugada, tá alugada... Então, a gente tem quase certeza absoluta que as peças não são roubadas porque é dessa forma que a gente... [Silêncio] ou então tem que ter tudo trancado dentro de armários, com vidros, e a casa iria certamente perder muito de seu charme também. Porque, as pessoas entram no [...] sempre pra ver, pra pegar aquele moedor de café e de rodar ele ali. Você que nasceu lá em Sant’Ana dos Ferros, pra você não é vantagem não... Mas, quem nunca rodou um moedor de café, fica horas e horas ali rodando...pega um ferro de brasa daquele... Então, as pessoas têm que pegar nos

objetos, sentirem os objetos, a textura... então, isto é muito importante. Isto é um dos diferenciais da casa, né? Então, o controle, na realidade, para eu ter o controle, tem que estar tudo trancado também na chave para que eu possa...Na realidade...(risos...) *Quando eu falo no controle, não é o controle de você começar a inibir essa parte, esse ideal do contato. É para saber ou poder estimar o patrimônio, o acervo...é o controle nesse sentido considerando o patrimônio cultural que está aqui dentro, entende?...Eu sei, eu sei...Olha, por exemplo, eu vou te dar um exemplo: dois acervos...parece incoerência eu estar falando isso, da importância do acervo do Albino e da Nadir e, ao mesmo tempo, eu estar falando que não tem controle...mas, é bom lembrar que esses dois acervos que a gente tem uma devoção por eles, esses tão na chave, trancafiados...Então, o acervo do Albino, eu já mantive um contato com a Universidade Católica, via prefeitura...*Já foi inventariado?* Não, o contato com a universidade foi pra gente montar um projeto para ser inventariado pelo departamento de Biblioteconomia da PUC aqui do Rio, para ser inventariado, catalogado, microfilmado e depois ser exposto. Então, o acervo do Albino só virá à exposição pública depois de ter todo esse controle. Agora, aqui não...se eu pegasse um ferro daqueles...se, por acaso, sumir, for roubado, repô-lo não é uma coisa muito complicada. Mas, as peças mais significativas, estas certamente estão todas fechadas à chave, mas catalogadas não...é...isso são os olhos mesmo.*

É isso que você tá vendo... [...] recorro ao meu conhecimento, meu auto conhecimento. Você tá olhando aqui, eu tenho pouco espaço, e eu acho que tá bonito, a loja... é um misto de brechó, de antiquário, usados...tá tudo arrumado, olha só...uma mesinha, etc. Claro que eu li...tenho cinqüenta e nove anos...já li muita coisa de decoração, já vi muita coisa. Então, você vai colocando é aquele *feeling*...é aquela possibilidade. Eu sei botar um móvel de quina, se é pra ficar de quina ou ficar reto. Eu acho que eu sei expor. Você tá olhando isso aqui...ela é harmônica. No meu ponto de vista, ela é harmônica. *Você tem uma idéia da quantidade das peças que tem aqui na loja?* Não porque varia. Varia, e se você levar em consideração o tamanho...é em torno de...eu vou tirar os objetos pequenos, né? Vasos, tal...e tal... De móveis, por uma medida pequena, eu não sei...eu diria que aqui tem quanto? Sessenta metros quadrados? Considerando a loja inteira a gente tem móveis demais. É uma das que tem mais. Ai, não há layout porque você...[Silêncio] *Eu gostaria de saber...vamos supor que o antiquário aqui tenha quatro ou cinco mil peças...você tem tudo catalogado? Tem o registro formal dessas peças, é isso que está me interessando saber.* Não. A gente tem um catálogo porque as peças, elas são anunciadas por códigos. Talvez tenha quinhentas ou mil peças, se a gente for contar. Mas a gente não tem essa noção não. *Não existe uma base de dados montada, por exemplo, ou outro tipo de documento descrevendo a peça?* Não. Não. Não. Tem um catálogo, mas vendeu, já não nos interessa mais. Aquele número que foi vendido, a gente “enfia” outro. *Mas, esse código de número existe formal num livro, no computador? [...] Não. Não tem computador aqui. Tirou a etiquetinha e prega em outro, substitui? Como funciona isso aqui?* Isso, exatamente isso. É...prega em outra, prega em outro. É um catálogo...Número 1: é uma cadeira espandele, duzentos reais. Número 2: seis cadeiras império, dois mil reais. Vendeu, apagou, botou outro. A gente guarda tudo de memória.

As Lojas são tão vagas... o ambiente físico da Rua é quase todo semelhante, né? Quase todo, com exceção dessas lojas que estão trabalhando com móveis mais atuais, contemporâneos, como eles chamam, embora eu não goste da palavra contemporâneo... Mas, também eu acho que tem que trabalhar com poucos móveis. Na realidade há poucos móveis circulando. Então, a decoração é *mignon*, mas acho que eu sei decorar muito bem, não preciso de ninguém. [...] Obrigado você. Espero que seja útil. Você sentiu que eu quis falar a verdade mesmo. Inclusive, você presenciou aqui alguns fatos. No que diz respeito à organização, pintura, como sai, como não sai. Você viu isso. Tudo assim, intuitivo, doméstico, mas que tem uma estrutura empresarial sim. Qual a empresa que diz a hora que vai chegar o móvel? Perfeito? Qual a empresa que te diz o nome do entregador. Que é pra você não ter problema nenhum? É difícil. Não é tão fácil não...

Olha só, eu poderia ter essa loja toda bonita, toda preparadinha, sabe? Mas, a minha clientela não quer. A minha clientela, se eu fizer isso eu vou quebrar o estilo da loja, vou quebrar a linha da loja. Então, eles não querem. Eles preferem chegar aqui e eles mesmos, aqui dentro, garimpar, garimpar... Porque eu tenho 90% (noventa por cento)...98% (noventa e oito por cento) de peças originais. Se eu botar elas muito limpas, tudo muito preparadinho, vão pensar que são cópias. Então, eu deixo assim. Aí a pessoa chega, vê a tonalidade de, por exemplo, de um armário desse. Pela tonalidade dele você vê que ele é todo original. Sabe que isso aí é de mil novecentos e cinco. Ele sabe que é original. Então, é por isso que eu prefiro a loja assim, para a pessoa garimpar... é bom...é bom.

Na Lavradio, não. Tem fora da Lavradio. Por exemplo, eu tenho duas amigas, uma é a [...]. Ela adora decoração e a [...]. Trabalharam no antiquário e conhecem. Estão sempre envolvidas no antiquário. [...] e [...]. Uma trabalha em Copacabana e a outra trabalha em casa lá na Lagoa, com pessoas que precisam fazer uma arrumação...ela fazia isso.

Não. Não consultamos nada. Apenas fomos utilizando o espaço disponível, aquele conhecimento mínimo de logística, ocupando o espaço disponível, até porque não dá para programar isso. Você pode até trocar, aquilo ali vai ficar melhor ali depois que você trocar as coisas, fazer trocas de lugar. Mas, como as coisas, volta e meia vendem, aquele espaço fica disponível. Aí ou você dispõe uma nova arrumação ou entra algo novo na loja. Essa é a questão.

[...] o acervo principal está sempre mostrado na loja, até a porta de entrada e no solo. E, alí a gente tem o mezanino e mais dois andares pra cima, e algumas coisas que estão lá. E, são espaços que ainda estão sendo estudados até para locação pra algumas coisas, e depois que a gente terminar a entrevista eu vou te levar lá pra conhecer...

Organização física das peças eu já falei a respeito disso. Pode considerar que é daquela forma ali. Eu e meu sócio. A gente não pede opinião de mais ninguém.

Não... é eles que fazem... esse rapaz que trabalha comigo. Mas eu também chego, eu também faço, pego daqui boto ali, faço assim... *E você sabe onde está tudo...* Sei...mas é porque eu conheço, eu sei o que eu tenho, então, eu conheço com certeza...*Tem alguma coisa que você classifica assim...por tipo de obra, por tipo de material, alguma coisa assim ou não? Como você faz, qual a lógica de organização?* Não...não...eu olho assim eu sei o que é. *E para por o material no lugar... você tirou do depósito, vamos supor... montou essa loja aqui... tá novinha e linda... então, como funciona isso na cabeça de vocês para organizar?* É o dia-a-dia...é o dia...assim hoje, amanhã, depois de amanhã...é o dia-a-dia. Então, você vai caminhando ao dia-a-dia. Hoje você faz isso, amanhã faz aquilo...Olha, eu estou a dois meses esvaziando essa loja para poder entrar... com meu carro, sem dinheiro. Meu carro, aquele vermelho, aquela pickupzinha...e eles é que estão carregando pra mim. E ainda não terminou. O restante da mercadoria...eu vou querer...falta ainda dar mais umas dez viagens, se bobear...Então isso tudo é o dia-a-dia que você trabalhou um pouco. Eu sempre fui comprador...sempre gostei de comprar. Por que? Porque o dia aqui dá para ganhar dinheiro. Eu pagó trinta e apuro trezentos, quinhentos. Eu sou assim...eu trabalho assim. Não adianta também você ter medo de compras as coisas...é isso que estou te falando...*Mas, o patrimônio que você tem aqui...você diz que não tem dinheiro no banco...o patrimônio não é seu?* É meu...mas isso aqui você fica viciado em comprar porque você paga cem e acha que vai vender por mil...você vende, mas não na mesma hora. Então, você vê isso aqui...é um patrimônio do caramba...mas, se eu precisar de mil reais no banco, eu não tenho, você acredita? *Em capital, em dinheiro vivo, né?* Eu trabalho assim...é...eu queria ter dinheiro sobrando, dinheiro no banco para eu poder chegar e comprar...eu gosto de comprar peça boa, eu conheço peça boa e gosto de comprar peça boa. Peça boa, aqui dentro você olha assim...tem muitas coisas boas aqui. Mas, só dez peças é que valem assim...acima de três ou quatro mil reais. Só dez peças...não tem como... Tem aquele santo ali que para comprar...para uma boa evolução daquilo ali...tinha que custar quarenta e cinco mil... eu peço dez mil nele... Esse dragão ali...é quatro mil reais...essa peça aí é sete mil reais... Eu não tenho uma peça aqui que bata dez mil reais...por enquanto eu não tenho. Pô...tem mais de cinquenta mil aqui dentro, né? Mas, só batalhando...batalhando, suando, correndo atrás, devendo, faturando...

Acho que mais de quatrocentas peças, eu acho, no geral... Mais de quatrocentas peças, mas eu revisto assim...tá vendo isso aqui...sabe por que? De repente, faltou ou tô trabalhando...eu sinto falta de uma peça...tipo aquele boi lá...Se ele sumir...amanhã eu não vou sentir falta dele não, mas uma semana depois eu [...] vem cá? Cadê o boi que tava aqui, cara? Não...tá lá... Tá lá onde? Não. Sumiu. Sumiu. [...] Eu não preciso disso. Eu por enquanto eu não preciso disso, no futuro, com certeza, irei precisar disso porque a gente tem que melhorar porque o futuro, meu futuro, eu vejo o meu futuro “grande”, eu vejo. Amanhã ou depois eu vou estar muito bem. Muito bem que eu falo é, pelo menos, ter a vida mais tranqüila... aqui nessa loja porque meu futuro é aqui. Comecei na Barra, fui pra lá, gosto de lá, mas é aqui que eu vejo meu futuro. Sabe, o futuro o que é? Você crescer por causa do espaço? Aqui eu vejo isso. [...] *E para organizar a loja fisicamente? Duas pessoas que você consultaria para a organização física aqui da*

loja...o layout...arrumação...Meus dois sobrinhos...Pode falar o nome deles? [...] e o [...].

A arrumação em si? A gente arruma de acordo com o espaço físico que nós temos. Normalmente a nossa decoração é horizontal. Perdão, ela é vertical, porque na horizontal não temos espaço. Meu sonho era ter uma loja de 2.000 m² (dois mil metros quadrados), onde que eu pudesse botar a minha sala exposta, com lustre em cima, ou os dormitórios expostos, com abajour nas duas cabeceiras. Como não é possível, é na horizontal. A gente bota móveis até o teto. Móveis maciços e novos suportam o peso. Então, existem peças que estão em baixo, na loja, que tem em cima, duzentos ou trezentos quilos em cima. Então, mostra que realmente o móvel é bom. Agüenta o peso.

Sim. Sei, sei. Está tudo catalogado, na minha cabeça. [...] *Então não tem nenhum documento de catalogação das peças?* Não. Não tenho. Não tenho. É uma desorganização organizada, onde eu “me acho”. E sei o preço de todas as peças, sem ver o código que está lá marcado. Por enquanto não estou sofrendo de amnésia...[...] *Para organização física das peças a quem você consultaria?*

Aos meus funcionários. Táí uma peça, temos um metro de espaço, vamos ter que montar peças que estejam dentro do espaço físico e aí sobe no sistema horizontal até o teto.

Por exemplo, eu chego aqui, e você não tem idéia da quantidade de peças? Não. *E para localização física delas?* Também, não. *Se eu chego e peço alguma coisa, como você faz para achar?* Sai procurando...sai procurando...eu lembro, eu tento lembrar... *Fica tudo na cabeça?* É. é... alguém lembra, mas aí, às vezes, não acha não. Mas, 99% (noventa e nove por cento) das vezes, a gente acha. *Então, quanto à organização física das peças e das lojas, isso é aleatório, não é?* Isso aqui nosso é uma bagunça total. As outras lojas, não. Você olha, tá tudo organizadinho, legal...

E a questão da decoração quando tem eventos...a quem é atribuída essa função? Isso, eu não falei disso. A [...] é a pessoa responsável pela decoração. Ela é decoradora, é uma amiga minha lá de Vitória, ela cuida da parte de decoração. Só, que agora a gente tá, no momento, Júlia, com tantas atividades e tantos projetos, um em cima do outro, que a própria decoração da loja tá ficando em segundo plano, a própria [...] se ressentiu disso e a gente também. Então, hoje, por exemplo, a gente precisa de parar uma semana, redecorar o [...] voltar com as coisas para o lugar. Por que? Como é uma loja de locação, hoje vem o pessoal da locação e tira as peças dali e nunca as volta pro lugar. Então isso já é um problema que a gente... [...] a loja vai perdendo muito. Mesmo assim, as pessoas, às vezes, se encantam do jeito que está. Porque o decorador, na realidade, a [...] tem a concepção principal [...]. Agora, todo mundo não só palpita, como dá idéias, isso faz a decoração ser mais interessante. Você tem idéia de todo mundo, e os próprios meninos que estão decorando, da faxina, da limpeza, achou um quadro no chão, ele bota no primeiro prego e, de repente, o resultado é legal. Então, hoje, a decoração ela é feita dessa forma, mas a concepção inicial foi discutida principalmente com a [...] E nos eventos, como você vê, hoje, por exemplo, que é a festa do PT que vai ter aqui em baixo. Então, a [...] é que organiza o salão junto

com a equipe de limpeza, mas é ela que concebe como vão ficar as mesas, as cadeiras, o palco, o som, então, essa parte de organização do ambiente é a [...] que define.

*E com relação ao processo de organização física das peças que estão aqui e da loja que vocês comercializam antiguidades? Quem é encarregado [...] do processo de organização física das peças? Se tem uma ordem, em que vocês se baseiam...qual a lógica? Tá...[Silêncio] O [...] eu nem vou falar com você mais hoje, porque ele está tão “jogado às traças”. Hoje não tem ordem nenhuma mais lá, não tem nada. Foi uma loja... [...] Depois você pode pegar as fotos antigas que você vai gostar de ver. Era uma loja muito bonita, era uma loja muito visitada. Mas, a gente hoje não dá muita atenção para a loja, nem para a loja nem para os funcionários que estão lá, em termos de organização...Tá lá, por conta do [...] que chegou agora e é muito trabalhador, cheio de...[...] mas, é um menino novo, tá chegando agora e não tem a experiência que a gente teria para estar mais junto dele lá. Então, a loja está realmente sem nenhuma definição organizacional...tá feia...tá feia, né? E, o [...], a gente...essa organização, ela se deu muito em função do nosso acervo. A gente ia comprando as peças e...vai...então, vamos colocar aonde? Então...ali...esse andar de cima, por exemplo, por que nesse andar o [Inaudível] é mais rústico. Como foi o festival Ariano Suassuna, a gente fez, nesse terceiro andar, um espaço dedicado ao Ariano, né? Ao universo do Ariano...e a, então automaticamente canalizou para os objetos todos rústicos, que lembram mais o interior, que lembram o nordeste, nossas ferramentas, o trabalhador, o mundo do Ariano Suassuna. O que a gente julgava ser o mundo do Ariano, pelo menos, o mais ligado ao povo, a gente especializou nesse andar. Então, as coisas se deram muito em função das exposições que foram acontecendo, né? A farmácia, naquele andar, ela ficou ali porque era o único lugar onde comportava aquela farmácia, no térreo não cabia é...outro acervo que eu esqueci...valioso, que é a farmácia...poderia estar muito melhor...viu, Júlia? Está ótimo...Então, a [...] por exemplo, todas as peças que chegam, a gente discute antes, não chegamos ao detalhe de discutir...quantos centímetros ou até o prego, mas...vamos colocar isso onde, [...]? Não. Ali...eu sugiro que seja ali... Então, há uma discussão. Geralmente a [...], o [...], o [...] e eu, que somos as pessoas que mais definimos a posição das peças, as coisas, as obras, onde vai fazer a cozinha, onde vai abrir a porta, onde vai ficar o vitral. Essas coisas mais significativas a gente decide em conjunto. E a palavra final fica com a [...]. E toda a parte de decoração, de arranjo, ela define. [...] *Você pode quantificar, [...], mesmo não tendo um catálogo...você tem uma estimativa do número de peças que compõem esse acervo aqui?**

Tenho. Só fotografias, deve ter umas mil. Só moedas, umas duas mil. Então, é difícil você quantificar. Só bijouterias, mais umas três mil. Então, é impossível você quantificar. É muita peça, é muita miudeza. Se eu for pegar só os documentos, o Albino Pinheiro, por exemplo, se for colocar, é um sem número... isolando essas coleções... Você vai pegar, de cada sócio, um número totalmente diferente, tá? [...] Vamos colocar um valor aí entre cinco a sete mil... Se você olhar cada flâmula daquela como uma peça, tem coleções e coleções de flâmulas ali, né? Então, é difícil você quantificar.

Devido a essa gama enorme da gente estar locando móveis... e, põe móveis e vem móveis pra você colocar naquele espaço que ficou vazio... ou chegou móvel e a gente tem que remanejar e botar em outro espaço, existe assim um movimento muito grande em torno de objetos e de peças que, por incrível que pareça, não desenhamos no papel nada disso, temos algumas fotografias dentro do computador, então, de determinadas peças, não todas. Mas, nós é que vivemos aqui no dia a dia e o próprio funcionário que vive na limpeza, sabemos perfeitamente onde se encontra cada peça. É um risco, mas... *Então, não existe assim...uma catalogação, um documento ou uma base de dados, não é?*

Não, não. Ainda não. Só para locação...é mesmo assim. A gente sabe o que saiu para locação, aí tem toda uma análise de tudo o que foi registrado. Mas está em tal local, isso não, porque a gente muda muito também, que é um dos critérios da casa [...]. [...] muda, ele não fica fixo, quer dizer. [...] E personalizado, exatamente. Porque eu via os móveis, juntava os móveis e aqueles móveis eu já via mais ou menos enquadrando ao que eu já havia estudado sobre estilos e as épocas. Então, era uma fonte de apoio.

E esse processo de organização física das peças daqui e da loja, como é que isso funciona? Se eu lhe perguntasse agora onde está o objeto x, você saberia achar esse objeto? Eu não, eu sabia antes. Há um tempo atrás eu sabia, mas, hoje, como eu não estou muito à frente da coisa, eu não sei, mas sempre tem alguém que sabe. É só chamar um encarregado, na hora ele sabe onde é que está. É só chamar esse pessoal aí dos serviços gerais, tenho dois ou três aí que são capazes de localizar peças. É, exatamente, qualquer peça. Uma tal peça, uma cadeira, né? Aí, está nesse andar ou naquele outro. Acha rapidinho, não tem muito segredo não.

A síntese, a seguir apresentada, mostra as fontes de informação dos antiquários escritores. Representa e engloba o resultado do mapeamento das fontes de informação citadas por eles nos três livros usados como fontes de pesquisa: “Memórias de um viajante antiquário”, “No mundo estreito dos antiquários” e “Manual de um colecionador de antiguidades”.

Livros (entre eles, catálogos, a Bíblia, anuários, livros de arte, livros de viagem, crônicas, publicações governamentais) e publicações periódicas.

[...] Descobrimo e identificando uma peça desconhecida no Brasil. Vamos mencionar o caso da bacia, gamela rasa com duas alças ou tigela. Era uma peça cinzelada, com as alças fundidas. Provavelmente do fim do século XVII, começo do século XVIII. Sem punção de fabricante nem de procedência, não conseguíamos localizá-la e menos ainda conhecer o fim para o qual fora feita. Dava idéia de prata batida, encomendada por alguma ordem religiosa rica. Era peça das que

chamamos de cabedal. Estaria mais condizente num refeitório monástico do que num palácio onde a localizamos. Inúmeros entendidos deram palpites, não convincentes. Era um objeto de grande beleza em sua simplicidade aureolada pelo espírito do ourives, mas sem definição. Para que serviria? A interrogação permanecera até que, por acaso, encontramos, numa publicação portuguesa sobre pratas dos palácios e salões de Portugal a chave do enigma. Lá estava a gamela em sua serventia específica [...] a bacia tinha a finalidade de transportar o aquecedor com segurança. (SANTOS, 1981, p. 33-34).

[...] Agora falaremos dos casos envolvendo pesos de papel, esses cristais maravilhosos que levavam escritores, como a francesa *Colette*, a conservá-los sobre sua mesa de trabalho. O americano *Trumann Capote* juntava-os à sua bagagem de viagem, em quantidade, testemunhando isso em seus livros. A beleza iridescente desses minúsculos objetos de arte contagiam a sensibilidade. Há livros numerosos sobre pesos de papel e neles podemos verificar que não exagero o amor por tais peças. São livros ingleses e franceses, ricamente ilustrados a cores. Em “Manual do Colecionador Brasileiro”, impresso a cores, aparece uma boa coleção pertencente a Carlos Eduardo – Elena Penteadó de Almeida Santos. (SANTOS, 1981, p. 34).

[...] “As colheres e os garfos eram de prata, ambos pequenos e frequentemente de modelo antigo” [...] John Luccock. Notas sobre o Rio de Janeiro, fls. 83, 2ª. ed. , Martins. (SANTOS, 1975, p. 19).

A Sociedade Filatélica e Numismática editava bem impresso boletim, no qual escrevi artigos sobre numismática. (NÓBREGA, 1984, p. 65).

[...] Desde os tempos mais remotos a humanidade vem usando metais para construir utensílios domésticos e objetos de fé religiosa. Assim, já a Bíblia nos fala de címbalos e gongos de latão. Acredita-se, porém, que esse pretendido latão não era mais do que qualquer coisa aproximadamente do tipo do bronze. Nenhum registro histórico nos induz a pensar que, no Brasil, nos tempos passados, houvesse manufatura regular de objetos metálicos. (SANTOS, 1975, p. 59).

Recebi a visita do escritor-antiquário José de Almeida Santos e senhora. Em 1944, como verdadeiro pioneiro, publicou ele o “Mobiliário Artístico Brasileiro”, obra indispensável aos antiquários e colecionadores. Confesso que esta obra, muito bem ilustrada, aumentou bastante os meus conhecimentos. Anos depois, publicaria o “Manual do Colecionador de Antiguidades” que se esgotou em pouco tempo. (NÓBREGA, 1984, p. 22-23).

José de Almeida Santos. Antiquário da velha guarda, grande mestre de todos nós, foi estabelecido muitos anos à rua Estados Unidos. Escreveu várias obras ilustradas e muito contribuiu para a difusão da arte no Brasil. (NÓBREGA, 1984, p. 165).

Os contadores das figuras 237 e 238 são portugueses e foram apresentados por A. Guimarães no seu Mobiliário Artístico Português. Reproduzimo-los aqui mercê da sua raridade em nosso meio. (SANTOS, 1975, p. 285).

[...] Assim desejamos trazer alguma contribuição documental do evolover e transcorrer dos episódios narrados. Desde logo veremos como há grande despreparo não só neste particular, mas em cada uma das modalidades das lides humanas, sobretudo nas da Arte onde a compreensão precisa estar sempre alerta. Vejamos. “Exposição de Arte Antiga. Catálogo. Junho de 1922.” É o primeiro catálogo de arte antiga de nosso conhecimento, mandado imprimir pela Fundação Anália Franco. (SANTOS, 1981, p. 94).

[...] Digamos de passagem, que D. Teresa Cristina, soberana brasileira, possuía, entre seus objetos inúmeros pesos de papel. No leilão do Paço, realizado nos fins do século passado, foram eles enumerados no catálogo completo publicado no primeiro número do *Anuário do Museu de Petrópolis*. (SANTOS, 1975, p.178-179).

[...] No *Livro de San Michele*, de Axel Munthe, cujo tema gira em torno da construção e decoração da sua casa na ilha de Capri, aproveitam-se com inteligência, na disposição interior, os diversos motivos sacros. (SANTOS, 1975, p. 239).

A Gazeta, jornal de São Paulo, publicou um trabalho sobre a morte trágica do pintor, e tudo está relatado nos autos do processo crime da época, fins do século XIX. (SANTOS, 1981, p.28).

Mais de um viajante já teceu suas sátiras em torno de nosso comportamento à mesa. (SANTOS, 1975, p. 44).

Rezam crônicas que colheres, conhecidas de tempos pré-históricos, foram inspiradas nas conchas de moluscos. Todavia temos para nós que modelo mais convincente encontraram no recôncavo da mão, instintivamente formado para beber água, num riacho ou numa fonte. (SANTOS, 1975, p. 44).

Júlio Ribeiro, José de Alencar e outros, descrevendo a opulência avoenga relatam-nos fatos quase incríveis dado o nível de vida ao tempo em que tiveram suposta ocorrência. (SANTOS, 1975, p. 68).

Arquivos de ordens e irmandades religiosas e outros

As irmandades e ordens religiosas dispensavam grande carinho às alfaias litúrgicas, e a documentação contida em seus arquivos nos daria amplo esclarecimento sobre encomendas e conseqüente produção, se não sobejassem tais objetos ainda no poder dessas entidades, objetos umas vezes trancados ciosamente em armários, arcas ou cofres, outras expostas à cobiça irrefreável dos colecionadores inescrupulosos e dos negociantes de ainda pior jaez. (SANTOS, 1975, p.14 e 16).

[...] Dessa forma, tornam-se preciosos os arquivos das irmandades e ordens religiosas já que nos permitem, até certo ponto, reconstituir o valor representado pela arte da ourivesaria no Brasil nos séculos passados, emprestando aos objetos nativos ares metropolitanos, visto que de Portugal, veio, por certo, senão toda pelo menos a maior parte da inspiração e das obras manufaturadas. Os esclarecimentos colhidos

nesses arquivos são de alta valia, neste momento em que se consolida nossa tradição, assinalam-se vultos da pintura, escultura, do mobiliário brasileiro, fixam-se estilos arquiteturais e se nos abre o caminho para condenarmos a prataria produzida aqui, na colônia de então, e valorizá-la como merece e como fazem todos os povos que cultuam na tradição a base da nacionalidade. (SANTOS, 1975, p. 18 e 20).

[...] é nas igrejas que encontraremos pegadas para o estudo do passado, quer se trate de prataria, mobiliário, pintura, escultura ou de outra forma artística. Nos seus arquivos se acham registradas encomendas aos ourives do tempo, folhas de pagamento aos diversos artífices; e com esses esclarecimentos, torna-se possível deslindar o nome dos mestres passados, que nos legaram obras de mérito. (SANTOS, 1975, p. 38).

Na história de Isabel da Baviera [...] encontraremos excertos de apontamentos domésticos os mais interessantes, sobre despesas para vários fins, registros esses conservados nos arquivos franceses. (SANTOS, 1975, p. 62).

Os textos dos arquivos ingleses são copiosos neste gênero de exposição. Para finalidade, porém, de elucidação, basta o que já se disse. (SANTOS, 1975, p. 68).

Testamentos

[...] Nessa época já se nota em Salvador a nítida presença de jaezes de montaria e de serviços de mesa. As mulheres alindavam-se com jóias de ouro, e as casas eram “muito bem conservadas.” Esse fausto baiano, refletido até em alguns testamentos antigos, evidencia-se na riqueza das igrejas, deslumbrantes de ouro e prata, onde frontaria de altares, crucifixos, imagens e objetos vários são de metais nobres, dos quais se fundiram, mesmo, peças de mobília.

John Fuller, por exemplo, da cidade de Reduall, condado de Norfolk, explica no seu testamento que “deixava à sua esposa Ana todo o recheio doméstico compreendendo o braseiro, o *pewter* e as armas que, morrendo ela, passariam a Thomas Fuller, Junior. Mais adiante, no mesmo documento, continuava [...]. (SANTOS, 1975, p. 64).

Inventários

[...] sem erro grave, e baseados em inventários (editados pela Prefeitura Municipal de São Paulo, registrado, em nota de rodapé), poderíamos situar a decadência do estanho no Brasil no fim do século XVIII. (SANTOS, 1975, p. 66).

As peças mais antigas são frasqueiras da época bandeirante, enunciadas nos “Inventários”. (SANTOS, 1975, p. 202).

Cartas

Já no século XVI se verifica a existência de ourives no Brasil, lendo-se o que o Padre Blasques escrevera da Bahia ao Geral D. Laynes: “Chegado a tempo da semana santa determinou-se que se fizesse o monumento mais concertado e devoto que se pudesse, e dele tomou o encargo um devoto ourives que viera aquele ano de Lisboa, mui afeiçoado à Companhia” (Santos, 1975, citando “Cartas Jesuíticas, II. Cartas Avulsas, 1550-1568. Publicações da Academia Brasileira. Rio, 1931. Cartas XLV, p. 309).

Placas de sepulturas ou Cemitérios

Foram os romanos que desenvolveram e espalharam pela Europa a arte de trabalhar metais. Na Inglaterra, o rastro do metal amarelo, numa expressão histórica bastante significativa, pode encontrar-se na sepultura de Shakespeare na Igreja de Stratford-on-Avon, onde em 1616 se afixou uma placa com um epitáfio em versos. (SANTOS, 1975, p. 60).

No cemitério dessa cidade, cujos muros internos estão cobertos de afrescos dos pintores do mil e quatrocentos, afrescos que têm sido deteriorados pelo sol e pela umidade, vêem-se cenas bíblicas tratadas com a mesa graciosa liberdade de indumentária. (SANTOS, 1975, p. 228).

No túmulo de antigo faraó vêem-se pinturas murais de homens a soprar vidro de maneira muito idêntica, e com instrumentos bem semelhantes aos de hoje. Nos hipogeus de Beniassan, também, encontram-se pinturas representativas da fabricação de vidros. Informações completas sobre os processos e materiais egípcios, encontramos-las na descoberta da vidraria da 18^a. dinastia, em Tell-El-Amarna [...] No túmulo de Thutmose II, (Thutmes, Thotmes), que reinou numa era cerca de 1.500 anos antes de Cristo, conserva-se uma peça de cristal fundido. [...].(SANTOS, 1975, p. 175-176).

Museus

[...] Outro diretor do museu, Isaac Fernandez Blanco, de Buenos Aires e também nosso amigo, nos indicou o Dicionário de Términos Técnicos en Bellas Artes, de J. Adeline y José Ramón Mérida, que prestou bons serviços na especificação de pontos em dúvida. (SANTOS, 1981, p. 64).

[...] Até agora as etiquetas dos museus contêm inscrições vagas. (SANTOS, 1975, p. 262).

[...] A diretora do Museu de Goiás – mantido e orientado pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – não me apreciava. Afirmava que eu estava limpando a cidade. Contou-me horrores de um engenheiro do Patrimônio...mostrou-me até um processo contra esse engenheiro. Mas, na realidade, admirei bastante seu empenho em

defender com unhas e dentes o rico patrimônio de Goiás. (NÓBREGA, 1984, p. 108).

[...] O registro é pobre porque mesmo no Museu Histórico Nacional nada existe organizado no sentido de oferecer documentação. (SANTOS, 1975, 206).

Documentos antigos/arqueológicos

Os amantes da história do cristal encontram grato deleite nos documentos arqueológicos retirados do Egito [...].(SANTOS, 1975, p. 175).

[...] São inúmeras as instâncias que nos animam a recusar a teoria da plebeidade do estanho e dos outros metais domésticos, pois é bem vivo o carinho das referências nos documentos antigos quando fixam dádivas imperiais ou de titulares e governadores. (Os apontamentos informativos que saem a lume e perduram, para a edificação dos pósteros, jamais provêm de pessoas humildes. São sempre dos figurões da história da nossa frágil humanidade). (SANTOS, 1975, p.68).

Feiras, leilões, exposições e viagens também sobressaem entre eventos citados como fontes de informação e de conhecimento dos antiquários escritores.

Entre as fontes de informação pessoais citadas, destacam-se: colegas de profissão e amigos; clientes, especialmente os colecionadores; fornecedores de modo geral; personalidades religiosas e da sociedade de modo geral; profissionais/especialistas de diversas áreas do conhecimento, e de modo especial procedentes ou com formação em áreas ligadas às de Artes.

Para finalizar a apresentação e discussão dos resultados sobre as fontes de informação usadas pelos antiquários, entrevistados e escritores, cabe apresentar nas páginas seguintes os quadros e diagramas construídos a partir do rastreamento das fontes de informação identificadas durante o processo de análise do comportamento informacional desses profissionais face à informação, e em seus contextos específicos de trabalho.

QUADRO 1 - DISTRIBUIÇÃO DAS FONTES DE INFORMAÇÃO USADAS PELOS ANTIQUÁRIOS - 2005

CATEGORIZAÇÃO DAS FONTES *	FONTES DE INFORMAÇÃO USADAS PELOS ANTIQUÁRIOS														f							f%						
	A1	A2	A3	A4	A5	A6	A7	A8	A9	A10	A11	A12	A13	A14	A	B	C	D	E	Z	Total	A	B	C	D	E	Z	Total
Fontes Pessoais Internas e Externas																												
Clientes	B	D	D	A	B	B	D	E	D	D	D	E	A	E	2	3	0	6	3	0	14	14	21	0	43	21	0	100
Concorrentes	A	C	D	A	C	C	A	D	D	D	D	E	A	D	4	0	3	6	1	0	14	29	0	21	43	7,1	0	100
Contatos comerciais/profissionais	A	C	D	A	E	E	E	D	D	E	B	E	A	E	3	1	1	3	6	0	14	21	7,1	7,1	21	43	0	100
Funcionários de órgãos governamentais	E	A	A	A	D	B	A	D	D	C	B	E	A	D	5	2	1	4	2	0	14	36	14	7,1	29	14	0	100
Superiores hierárquicos	Z	Z	Z	Z	Z	E	Z	Z	Z	Z	Z	Z	Z	Z	0	0	0	0	1	13	14	0	0	0	0	7,1	93	100
Membros da diretoria	Z	E	Z	Z	Z	E	E	E	E	E	D	E	E	E	0	0	0	1	9	4	14	0	0	0	7,1	64	29	100
Gerentes subordinados	Z	Z	Z	Z	Z	D	E	E	B	E	D	D	D	D	0	1	0	5	3	5	14	0	7,1	0	36	21	36	100
Equipe de funcionários	Z	B	B	A	C	D	E	E	B	E	D	D	B	C	1	4	2	3	3	1	14	7,1	29	14	21	21	7,1	100
Amigos ou colegas de profissão	E	D	E	A	D	E	E	E	E	E	E	E	B	D	1	1	0	3	9	0	14	7,1	7,1	0	21	64	0	100
Fontes Impessoais Internas e Externas																												
Livros	E	D	E	D	E	D	E	B	C	E	D	D	C	D	0	1	2	6	5	0	14	0	7,1	14	43	36	0	100
Jornais, periódicos	B	D	B	D	D	C	C	C	C	D	D	D	C	D	0	2	5	7	0	0	14	0	14	36	50	0	0	100
Publicações governamentais	A	A	A	Z	C	Z	A	B	A	D	D	D	A	D	6	1	1	4	0	2	14	43	7,1	7,1	29	0	14	100
Rádio, televisão	A	D	D	D	C	A	D	D	D	C	D	A	D	3	0	2	9	0	0	14	21	0	14	64	0	0	100	
Associações comerciais e industriais	A	B	E	A	D	A	B	C	B	B	C	E	B	E	3	5	2	1	3	0	14	21	36	14	7,1	21	0	100
Conferências, viagens	C	E	D	C	C	D	E	D	D	E	D	E	E	E	0	0	3	5	6	0	14	0	0	21	36	43	0	100
Memorandos, circulares internos	A	B	A	A	A	A	A	A	A	A	B	B	A	A	11	3	0	0	0	0	14	79	21	0	0	0	0	100
Relatórios e estudos internos	A	A	A	A	A	A	B	E	B	A	C	D	B	D	7	3	1	2	1	0	14	50	21	7,1	14	7,1	0	100
Biblioteca da organização	B	C	E	C	E	D	E	B	C	C	C	D	E	D	0	2	5	3	4	0	14	0	14	36	21	29	0	100
Serviços de informação eletrônica	B	C	A	D	A	C	E	A	C	C	C	E	E	C	3	1	6	1	3	0	14	21	7,1	43	7,1	21	0	100

* Cf. CHOO (1994) e adaptadas por BARBOSA (1997).

Legenda: A = Sem Importância / B = Pouco Importante / C = Importante / D = Muito Importante / E = Extremamente Importante / Z = Não se Aplica

DIAGRAMA 1 – FONTES DE INFORMAÇÃO DE ANTIQUÁRIOS: PROPOSTA DE CATEGORIZAÇÃO.

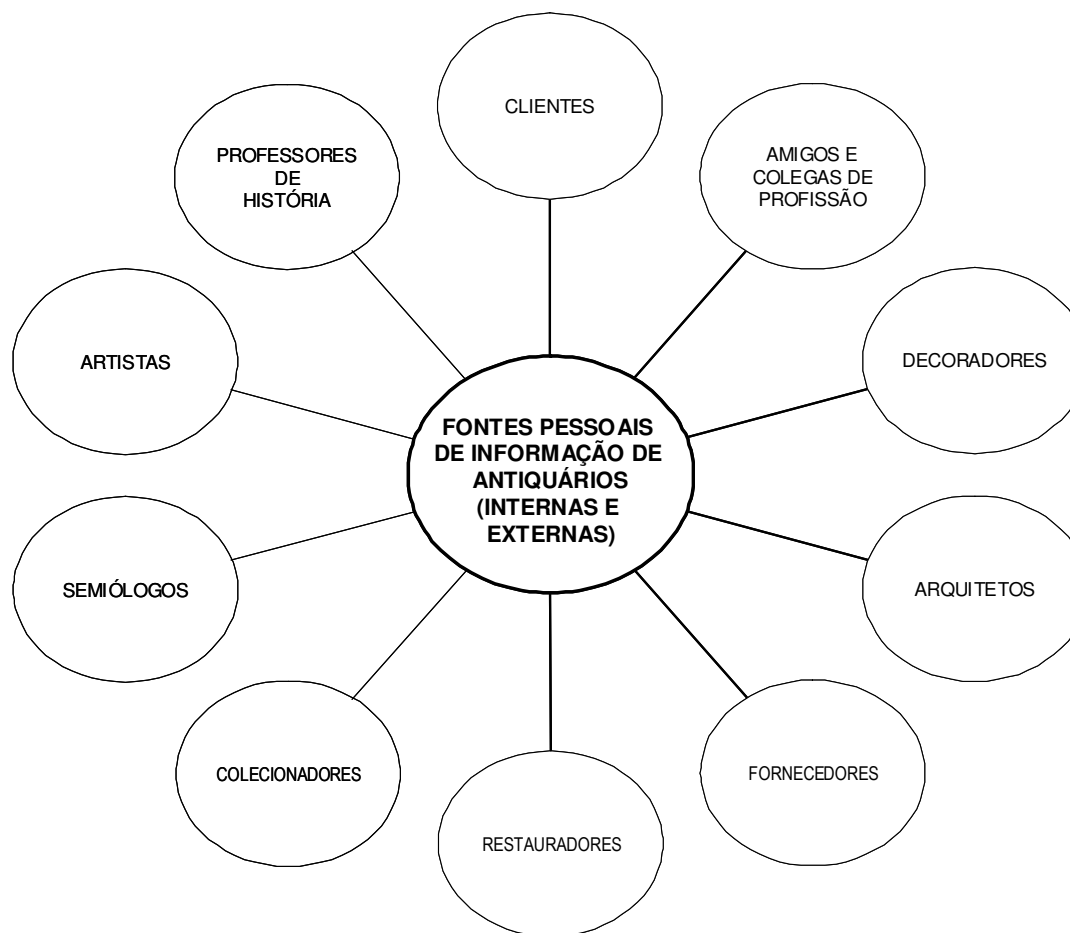
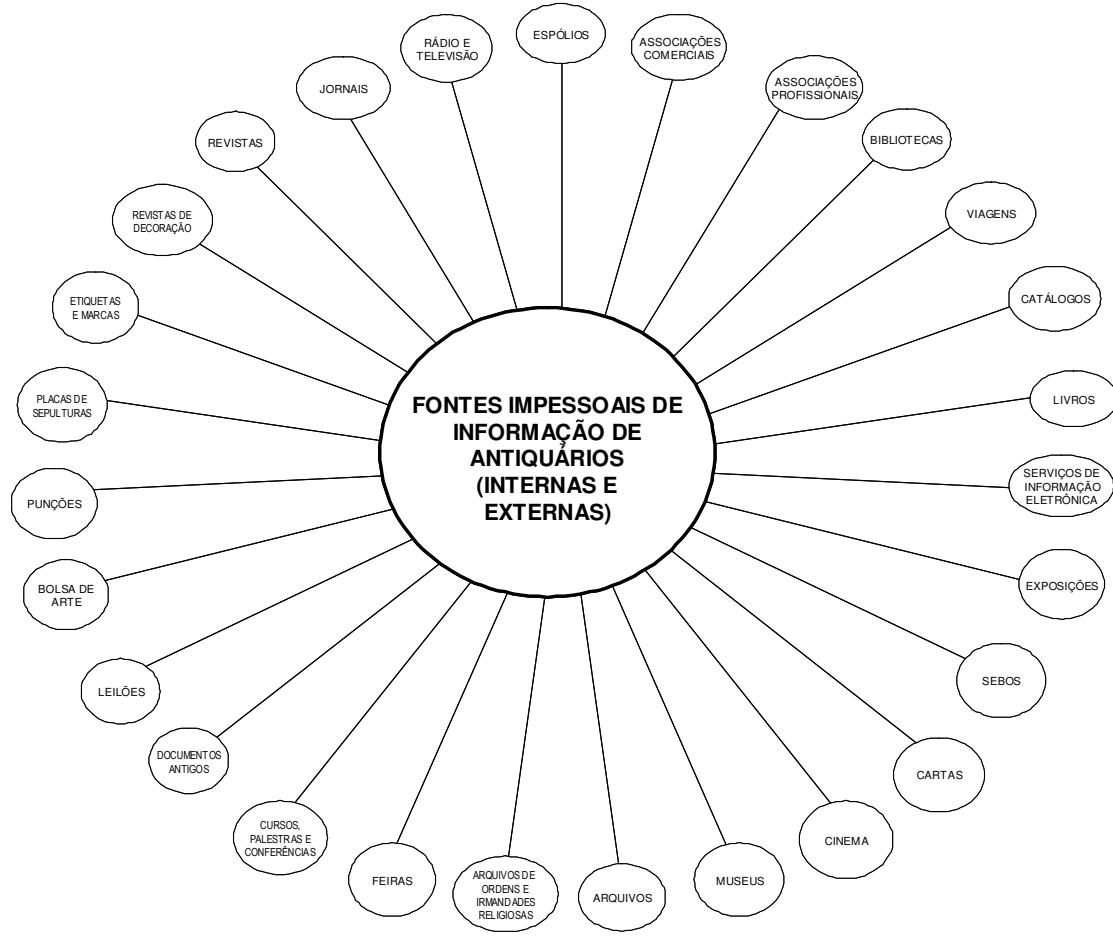


DIAGRAMA 2 – FONTES DE INFORMAÇÃO DE ANTIQUÁRIOS: PROPOSTA DE CATEGORIZAÇÃO.



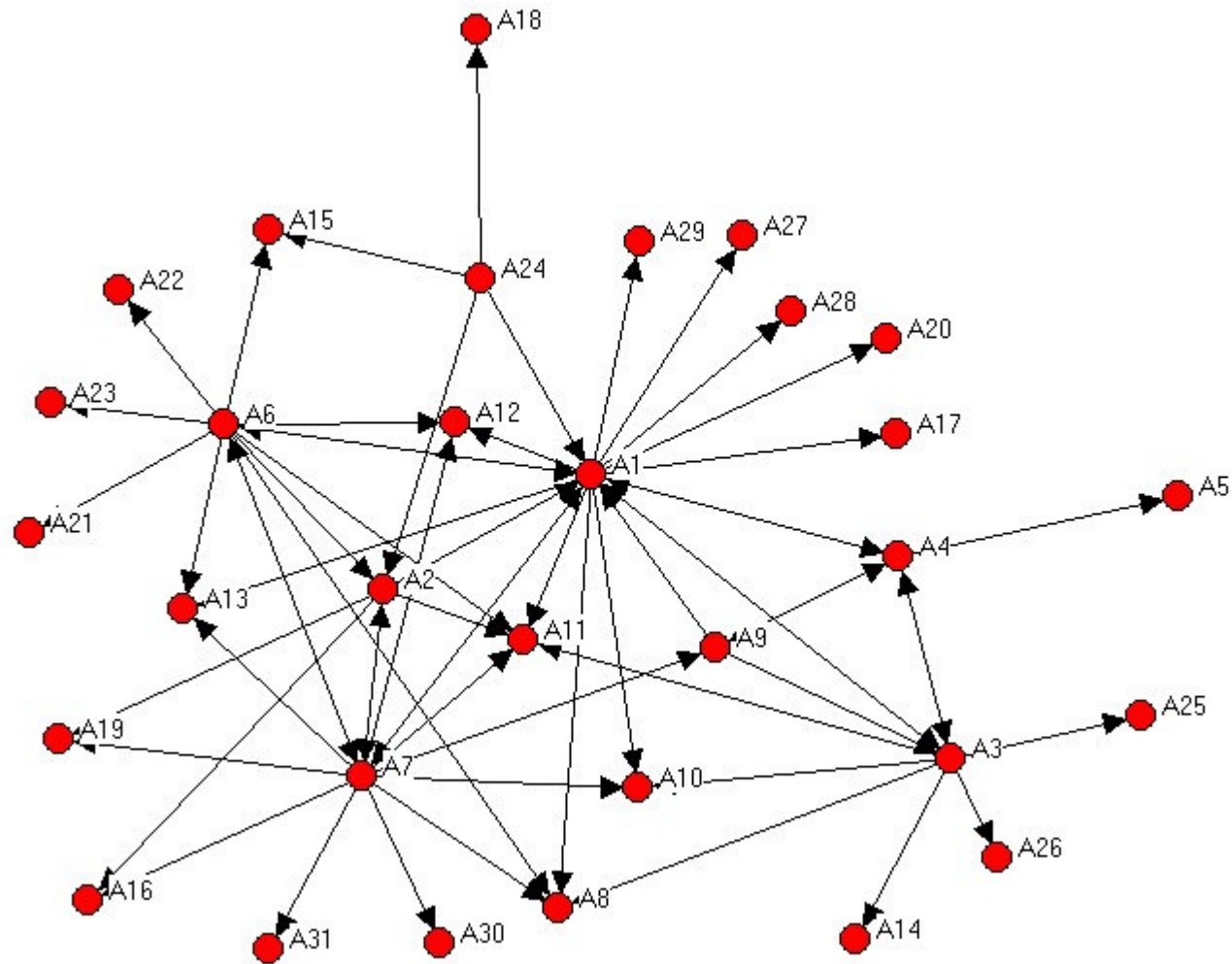
Cabe ainda mostrar a tabela, o sociograma representativo da rede dos antiquários da Rua do Lavradio, a matriz que mostra o grau de centralização da rede dos antiquários. Esses instrumentos foram contruídos a partir das informações obtidas nas entrevistas e das respostas ao questionário sociométrico a eles aplicado, cujos roteiros encontram-se nos Apêndices e Anexos integrantes desta tese. Esclarece-se que o sociograma representa além da rede dos antiquários entrevistados, o alcance de um dos objetivos desta pesquisa que pretendia, entre outros, desvelar a rede de informação desses profissionais. Esclarece-se ainda, que os desdobramentos e cruzamentos que podem ser feitos a partir dessa rede não foram efetuados nesta tese porque ultrapassa seu propósito essencial, que foi a criação de um modelo de análise e de categorização de fontes de informação dos antiquários escritores e entrevistados, cujo produto teórico e material pudesse servir de ferramenta para a concepção de sistemas de informação que preencham necessidades de informação de seus usuários. Isto posto, espera-se que esse modelo seja um recurso metodológico aplicável também ao delineamento de outros sistemas e serviços de informação daquelas ocupações similares, da mesma família dos antiquários, conforme a Classificação Brasileira de Ocupações – CBO, obviamente respeitando-se as particularidades dessas ocupações e dos seus respectivos usuários potenciais de informação.

TABELA 1 - DISTRIBUIÇÃO DOS ANTIQUÁRIOS POR CITAÇÕES DE SEUS COLEGAS DE PROFISSÃO - 2005

Antiquários Citados	<i>f</i>	<i>f%</i>
A1	20	13,6
A2	13	8,8
A3	12	8,2
A4	9	6,1
A5	9	6,1
A6	8	5,4
A7	7	4,8
A8	7	4,8
A9	7	4,8
A10	6	4,1
A11	6	4,1
A12	6	4,1
A13	6	4,1
A14	5	3,4
A15	3	2,0
A16	3	2,0
A17	3	2,0
A18	2	1,4
A19	2	1,4
A20	2	1,4
A21	1	0,7
A22	1	0,7
A23	1	0,7
A24	1	0,7
A25	1	0,7
A26	1	0,7
A27	1	0,7
A28	1	0,7
A29	1	0,7
A30	1	0,7
A31	1	0,7
Total = 31	147	100,0

NOTA - A1 = Antiquário 1...etc.

SOCIOGRAMA DA REDE DOS ANTIQUÁRIOS DA RUA DO LAVRADIO (ENTREVISTADOS)



MATRIZ DO GRAU DE CENTRALIZAÇÃO DA REDE DOS ANTIQUÁRIOS DA RUA DO LAVRADIO

		1	2	3
		Degree	NrmDegree	Share
		-----	-----	-----
1	A1	16.000	53.333	0.151
7	A7	13.000	43.333	0.123
6	A6	11.000	36.667	0.104
3	A3	9.000	30.000	0.085
2	A2	7.000	23.333	0.066
11	A11	5.000	16.667	0.047
8	A8	4.000	13.333	0.038
4	A4	4.000	13.333	0.038
9	A9	4.000	13.333	0.038
24	A24	4.000	13.333	0.038
12	A12	3.000	10.000	0.028
13	A13	3.000	10.000	0.028
10	A10	3.000	10.000	0.028
19	A19	2.000	6.667	0.019
15	A15	2.000	6.667	0.019
16	A16	2.000	6.667	0.019
14	A14	1.000	3.333	0.009
18	A18	1.000	3.333	0.009
5	A5	1.000	3.333	0.009
27	A27	1.000	3.333	0.009
21	A21	1.000	3.333	0.009
22	A22	1.000	3.333	0.009
23	A23	1.000	3.333	0.009
17	A17	1.000	3.333	0.009
25	A25	1.000	3.333	0.009
26	A26	1.000	3.333	0.009
30	A30	1.000	3.333	0.009
28	A28	1.000	3.333	0.009
29	A29	1.000	3.333	0.009
31	A31	1.000	3.333	0.009
20	A20	0.000	0.000	0.000

DESCRIPTIVE STATISTICS

		1	2	3
		Degree	NrmDegree	Share
		-----	-----	-----
1	Mean	3.419	11.398	0.032
2	Std Dev	3.833	12.778	0.036
3	Sum	106.000	353.333	1.000
4	Variance	14.695	163.279	0.001
5	SSQ	818.000	9088.889	0.073
6	MCSSQ	455.548	5061.648	0.041
7	Euc Norm	28.601	95.336	0.270
8	Minimum	0.000	0.000	0.000
9	Maximum	16.000	53.333	0.151

Network Centralization = 44.83%
Heterogeneity = 7.28%. Normalized = 4.19%

7 CONCLUSÕES

Tendo em mente as suposições iniciais declaradas neste trabalho conclui-se, considerando resultados alcançados mediante pesquisas teóricas e de campo realizadas, que elas foram total ou parcialmente confirmadas.

A rede de informação dos antiquários é constituída por contatos interpessoais, especialmente daqueles proporcionados por viagens que fazem à cata de mercadorias, interações com seus amigos e colegas de profissão, interações estabelecidas durante o exercício profissional no próprio ambiente de trabalho e participação em eventos, tais como feiras, exposições e leilões.

No cotidiano de vida profissional dos antiquários tanto daqueles analisados através dos estudos teóricos quanto da pesquisa de campo realizada, constatou-se, portanto, alta incidência de relações interpessoais. O que acontece entre aqueles que exercem a mesma profissão, entre profissionais de outras áreas do conhecimento ligadas a Arte e Antiguidades, clientes, fornecedores, amigos e colegas de profissão. Os índices percentuais desta variável e de outras analisadas foram demonstrados na Seção “Apresentação e discussão dos resultados”, o que comprova a existência de uma rede informal, onde circulam e movimentam informações que atendem a interesses individuais e comuns. O processo de aquisição de conhecimentos por parte dos antiquários é altamente influenciado por esses contatos, o que ficou demonstrado em diversos dos depoimentos transcritos referentes a essa questão retirados dos contextos dos livros de autoria dos antiquários e das entrevistas realizadas.

Este resultado alcançado condiz com as tendências da contemporaneidade de trabalhar e de se agregar em redes informais, vistas como espaços propícios à transferência de informação e de aquisição de conhecimentos entre grupos e atores

sociais, apontadas na literatura por vários autores, entre eles, (FORTES, 1996; MACEDO, 1999; DAVENPORT, 2000; MARTELETO, 2001; 2002b).

No que diz respeito à suposição sobre pouca incidência de utilização e desconhecimento das fontes de informação formais (impressas e eletrônicas) pela categoria de antiquários constatou-se que tanto os escritores antiquários quanto os antiquários comerciantes entrevistados mencionaram e atribuíram muita importância a algumas das fontes formais, especialmente livros e outras publicações impressas. Uso de bibliotecas também alcançou índice muito expressivo de citações, principalmente por parte dos antiquários entrevistados. Da mesma forma atribuíram elevada importância aos serviços de informação em formato eletrônico.

Apesar de algumas fontes formais, especialmente os livros e bibliotecas terem merecido destaque entre as citações dos antiquários comerciantes entrevistados perceberam-se, durante as entrevistas, algumas incoerências relacionadas à importância real dessas fontes para esses profissionais. A constatação da inexistência de bibliotecas em funcionamento nessas empresas, assim como a desativação de uma que existia, em detrimento de desocupação de espaço para mercadorias a comercializar, induzem a pensar assim. Talvez a atribuição de elevada importância a essas fontes formais citadas sejam reflexo de uma cultura social absorvida, que proclama e afirma de forma, muitas vezes, categórica e incontestável que livros e bibliotecas são imprescindíveis ao desenvolvimento social e cultural. Utilização dos serviços de informação eletrônicos, especialmente o uso da internet, também constitui procedimento altamente recomendado, caso se queira estar interconectado às tecnologias emergentes de comunicação num mundo globalizado e competitivo.

Os resultados alcançados quanto à suposição de inexistência de sistemas padrão de inventariação, catalogação, tratamento e organização física das peças constantes dos acervos das lojas/empresas dos antiquários foi confirmada.

Reafirma-se que foi comprovado, considerando o total dos estabelecimentos pesquisados, que não existe nenhum planejamento sistemático no sentido de facilitar a localização dos objetos por parte de pessoas integrantes ou não do quadro de pessoal. Esse trabalho é executado livremente pelos proprietários ou gerentes que “montam e desmontam” as lojas periodicamente segundo próprias sensibilidades e eventos ou ainda em conformidade com peças que queiram destacar, atendendo apelo comercial, ou segundo tendências de preferências observadas no mercado. Ambientes criados pelos decoradores, observados em revistas de decoração ou em outras lojas também são fontes de inspiração para organização e disposição dos materiais passíveis de venda. O *layout*, a disposição e organização física dos materiais das lojas de antiguidades, portanto, não obedecem a critérios que poderiam auxiliar no sentido de localizar objetos de forma mais fácil e rápida. Preocupações no que diz respeito aos aspectos de conservação preventiva dos objetos, considerando o espaço disponível para armazenagem desses, também não foram manifestadas pela maioria. Esta constatação reforça a afirmação de certos autores, entre eles, (KENNEDY, 1987; SILVEIRA; LOPES, 2002) que mostram que a atividade de conservação preventiva é relegada a segundo plano por autoridades, e até mesmo por profissionais técnicos responsáveis por coleções e acervos e pelos proprietários destas. Muitas vezes, executadas de forma parcial e amadora, até mesmo por profissionais atuantes em áreas que deveriam observar essa questão com mais rigor e critério. No contexto dos antiquários comerciantes verificou-se que as ações nesse sentido, na realidade, se restringem simplesmente aos procedimentos de limpezas superficiais de rotina, e de pequenos reparos executados com o intuito de preparar as

peças para venda ou manutenção nas lojas ou ainda para entrega aos respectivos compradores, caso as tenham vendido. Os processos de inventariação e de catalogação pormenorizada e adequada, considerando as especificidades dos objetos ou dos acervos existentes nos estabelecimentos antiquários inexistem ou encontravam-se em termos de projetos a desenvolver, conforme afirmado por apenas três dos depoentes. Certos métodos de controle das mercadorias detectados tem muito a ver com os controles de estoques de materiais comuns, restringindo-se simplesmente ao movimento de entrada e saída da mercadoria, conforme o que foi afirmado por alguns dos antiquários entrevistados.

Quanto à quarta suposição declarada nesta tese, relativa ao ambiente organizacional em que os antiquários atuam, o qual facilita atitudes comportamentais relacionadas aos conceitos de empreendedorismo, agregado à inovação, constatou-se que foi parcialmente confirmada.

De modo geral, as atividades realizadas nos estabelecimentos antiquários se limitam ao comércio – compra, venda, incluindo consignações e pequenos reparos. Locação de antiguidades e de outros objetos também são realizadas por alguns outros. Distinção feita para dois estabelecimentos antiquários que atuam simultaneamente no ramo do antiquariato comercial, colecionismo e bar antiquário (gastronomia e lazer). Além de alugar seus objetos, cedem o seu próprio espaço para as mais diversas finalidades, entre elas, realização de cenários de épocas para filmes, peças teatrais, novelas, e outros eventos de caráter sócio-cultural, que constituem atividades cotidianas nesses dois estabelecimentos citados. Visto sob o ponto de vista do colecionismo, seu acervo é composto por uma diversidade de objetos curiosos, raros, valiosos ou antigos que atraem público freqüentador assíduo e diversificado. Considerando as observações feitas conclui-se que aproximadamente a metade dos antiquários entrevistados possui

características de empreendedores, embora quase a totalidade atue em pequenas empresas do tipo “familiares”, e que os antiquários escritores se revelaram eruditos e empreendedores. Dedicção, paixão, ousadia, iniciativa, ambição, curiosidade e busca de conhecimento sobre o campo de trabalho são qualidades que transparecem tanto nos textos das memórias quanto nos depoimentos dos antiquários entrevistados.

Para encerrar considera-se, com relação aos objetivos definidos nesta tese, que todos eles foram plenamente alcançados. Conseguiu-se caracterizar o comportamento informacional dos antiquários participantes da pesquisa; desvelar sua provável rede de informação. Quanto ao propósito de preencher lacuna detectada na literatura de ciência da informação sobre os assuntos tratados nesta tese considera-se que esse objetivo foi superado, pois este trabalho preenche lacuna também de outras áreas do conhecimento, tendo em vista o contexto nacional, onde constatou-se realmente a escassez de registros escritos sobre a atividade do antiquário brasileiro, a não ser as poucas fontes de pesquisa utilizadas e referenciadas.

Interessante observar, a guisa de conclusão final, que o papel do antiquário como conservador, intermediário e transmissor de cultura foi atestado tanto pelos antiquários entrevistados quanto pelos antiquários escritores, o que se constatou especialmente através dos depoimentos prestados acerca da missão que eles consideram exercer, considerando o exercício profissional.

Santos (1984, p.39) aponta para o descaso na defesa dos objetos de arte remanescentes no país e, em conseqüência deste, o risco que afeta o patrimônio público de modo geral, levando-o, muitas vezes, à dizimação. Opina que, no Brasil, isso ocorre como reflexo da inexistência de “um programa a seguir quanto ao tratamento das coisas de arte [...] e do despreparo das pessoas.”

Nóbrega (p. 186-187) afirma:

[...] muitas pessoas poderiam acusar-me de destruição de peças dum patrimônio histórico. Não é verdade! O que destruí? Nada! Limitei-me, isso sim, a remover tais peças de locais onde o cupim, a ignorância e, quem sabe, até algum elemento estrangeiro seriam os elementos destrutivos. Não nego que lucrei com o que fiz, e lucrei conscientemente. Porque estou convicto de que apenas removi, dentro dos limites de nossa terra, o que estava abandonado, para as mãos dos que têm condições culturais para apreciar o que é belo e o que merece ser preservado. Muitas cidades, hoje mortas, são lembradas através de seus objetos de arte, salvos por um antiquário viajante, que os fez chegar às mãos de pessoas de posse que os conservam com zelo e que periodicamente os expõem, em salões ou museus. E as gerações vindouras só têm a lucrar com isso.

Eis aí uma polêmica, mais um problema instigante e merecedor de profundas investigações. Deixa-se aqui uma sugestão para futuras pesquisas. Talvez, no campo da biblioteconomia e ciência da informação, pudesse ser associado e relacionado ao estudo do papel dos profissionais antiquários e da informação como agentes ou atores na rede dos conservadores, intermediários e disseminadores de informação, cultura e conhecimento em nosso país.

REFERÊNCIAS E OUTROS DOCUMENTOS CONSULTADOS

II REPERTÓRIO bibliográfico nacional: séculos XV, XVI e XVII. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2000. 97 p.

ABREU, Ana Lúcia de. **Acondicionamento e guarda de acervos fotográficos**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2000.

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 2. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. 235 p.

ALMEIDA, Maria Christina Barbosa de Almeida. Fontes de informação na área de preservação de bens culturais. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, v. 20, n.1, p. 3-14, jan./jun. 1996.

ALVARENGA NETO, Rivadávia C. Drummond de. **Gestão da informação e do conhecimento nas organizações**: análise de casos relatados em organizações públicas e privadas. 235 f. 2002. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002.

ALVES, Rubem. **Conversas com quem gosta de ensinar**. 12 ed. São Paulo: Cortez; Autores Associados, 1985. 87 p.

ANDRADE, Moacyr. **Lapa: alegres trópicos**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1998. 70 p.

ARAÚJO, Vânia Maria Rodrigues Hermes de. Estudo dos canais informais de comunicação técnica: seu papel na transferência de tecnologia e na inovação tecnológica. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 8, n. 2, p. 79-100, jul./dez. 1979.

ARAÚJO, Vânia Maria Rodrigues Hermes de; FREIRE, Isa Maria. Conhecimento para o desenvolvimento: reflexões para o profissional da informação. **Informação & Sociedade**, João Pessoa, v. 9, n.1, p.61-75, 1999.

ATTERBURY, Paul; THARP, Lars (consult). **Enciclopédia ilustrada de antiguidades**. 2. ed. Lisboa: Editorial Estampa, 1996. 332 p.

BARBOSA, Ricardo Rodrigues. Acesso e necessidades de informação de profissionais brasileiros: um estudo exploratório. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v.2, n.1, p.5-35, jan./jun. 1997.

BARRETO, Aldo de Albuquerque. A oferta e a demanda da informação: condições técnicas, econômicas e políticas. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 28, n. 2, p. 168, maio/ago. 1999.

BARRETO, Aldo de Albuquerque. **Tecnologias paralelas**. <Disponível em: abarreto-1@listas.alternex.com.br. Acesso em: 12/6/2004>

BORGMAN, Christine L. **From Gutenberg to the global information infrastructure: access to information in the networked world**. Cambridge, MA: Mit Press, 2000. 324 p.
BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: T. A. Queiroz; Ed. da Universidade de São Paulo, 1987.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1989.

BOURDIEU, Pierre. Introdução a uma sociologia reflexiva. In: **O poder simbólico**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1998. p. 17-58.

BURKE, Peter. **Uma história social do conhecimento: de Gutenberg a Diderot**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. 241 p.

CABRAL, Ana Maria Rezende, SILVEIRA, Júlia Gonçalves da. Globalização do conhecimento: a Biblioteca Universitária e instituições da sociedade civil. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 19, 2002, Fortaleza. **Anais...** Fortaleza: FEBAB, 2002. (Cd-Rom).

CAMPELLO, Bernadete Santos; CALDEIRA, Paulo da Terra; MACEDO, Vera Amália Amarante (Org.). **Formas e expressões do conhecimento: introdução às fontes de informação**. Belo Horizonte: Escola de Biblioteconomia da UFMG, 1998.

CAMPELLO, Bernadete Santos; CENDÓN, Beatriz Valadares; KREMER, Jeannette Marguerite (Org.). **Fontes de informação para pesquisadores e profissionais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000. 319 p.

CARDOSO, Ana Maria Pereira. Pós-modernidade e informação: conceitos complementares? **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 1, n.1, p. 63-79, jan./jun. 1996.

CAPURRO, Rafael. Epistemologia e ciência da informação. Tradução de Ana Maria Rezende Cabral *et al.* In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5, 2003, Belo Horizonte. **Anais...** Disponível em: <<http://www.eci.ufmg.br/enancib>> Acesso em: 3 de jan. 2004. Conferir endereço eletrônico

CARVALHO, Telma de; BOCCATO, Vera Regina Casari; RAMOS, Lúcia Maria Sebastiana V. Costa. Estudo do usuário da sub-rede nacional de informação na área de ciências da saúde oral, sob o enfoque do "Sense-Making. In: <<http://www.bireme.br/crisc4w/post106.htm>>. Acesso em: 31/7/2003.

CHAPARRO, Fernando. Conocimiento, aprendizaje y capital social como motor de desarrollo. . **Ciência da Informação**, Brasília, v.30, n.1, p.19-31, jan./abr. 2001.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Estação Liberdade; Ed. Unesp, 2001. 282 p.

CHEUK Wai-Yi, Bonnie. Using Sense-Making to study information seeking and use in the workplace, 2002. Disponível em < <http://communication.sbs.ohio-state.edu/sense-making/inst/instcheuk02workplace.html>>. Acesso em: 17 de novembro de 2004.

CHOO, C. W. **The knowing organization: how organizations use information for construct meaning, create knowledge and make decisions**. New York: Oxford Press, 1998.

CHOO, C. W. Perception and use of information sources by chief executives in environmental scanning. **Library and Information Science Research**, v. 16, p. 23-40, 1994.

CHOO, C. W; AUSTER, E. Environmental scanning acquisition and use of information by managers. **Annual Review of Information Science and Technology (ARIST)** v. 28, p. 279-314, 1993.

CONTI, Flavio. **Como reconhecer el arte Rococó**. Barcelona: Editorial Médica e Técnica, 1980. 64 p.

CRIVELLARI, Helena Maria Tarchi; MELO, Marlene Catarina de Oliveira. Saber fazer: implicações da qualificação. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 29, n. 2, p. 47-62, abr./jun. 1989.

CUNHA, Murilo Bastos da. **Para saber mais**: fontes de informação em ciência e tecnologia. Brasília: Briquet de Lemos, 2001. 168 p.

DAMATA, Gasparino. **Antologia da Lapa: vida boêmia no Rio de ontem**. Rio de Janeiro: Leitura, 1965. 211 p.

DANTAS, Alexis Toríbio. Neoliberalismo e globalização: uma visão crítica ao discurso oficial. In: LEMOS, M. T. T. B.; BARROS, J. F. P. de (Org.). **Memória, representações e relações interculturais na América Latina**. Rio de Janeiro: INTERCON/NUSEG, 1998.

DANTAS, Marcos. Capitalismo na era das redes: trabalho, informação e valor no ciclo da comunicação produtiva. In: LASTRES, H. M. M.; ALBAGLI, S. (Org.) **Informação e globalização na era do conhecimento**. Rio de Janeiro: Campus, 1999. Cap. 9, p. 216-261.

DAVENPORT, Thomas H. **Ecologia da informação**: porque só a tecnologia não basta para o sucesso na era da informação. São Paulo: Futura, 2000.

DELGADO, Márcia Cristina. **Cartografia sentimental de sebos e livros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. 167 p.

DEMO, Pedro. **Metodologia científica em ciências sociais**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1989.

DERVIN, Brenda; NILAN, M. Information needs and uses. **Annual Review of Information Science and Technology (ARIST)**, v. 21, p. 3-33, 1986.

DIAS, Eduardo J. Wense. O papel de empreendedor na gerência de bibliotecas e serviços de informação. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, v. 20, n. 1, p. 9-22, jan./jun. 1991.

DICIONÁRIO do antiquariato. Buenos Aires: Codex, 1973.

DIOGO, Márcia Cezar. O Rio das crônicas: o Rio de Janeiro da *Belle Époque* através das crônicas da Gazeta de Notícias. In: LEMOS, Maria Teresa Toríbio Brittes;

BARROS, José Flávio Pessoa de. **Memória, representações e relações interculturais na América Latina**. Rio de Janeiro : Intercon; Nuseg, 1998. p. 195-205.

DOCUMENTOS raros e/ou valiosos: critérios de seleção e conservação. Niterói: EdUff, 2002. 37 p.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. 201 p.

EUDEL, Pablo. **La falsificación de antiguedades y objetos de arte**: alteraciones, fraudes y adulteraciones descubiertas. Buenos Aires: Ediciones Centurion, 1947. 269 p.

EXPOSIÇÃO de arte sacra: retrospectiva brasileira. In: CONGRESSO EUCARÍSTICO INTERNACIONAL, 36, 1955, Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, jul. 1955. 113 p.

FERRARI, Fernanda Menezes; MARTINELLI, Dante P.; JOYAL, André. Uso da informação e capacidade de inovação das PMEs brasileiras. In: SBRAGIA, R.; STAL, E., ed. **Tecnologia e inovação**: experiências de gestão na micro e pequena empresa. São Paulo : PGT-USP, 2002. p. 277-293.

FERRAZ, Eduardo. O que faz com que algumas empresas sejam brilhantes na arte de inovar. **Exame**, 2 de outubro de 2002.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Coord.). **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998. 304 p.

FERREIRA, Sueli Mara Soares Pinto. Novos paradigmas e novos usuários de informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 25, n. 2, 1995.

FORREST, Tim; ATTERBURY, Paul (consult.). **Conheça as antiguidades louça e prata**: guia ilustrado para identificar épocas, pormenores e desenhos. Lisboa: Editorial Estampa, 1998. 160 p.

FORTES, Liceia Cianca. Grupos informais no contexto de uma biblioteca universitária. **Trasinformação**, Campinas, v. 8, n.2, p.99 – 118, maio/ago. 1996.

FRANÇA, Júnia Lessa et al. **Manual para normalização de publicações técnico-científicas**. 7. ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004. 242 p.

FUNARI, Pedro Paulo A. **Os desafios da destruição e conservação do patrimônio cultural no Brasil**. Disponível em <<http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq000/esp013.asp>> Acesso em: 26/4/2004.

GROSSER, K. Human networks in organizational information processing. **Annual Review of Information Science and Technology (ARIST)**, v. 26, p. 349-402, 1991.

GUARISSE, André. **Antiguidades européias**. Porto Alegre: Sulina, 2002. 80 p.

GUIDA al mercato antiquario `94. Novara : Istituto Geografico De Agostini, 1994. 304 p.

HESSEN, Johannes. **Teoria do conhecimento**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

KAPLAN, Abraham. **A conduta na pesquisa: metodologia para as ciências do comportamento**. São Paulo: E.P.U., Ed. da Universidade de São Paulo. 2. reimpr., 1975.

KENNEDY, M. L. Conservación de materiales bibliograficos en regiones tropicales. **Revista de la Universidad Autónoma de Yucatán**, Mérida, n. 160, p. 41-47, ene./mar. 1987.

KENT, A.; LANCOUR, H. (Ed.) **Encyclopedia of Library and Information Science**. New York: Marcel Dekker, 1968. v. 1.

KESSEL, Carlos; WORCMAN, Karen (Org.). **Um balcão na capital**. Rio de Janeiro: SESC, RJ; SENAC, RJ, 2003. 203 p.

KREMER, Jeannette Marguerite. Avaliação de fontes de informação usadas por engenheiros. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, v. 10, n. 2, p.65-78, jul.dez. 1982.

KUGLIANSKAS, I. **Tornando a pequena e média empresa competitiva: como inovar e sobreviver em mercados globalizados**. São Paulo : IEGE, 1996.

LE GOFF, J. **História e memória**. São Paulo: Ed. da UNICAMP, 1992.

MACEDO, Tonia Marta Barbosa. Redes informais nas organizações: a co-gestão do conhecimento. **Ciência da Informação**, v. 28, n.1, p.94-100, jan. 1999. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v28n1/28n1a13pdf>>. Acesso em: 2 de jun. 2005

MACIEL, Nahima. **Garimpo do passado**: quem compra antiguidades deve ficar atento para não levar falsificações ou reproduções. Saiba como identificá-las. Disponível em: <http://www2.correioweb.com.br/cw/2001-07-21/mat_46598.htm>. Acesso em: 23 de set. 2003

MARTELETO, Regina Maria. Análise das redes sociais: aplicação nos estudos de transferência da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 30, n. 1, p. 71-81, abr. 2001.

MARTELETO, Regina Maria. Conhecimento e sociedade: pressupostos da antropologia da informação. In: AQUINO, Mirian de Albuquerque. **O campo da ciência da informação**: gênese, conexões e especificidades. João Pessoa: Universitária, 2002. p. 101-115.

MARTELETO, Regina Maria et al. Informação em movimento: produção e organização do conhecimento nos espaços sociais. **Civitas**, Porto Alegre, v. 2, n. 1, p. 69-80, jun. 2002.

MENEZES, Ulpiano T. Bezerra de. Fontes visuais, cultura visual, história visual: balanço provisório, propostas cautelares. **Revista Brasileira de História**, v. 23, n. 45, p. 11-36, 2003 (versão online). Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbh/v23n45/16519.pdf>> Acesso em: 08 de out. 2004.

METOYERDURAN, C. Information gatekeepers. **Annual Review of Information Science and Technology (ARIST)** v. 28, p. 111-150, 1993.

MILLER, Judith H. **Buyer's price guide: continental porcelain**. Tenterden: MJM Publications, 1982. 120 p.

MINDLIN, José. **Uma vida entre livros**: reencontros com o tempo. São Paulo: Edusp; Companhia das Letras, c1997. 231 p.

MIRANDA, Antônio. Sociedade da informação: globalização, identidade cultural e conteúdos. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 29, n. 2, p.78-88, maio/ago. 2000.

- MIRANDA, Roberto Campos da Rocha. O uso da informação na formulação de ações estratégicas pelas empresas. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 28, n. 3, p. 286-292, dez. 1999.
- MOLINA, Paula Regina Buonaducci. O colecionismo. **A Relíquia: Informativo dos Antiquários, Leiloeiros e Colecionadores**, v. 8, n. 90, p. 25, ago. 2005.
- MOORE, A sociedade da informação. In: **A INFORMAÇÃO: tendências para o novo milênio**. Brasília: IBICT, 1999. p. 94
- MORILLAS, J. L. H. Páginas web sobre exposiciones virtuales de fondo antiguo: recopilación y análisis. **Profesional-de-la-Información**, v. 11, n. 2, p.121-2, 124-6, 128-30, 132-4, 136, Feb. 2002.
- OS MUSEUS no mundo**. Rio de Janeiro: Salvat Editora do Brasil, 1979. 142 p.
- MÜELLER, Mary Stela. Comunicação, informação, biblioteca: uma abordagem integradora, um questionamento. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 19, n. 1, p.7-23, mar. 1990.
- MÜELLER, Suzana Pinheiro Machado. A ciência, o sistema de comunicação científica e a literatura científica. In: CAMPELLO, Bernadete Santos; CENDÓN, Beatriz Valadares; KREMER, Jeannette Marguerite (Org.). **Fontes de informação para pesquisadores e profissionais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000. p. 21-34.
- MYERS, R.; HARRIS, M. ed. **Antiquaries, book collectors, and circles of learning**. New Castle: Oak Knoll Press, 1996. 165 p.
- NEVES, Jorge Tadeu de Ramos; CARVALHO, Ana Cristina Marques de. Análise das necessidades de uso de informação em empresas incubadas de biotecnologia de Minas Gerais. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 5, n. 2, p. 217-230, jul./dez. 2000.
- NÓBREGA, José Claudino da. **Memórias de um viajante antiquário**. São Paulo : Raizes, 1984.
- PAES, Marilena Leite. **Arquivo: teoria e prática**. 3. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1997. 228 p.

PETTIGREW, K. E.; FIDEL, R.; BRUCE, H. Conceptual frameworks in information behavior. **Annual Review of Information Science and Technology (ARIST)**, v. 35, p. 43-78, 2001.

REIS, Cláudia Barbosa. **Homenagens: estudo do acervo do museu Casa de Rui Barbosa**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2000. 35 p.

REIS, Cláudia Barbosa. **Álbun de objetos decorativos**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1997. 44 p.

RIO DE JANEIRO. Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes. Departamento Geral de Patrimônio Cultural. **Rio de Janeiro: uma cidade no tempo = Rio de Janeiro: a city through time = Rio de Janeiro: une ville au cours du temps**. Rio de Janeiro: Diagraphic Projetos Gráficos e Editoriais, 1992.

ROBINSON, Dorothy; FEENY, Bill. **The official price guide to american pottery & porcelain**. Orlando: The House of Collectibles, 1980. 390 p.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

SANTOS, José de Almeida. **Manual do colecionador de antiguidades**. São Paulo: [s.n.] 1975.

SANTOS, José de Almeida. **No mundo estreito dos antiquários**. São Paulo: MASP, 1981.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 5. ed. Rio de Janeiro : Record, 2001.

SAYAO, Luis Fernando. Modelos teóricos em ciência da informação: abstração e método científico. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 30, n. 1, p. 82-91, 2001.

SCHAFF, A. **A sociedade informática: as conseqüências sociais da segunda revolução industrial**. São Paulo: UNESP; Brasiliense, 1995. p. 49

SFEZ, Lucien. Informação, saber e comunicação. **Informare: Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 5-13, jan./jun. 1996.

SILVA, Cícero Henrique da. Padrões de comunicação em um instituto de pesquisa tecnológica industrial: o caso do Instituto Nacional de Tecnologia. . **Informare: Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v.2, n.1, p.25-32, jan.-jun. 1996.

SILVEIRA, Júlia Gonçalves da. Antiquários: um olhar sobre seu trabalho e comportamento informacional. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 10, n. 2, p. 220-239, jul./dez. 2005.

SILVEIRA, Júlia Gonçalves da; LOPES, Marlene de Fátima Vieira. Gestão de conservação preventiva no contexto da Biblioteca Universitária da UFMG: ações extensionistas via interação com a empresa Atlan Serviços, visando a qualificação de seus funcionários. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 12, 2002, Recife. **Anais...Recife: UFPe**, 2002. (Cd-Rom).

SIQUEIRA, Édson Freitas de. In: GUARISSE, André. **Antiguidades européias**. Porto Alegre: Sulina, 2002. (Texto sem título, registrado na orelha do livro citado).

SODRÉ, Muniz. Reiventando a cultura: a comunicação e seus produtos. Petrópolis: Vozes, 1996.

SOLOMON, Paul. Discovering information in context. **Annual Review of Information Science and Technology (ARIST)**, v. 36, p. 229-264, 2002.

SOUZA, Maria Suzana de Lemos. **Guia para redação e apresentação de teses**. 2. ed. Belo Horizonte: Coopmed, 2002.

SVEIBY, Karl Erick. **A nova riqueza das organizações: gerenciando e avaliando patrimônios do conhecimento**. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

TARPANI, CLÁUDIA. **Informação, biblioteca e extensão rural: estudo de caso na CATI-SAA/SP**. 1992. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Escola de Biblioteconomia da UFMG. Belo Horizonte, 1992.

TOFFLER, Alvin. **O povo e a cultura**. Rio de Janeiro : Lidador, 1965.

VIEIRA, Jair Marcos. São Paulo: arte e estilo; Mercantes de Artes realizam o Salão de Artes e Antiguidades. **A Relíquia: Informativo dos Antiquários, Leiloeiros e Colecionadores**. v. 5, n. 48, p. 11, jun. 2002.

WANG, P. L. Methodologies and methods for user behavioral research. **Annual Review of Information Science and Technology (ARIST)**, v. 34, p. 53-99, 1999.

WOOD, D. N. User studies a review of literature from 1966 to 1970. **Aslib Proceedings**, v. 23, n. 1, p.11-23, Jan. 1971.

XIFRA-HERAS, J. **A informação: análise de uma liberdade frustrada**. Rio de Janeiro: Lux; Edusp, 1975.

APÊNDICES E ANEXOS

Roteiro 1 - entrevistas realizadas com antiquários de Belo Horizonte (um) e da cidade do Rio de Janeiro (cinco) - 2004

EMPRESA:

NOME:

ENDEREÇO:

HORÁRIO E DIAS DE FUNCIONAMENTO:

ÁREAS DE ATIVIDADES:

TEMPO DE EXISTÊNCIA (ANO DE FUNDAÇÃO):

ALTERAÇÕES SIGNIFICATIVAS EM SUAS ÁREAS DE ATUAÇÃO.
(HISTÓRICO RESUMIDO DA EVOLUÇÃO DA EMPRESA)

ESTRUTURA ORGANIZACIONAL DA EMPRESA

NÚMERO DE PESSOAS QUE TRABALHAM NA EMPRESA
CARGOS, FUNÇÕES OCUPADAS PELOS SEUS INTEGRANTES

QUALIFICAÇÃO DOS DIRIGENTES E DOS DEMAIS TRABALHADORES DA
EMPRESA

MISSÃO DA EMPRESA

PARCERIAS ESTABELECIDAS (LISTAR)

FOCO DAS PARCERIAS (CASO EXISTENTES)

FONTES DE INFORMAÇÃO UTILIZADAS

MEIOS DE COMUNICAÇÃO UTILIZADOS (DENTRO E FORA DA EMPRESA)

COMO SE REALIZA A COMUNICAÇÃO (FORMAL OU INFORMAL, AMBAS...)

PÚBLICO - ALVO DA EMPRESA

ESTRATÉGIAS USADAS PARA ATINGÍ-LO (MEIOS DE DIVULGAÇÃO,
MARKETING)

PRINCIPAIS FORNECEDORES

CRITÉRIOS E FONTES USADOS PARA VERIFICAÇÃO DE AUTENCIDADE
DOS PRODUTOS ADQUIRIDOS

PROCESSOS DE ATRIBUIÇÃO DE VALOR ÀS PEÇAS ADQUIRIDAS (COMPRA E VENDA)

PRESENÇA FEMININA NO SETOR (ARTES E ANTIGUIDADES) (MERCADO DE TRABALHO)

SISTEMA DE REMUNERAÇÃO DOS EMPREGADOS DA EMPRESA (BASEADO EM QUE?)

PROCESSOS DE CONSERVAÇÃO PREVENTIVA DAS PEÇAS

PROCESSO DE ORGANIZAÇÃO FÍSICA DAS PEÇAS E DA LOJA

FONTES DE INFORMAÇÃO ORGANIZACIONAL IDENTIFICADAS POR **CHOO**
(APRESENTÁ-LAS, OBJETIVANDO TESTÁ-LAS, REFERENDÁ-LAS E INSERIR
OUTRAS APONTADAS PELOS ANTIQUÁRIOS ENTREVISTADOS)

	PESSOAIS	IMPESSOAIS
	Clientes	Jornais, periódicos
	Concorrentes	Publicações governamentais
EXTERNAS	Contatos comerciais/ Profissionais	Rádio, televisão
	Funcionários de órgãos Governamentais	Associações comerciais e industriais
INTERNAS	Superiores hierárquicos, membros da diretoria	Conferências, viagens
	Gerente subordinados	Memorandos e circulares internos
	Equipe de funcionários	Relatórios e estudos internos
		Biblioteca da organização
		Serviços de informação
		Eletrônica

Roteiro 2 – Entrevistas realizadas durante pesquisa de campo propriamente dita com oito antiquários atuantes na Rua do Lavradio, Rio de Janeiro, no mês de maio de 2005.

1. Favor descrever-me seu trabalho como antiquário, citando as atividades que desenvolve no cotidiano de exercício profissional.
2. Por favor, descreva a última tarefa que realizou, considerando sua condição de antiquário.
3. Qual era o objetivo a alcançar através dessa tarefa?
4. Descreva os passos que percorreu para realizar o trabalho mencionado.
 - Passo 1
 - Passo 2
 - Passo 3
 - Passo 4Etc.
5. Você teve alguma dúvida em mente ou enfrentou algum outro tipo de problema durante a realização da atividade em questão?
6. Caso positivo, descreva-os e conte-me o que fez para solucionar as dificuldades ou problemas enfrentados.
7. Se nessa circunstância, ou em outro momento de dúvidas e dificuldades ocorridas no seu trabalho como antiquário você consultou alguma(s) fonte(s) de informação, cite-a, por favor, entre o elenco de fontes a seguir discriminadas, observando o que se pede, ou seja, dizendo o código numérico adequado à sua resposta para cada uma dessas fontes.

Codificação:

- | | | | |
|--------------------|----------------------------|---------------|---------------------|
| 1. Sem importância | 2. Pouco importante | 3. Importante | 4. Muito importante |
| | 5. Extremamente importante | | |

FONTES DE INFORMAÇÃO PESSOAIS (INTERNAS E EXTERNAS)

Clientes

Concorrentes

Contatos comerciais/profissionais

Funcionários de órgãos governamentais

Superiores hierárquicos da empresa

Membros da diretoria da empresa

Gerentes subordinados

Equipe de funcionários

Amigo ou colega de profissão

FONTES DE INFORMAÇÃO IMPESSOAIS (INTERNAS E EXTERNAS)

Jornais

Livros

Periódicos/revistas técnico-científicas

Publicações governamentais

Rádio e televisão

Associações comerciais e industriais

Conferências, viagens

Memorandos e circulares internos

Relatórios e estudos internos

Biblioteca da empresa ou organização

Serviços de informação eletrônica (bases de dados)

Serviços de informação em Cd-Roms

Listas de discussões e e-mails

Outras fontes: Cite-as, por favor:

8. A quais fontes de informação você recorre ou já recorreu para verificar a autenticidade das peças ou objetos antigos componentes dessa loja?
9. A quais fontes de informação você recorre ou já recorreu quando precisa selecionar as peças ou objetos antigos existentes na loja?
10. A quais fontes de informação você recorre ou já recorreu quando precisa atribuir valor monetário às peças ou aos objetos antigos existentes na loja?
11. A quais fontes de informação você recorre ou já recorreu para organizar as peças ou objetos existentes no recinto dessa loja?
12. A quais fontes de informação você recorre ou já recorreu para verificar a procedência das peças ou objetos adquiridos?
13. A quais fontes de informação você recorre ou já recorreu para garantir a conservação das peças ou objetos armazenados nessa loja?

Roteiro 3 (Estudo Sociométrico) – Entrevista realizada com os antiquários da Rua do Lavradio, Centro Antigo do Rio de Janeiro, que se submeteram à entrevista do Roteiro 2 - 2005

1. Favor indicar dois antiquários com os quais você prefere trabalhar ou negociar.
2. Indicar dois antiquários com quem você gostaria menos de trabalhar ou negociar.
3. Na sua opinião, quais as duas pessoas com maiores capacidades organizativas (liderança, coordenação, orientação, gestão) considerando o grupo de antiquários dessa Rua do Lavradio?
4. Na sua opinião, quais são as duas pessoas com menores capacidades organizativas (liderança, coordenação, orientação, gestão) considerando o grupo de antiquários dessa Rua do Lavradio.
5. Indicar as duas pessoas do grupo que lhe parecem mais extrovertidas e se mostram à vontade em público.
6. Indicar as duas pessoas do grupo que lhe parecem mais introvertidas e se mostram pouco à vontade em público.
7. Indicar as duas pessoas que gostaria de convidar para lhe acompanhar a uma festa.
8. Indicar as duas pessoas que não gostaria de convidar para lhe acompanhar a uma festa.
9. Indicar as duas pessoas que você consultaria ao tomar decisões para atribuir valor às peças ou objetos antigos a adquirir ou a vender, existentes na loja.
10. Indicar as duas pessoas que você consultaria ao tomar decisões sobre verificação de autenticidade de peças ou objetos antigos a adquirir ou a expedir certificados de autenticidade daqueles postos à venda.

11. Indicar as duas pessoas que você consultaria ao tomar decisões relativas à comprovação de procedência de peças ou objetos armazenados nessa loja ou passíveis de compra.
12. Indicar as duas pessoas que você consultaria quando precisasse selecionar as peças ou objetos antigos a comprar.
13. Indicar as duas pessoas que você consultaria ao tomar decisões sobre organização física das peças e objetos antigos.
14. Indicar as duas pessoas que você consultaria ao tomar decisões sobre assuntos relativos à conservação física, reparos e restaurações de peças e objetos antigos dessa loja.

Relação de assuntos de interesse para o antiquariato⁵³

TAPETES E TECIDOS

PRATAS E METAIS

MADEIRAS

MÁRMORES, MINERAIS E PEDRAS DURAS

MÓVEIS E MOTIVOS SACROS

MÓVEIS E MARCENEIROS FAMOSOS

MOTIVOS DECORATIVOS

OBJETOS DIVERSOS, CURIOSIDADES

PORCELANAS, CERÂMICAS E MAJÓLICAS

BORDADOS

TÉCNICAS DECORATIVAS, ARTESANATO E ARTISTAS FAMOSOS

ESTILOS E PERÍODOS HISTÓRICOS

VIDROS E CRISTAIS

⁵³ Extraído do **DICIONÁRIO do antiquariato**. Buenos Aires: Codex, 1973. p. 113 - 119

Algumas fotos de feiras e exposições de antiguidades visitadas durante a pesquisa

Feira da Rua do Lavradio (Rio de Janeiro)





Feira da Praça XV (Rio de Janeiro)



Feira em Natal (expositores do Rio Grande do Norte e Pernambuco)



“Mercado das Pulgas” – Belo Horizonte

